

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Ciências Sociais

Maria Clara Mocellin

Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-
Graduação – Doutorado em Ciências Sociais, da
Universidade Estadual de Campinas

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Raul Ruben

Campinas
Janeiro de 2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

M714t **Mocellin, Maria Clara**
Trajetórias em rede: representações da italianidade entre
empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul / Maria
Clara Mocellin. - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

Orientador: Guilherme Raul Ruben.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Empresários. 2. Intelectuais. 3. Redes de relações sociais.
4. Identidade étnica. 5. Imigrantes italianos – Caxias do Sul.
6. Antropologia – Caxias do Sul. 7. Antropologia – Brasil.
I. Ruben, Guillermo Raúl, 1947-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.
cn/ifch

Título em inglês: Trajectories in network: representations of the Italian
identity among entrepreneurs and intellectuals in the region
of Caxias do Sul

Palavras chaves em inglês (keywords) : **Entrepreneurs**
 Intellectuals
 Networks of social relationships
 Ethnic identity
 Italian immigration – Caxias do
 Sul
 Anthropology – Brazil
 Anthropology – Caxias do Sul

Área de Concentração: Ciências Sociais

Titulação: Doutor em Ciências Sociais

Banca examinadora: Guilherme Raúl Ruben, Giralda Seyferth, Maria
Catarina Chitolina Zanini, Maria Teresa Sales de Melo
Suárez, Rita de Cássia Lahoz Morelli.

Data da defesa: 11-02-2008

Programa de Pós-Graduação: Ciências Sociais

Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul

Maria Clara Mocellin

Tese de doutorado submetida ao
Programa de Pós-Graduação
Doutorado em Ciências Sociais da
Universidade Estadual de Campinas,
sob orientação do Prof. Dr.
Guilherme Raul Ruben

Este exemplar corresponde à redação final
da tese defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 11.02.2008

Prof. Dr. Guilherme Raul Ruben
(orientador)

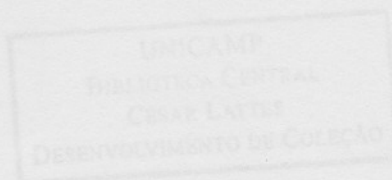
Profa. Dra. Giralda Seyferth

Profa. Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini

Profa. Dra. Maria Teresa Sales de Melo Suárez

Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

Campinas
Janeiro de 2008



200806794

RESUMO

Esta tese trata de um processo de valorização e afirmação de identidade étnica, em Caxias do Sul e região, sobretudo durante as décadas de 1970 e 80, tendo como agentes culturais empresários e intelectuais ligados aos campos empresarial, acadêmico e cultural, dentre outros. A partir da descrição de trajetórias de intelectuais e empresários, a tese identifica a modernização da economia regional e, no mesmo período, a valorização da italianidade. Para demonstrar tal processo de valorização, a tese apresenta a constituição de um campo específico de conhecimento, que versa sobre a temática da imigração italiana, e também a atuação conjunta de empresários e intelectuais nas políticas culturais e de desenvolvimento regional.

Empresários e intelectuais são considerados, neste trabalho, importantes agentes culturais que produziram diferentes representações da italianidade. Tais agentes se configuravam em grupos de interesse que desenvolveram ações culturais voltadas à promoção de um grupo étnico. Nesta tese, objetiva-se demonstrar que as ações, produções e simbologias que envolveram tal processo identitário, também podem ser explicadas pelos sentimentos de identificação e de pertencimento grupal.

ABSTRACT

This thesis is about the process of valorization and affirmation of an ethnic identity in the region of Caxias do Sul, Brazil, mainly in the decades of 1970's and 1980's. The agents of this process are entrepreneurs and intellectuals connected to the entrepreneurial, academic, and cultural fields, among others. Using the description of the intellectuals and entrepreneurs' life trajectories, this thesis identifies both the modernization of the region's economy and the valorization of the culture of the Italian immigrants' descendents. To demonstrate such valorization process, this thesis presents the constitution of a specific field of knowledge, which is about immigration and the role of the entrepreneurs and intellectuals in the politics of culture and development of the region.

In this study, entrepreneurs and intellectuals are considered important cultural agents, who produced different representations of the Italian identity. Such agents configured interest groups, which developed cultural actions, whose aim was the promotion of their specific ethnic group. This thesis' goal is to demonstrate that the action, production and symbolism involved in this identity process can be explained by the identification with, and sense of belonging to, an ethnic group.

À memória de minha mãe, Lurdes,
dedico esta tese

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas e instituições contribuíram para a realização deste trabalho, em diferentes momentos. A todas elas sou imensamente grata.

Ao Guilherme Raul Ruben, meu orientador, agradeço pela acolhida recebida na Unicamp, pelo estímulo à temática de pesquisa, pela amizade e pela dedicação na orientação do trabalho.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPq), agradeço pela concessão da bolsa de doutorado, condição fundamental para a realização do mesmo.

Agradeço aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, pela atenção com que me trataram.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp. Sobretudo, agradeço à professora Suely Kofes, que acompanhou este trabalho em duas ocasiões; no Seminário de Tese do doutorado (na área Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber) em 2001, coordenado por ela; e, mais tarde, na sua dedicada e valiosa leitura do texto da qualificação. Também agradeço ao professor John Monteiro, pelas suas considerações e sugestões, durante o Seminário de Tese, à primeira versão do capítulo I.

Aos colegas de Seminário de Tese da área de “Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber”, e aos orientados do Guilherme (Alícia, Cátia e André), pelas leituras e sugestões recebidas. Em especial, a Alcides Gussi e Lea Carvalho, que compartilharam comigo vários momentos da realização deste trabalho, agradeço pela amizade e pelas leituras e sugestões de versões preliminares da tese.

Às colegas e amigas (Regina Weber e Beatriz Kanaan), que ao longo deste trabalho me enviaram artigos sobre a temática estudada, e, em momentos diferentes, partilharam comigo suas experiências de campo e seus resultados de pesquisa. Agradeço também a Gastón Julián Gil, que cordialmente me enviou seus artigos sobre algumas reflexões da antropologia “em casa”.

A Catarina Zanini, que neste último ano tornou-se uma interlocutora deste trabalho, e me ajudou a refletir sobre os dados de campo e a antropologia. Agradeço imensamente pelas leituras de versões preliminares e pelas sugestões, que eu espero ter conseguido incorporar.

A minhas colegas e amigas da Unicamp (Marcinha, Lis, Marilis, Gláucia e Martha), que compartilharam comigo, em distintos momentos e muitas vezes de longe, as várias fases do doutorado.

Ao Celso, pelo afeto e pela atenção ao ouvir minhas dúvidas da tese (teóricas e metodológicas) e sugerir alternativas, e pela revisão de português.

À Universidade de Caxias do Sul, agradeço pelo apoio institucional e pelo afastamento que me concedeu para a realização dos créditos na Unicamp. Agradeço aos colegas e amigos do Depto. de Sociologia, Ramone Mincato, Vera Guimarães, Liliane Guterres e João Ignácio Lucas, que, em momentos distintos e de diferentes formas, compartilharam comigo as várias fases do doutorado, escutando minhas angústias de tese e compensando minha ausência na UCS.

Agradeço aos amigos Álvaro, Júlio, Fabi, Sayonara e Pelayo, que consultei sobre a formatação da tese, e prontamente se dispuseram a me ajudar.

Aos meus entrevistados, que se mostraram gentis e disponíveis, e colaboraram comigo, abrindo espaço nas suas agendas para me relatar suas trajetórias de vida, sou imensamente grata. Sem suas colaborações, seria impossível a realização deste trabalho.

A Daniela, Marion, Márcia e Zulmira, pela amizade de sempre, mesmo de longe acompanharam a realização deste trabalho, com elas sempre dividi minhas angústias e alegrias. As amigas de Caxias (Fabi, Neisi, Nice e Rose); pelo carinho e afeto recebidos nesta fase de tese.

A Fátima Brocca, que me ajudou a compreender alguns significados desta tese.

A toda minha família (sobretudo aos meus irmãos Rosângela, João Carlos, Cristina, Fernando e Miguel) pelo afeto e por tudo que vivemos juntos. A Vera, que se dispôs a dirigir meu carro (com toda minha mudança) até Campinas. Em especial, ao meu pai (Elias), amigo de sempre, pelo amor e pelo carinho recebido.

Esta tese é dedicada à memória de minha mãe, Lurdes. Com muito amor e carinho.

Maria Clara; janeiro de 2008.

SUMÁRIO

Introdução 11

Definição do Objeto de Estudo e Introdução às Questões Teóricas	11
Questões de Método	28
Trabalho de Campo	32
Dados sobre a Região Colonial Italiana	37
Apresentação da Tese em Capítulos	44

Capítulo I - Redes e Trajetórias de Intelectuais: a constituição de um campo de conhecimento ligado aos estudos de imigração italiana no Rio Grande do Sul 46

Os Debates sobre o Tema da Imigração	47
Os Grupos de Intelectuais Formados em torno dos Debates	50
O Projeto ECIRS e seus Idealizadores	52
Rovílio Costa e De Boni: a parceria no estudos de imigração italiana e na organização de simpósios	64
Trajetória Acadêmica, Imigração e Relações com Grupos Italianos de Pesquisa	72
A Organização das Fontes Documentais	78
Noções de Italianidade	93
Influências Recebidas	96

Capítulo II – Trajetórias de Empresários: relações de etnia e poder local 105

Trajetórias de Empresários	108
Empresários Comparados à Figura de um <i>Herói Civilizador</i> e os Herdeiros	108
O Elo entre as Empresas e a Universidade	134
Trajetórias e Representações	145

Capítulo III – Representações da Italianidade a partir das Relações entre Empresários e Intelectuais	148
Os Intelectuais e as Noções de Trabalho e Memória: as influências marxistas e dos <i>Estudos Culturais</i>	148
As Mudanças na Auto-representação dos Descendentes de Imigrantes Italianos: o evento da Festa da Uva e seus promotores	159
Os Empresários: a distinção pelo trabalho	169
As Relações entre Empresários e Intelectuais: a UCS como nó que os une	180
 Considerações Finais	 188
 Bibliografia Consultada e Bibliografia Citada	 192

INTRODUÇÃO

Definição do Objeto de Estudo e Introdução às Questões Teóricas

Nesta introdução, tenho como objetivo definir o objeto de estudo desta tese, demonstrando como ele foi concebido, a partir de observações de campo e de considerações teóricas a respeito dos estudos de identidade. Num segundo momento, tratarei das questões de método e da realização do trabalho de campo. Por fim, exporei alguns dados sobre a região, especificamente aqueles que dizem respeito ao processo de modernização da economia regional.

O tema da identidade social está ligado à minha trajetória de pesquisadora desde que iniciei a redação de minha dissertação de mestrado (Mocellin, 1993). Nela, pesquisei uma comunidade rural no interior da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. Naquele momento, meu interesse de pesquisa estava voltado ao estudo da memória: como ela era elaborada pelo grupo nas suas diferentes gerações, e quais os seus diferentes significados. Os relatos dos colonos narravam as dificuldades e adversidades enfrentadas pelos imigrantes diante de um ambiente hostil. Eram relatos que tinham por tema o domínio do homem sobre a natureza, atribuindo à figura do imigrante a ação civilizadora de transformar o ambiente selvagem em terra produtiva.

Após a defesa da minha dissertação, em 1993, prestei concurso para docente de antropologia na Universidade de Caxias do Sul (UCS), no ano de 1994. Naquela época, morava em Porto Alegre e trabalhava na UCS alguns dias da semana. Em 1997, mudei-me para Caxias do Sul e, neste período, já estava desenvolvendo um projeto de pesquisa ligado ao tema da identidade local; tal projeto tinha por base um universo composto por empresários. Ao mesmo tempo, mapeei os estudos sobre o tema da imigração na Região

Colonial Italiana. Durante esse mesmo período, participei dos Seminários Abertos de Pesquisa do Projeto “Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul” (ECIRS), vinculado ao Instituto da Memória Histórica e Cultural (IMHC) da UCS. Neste seminário, convivi com boa parte dos intelectuais que compõem o universo de pesquisa desta tese. São intelectuais da UCS, ligados aos departamentos de História e de Letras, que trabalham com a temática da imigração italiana e seus desdobramentos.

Desde as primeiras observações de campo em Caxias do Sul, na medida em que me aproximava da literatura local, eu observava na sociedade regional um discurso que tinha como tema as questões étnicas e regionais, vinculadas a grupos de descendentes italianos da região; grupos esses que atuavam na área da indústria e do comércio, bem como nos campos político e intelectual locais. Tal discurso circula na sociedade local e regional através de jornais, de informativos das empresas, da literatura local e das demais instâncias de manifestações culturais. Ele se apropria de símbolos do passado - o imigrante italiano, por exemplo -, e relaciona o sucesso de hoje com as agruras do início da imigração. A exemplo disso, o Álbum Comemorativo do Centenário da Imigração Italiana homenageia alguns imigrantes italianos pela sua contribuição à prosperidade da região¹.

Chamaram-me a atenção os vários eventos e espaços de manifestações culturais ligadas à temática da imigração italiana. A década de 1970 é marcada por um processo de valorização da cultura da imigração italiana, manifestada em diversas instâncias e instituições. Entre tantos eventos relacionados ao resgate da cultura italiana, farei referência àqueles mais significativos:

- As festividades de aniversário da imigração italiana, como a do centenário, em 1975. Na oportunidade, foi produzido um Álbum de Comemoração ao Centenário da Imigração, onde são exaltadas as biografias de imigrantes italianos ou descendentes que hoje são considerados *industriais bem sucedidos*.

- A produção e a publicação de pesquisas ligadas ao tema da imigração italiana, na Universidade de Caxias do Sul. O ECIRS - Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul – é um centro de pesquisa dessa universidade, e tem seu trabalho voltado para a valorização da memória local.

¹ Os álbuns comemorativos dos 50 e dos 75 anos da imigração também homenageiam os imigrantes.

- Das prefeituras municipais, secretarias de educação, cultura e turismo, vieram políticas culturais que valorizam o símbolo dominante na região, o imigrante italiano. Exemplo dessas políticas são os roteiros turísticos, denominados de turismo histórico ou de tradição, que têm como objetivo valorizar a cultura local como atrativo turístico.

- As festa da Uva, do Vinho e outros tipos de festas locais são também exemplos de divulgação e promoção dos símbolos de origem; têm a finalidade de homenagear os antepassados e promover a comunidade "para fora" do grupo.

- O surgimento de associações italianas, com o objetivo de incentivar descendentes de imigrantes italianos a valorizar sua origem. Entre as atividades promovidas por estas associações, menciono os cursos de língua italiana, a programação de viagens à Itália e o auxílio à obtenção da cidadania italiana.²

É neste contexto de modernização e afirmação de identidades que se encontra meu objeto de estudo. Como já mencionei, os discursos que se utilizam das questões étnicas e de interesses regionais estão vinculados a grupos de descendentes e não-descendentes de imigrantes italianos. Delimito meu objeto de estudo a um universo de pesquisa composto por dois grupos; um no âmbito do capital econômico, o caso dos empresários; o outro, no do capital cultural, caso dos intelectuais locais.

Os empresários e intelectuais locais são considerados aqui agentes sociais, pois possuem um papel importante no que tange à produção das representações "autorizadas" sobre a sociedade. Esta constatação se evidencia por meio das várias atividades em que estes dois grupos se encontram envolvidos. Os intelectuais, por exemplo, atuam como produtores culturais, nas secretarias e centros de cultura, e também como produtores de um conhecimento local, por meio de publicações sobre o tema regional ligado à imigração italiana. Os empresários são os protagonistas das histórias de pioneiros bem sucedidos, apontadas como modelos exemplares e veiculadas pela imprensa local – rádio, jornal, televisão, entre outros meios. As atividades destes empresários não se limitam à esfera empresarial; é comum vê-los envolvidos em atividades públicas, como aquelas referentes à

² Em estudo realizado na cidade de São Paulo (Chiarini, 1992), com o objetivo de analisar como se reformula a noção de italianidade na última década, a autora constata, entre os representantes do governo e empresários italianos, a introdução de um discurso que transmite uma imagem desenvolvida e moderna da Itália. Constata-se isso na substituição do termo "*imigrante*" por "*italiani all estero*", a partir da década de 1980, como símbolo de modernidade, contrapondo-se à figura antiga do imigrante. Cito esta obra pela semelhança com o caso aqui estudado, no que diz respeito à valorização da cultura italiana ocorrida a partir da década de 1970.

cultura, à educação, e também à esfera política. Depois de realizar as entrevistas com empresários locais, constatei que eles apareciam em diversos cargos fora da esfera empresarial: por exemplo, na presidência da Festa da Uva e de clubes de futebol, em comissões especiais na universidade; enfim, em várias atividades ligadas aos interesses da comunidade regional.

Estes dois grupos, empresários e intelectuais, pertencem às chamadas elites locais, emergentes nas décadas de 1960 e 70. No que diz respeito aos empresários, eles se tornam mais importantes quando setores do empresariado local são beneficiados por uma política desenvolvimentista adotada no país, abrindo assim o chamado processo de modernização econômica desta região. Em relação aos intelectuais, cabe destacar que, no final da década de 1960, foi criada a Universidade de Caxias do Sul, momento de formação dos intelectuais aqui estudados. No plano das representações sociais, os anos 1970 e 80 são marcados por uma vasta literatura sobre o tema da imigração italiana, como também por um redimensionamento nas políticas culturais praticadas pelos produtores culturais.

Em meu trabalho, chamo a atenção para o papel que as elites locais (intelectuais e empresários) possuem na produção das representações acerca da identidade na imigração italiana. Com isso, não estou negando o papel que outros grupos sociais possuem na produção destas representações; apenas me limito a trabalhar com estes dois grupos bem definidos.

Alguns estudos etnográficos apontam para a importância das classes médias (urbanas e rurais) na construção do conceito de italianidade; caso do estudo realizado na região de Santa Maria, RS (Zanini, 2006), e do estudo realizado no meio rural da região colonial italiana (Mocellin, 1993). Neles, vemos que as memórias familiares, tanto escritas quanto orais, configuram-se como elemento fundamental para a compreensão do processo identitário que envolve a valorização da cultura dos descendentes de italianos. Considero, pois, que os empresários e os intelectuais sejam promotores desse processo de valorização da cultura da imigração, tanto quanto outros grupos sociais. O que me chamava a atenção era a vasta literatura escrita sobre a imigração italiana e seus desdobramentos na região. Também observava, na sociedade local, a forma como as trajetórias dos empresários eram representadas: como modelos exemplares. Na literatura produzida pelas empresas (informativos das empresas), as trajetórias dos empresários eram narradas enfatizando o

sofrimento e a coragem dos antepassados para superar as adversidades da imigração, abordando igualmente o “espírito empreendedor” e a coragem dos empresários que se aventuravam na indústria. A representação mais recorrente na sociedade local é aquela que associa o empresário a um herói civilizador, na medida em que ele transforma uma sociedade preponderantemente rural, baseada na pequena propriedade da terra, numa sociedade urbana, em que predomina a indústria.

Alguns intelectuais atuaram como promotores culturais, não somente escrevendo e publicando sobre o processo migratório, mas também desenvolvendo ações culturais com o objetivo de desfazer alguns estigmas associados ao colono. Este, em geral, era associado ao trabalho braçal na terra, à dificuldade de falar o português correto, etc. Havia uma vasta literatura sobre a imigração na região colonial italiana, escrita por diversos tipos de intelectuais locais; desde memorialistas, cronistas, padres, literatos, até intelectuais acadêmicos. Escolhi como universo de pesquisa estes últimos, e, neste trabalho, pergunto que razões os levaram a escrever sobre a imigração italiana, e por que produziram com tanta frequência sobre essa temática. Entendo que, na medida em que esses intelectuais produziram sobre esse tema, deram visibilidade aos descendentes italianos, e também lhes conferiram reconhecimento como grupo definido. E isso nos anos 1970. Até então, as únicas publicações sobre esse grupo se restringiam aos álbuns comemorativos e às descrições de alguns cronistas. Tais intelectuais, pelo fato de darem visibilidade a um grupo até então pouco investigado, também conferiam reconhecimento acadêmico a si próprios. Como será explicado adiante, creio que esse grupo se define por meio de uma rede de relações que se configura segundo diferentes arranjos, relacionados aos interesses inerentes ao estudo da temática da imigração.

Os dois grupos (empresários e intelectuais) são considerados, portanto, agentes promotores da italianidade. Porém, o agenciamento da italianidade aparece de forma explícita nos eventos e programas das associações italianas – algo parecido com o que Regina Weber (2004) chama de “associativismo”, conjugado a estratégias de visibilidade das associações (tais como, por exemplo, a articulação com organizações, como o Consulado Italiano; com intelectuais acadêmicos de “origem” italiana, ou com eventos festivos³).

³ Há, no RS, uma espécie de federação estadual das associações italianas, a Associazione Culturale Italiana

É a partir deste cenário aqui descrito, envolvendo eventos e agentes promotores do que denominei de “valorização da cultura local”, ou italianidade, que tomo como tema de pesquisa as décadas de 1970 e 80 na região colonial italiana do RS, mais especificamente em Caxias do Sul, para investigar os processos sociais ocorridos em relação à identidade local.

Para tanto, descreverei o processo de constituição de um campo específico de conhecimento, ligado aos estudos de imigração italiana, a partir dos anos 1970, cujos principais agentes são intelectuais de ascendência italiana da Universidade de Caxias do Sul. Concebo esses agentes como um grupo de interesse (Cohen, 1978) que se configura a partir de uma agenda de pesquisa ligada à temática da imigração italiana. Esta agenda envolve tanto interesses de pesquisadores italianos, voltados aos estudos da imigração italiana no Brasil, quanto de pesquisadores brasileiros, mais especificamente da Universidade de Caxias do Sul. Esse processo se tornou mais visível durante o ano de comemoração do centenário da imigração italiana, em que foram programadas atividades que mobilizaram diferentes agentes, tal como intelectuais, produtores culturais, empresários, políticos, dentre outros.

Em relação aos intelectuais, eles se mobilizaram na organização e articulação de seminários, debates, políticas de preservação, grupos de pesquisa e produção de publicações voltadas à temática da imigração italiana. Articularam-se por meio de uma rede de relações sociais que envolveram contatos com intelectuais de outras instituições, fora e dentro do estado; em especial, intelectuais italianos.

Tendo como objeto de estudo a investigação dos processos sociais relacionados à identidade local, proponho-me tentar compreendê-los a partir do pressuposto de que esse processo envolve grupos de interesses que se configuram por meio de uma rede de relações sociais, nas quais se cruzam diferentes agentes e instituições, envolvidos por interesses regionais.

Quanto aos empresários, alguns deles se articularam na criação de associações italianas, participaram de eventos para incrementar suas relações comerciais com empresários italianos e também se utilizaram das leis de incentivo à cultura para financiar

del Rio Grande do Sul (ACIRS). Das várias associações vinculadas à ACIRS, muitas remetem às características regionais da emigração original; caso da Associação Veneta do Rio Grande do Sul (AVERGS), fundada em 1988 em Caxias do Sul.

algumas publicações sobre a temática da imigração, bem como para financiar ações culturais nas áreas das artes cênicas e visuais (apresentações de teatro, danças e corais; exposições fotográficas, dentre outras). No meu entender, a contribuição dos empresários para a valorização da cultura italiana é mais notada no discurso que associa o progresso da região à imigração italiana do que nas ações ligadas ao agenciamento da italianidade. Os ganhos econômicos (relações comerciais ou empresariais com a Itália) eram pouco significativos. Os ganhos eram simbólicos, diziam respeito à busca de uma origem na Itália que os distinguiria dos “*brasileiros*” e os associava a um modelo de progresso.

A partir do estudo de trajetórias de intelectuais e empresários, observa-se um processo que envolve a modernização da economia regional e, no mesmo período, a valorização da cultural local, que tem como símbolo dominante da região o imigrante italiano.

No que se referem às ligações entre esses dois grupos, nota-se uma rede de relações que se evidencia pelas trocas estabelecidas a partir de relações pessoais, étnicas, de poder, mas também especialmente por relações estabelecidas em função das atividades intelectuais e empresariais que os unem em torno das ações culturais e das políticas para implementar estratégias de desenvolvimento regional.

Quando menciono esses grupos de interesse, estou fazendo uso do conceito definido por Cohen:

“As sociedades são constituídas por uma grande quantidade de grupos de interesse, de vários tipos e tamanhos, que se confrontam uns com os outros, se aliam, se misturam e se interpenetram de forma a proteger ou aumentar a parcela de poder que detêm. Eles são portanto essencialmente políticos e suas atividades determinam a distribuição, a manutenção, e o exercício do poder na sociedade (...).” (Cohen, 1978:86-87).

Ao trabalhar com a ação desses agentes, articulados aqui em grupos de interesses, acredito ser necessário entender essa ação humana mediada por um projeto cultural no contexto das complexidades dos processos sociais, conforme proposição de Shalins (1979).

No caso em estudo, as relações entre intelectuais, empresários, entre intelectuais e empresários, são relações que se estabelecem na informalidade, envolvidas por diferentes

instituições, tendo em comum interesses regionais ligados a diferentes campos, como o econômico, o acadêmico, o religioso e o cultural.

Como demonstrou Cohen (1978), os grupos de interesse que se vêem na impossibilidade de sustentar organizações formais se articulam em linhas informais, recorrendo à parentela, à amizade, ao ritual, ao cerimonial e a outras atividades ou padrões simbólicos implícitos no que se conhece como “estilo de vida”.

Mesmo que os agentes aqui estudados pertençam a instituições organizadas, o processo é articulado na informalidade, caracterizado por relações interpessoais, de parentesco, de etnia e de poder local. Para entender essas relações, é necessário contextualizar o que ocorreu nas décadas de 1970 e 80: um processo de afirmação de identidade, que dá visibilidade a uma etnia, a italianidade, e a valoriza (processo este que não inaugura esta identidade, mas a configura). Para identificar esse processo descrito até aqui, proponho-me a estudá-lo a partir da concepção de rede de relações, demonstrando assim como se articulam as relações que se estabelecem entre agentes, instituições e grupos de interesse.

Parto do conceito de rede social, definido por Barnes (1987) como um campo social formado por relações entre pessoas. Essas relações podem ser definidas por critérios subjacentes ao campo social, como de vizinhança e amizade, que por sua vez podem agrupar conexões de parentesco e econômicas. Ao revisar o conceito de rede de Barnes, Mayer (1987), destaca o caráter ilimitado de rede:

(...) Qualquer pessoa mantinha relações com várias outras, que por sua vez, se ligavam a ainda outras. As conexões poderiam aglomerar-se em alguns pontos da rede; mas, se as pessoas envolvidas formassem um grupo, suas interconexões (linkages) grupais existiriam separadas da rede, dado que um critério extra teria sido acrescentado às interconexões que definem a rede” (Mayer, 1987:129).

Aqui aparece um outro conceito de Barnes, o de conjunto; identificado na base das interconexões proporcionadas pela rede. O conjunto difere da rede na forma, pois está centrado em um indivíduo singular (ego), e consiste de indivíduos classificados por ego de acordo com determinado critério. Veríamos então uma parte da rede: a parte que o ego identifica como incluída no conjunto.

O importante é frisar o aspecto limitado dos conjuntos, e ilimitado das redes. Para este trabalho, uso a noção de rede porque ela possibilita identificar as interconexões existentes entre as pessoas, organizadas numa estrutura em que o lugar e o papel de cada indivíduo, bem como cada vínculo estabelecido entre os indivíduos, serão explicados a partir da totalidade da rede.

As redes são construções abstratas que o investigador define de acordo com um critério; ou seja, as relações estabelecidas na rede se determinam por algum critério subjacente, o que permite identificar estruturas sociais que geralmente não estão formalmente definidas pela sociedade.

No caso em estudo, as redes são definidas a partir de um interesse comum. Num primeiro momento, identificam-se relações que se estabelecem entre intelectuais e/ou produtores culturais, a partir do critério de produção, organização, publicação e políticas culturais relacionadas à temática da imigração italiana.

A partir dessa rede de relações que cruza trajetórias de intelectuais e grupos de interesse, entrecruzam-se instituições, agências financiadoras, relações internacionais, interesses regionais, relações pessoais e de parentesco, relações étnicas, etc. Esses nós da rede, que cruzam instituições e interesses, permitirão identificar as relações entre os dois grupos aqui tratados – empresários e intelectuais.

O nó é um ponto privilegiado da rede na medida em que nele se cruzam relações. Um exemplo de nó, no caso estudado, é a Universidade de Caxias do Sul. A partir da posição privilegiada que a universidade ocupa na rede de relações, veremos as conexões entre empresários e intelectuais (questão que será analisada no último capítulo).

Essas conexões estão mediadas por relações de etnia e de poder local. Como observei anteriormente, é no período de modernização da economia regional que há um processo de valorização da cultura local. Sendo assim, é necessário contextualizar essas redes de relações que ligam diferentes agentes, instituições e interesses, a partir desse processo de valorização da cultura local. Nesse sentido, cabe questionar a quem (a que grupos) interessa afirmar essa identidade, e em que momento. Esta questão será trabalhada a partir da descrição de grupos de interesse que se formam entre intelectuais, por meio de redes de relações que têm em comum interesses em estudos e políticas culturais ligadas à imigração italiana. Num segundo momento, esta questão será trabalhada por meio das

trajetórias dos empresários, e em situações em que empresários e intelectuais aparecem juntos na organização e produção de festas, seminários, estudos, políticas culturais e de desenvolvimento, etc., relacionados aos interesses regionais.

Um bom evento para analisar esse efeito aglutinador, que envolve intelectuais e empresários ao redor de interesses regionais, é a Festa da Uva, que acontece de dois em dois anos na cidade de Caxias do Sul. Ela se iniciou como uma festa espontânea da comunidade, para celebrar a colheita da uva. Hoje, tornou-se uma feira industrial. Por outro lado, a festa mantém o caráter cultural ao afirmar e celebrar o símbolo dominante na região que é o imigrante italiano. A organização da Festa da Uva envolve tanto empresários como intelectuais locais motivados por interesses regionais comuns (tratarei da Festa da Uva no último capítulo).

Para entender como os empresários e os intelectuais contribuíram para a construção da italianidade, tão difundida na sociedade local, parece-me fundamental, no processo aqui descrito, trabalhar com as diferentes representações de trabalho. Para tanto, num primeiro momento, demonstrarei a constituição de redes sociais entre os intelectuais estudados, tendo como critério para a sua identificação a noção de trabalho e memória. Dentre os intelectuais, veremos diferentes interpretações do conceito de trabalho. É importante chamar a atenção para o processo de reelaboração da noção de trabalho. Tal noção foi investigada pelos intelectuais locais, e reelaborada pela sociedade regional. No caso estudado, cabe entender como os empresários se apropriaram da interpretação dos intelectuais.

Não é por acaso que a valorização da cultura da imigração italiana ocorre especialmente nas décadas de 1970 e 80, período da modernização econômica. Acrescento que é nesse período de modernização que se iniciam as migrações internas, vindas de regiões próximas à Região Colonial Italiana, como são os Campos de Cima da Serra, dentre outras. Boa parte desse contingente migratório irá compor a mão-de-obra da indústria local, especialmente aquela ligada ao pólo-metal-mecânico. Aí veremos como os descendentes de imigrantes italianos se utilizaram da categoria trabalho como uma forma de distinção étnica, no momento de contato interétnico. É o que acontece com o discurso dos empresários que associam o progresso e a modernização da região ao trabalho dos descendentes de italianos. Um exemplo disso é encontrado na literatura produzida pelas

empresas (informativos das empresas): aí as histórias desses empresários se tornam exemplares; nelas, eles *são comparados à figura de um herói civilizador*.

Essa representação do trabalho, como distinção étnica é observada nos três tipos de empresários estudados: os fundadores das empresas, os herdeiros e os estrangeiros-integrados à sociedade local, que se vincularam às empresas pelo seu conhecimento técnico.

Em relação à construção da italianidade, podem-se observar diferenças entre os empresários e os intelectuais. Há, entre os intelectuais estudados, diferentes formas de interpretar a imigração, especialmente quando se reportam à noção de trabalho. Para os empresários, o trabalho como distinção étnica é uma representação recorrente. Mas, afinal, os empresários formavam um grupo homogêneo quando comparados aos intelectuais. No que tange às representações acerca da italianidade, percebem-se entre os intelectuais diferentes filiações teóricas e influências distintas na sua formação acadêmica, enquanto que os empresários parecem constituir um grupo mais homogêneo em relação ao discurso da italianidade. E isso explica, em parte, as diferentes estratégias que tomei para descrever os dois grupos (tal como se verá nos capítulos 1 e 2). Como já mencionei, pude observar as trajetórias dos intelectuais que formavam grupos de interesse de pesquisa a partir de uma rede de relações em que se cruzavam instituições, agências financiadoras, relações internacionais, interesses regionais, relações pessoais e de parentesco, etc. Quanto aos empresários, observei três tipos de trajetórias, mediadas por relações de etnia e poder local, porém com semelhantes representações acerca da italianidade. Tais trajetórias se transformaram em modelos exemplares para a sociedade local.

As formas diferentes de abordar as trajetórias dos empresários e dos intelectuais se devem às singularidades das suas formações e das suas inserções nos campos econômico e acadêmico. Isso não significa que um dos grupos assuma um papel mais importante na construção da italianidade, mas sim que a italianidade se constrói de formas distintas.

As relações entre empresários e intelectuais são mais visíveis quando eles se encontram em atividades de interesses comuns, como as políticas de pesquisa e ação cultural, que privilegiavam a temática da imigração italiana; e as políticas para implementar estratégias de desenvolvimento regional. Nesse sentido, a UCS se constitui num foro privilegiado para tratar as relações entre os dois grupos.

Para tratar das relações de etnia e poder, presentes nas trajetórias dos grupos aqui estudados, e nas relações que os interligam, farei algumas considerações teóricas a respeito dos estudos de identidade. Eles poderão servir a uma discussão preliminar do objeto estudado.

Especificamente sobre a identidade étnica, cabe lembrar aqui os debates entre as teorias da identidade em que se via a seguinte oposição: entre o argumento primordialista e o situacionista. Para o primeiro, a identidade étnica constitui uma realidade inata, primordial, congênita, substancial, pois parte da definição de grupo étnico como uma unidade cultural caracterizada por um certo número de traços objetivos que são de ordem biológica, territorial, lingüística, econômica, cultural, etc. O argumento primordialista define então a etnicidade em termos de traços culturais primordiais, que são utilizados para explicar a etnicidade como vínculo primordial (Poutignat e Streiff-Fenart, 1997).

No entanto, para a visão situacionista, cujo principal representante é Fredrik Barth, a identidade étnica se caracteriza por um sentimento de pertencimento grupal baseado na auto-atribuição e atribuição pelos outros, para propósitos de classificação. Um conceito chave para Barth é o de “limite étnico” ou “fronteira”. Assim, segundo esse autor, o fundamental no estudo dos grupos étnicos não é a especificidade do conteúdo cultural, mas a situação das “fronteiras”, dos limites que o grupo étnico se coloca, ou daqueles que o outro lhe impõe.

A demonstração das dimensões irredutíveis das sociedades humanas certamente muito contribuiu para a crítica das teorias da aculturação. A idéia da permanência das sociedades, contraposta às idéias decorrentes da teoria da aculturação, está demonstrada nos estudos de Ruben (1988, 1992). Neles, o autor chama a atenção para o fato de que essa noção, de *irredutibilidade*, é constitutiva de toda formulação histórica da teoria da identidade. Segundo Ruben (1992), na versão contemporânea da teoria da identidade (referindo-se inicialmente ao Estruturalismo de Lévi-Strauss), já se viam sublinhadas as dimensões irredutíveis das sociedades humanas. Tais dimensões eram vistas como *elementos estáveis* que permitiam ao etnólogo compreender a sociedade, classificá-la e organizá-la em oposição a outras sociedades com outros *elementos estáveis*. Nas palavras de Ruben:

“(...) há sempre na obra de Lévi-Strauss, a despeito dos universais e dos invariantes estruturais do espírito humano, um resíduo particularista, dimensão única da cultura que, de natureza irredutível, faz com que cada sociedade seja ao mesmo tempo única e permanentemente idêntica a si mesma” (Ruben, 1992:84).

Ruben conclui que, do encontro das hipóteses universais (formuladas por Lévi-Strauss) com as explicações de natureza sócio-política e subjetiva da etnicidade (nos trabalhos de Barth), resulta o processo de formulação de uma teoria geral da identidade contemporânea que torna inteligíveis as condições de agregação das sociedades.

Para Ruben (1988), a idéia de *irredutibilidade* funciona estabelecendo, simultaneamente, a marca e os limites, socialmente elaborados, que permitem a reprodução das sociedades. Assim sendo, a *irredutibilidade* funciona como marca elaborada social e historicamente, e retida no interior do grupo, consciente ou inconscientemente - algo como a representação coletiva, para Durkheim (1970), escolhida e privilegiada pelo grupo para ser empregada como marca distintiva.

Quanto à definição de grupo étnico, tanto os estudos de Cardoso de Oliveira (1976), quanto os de Ruben (1988,1992) e os de Seyferth (1982), partem do conceito proposto por Barth (1969), ou melhor, da crítica que este faz ao conceito como “unidade portadora de cultura”. Assim como Barth, aqueles autores o concebem então como um tipo de organização social (organizational type). Para Barth, uma cultura comum não é a característica mais importante que define um grupo étnico, ela é mais um resultado. Segundo a opinião de Seyferth, o ponto fundamental, em Barth, está na auto-atribuição e na atribuição por outros, pois isso implica a identificação dos membros do grupo usando critérios comuns. Na medida em que os indivíduos usam identidades étnicas para se caracterizar com propósitos de ação recíproca, formam grupos étnicos organizados. O foco da investigação de Barth passa a ser o que ele chama de limite étnico (ethnic boundary), que se torna visível à medida que um grupo elabora e mantém sua identidade relacionando-se com os outros.

Apesar das críticas que Cohen (1974) fez a Barth (1969), na definição de grupo étnico, elas são mais complementares do que discordantes, como bem assinalou Seyferth (1982). Cohen dá ênfase ao problema da interação e do que chama de “comportamento normativo”. Nas palavras de Seyferth:

“(...) A interação e o comportamento normativo a que se refere Cohen são aspectos dinâmicos da utilização de uma ideologia de identidade étnica, enquanto que Barth enfatiza o problema da identidade e identificação como constituindo limites que separam grupos diferentes. Cohen completa sua definição de grupo étnico acrescentando a ela o que chama de etnicidade – o grau de conformidade dos membros da coletividade a estas normas de participação no curso da interação social” (Seyferth, 1982:5-6).

Os padrões de comportamento normativo para Cohen são formações simbólicas e atividades encontradas em contextos como parentesco e casamento, amizade, ritual e outros tipos de cerimonial. Cohen (1978), ao estudar a interdependência dinâmica existente entre as relações de poder e o comportamento simbólico nas sociedades complexas, teve como preocupação demonstrar como os grupos de interesse manipulam diferentes formas simbólicas e diferentes padrões de comportamento simbólico para articular funções básicas de organização, tais como diferenciação e comunicação. Da mesma forma, ao estudar as sociedades africanas, como os Haussa de Ibadã, Cohen (1978) chamou atenção para a dimensão política e simbólica da etnicidade, ao conceber grupos étnicos como formas de organização novas e adaptadas que compartilham uma identidade porque também compartilham interesses econômicos e políticos. Sendo assim, para Cohen, os grupos étnicos se aproximam dos grupos informais de interesse, mas diferem das organizações formais, pois não manifestam objetivos explícitos e não são organizados de forma racional e burocrática. Dessa forma, um grupo étnico é diferente de uma associação étnica.

Cardoso de Oliveira (1980) teceu críticas à noção de grupo étnico de Frederick Barth. Para ele, Barth (1969), ao trabalhar o conceito de identidade contrastiva, não penetrou na natureza ideológica da identidade étnica, limitando-se a assinalar o seu caráter contrastivo. Segundo Cardoso de Oliveira, Barth tinha como objetivo maior penetrar na natureza do grupo étnico, em sua organização como grupo, utilizando-se da noção de identidade apenas para assinalar uma das propriedades do grupo étnico, a de se identificar e ser identificado por outros indivíduos e grupos.

Levando em conta os postulados da visão situacionista nos estudos de identidade, acredito, como Cardoso de Oliveira (1976:39), que a identidade não pode ser estudada separadamente da ideologia. Como diz o autor, “a identidade social, ela própria, é uma ideologia e uma forma de representação coletiva”. Roberto Cardoso de Oliveira utiliza o

conceito de ideologia de Poulantzas, pois este contribui para conceber a ideologia como *forma em que se assumem representações*:

“(...) a ideologia tem precisamente por função, ao contrário da ciência, ocultar as contradições reais, reconstruir em um plano imaginário um discurso relativamente coerente que sirva de horizonte ao ‘vivido’ dos agentes, dando forma a suas representações segundo as relações reais e inserindo-as na unidade das relações de uma formação” (Poulantzas, 1969, citado por Cardoso de Oliveira: 1976:40).

Porém, Cardoso de Oliveira adverte: enquanto que a ideologia pode ser consciente ou inconsciente, como um discurso coerente que possui uma natureza sistêmica, integrada, capaz de conter um "saber" organizado para certos fins; as representações coletivas são sempre inconscientes (como nos ensinou Durkheim), fracamente integradas e desprovidas daquele caráter sistêmico inerente ao discurso ideológico. Neste sentido, Cardoso de Oliveira, ao interpretar Durkheim, destaca o fato de que as representações coletivas transcendem o “ser individual”, exprimem a realidade da própria sociedade; uma realidade de “ordem intelectual e moral”, um “ser social”, irreduzível às consciências individuais que, por sua vez, em sua prática cotidiana, não poderiam apreendê-la senão fragmentariamente.

Uma das contribuições de Durkheim (1970) para o pensamento social foi ter demonstrado que o homem não pensa isoladamente, mas através de categorias engendradas pela vida social. Neste sentido, Durkheim define essas categorias como representações essencialmente coletivas, que traduzem, antes de tudo, estados da coletividade, e dependem da maneira pela qual essa coletividade está constituída e organizada. Com Durkheim, as representações coletivas ou sociais devem ser concebidas como categorias de entendimento socialmente construídas.

Nos estudos de Cardoso de Oliveira, a identidade é relacionada à ideologia e às representações. Nas relações interétnicas em áreas de fricção com que ele trabalha, a noção de *relações de identidade* supõe a existência, não de uma, mas de pelo menos duas identidades, denominadas “identidades complementares” ou “combinadas”. É o caráter contrastivo dessas identidades que constitui, segundo Cardoso de Oliveira (1976:45), um atributo essencial da identidade étnica. Por outro lado, sua especificidade está no conteúdo etnocêntrico inerente à negação da "outra" identidade, em contraste.

Foi por meio da “cultura do contato” que Cardoso de Oliveira demonstrou a natureza ideológica da identidade étnica. Tal cultura, possuidora de um caráter sistêmico derivado do sistema interétnico que a gerou, permitirá ao investigador distinguir “idéias organizadoras” que estão presentes em todas as sociedades, como componentes de um padrão matemático.

“Essas idéias, que no caso dos sistemas interétnicos estariam presentes em todas as ‘culturas de contato’, não se encontram no nível da consciência, mas, tal como a gramática (linguagem) ou os costumes (Mauss), encontram-se no nível do inconsciente coletivo. Entendida como um processo de idealização coletiva, a cultura tem nas representações o seu núcleo formador e mais dinâmico. Os homens se representam com tais e tais características escolhidas de modo variável de um repertório (culturalmente) definido de qualificações étnicas e obedecendo a um padrão (matemático) inerente a um determinado sistema étnico”. (Cardoso de Oliveira, 1976:45).

Esta dimensão ideológica da identidade étnica é evidenciada no exemplo dado por Cardoso de Oliveira: quando um índio Tükúna se identifica como “caboclo”, ele está dando forma àquelas representações negativas, expressas no discurso que os brancos, ou “civilizados”, produzem sobre a população Tükúna como um todo.

Pelas considerações feitas até então, estou de acordo com Cardoso de Oliveira (1980:249), no que tange à sua proposição de que os estudos sobre etnia ou etnicidade devem remeter o analista ao nível das representações e das ideologias produzidas por relações sociais peculiares, como aquelas observadas entre grupos, ou segmentos minoritários, e grupos ou sociedades dominantes. Neste sentido, a identidade étnica, como identidade contrastiva, surge por oposição: não se afirma isoladamente, mas nega outra identidade. Segundo Cardoso de Oliveira (1980), ela serve como uma categoria classificatória usada por um grupo para definir sua posição em relação a outros grupos com que interage; em outras palavras, ela é pensada como um conceito relacional.

Para tratar do processo de valorização da cultura local, preliminarmente descrito, revisei alguns conceitos que podem dar conta do meu objeto de estudo. Parto da crítica que Barth (1969) fez ao conceito de grupo étnico, como “unidade portadora de cultura”, para concebê-lo como um tipo de organização social, enfatizando a noção de “limite étnico”. Com isso, quero dizer que o fundamental, nos estudos dos grupos étnicos, não é a

especificidade do conteúdo cultural, mas a situação das "fronteiras", dos limites que o grupo étnico se coloca ou que o outro lhe impõe. No entanto, creio que é igualmente importante acrescentar a isso a dimensão política e simbólica desse tipo de fenômeno, tal como analisada por Cohen (1978), para demonstrar como os grupos de interesse manipulam diferentes formas simbólicas e padrões de comportamento simbólico para articular funções básicas de organização.

O conceito de grupos de interesse (Cohen, 1978) dá conta do objeto estudado, pois eu elejo os empresários e os intelectuais como agentes importantes na produção de ideologias e representações sobre a sociedade. Tal conceito também se mostra especialmente útil quando identifico esses grupos por meio de redes sociais em que se cruzam diferentes agentes e instituições envolvidos por interesses regionais.

Tanto Cohen (1978) quanto Cardoso de Oliveira (1976: 39) afirmam que a identidade não pode ser estudada separadamente da ideologia. No entanto, assim como Cardoso de Oliveira, eu enfatizo que a identidade social, além de ser uma forma de ideologia, é uma forma de representação social.

O processo de valorização da cultura local ocorre tanto por meio de um discurso e uma prática coerente e organizada para certos fins, quanto por meio das representações inconscientes e desprovidas de caráter sistêmico. Assim sendo, ao estudar um processo de identidade, manifestada aqui como identidade étnica, tem de se considerar a noção de *irreducibilidade*, tal como explicitada por Ruben (1988). Ela funciona como marca elaborada social e historicamente, retida no interior do grupo, consciente ou inconscientemente - algo como a representação coletiva para Durkheim; escolhida e privilegiada pelo grupo para ser empregada como marca distintiva.

Seguindo o estudo de Cohen, Carneiro da Cunha (1987), ao analisar uma comunidade brasileira em Lagos, na costa ocidental da África, assinala que a tradição cultural serve de “porão”, de reservatório onde se irão buscar, na medida das necessidades do novo meio, traços culturais isolados do todo. Tais traços servirão essencialmente como sinais diacríticos para uma identificação étnica. Para a autora, a tradição seria então manipulada para novos fins, e não uma instância determinante.

No caso que estudo, os dados de campo apontam para o caráter contrastivo da identidade étnica, pois os descendentes de italianos constroem sua identidade em relação à

do *brasileiro*, denominação do luso-brasileiro. Dentro do grupo, quem não é descendente de imigrante europeu (especialmente italiano e alemão, dois contingentes representativos de imigrantes no RS), é denominado *brasileiro*. Tal distinção se encontra no valor atribuído pelo grupo ao trabalho. O desenvolvimento da região é atribuído ao trabalho dos descendentes italianos, ou seja, atribuído ao próprio grupo que formula essa idéia. Ela é chave para entender a *ressignificação* da expressão “descendente de italiano”. Antes, ela remetia à pessoa com menos instrução formal; hoje, significa o “empreendedor”. O trabalho como empreendimento industrial, e como realizador do progresso, está presente no discurso dos meus entrevistados.

Trabalho e família são valores que aparecem entre os descendentes de italianos como marcas distintivas do grupo, atravessando gerações. Em determinadas situações, tais marcas são usadas pelo grupo como categorias classificatórias, e têm a finalidade de afirmar identidade em relação a outros grupos.

O caráter situacional da identidade entre os descendentes de italianos é vivenciado pelo grupo. Da mesma forma que afirmam sua identidade brasileira, pela sua expressiva participação na vida econômica do país, em outras situações esses descendentes de italianos valorizam os símbolos étnicos, e os utilizam como sinais diacríticos para se distinguirem. Tais questões serão desenvolvidas na tese, na descrição das trajetórias e das redes de intelectuais e empresários, e suas interconexões. Como já afirmei anteriormente, essas trajetórias estão permeadas por relações de etnia e poder local.

Questões de Método

O método aqui empregado é o que se denomina etnográfico na literatura antropológica corrente. Para merecer esse nome, tal método deve-se realizar em algumas etapas, necessariamente interligadas: 1. o trabalho de campo, envolvendo a observação direta, também chamada de observação participante⁴, em que o antropólogo convive com o

⁴ Lida ainda hoje como uma etnografia clássica, a que Malinowski (1976) desenvolveu, em longa pesquisa de campo entre os nativos das ilhas de Trobriand, serve como modelo para entender aquilo que chamo aqui de "observação participante".

grupo que pretende pesquisar; e 2. a redação do texto etnográfico, em que, distante do “campo”, o antropólogo descreve, ou “*inscreve* as observações no discurso da disciplina”, como diz Cardoso de Oliveira (2000). Para ele, a escrita etnográfica está “marcada por uma interpretação *de e no* gabinete”. Concordo com este autor, pois, assim como ele, também entendo que a escrita etnográfica, ou interpretação da “cultura nativa” (nas categorias e conceitos básicos constitutivos da disciplina), está intimamente vinculada aos dados observados e anotados no campo. Assim, em termos gerais, não realizei uma etnografia nos moldes clássicos, que envolve não somente o deslocamento geográfico e o convívio prolongado do antropólogo com a sociedade estudada, bem como um tratamento dessa cultura em sua totalidade⁵. Tampouco realizei uma descrição densa, nos moldes propostos por Geertz (1989)⁶. Inspirei-me, neste trabalho, em algumas características essenciais presentes nas diferentes formas de conceber uma etnografia (algumas delas já lembradas), adaptadas aqui às especificidades de meu objeto de estudo e de minhas condições de trabalho no campo. Parece-me que o resultado do trabalho aqui desenvolvido aproxima-se daquilo que Cardoso de Oliveira (2000: 29) denomina “monografias modernas”, ou seja, monografias “que priorizam um tema, por meio do qual toda sociedade ou cultura passa a ser descrita, analisada e interpretada”. O tema que permeia este trabalho, como já foi mencionado, é o da identidade étnica, analisado a partir das diferentes representações da italianidade, elaboradas e expressadas por empresários e intelectuais.

Quanto ao trabalho de campo, que será detalhado mais adiante, é importante mencionar que a observação etnográfica foi realizada em momentos distintos, segundo condições particulares do campo (devo relembrar aqui que realizei anteriormente pesquisas sobre a temática da identidade ligada à cultura da imigração italiana). Uma dessas condições particulares ao meu trabalho diz respeito à proximidade e ao convívio com os

⁵ Tal etnografia pode ser reconhecida, por exemplo, pela disposição quase canônica dos capítulos, dedicados ao território, à economia, à organização social e ao parentesco, à religião, à mitologia, à cultura e à personalidade, dentre outras características (Cardoso de Oliveira, 2000).

⁶ Para Geertz, a etnografia consiste necessariamente numa “descrição densa”. Esta envolve “uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele (etnógrafo) tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar”. (Geertz, 1989: 20). Partindo do pressuposto de que a cultura é um texto que deve ser compreendido e não decodificado, a antropologia interpretativista de Geertz resulta na compreensão de um evento. Convém lembrar que o meu trabalho não se aproxima desse modelo porque os pressupostos hermenêuticos envolvidos naquilo que Geertz chama de círculo hermenêutico, retomando Dilthey, não foram desenvolvidos por mim.

intelectuais que compõem o universo desta pesquisa. Por me sentir permanentemente no campo⁷, já que pesquisava o discurso acadêmico e extra-acadêmico de colegas de trabalho, julguei necessário estabelecer um afastamento em relação a eles (não de ordem geográfica, mas epistemológica). As observações de campo foram realizadas, sobretudo, em eventos em que havia a presença de empresários e intelectuais, e também realizei entrevistas com eles dando ênfase às suas trajetórias de vida. Nessas entrevistas, eu segui um roteiro que me ajudou a retratar a trajetória de vida de cada um dos entrevistados, deixando-os livres para que narrassem suas origens sociais, suas formações escolares, acadêmicas e suas atuações profissionais. Solicitei aos intelectuais que me contassem como iniciaram suas pesquisas e ações culturais na área da imigração italiana. Também perguntei suas opiniões sobre a produção acadêmica relacionada a tal temática, e sobre as ações culturais voltadas à recuperação da cultura da imigração italiana. Aos empresários, perguntei sobre suas atividades fora da empresa; suas relações com a Universidade de Caxias do Sul, com entidades de classe e com a atividade política. Também perguntei a eles se haviam investido na promoção de eventos ligados à recuperação da cultura da imigração italiana, bem como suas opiniões sobre esse movimento de resgate da italianidade. Para todos eles, apresentei a mesma pergunta: “a que você atribui o desenvolvimento da região?”. Enfim, as observações de campo, confrontadas com as entrevistas e com os dados obtidos por meio de fontes secundárias, possibilitaram-me compor as trajetórias dos intelectuais e dos grupos a que pertenciam, bem como as dos empresários. Vale lembrar que as entrevistas me possibilitaram também melhor compreender as explicações dos entrevistados para determinados fatos e eventos; em outras palavras, elas forneciam pistas sobre “os modelos nativos” de que falava Cardoso de Oliveira (2000).

Para analisar as trajetórias desses dois grupos, parto da crítica que Bourdieu (1996) fez à noção de história de vida. Esta tem como pressuposto que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva de um projeto, com consequências cronológicas

⁷ Sobre a proximidade e o convívio do antropólogo com seu universo de pesquisa, vale lembrar as reflexões de Gil (2006), no domínio daquilo que se tem chamado de “antropologia em casa”. Este autor refletiu sobre os limites e possibilidades do trabalho de campo nas situações em que os nativos têm acesso ao material produzido pelo antropólogo, e igualmente analisou os impactos desse acesso para ambos (antropólogos e nativos).

ordenadas. Para este autor, há uma relação de cumplicidade entre pesquisador e pesquisado em aceitar essa “criação artificial de sentido”. A crítica à “Ilusão biográfica” se refere à abordagem que propõe:

“(...) tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja única constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações”. (Bourdieu, 2000: 189,190).

Esse autor propõe a noção de trajetória, pela qual é possível reconstituir os estados sucessivos do campo no qual a história se desenrolou, e, assim, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes, envolvidos no mesmo campo.

Kofes (2001), ao estudar a trajetória de Consuelo Caiado, toma a noção de trajetória como um processo de configuração de uma experiência social singular. Diferentemente de Bourdieu, essa autora enfatiza o sujeito, pois considera as narrativas tecidas sobre Consuelo Caiado. Nesse sentido, Kofes elabora uma crítica a Bourdieu, pois este autor - ao enfrentar as oposições que cercam o conceito de história de vida nas ciências sociais (como objetividade e subjetividade, sujeito e estrutura) - cai na armadilha de se afastar de um de seus termos. Note-se, por exemplo, a importância conferida nesta passagem aos indivíduos e às suas interpretações: “as marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações e às suas existências, que não estão incorporadas na noção de agente social”. (Kofes, 2001:24).

Bourdieu, ao criticar a “criação artificial de sentido” (explicar uma vida sem outra vinculação a não ser ao próprio sujeito), enfatiza a estrutura (espaço) que permite, ao pesquisador, analisar os estados sucessivos do campo em que a trajetória se desenvolveu. Da mesma forma, ele põe em evidência as relações que unem esse agente a outros do mesmo campo, em detrimento do sujeito e da temporalidade vivida pelo mesmo.

Partindo da crítica de Bourdieu à “criação artificial de sentido”, proponho-me a trabalhar com a noção de trajetória, levando em consideração os deslocamentos de posições dos sujeitos, num campo, em relação a outros dentro do mesmo. Esses deslocamentos de posições serão explicados por meio da análise da configuração das redes de relações.

Porém, concordo também com a crítica que faz Kofes à noção de trajetória em Bourdieu, por não incorporar a subjetividade. Parece-me que as redes se constroem dentro de campos distintos, e às vezes entre campos distintos.

Sendo assim, utilizo a noção de trajetória dando ênfase aos deslocamentos de posições ocupadas pelos agentes dentro de um campo de conhecimento específico, em que se configuram os estudos sobre imigração italiana. Porém, retenho as idéias de temporalidade e de sujeito, pois penso que as trajetórias são construídas considerando as próprias visões dos agentes em relação ao sentido que eles dão aos seus deslocamentos.

Da mesma forma, enfatizo “as marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações” quando analiso as trajetórias dos empresários. As trajetórias são construídas levando-se em conta as representações sobre elas, representações que as tornam modelos exemplares (pelos próprios sujeitos, e pelos diferentes agentes). Desse modo, essas “interpretações” dos sujeitos, e de quem escreve sobre esses sujeitos, têm aqui um valor importante para entendermos algumas representações, tais como a de “herói civilizador”, “empreendedor”, “pioneiro”, etc.

A noção de trajetória possibilita estabelecer vínculos com a história social da região. Nesse sentido, proponho-me a trabalhar com as trajetórias dos intelectuais e empresários, tentando cruzá-las com a história social, tal como fez Elias (1995), ao estudar a biografia de Mozart.

Trabalho de Campo

Iniciei meu trabalho de campo no segundo semestre de 2000, quando retornei a Caxias do Sul, depois de um ano e meio em Campinas, cumprindo os créditos do doutorado na Unicamp. Comecei atualizando o levantamento da produção dos intelectuais ligada aos estudos de imigração da Região Colonial Italiana. Esses intelectuais tinham, em sua maior parte, formação em filosofia, história e letras, e eram professores da Universidade de Caxias do Sul. A partir desse levantamento, pude ter uma visão geral do período de maior produção sobre o tema, assim como dos autores mais expressivos em relação à circulação,

publicação e quantidade das obras. Após a leitura de algumas delas, de artigos e anais de congressos, comecei a esboçar os debates que aconteceram nos anos 1970 e 80 sobre a temática. Dessa forma, pude identificar grupos de intelectuais que se articulavam para produzir obras, realizar seminários, desenvolver projetos de pesquisa e também atuar em políticas culturais ligadas ao tema da imigração.

Ao retornar a Caxias, fiz uma assinatura do *Pioneiro*, jornal local de maior circulação na região. Acompanhei então diariamente notícias sobre a vida dos dois grupos estudados, na interpretação dos meios de comunicação locais.

Antes de começar a entrevistar os intelectuais, tive acesso às entrevistas que diversos professores da Universidade de Caxias do Sul concederam aos coordenadores do Projeto “História da Universidade” do Departamento de História e Geografia da UCS. Essas entrevistas serviram de fonte complementar para a escolha dos entrevistados, para redigir o roteiro de entrevista e, posteriormente, para a própria descrição das trajetórias dos grupos de intelectuais ligados à temática da imigração.

Menciono também o meu próprio envolvimento neste grupo, em razão das minhas atividades de ensino e pesquisa na Universidade de Caxias do Sul, que se iniciaram em 1994 e permaneceram em suspenso durante o período de realização do doutorado. Entre os anos de 1995 a 1998, acompanhei a produção acadêmica desses intelectuais e também os debates realizados sobre o tema, seja na universidade, seja na secretaria de cultura do município. Observei alguns casos de intelectuais que atuavam como professores da universidade e que estavam, ao mesmo tempo, envolvidos em atividades ligadas à política cultural do município.

O primeiro intelectual com quem entrei em contato não se dispôs a realizar a entrevista, justificando-se pelo fato de estar afastado do tema. Inicialmente, entrevistei seis intelectuais; dentre eles, cinco professores da UCS. Todos se dispuseram a realizar entrevistas, feitas nos seus locais de trabalho, com exceção de duas professoras que entrevistei em suas casas. As entrevistas levaram em média 90 minutos, realizadas, em sua maior parte, em um único encontro. Após a realização dessas entrevistas, escrevi um relatório de campo, que apresentei em julho de 2001 a colegas do Seminário de Tese do doutorado (na área Itinerários Intelectuais e Etnografia do Saber), coordenado então pela profa. Suely Kofes, tendo como debatedor o prof. John Monteiro.

Ao retornar ao campo, voltei a entrevistar dois professores da UCS, já anteriormente entrevistados, em razão de questões novas que os dados requeriam, fato que me ajudou a seguir a rede de relações de cada entrevistado.

Como já afirmei, alguns professores da UCS ligados à temática da imigração atuavam também como produtores culturais, na secretaria de cultura do município, ou em eventos culturais. Por isso, entrevistei quatro produtores culturais ligados à Secretaria de Cultura do município de Caxias do Sul. Dentre eles, dois atuavam no Departamento de Memória e Patrimônio Cultural dessa secretaria (um deles foi professor da UCS e o outro é atualmente professor dessa universidade). Também por meio dessas entrevistas, pude investigar as políticas culturais praticadas no município nas décadas de 1970 e 80.

Realizei igualmente duas entrevistas com presidentes de duas Associações Italianas existentes em Caxias do Sul. Meu intuito era investigar as programações realizadas para os seus associados, (descendentes de italianos), e os vínculos que essas associações estabelecem com o governo italiano.

No segundo semestre de 2001, ainda com o trabalho de campo com os intelectuais por terminar, comecei a mapear o grupo dos empresários que pretendia entrevistar. Para tanto, utilizei como fonte complementar os resultados de uma pesquisa realizada por mim na Universidade de Caxias do Sul, sobre trajetórias de grupos empresariais (Mocellin: 1998). Nessa pesquisa, trabalhei com quatorze empresas da Região Colonial Italiana, e considerei tanto aquelas com trajetórias ascendentes quanto as de trajetórias descendentes, independentemente de seu tamanho, de sua produtividade e de seu crescimento econômico.

A partir desse estudo, comecei a esboçar algumas trajetórias de empresários a partir de dados extraídos de entrevistas realizadas para o projeto já mencionado, e igualmente a partir da literatura local sobre o tema (dados estatísticos, estudos regionais, artigos de jornais e revistas, além de materiais informativos das empresas). Eram trajetórias de empresários de primeira geração nas administrações, designadas pelos meios de comunicação e pela literatura local como trajetórias de *empreendedores e pioneiros*.

Após a elaboração dessas trajetórias, meu interesse de pesquisa se voltou para as entrevistas com empresários herdeiros que representavam a segunda, a terceira e até a quarta geração nas administrações. Em razão dos dados de campo apontarem para as relações estreitas entre empresários e intelectuais da UCS, entrevistei quatro empresários

ligados à Universidade de Caxias do Sul, todos em atividades de ensino ou ocupando cargos administrativos na Reitoria e no Conselho Diretor da universidade. Entrevistei uma única empresária em cargo de diretoria, devido ao número reduzido de mulheres em cargos dessa natureza. Realizei, pois, quinze entrevistas, sendo cinco delas em 1996, para o projeto acima mencionado.

Apenas um empresário com quem entrei em contato não se dispôs a realizar a entrevista. Porém, durante um ano mantive contato com sua secretária (assessora de marketing da empresa), na esperança de conseguir realizá-la. Nesse período, recebi todo o material informativo da empresa em minha casa, enviado pelo correio. Essa secretária se dispôs a me ajudar, justificando a impossibilidade da entrevista com o diretor por razões de “praxe”: seus diretores não concedem entrevistas a alunos de graduação e pós-graduação, mas podem fornecer material informativo de que a empresa dispõe. Cheguei a visitar essa secretária na empresa, e ela me propôs que enviasse por escrito um roteiro de perguntas para que ela o repassasse aos diretores-herdeiros das duas famílias fundadoras do grupo. Tendo-o enviado, recebi um material elaborado pela própria secretária, que tinha como fonte os informativos das empresas.

Em relação aos quinze empresários entrevistados, sempre fui bem recebida em suas empresas. Um deles me recebeu em sua casa, e, após a entrevista, fez questão de me mostrar um álbum de família. Um dos empresários, após a entrevista na empresa, convidou-me para almoçar em sua casa (um castelo de dois mil e trezentos metros quadrados, com quatro andares). É tido como cartão postal de Flores da Cunha. Faz parte de roteiros turísticos da cidade (que conta com 25091 habitantes, e é próxima a Caxias do Sul).

Alguns dos entrevistados me indagaram sobre minha origem familiar. Uma das formas de saber mais sobre minhas origens, comum nessas situações, era perguntar se eu era parente de um ex-associado da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul - em razão do sobrenome. Eu respondia que não o conhecia. Nesses momentos, eu aproveitava a conversa para me apresentar como descendente de imigrantes italianos da Região Colonial Italiana, nascida num município pequeno, um pouco afastado da região central da imigração - e que, em razão de uma estrada não acabada, comunicava-se mais com a capital do estado do que com a cidade de Caxias do Sul, mesmo sendo mais próxima desta. Com alguns empresários, senti-me à vontade para contar que meu avô também havia

sido um *pioneiro* da indústria (da erva-mate), e que até aquela data meu pai continuava trabalhando na empresa de pequeno porte da família. Geralmente, essa conversa acontecia com os empresários que haviam fundado suas próprias empresas. Devido aos compromissos dos entrevistados, sempre foi necessário marcar as entrevistas com mais ou menos um mês de antecedência. Elas eram feitas em uma única visita às empresas, com exceção de dois empresários: nestes casos, foi necessário interromper as entrevistas antes dos seus termos. As entrevistas duraram em média 90 minutos. O fato de me apresentar como professora da Universidade de Caxias do Sul facilitou o contato com os mesmos, em razão das relações estreitas entre empresários e intelectuais da UCS.

Também utilizei, como fonte secundária, entrevistas de empresários pertencentes ao Banco de Memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, de Caxias do Sul.

Em relação à utilização das fontes diversas acima citadas, é necessário fazer algumas diferenciações. Estou considerando fontes primárias aquelas colhidas por mim, através das entrevistas. Fontes secundárias são aquelas recolhidas em jornais, arquivos (biografias, memórias, documentos, entrevistas), álbuns comemorativos, estudos biográficos, estudos regionais, dentre outros. O importante é contextualizar estas fontes, na medida em que descrevo as trajetórias e as redes, demonstrando assim em que condições esses dados foram obtidos, e o que isto representa para a análise dos mesmos.

Além das entrevistas realizadas, e das fontes consultadas, participei de alguns eventos para cuja realização esses dois grupos contribuíram. Acompanhei parte da programação dos eventos que envolveram as Festas da Uva de 2002 e 2004, como também participei de seminários, lançamentos de livros e outros eventos culturais, organizados por intelectuais da UCS e da Secretaria de Cultura de Caxias do Sul.

Finalmente, em março de 2004 (quando já havia escrito o capítulo sobre os intelectuais) coordenei, juntamente com uma colega de departamento da UCS, a profa. Ramone Mincato, um projeto⁸ de pesquisa sobre a influência da Igreja Católica na formação político-cultural de elites eclesiais, políticas e intelectuais na região colonial italiana, nos períodos de 1940 a 1960, e de 1960 a 1980. Tal projeto me foi útil para acrescentar alguns dados (obtidos numa segunda entrevista que realizei com um intelectual)

⁸ MINCATO, Ramone; MOCELLIN, Maria Clara; “Igreja Católica e Formação Político-Cultural de Elites Regionais”; in: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (orgs); *Imigração e Cultura*; Caxias do Sul, EDUCS, 2007.

ao capítulo sobre os intelectuais; dados que diziam respeito à formação adquirida por eles em instituições da Igreja Católica.

Dados sobre a Região Colonial Italiana

Este trabalho se circunscreve à Região Colonial Italiana, que está localizada na encosta superior do nordeste do estado do Rio Grande do Sul, colonizada por imigrantes italianos a partir de 1875. Encontramos várias designações para esta região na historiografia sobre o tema da imigração, entre elas, Zona Colonial Italiana (Azevedo: 1975) (Herédia:1997) ou Região Colonial Italiana (Frosi e Mioranza:1975), (Giron: 1994), (Manfroí:1975), (De Boni e Costa:1979).

Em 1994, surge a designação Aglomeração Urbana do Nordeste-RS (AUNE/RS). instância de Gestão Pública Regional, criada através da Lei Estadual nº 10.335, de dezembro de 1994, é integrada pelos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Garibaldi, Farroupilha, Flores da Cunha, São Marcos, Monte Belo, Santa Teresa e Nova Pádua. Segundo Borba (2003), a AUNE é uma região urbanizada e industrializada, onde se observa, nas duas últimas décadas, um aumento da conurbação e da interdependência entre as áreas urbanas, tendentes a formar uma *aglomeração*. Borba analisou, em sua tese de doutorado, o papel da indústria na determinação de características estruturais da organização espacial da AUNE/RS. Entre suas conclusões, ressalta:

“(...) a ação constante das classes empresariais no sentido de construir um espaço urbano-regional adequado às suas atividades, que bem sucedida, vem reforçar a posição de predomínio (na produção/mercado) e liderança (na ação política) desse segmento na sociedade regional. As características distintivas da AUNE, e que fundamentam a identidade regional, resultam em grande medida dessa atuação”. (Borba, 2003:10)

Considerando as características de *aglomeração* entre alguns municípios da Região Colonial Italiana, opto por utilizar esta designação, que me parece mais ampla. Procedo assim levando em conta os trabalhos que delimitam esta área segundo interesses de

pesquisas voltados para os estudos culturais: como exemplo, cito os estudos sobre dialetologia com grupos étnico-lingüísticos mistos (Frosi e Mioranza: 1975), e também aqueles sobre os processos de aculturação e assimilação em meio a uma comunidade ítalo-brasileira (Azevedo:1975).

Sobre o processo de colonização no sul do país, decorrente da política migratória vigente entre o período imperial e o republicano, encontram-se inúmeros trabalhos já realizados; dentre eles, Manfroi (1975), Azevedo (1975), Ianni (1972), Giron (1994) e Herédia (1997). Neles, apresentam-se as preocupações oficiais em colonizar as terras devolutas do sul do país, povoando e ocupando o território, e criando núcleos destinados a produzir gêneros para o mercado interno e, posteriormente, o externo.

Na época da imigração italiana, o Rio Grande do Sul era constituído demográfica, econômica e socialmente pela Campanha Meridional, região de pecuária. Apesar do notório desenvolvimento econômico que a agricultura atingiu nas colônias de origem alemãs, a pecuária era ainda atividade predominante (Manfroi, 1975).

Segundo Manfroi, a população luso-brasileira se estabeleceu, de preferência, na capital e na campanha meridional. O Território das Missões, como os Campos de Cima da Serra, foram também ocupados por essa população, cuja principal atividade era a criação de gado. A colonização alemã ocupou a planície dos vales do rio Caí e do rio dos Sinos. A parte superior da Encosta da Serra, situada entre os Campos de Cima da Serra (ao norte), e as colônias alemãs (ao sul), encontrava-se deserta em 1870; e é justamente esta área que, em 1869, o governo provincial decide colonizar (Manfroi, 1975).⁹

Thales de Azevedo (1975) refere-se aos municípios que nasceram e se formaram com os italianos e seus descendentes: Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Bento

⁹ Devido ao fracasso da política colonizadora exercida pelo Governo Provincial do Rio Grande do Sul, (Herédia, 1997) e (Manfroi, 1975), houve uma retomada da colonização pelo Governo Imperial. Este promoveu o povoamento das colônias Conde d'Eu e Dona Isabel, fundadas em 1969 pelo governo provincial. Em 1875, o Governo Imperial funda uma nova colônia chamada Fundos de Nova Palmira, rebatizada em 1877 como Colônia Caxias, que se tornou, posteriormente, o centro da colonização italiana. Em 1877, o governo fundou a colônia de Silveira Martins, formando, com esta última, os quatro centros principais da colonização italiana. A expansão da colonização italiana efetuou-se na periferia das antigas colônias, tomando direções cada vez mais amplas e distantes. Assim foi a fundação das Colônias de Alfredo Chaves, Nova Prata, Nova Bassano, Antônio Prado e Guaporé, marcando a primeira etapa dessa expansão. Posteriormente, essa onda expansionista prosseguiu rumo às regiões florestais dos municípios de Passo Fundo e Lagoa Vermelha. A irradiação italiana atingiu a margem meridional do Planalto e, a leste, alcançou os Aparados da Serra. Depois de ter ocupado as últimas reservas florestais do vale do Uruguai, estendeu-se pelo oeste catarinense e pelo sudoeste paranaense (Manfroi, 1975).

Gonçalves, Flores da Cunha, Antônio Prado, Veranópolis, Nova Prata, Encantado e Guaporé; que constituíam a chamada Zona Colonial Italiana no Rio Grande do Sul.

Os contatos comerciais dessa região ocorria com a Província, com o Alto da Serra, de cultura luso-brasileira; e com diferentes grupos de colonos europeus, majoritariamente com alemães. Nos primeiros anos, porém, os imigrantes mantinham contatos mínimos e episódicos com esses grupos. Eles se tornariam mais frequentes com o desenvolvimento do comércio dos produtos agrícolas das colônias¹⁰.

Na historiografia sobre o tema da industrialização da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, alguns autores (Giron: 1994; Herédia: 1997; Machado, 2001; Singer, 1977) apontam para o papel importante do comércio na expansão econômica da região. Segundo Herédia:

“(....) à medida que os colonos imigrantes deixaram de produzir apenas para a subsistência, e passaram a produzir excedente de produtos agrícolas, transformaram a agricultura colonial em um dos elementos formadores do capital comercial, possibilitando, através desta acumulação, novos investimentos direcionados à indústria”. (Herédia, 1997:59).

Giron (1977) constatou que as quinze maiores indústrias da região tiveram como origem casas comerciais, seu capital comercial tendo sido aplicado na produção industrial. Herédia (1997), citando Singer (1977), afirma que, passada a fase inicial de desmatamento e de agricultura de subsistência, produziram-se através da agricultura excedentes que levaram a uma “agricultura comercial”, especializada na produção de gêneros alimentícios, dirigida ao mercado local, regional e, mais tarde, nacional.

Os imigrantes italianos iniciaram sua vida comercial e industrial com os alemães, já que estes últimos estavam instalados em zonas mais próximas do mercado consumidor (zonas que funcionavam como escoamento dos produtos dos imigrantes italianos).

“Do interior da zona colonial, a produção agrícola descia até o porto fluvial de São João de Montenegro, para daí seguir pelo Rio Caí até Porto Alegre.

¹⁰ Vale lembrar que na colonização do Rio Grande do Sul prevaleceu a pequena propriedade. Os imigrantes italianos viviam em lotes coloniais que variavam entre 25 e 30 hectares, adquiridos mediante subsídios do governo, tendo como prazo de pagamento cinco anos. (De Boni e Costa, 1994).

Os canais de comércio já estavam delineados pelos alemães, e os italianos puderam colocar seu excedente econômico sem grandes problemas, visto que através do trabalho dos pequenos agricultores ocorria uma segura fonte de acumulação”. (Herédia: 1997:57,58).

Paul Singer (1977), ao analisar a relação do grande comerciante com a expansão da agricultura comercial, com a criação das agro-indústrias, com o desenvolvimento industrial em Porto Alegre e com a urbanização da cidade, narra a história de uma das “mais importantes dinastias econômicas germano-rio-grandenses”.

“Franz Trein funda, em 1847, uma casa comercial em São Leopoldo e, em 1869, abre uma sucursal em Caí, a qual cede ao seu filho Christian J. Trein em 1876. Ele se associa durante algum tempo a seu cunhado Henrique Ritter Filho, e a seus genros A. J. Renner e Frederico Mentz.

Mentz assume a direção da firma, estabelece uma sucursal na colônia italiana de Caxias e transfere a sede da firma para Porto Alegre, duas medidas de extrema importância: a primeira reconhecendo a importância do mercado da colonização italiana, a segunda confirmando que o centro comercial de toda zona colonial reside em Porto Alegre(....)”. (Singer, 1977:165).

Este caso confirma as relações comerciais entre as colônias alemãs e italianas, bem como o domínio do comerciante alemão, que prevaleceu até o início do século XX. É por volta das décadas de 1930, e mais intensamente de 1940 e 1950, que começa a haver uma intensificação do comércio na região, com o desenvolvimento da agricultura local. Os anos 1970 são marcados por um crescimento industrial da região. Caxias do Sul teve sua participação nessa economia aumentada durante a década de 1970, tanto em termos do valor de produção, quanto no que diz respeito ao número de estabelecimentos (Bandeira e Grundling, 1988: 66,7).

Segundo Herédia (1997: 74,5), na década de 1950, e no início dos anos 1960, amplia-se o número de indústrias dessa região, em especial no setor de transformação, acelerando o crescimento econômico decorrente da política desenvolvimentista adotada no país, havendo logo em seguida a alteração do modelo econômico, caracterizado pela intervenção de capital estrangeiro. Segundo a autora, a alternativa que restou aos industriais

foi a de se unirem ao capital estrangeiro, para a expansão da produção através de tecnologias modernas importadas.

Herédia (1997) demonstra a variedade e a especificidade das indústrias sediadas em Caxias do Sul, bem como o seu crescimento no decorrer no século passado. Ao final, conclui que Caxias do Sul apresenta, em sua evolução econômica, uma indústria de traços tradicionais, tais como a vinícola, a tritícola, a de alimentos, de madeira e têxtil, e uma indústria de perfil moderno, como a mecânica, a metalúrgica, a elétrica e a de transportes.¹¹

Borba (2003) argumenta que, na região da Aglomeração Urbana do Nordeste (AUNE/RS), houve um esforço notável para implementar estratégias de desenvolvimento do parque industrial. Nos anos 1970 e 80, o empresariado se empenhou na consolidação do pólo metal-mecânico, na melhoria da infra-estrutura viária e na definição de áreas funcionais industriais. Já nos anos 1980 e 90, os esforços se concentraram na implementação de centros tecnológicos e de capacitação de mão-de-obra, como o Centro Tecnológico do Mobiliário (CETEMO/SENAI)¹², em Bento Gonçalves, e o Centro Tecnológico de Mecatrônica (CTM/Senai)¹³, em Caxias do Sul.

Para essa autora, a Universidade de Caxias do Sul é a peça mais importante desse sistema regional de centros produtores de conhecimento e tecnologia. Outro exemplo que a autora vê como parte dessas “estratégias de conjunto” é o das feiras regionais, como a Festa da Uva, em Caxias do Sul (será detalhada no cap. 3), e a Feira Internacional de Máquinas, Matérias Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira (FIMMA), de Bento Gonçalves.

No que diz respeito à evolução da economia da Aglomeração Urbana do Nordeste, tomando quatro momentos importantes – 1985/ 90/ 96/ 99 –, Borba (2003) demonstra que houve um crescimento do setor de Serviços nos municípios mais industrializados da

¹¹ Da mesma forma, o relatório executivo sobre a Aglomeração Urbana do Nordeste-RS, que compreende alguns municípios limítrofes pertencentes à Região Colonial Italiana, aponta que inicialmente predominavam nesta região as indústrias de beneficiamento, como as alimentares, de bebidas e da madeira. A partir da década de 1970, o perfil do setor secundário se modificou com o aumento da participação das indústrias de transformação. Hoje a Aglomeração Urbana do Nordeste-RS tornou-se um importante pólo metal-mecânico, com destaque para as indústrias metalúrgicas, mecânicas, de material elétrico e de comunicação (Relatório Executivo - Aglomeração Urbana do Nordeste-RS, 1996).

¹² O CETEMO é um centro especializado em formação profissional, assistência técnica e tecnológica, em pesquisa aplicada e em serviços de consulta e informações à indústria moveleira.

¹³ O CTM apóia as indústrias na realização de transformações tecnológicas, com a utilização de máquinas, ferramentas de comando numérico, controladores lógicos programáveis, robôs industriais, computação gráfica, etc. Para tanto, possui um laboratório para desenvolvimento de sistemas autônomos de produção, e também faz treinamento, qualificação, pesquisa e assistência técnica.

AUNE, e uma queda relativa do setor Industrial. Porém, a autora afirma que, em 1999, a AUNE continuava sendo mais industrializada que o Rio Grande do Sul como um todo, pois nesse ano o setor industrial representava 54,95% da economia da AUNE; na gaúcha, somente 37,05%.

Caxias do Sul é a cidade com maior número de habitantes da região, e é nela que se concentra o maior número das empresas do pólo metal-mecânico. Segundo o Censo do IBGE-2000, sua população contava, naquele ano, 360.419 habitantes; aumentando, em 2002, para 373.923; e em 2006, para 415.015, conforme os dados do resumo estatístico dos municípios gaúchos da Fundação de Economia e Estatística do RS. Igualmente, demonstra o desenvolvimento sócio-econômico de Caxias do Sul o fato da cidade possuir a maior instituição de ensino superior da região, a Universidade de Caxias do Sul.

Essa universidade foi criada em 1967, e sucedeu à “Associação Universidade de Caxias do Sul”, que fora criada um ano antes, e reunia as entidades mantenedoras das Faculdades de Ciências Econômicas, de Filosofia, de Direito, além das Escolas de Enfermagem e de Belas Artes.

Segundo a publicação do Centro de Documentação Histórica¹⁴, as áreas de arte, saúde, educação e direito foram consideradas prioritárias para os caxienses na década de 1950. Nesta década, existiam em Caxias do Sul escolas e faculdades que constituíram o embrião da UCS. São elas:

- Escola Municipal de Belas Artes, criada em 1949 e mantida pela Prefeitura Municipal, com apoio do Governo do Estado. Nela funcionavam os cursos de Música, Artes Plásticas e Pintura.

- Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, criada em 1954 e mantida pela Sociedade Criativo-Literária São José. Começou a funcionar efetivamente em 1957.

- Mantida pela Mitra Diocesana, a Faculdade de Ciências Econômicas, que surge em 1957 e inicia suas atividades em 1959.

- Faculdade de Filosofia, que abrigava os cursos de Pedagogia, Filosofia, História e Letras Neo-Latinas, instalados em 1959 e mantidos pela Mitra Diocesana.

¹⁴ GIRON, Loraine Slomp. Projeto *UCS – 25 Anos de História*. Instituto Memória Histórico Cultural/ Centro de Documentação Histórica. Universidade de Caxias do Sul. s/d.

- Faculdade de Direito, fundada pela Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima em 1959.

Estas cinco escolas e faculdades funcionavam separadamente, até que, em agosto de 1966, uniram-se constituindo a Associação Universidade de Caxias do Sul, com participação das mantenedoras dos cursos superiores ministrados em Caxias do Sul. Em 10 de fevereiro de 1967, o Presidente Castelo Branco assinou o decreto número 60.200, autorizando a constituição da Universidade de Caxias do Sul (UCS), que decorria então da Associação criada em 1966.

A UCS é uma instituição de ensino constituída sob a forma de uma fundação, a Fundação Universidade de Caxias do Sul (FUCS); entidade jurídica de direito privado, instituída em 1974. Essa Fundação tem por finalidade a manutenção da universidade. São conselhos da FUCS: o Conselho Curador e o Conselho Diretor.

O Conselho Diretor é quem escolhe o Reitor e o Vice-Reitor da UCS. Até 2002, o reitor acumulava os cargos de reitor e presidente da FUCS. A partir de então, os dirigentes da FUCS (presidente e vice) foram eleitos em reunião pelos nove integrantes do Conselho Diretor da FUCS. Tal Conselho é assim constituído: um representante da UCS (Reitor), um representante da Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima, um representante da Mitra Diocesana de Caxias do Sul, um representante da Prefeitura de Caxias do Sul, um representante do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, dois representantes da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul, e dois representantes do Ministério da Educação.

A partir dos anos 1990, essa universidade foi reestruturada, transformando-se em universidade regional integrada a três campi (contando com o campus sede em Caxias do Sul) e seis núcleos. Sua proposta a partir de então é a de oferecer atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio de programas acadêmicos e de prestação de serviços voltados às comunidades dos municípios de sua abrangência. Atualmente, a universidade possui 37.841 alunos espalhados pelos seus campi e núcleos, abrangendo um total de 70 municípios que se localizam além da Região Colonial Italiana.

Apresentação da Tese em Capítulos

A tese se apresenta em três capítulos. No primeiro, tratarei de demonstrar como se constituiu um campo específico de conhecimento sobre os estudos de imigração italiana no Rio Grande do Sul, especialmente a partir dos anos 1970. Tal campo envolveu diferentes grupos de pesquisadores sobre o tema da imigração, com diferentes influências teóricas e interpretações do processo migratório. Investiguei as trajetórias desses grupos distintos, e enfatizei que eles se configuravam em grupos de interesses, a partir de uma agenda de estudos na área da imigração italiana. Também esses grupos se articulavam por meio de uma rede de relações sociais em que se cruzavam diferentes agentes, instituições, agências financiadoras, interesses regionais; relações internacionais, pessoais, de parentesco, religiosas, dentre outras. Para demonstrar como as trajetórias desses intelectuais estavam inseridas em tal rede de relações sociais, iniciei o capítulo mapeando os debates sobre a imigração italiana e, ao mesmo tempo, os diferentes grupos que se constituíram em torno dos debates e da agenda de estudos nessa área. Em alguns casos, descrevi trajetórias acadêmicas em separado, porém procurei relacioná-las aos distintos grupos, agências financeiras, instituições e interesses regionais. Por fim, tratei das diferentes noções de italianidade produzidas por tais grupos de pesquisadores, bem como tentei expor as principais influências teóricas que orientaram as pesquisas desses intelectuais.

No capítulo 2, descrevi sete trajetórias de empresários, que representam os três tipos por mim identificados: os fundadores das empresas (aqueles comparados à figura de um herói civilizador), os herdeiros, e aqueles ligados a um conhecimento técnico (estrangeiro-integrados à sociedade local). Ao descrever essas trajetórias, pretendi demonstrar como elas foram marcadas pelo esforço dos empresários para aglutinar esforços em vários campos, entre eles o empresarial, o político, o acadêmico e o cultural. Enfim, as atividades dos empresários não se limitavam ao campo empresarial. À medida que descrevi essas trajetórias, busquei estabelecer vínculos destas com a história da cidade e da região. Por isso, analisei algumas instituições de classe em que empresários assumiram cargos, bem como tentei descrever os vários tipos de relações estabelecidos por eles com vários segmentos, instituições e agentes da sociedade. Em especial, descrevi algumas trajetórias de

empresários que mantinham vínculos com a UCS, estabelecidos por atividades desenvolvidas na mesma; dentre elas a de professor, reitor ou membro do Conselho Diretor da FUCS. Minha intenção foi a de demonstrar algumas relações (colaborações) entre empresários e intelectuais em atividades desenvolvidas na UCS, especialmente aquelas ligadas às estratégias de desenvolvimento regional.

No capítulo 3, meu propósito foi o de relacionar os dois grupos: empresários e intelectuais, a partir das representações da italianidade. Para tanto, num primeiro momento, tratei das diferentes interpretações dos intelectuais sobre o processo imigratório, a partir das noções de memória e de trabalho. Procurei expor distinções entre os empresários e os intelectuais no que tange à forma como expressavam a italianidade, apesar de partilharem um mesmo tipo de sentimento de pertencimento grupal. Tentei compreender o sentido da produção acadêmica e das ações culturais dos intelectuais que tinham propósitos de valorização de um grupo étnico, e também procurei interpretar uma representação recorrente no discurso dos empresários: o trabalho como distinção étnica.

Para demonstrar as relações entre empresários e intelectuais, tomei como exemplo alguns eventos e projetos em que intelectuais e empresários atuavam em conjunto, e que tinham como objetivo a promoção do desenvolvimento regional e da italianidade – coisas que, em meu modo de ver, sempre estiveram relacionadas. Para realizar essa tarefa, tomei a UCS como uma instância privilegiada de uma rede de relações que unia empresários e intelectuais na construção da italianidade. Por fim, tentei aproximá-los da concepção de intelectuais orgânicos, de Gramsci.

CAPÍTULO I

Redes e Trajetórias de Intelectuais: a constituição de um campo de conhecimento ligado aos estudos de imigração italiana no Rio Grande do Sul

Diante da vasta literatura produzida a partir dos anos 1970 sobre o tema da imigração italiana na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, dos debates realizados sobre esta temática, bem como da formação de grupos de pesquisadores ligados a esse tema, constata-se a constituição de um campo de conhecimento sobre os estudos de imigração italiana.

Neste capítulo, tenho como propósito investigar o processo de produção no qual essa literatura está inserida. Pretendo demonstrar como se formaram os grupos de intelectuais locais articulados em razão desses debates e de interesses regionais ligados a grupos de pesquisa, políticas de preservação e publicações. Essas atividades envolviam contatos com intelectuais de outras instituições, fora e dentro do Estado, e em especial com intelectuais italianos.

Para tanto, tratei de investigar a trajetória desses grupos de intelectuais, considerando suas obras, os órgãos financiadores de suas pesquisas, e os debates em que se inseriram, durante as décadas de 1970 e 1980. Pretendo demonstrar como esses grupos de intelectuais se articularam por meio de redes de relações, definidas por interesses comuns. Nessas redes cruzam-se instituições, agências financiadoras, relações internacionais, interesses regionais, relações pessoais e de parentesco, dentre outros.

Também, pretendo demonstrar quais as noções de italianidade que foram construídas por meio dessa produção, que está ligada a um campo de conhecimento

específico. Por fim, tentei demonstrar a filiação teórica desses intelectuais; as influências teóricas por eles recebidas.

Os Debates sobre o Tema da Imigração Italiana

A produção escrita sobre o tema da imigração italiana foi editada, em sua maior parte, pela Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS)¹⁵, em co-edição com a Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes (EST)¹⁶. Essa literatura contempla obras de diversas naturezas, tais como diários e cartas de imigrantes italianos; *Álbuns Comemorativos da Imigração*, genealogias e histórias de famílias, literatura popular; estudos históricos, sociológicos e lingüísticos, dentre outros.

Pude constatar que a partir de 1975 há uma produção significativa sobre o tema da imigração italiana. Até a década de 1970, a produção era restrita a obras de historiadores, que tratavam a colonização e a imigração no Rio Grande do Sul em seus aspectos históricos, políticos e econômicos. Tal produção pode ser encontrada em forma de verbetes de enciclopédias - como, por exemplo a *Enciclopédia Riograndense* -, em artigos no *Anuário Brasileiro de Imigração e Colonização*, na série *Fundamentos da Cultura-Riograndense*, editada esta pela gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ou ainda nos *Estudos Rio-Grandenses*, editada pela Editora da Globo.

No ano de 1950, em homenagem aos 75 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, foi publicado o segundo *Álbum Comemorativo*, onde se encontram artigos de historiadores gaúchos que tratam especificamente da imigração italiana e de sua descendência, nos seus aspectos históricos e culturais. Nas décadas de 1940, 50 e 60, encontram-se também artigos em jornais e obras de cronistas e historiadores locais que se aventuraram a narrar a história das suas cidades e de seu povoamento. É o caso do barbeiro caxiense João Spadari Adami, que publicou em 1963 a obra intitulada *História de Caxias do Sul, 1864-1962*.

¹⁵ A EDUCS foi criada em 1976 na Universidade de Caxias do Sul.

¹⁶ Mais adiante trataremos da história dessa editora.

A produção escrita por intelectuais da Universidade de Caxias do Sul, sobre a imigração italiana e seus descendentes, iniciou-se na década de 1970. Em 1975, em função das comemorações do Biênio da Colonização e Imigração, foi realizado o Concurso de Monografias sobre Imigração Italiana do Certame de Letras, patrocinado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Três obras premiadas no concurso marcam essa nova fase, a dos estudos de caráter científico, em oposição àqueles escritos até então por cronistas e historiadores locais. O primeiro prêmio foi para a obra do antropólogo Thales de Azevedo, intitulada *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Ela foi publicada em 1975, em Porto Alegre, pelo Instituto Estadual do Livro. O segundo prêmio foi para Olívio Manfroí, que havia defendido na Sorbonne, em 1973, sua tese de doutorado. Ela foi publicada em 1975 pelo Instituto Estadual do Livro com o título *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Vitalina Frosi e Ciro Mioranza receberam menção honrosa pela obra intitulada *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*, publicada em 1975 pela editora Movimento.

A década de 1970 foi marcada por uma significativa produção sobre o tema da imigração italiana e seus desdobramentos. São obras produzidas por intelectuais locais de ascendência italiana, que tratam dos aspectos históricos, culturais, econômicos e lingüísticos da imigração.

Em homenagem aos cem anos de imigração italiana, foi publicado em 1975 o terceiro *Álbum Comemorativo*. Nele encontram-se depoimentos de políticos e intelectuais gaúchos que exaltam as contribuições da presença italiana no estado do Rio Grande do Sul, destacando-se também as histórias de pioneiros italianos que tiveram trajetórias bem sucedidas no comércio, na indústria e na política local.

Também no ano de 1975 acontece o Iº Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Em 1976 se realizou o segundo. Ambos aconteceram na cidade de Caxias do Sul. O primeiro evento foi promovido por vários grupos e instituições, destacando-se aí o historiador da PUCRS, Dante Laytano, integrante da Subcomissão de Assuntos Históricos e Culturais, órgão da Comissão do Biênio da Colonização e Imigração, criada durante o governo estadual do caxiense Euclides Triches. Associou-se à organização do evento a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que articulou a vinda de professores conferencistas

como Octávio Ianni, José de Souza Martins, Eunice Ribeiro, Lucy Maffei Hutter, e José Ribeiro de Almeida Santos Neto.

A Universidade de Caxias do Sul, por meio do Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudo e Pesquisas (ISBIEP), organizou os trabalhos e apresentou a produção local sobre o tema. Esta se constituía de trabalhos de pesquisadores e professores como Ciro Mioranza, Cleudes M. Piazza Julio Ribeiro, José Clemente Pozenato, Loraine Slomp Giron, Luis A. De Boni, Olívio Manfroí, Rovílio Costa, Vitalina M. Frosi, dentre outros. O Fórum contou também com a participação do prof. Thales de Azevedo, que havia publicado naquele ano a obra *Italianos e Gaúchos*.

Esse Fórum abriu novas perspectivas para o estudo da imigração italiana, especialmente para os intelectuais vinculados à Universidade de Caxias do Sul, que se articulavam em grupos distintos, dentro e fora da UCS, para desenvolver pesquisas e publicar suas obras.

Cabe destacar que o ISBIEP-UCS promoveu o segundo Fórum no ano de 1976. Disso resultou a publicação conjunta, em 1979, de seus anais I e II, intitulada *Imigração Italiana: Estudos*, em co-edição com a Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes (EST). O ISBIEP promoveu nos anos subseqüentes o terceiro e quarto Fóruns, porém não houve publicação dos anais.

O debate sobre o tema da imigração italiana, apesar de algumas lacunas, continuou com os simpósios *A Presença Italiana no Brasil*. Em 1985 foi realizado o primeiro na USP, organizado por Luis Alberto De Boni, com o apoio da Fondazione Giovanni Agnelli, que financiou o evento e a publicação dos anais. Os trabalhos apresentados nesse simpósio foram publicados no livro *A Presença Italiana no Brasil*, em 1987. O segundo simpósio realizou-se em Vitória, Espírito Santo, em 1988, reunindo pesquisadores de vários estados brasileiros. Os anais foram publicados em 1990, no livro *A Presença Italiana no Brasil, vol. II*. Previsto para 1990, o terceiro simpósio não aconteceu, porém os trabalhos que lá seriam apresentados foram publicados em 1995, na obra *A Presença Italiana no Brasil, volume III*. Em 1996 realizou-se em Caxias do Sul o *Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e o IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Seus anais foram publicados em 1999, pela EDUCS.

A propósito dos debates sobre imigração italiana, formaram-se grupos de intelectuais que produziram pesquisas sobre este tema. Em alguns casos, tais grupos atuaram também como produtores culturais.

Esses diferentes grupos de intelectuais, que se formaram em torno dos debates do centenário da imigração italiana, pertencem a uma mesma geração de pesquisadores, e partilham de um mesmo interesse de pesquisa que valorizava um tema até então inexistente. Desse envolvimento comum resultou uma vasta literatura sobre a temática da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Até hoje, ela constituiu um campo de conhecimento específico.

Os Grupos de Intelectuais Formados em torno dos Debates

Durante o trabalho de campo, eu me indagava sobre o que eram esses grupos de intelectuais que se articulavam a partir dos debates sobre o tema da imigração italiana. Quais eram as instituições que financiaram essas pesquisas, obras e fóruns de debates? Quais foram as principais áreas trabalhadas e objetos de estudos? E, finalmente, quais foram os debates travados entre eles, no que diz respeito à noção de italianidade?

A partir da classificação das obras, por ano e autor, e considerando os debates sobre imigração italiana, defini, como primeiros entrevistados, aqueles intelectuais de produção mais expressiva sobre esse tema.

Em relação aos intelectuais locais que estão, ou já foram, de alguma forma, ligados à Universidade de Caxias do Sul, constatei grupos diferenciados em função de interesses de pesquisa, em especial em função dos financiamentos de pesquisa por instituições nacionais e internacionais.

Pelo que observei em campo, e pelo que constatei na literatura sobre o tema, o primeiro grupo que surgiu na Universidade de Caxias do Sul, com objetivos de realizar estudos na área da imigração italiana, foi criado um ano antes do Centenário da Imigração Italiana, ocorrido este em 1975. É o Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas (ISBIEP). Quem coordenava este instituto era Ciro Mioranza; na época,

professor da Universidade de Caxias, ligado ao Departamento de Letras, e especializado em dialetologia na Itália. Esse instituto nasceu de um convênio com um instituto italiano de Florença, chamado IVRAL, Istituto Veneto per i Rapporti com l'America Latina (também chamado de Istituto delle Province Venete). O ISBIEP, segundo um dos meus entrevistados Clemente Pozenato (que participou da sua organização), foi criado para ser um interlocutor no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, desse instituto italiano, o IVRAL. Havia, por parte deste instituto italiano, o interesse de conhecer o processo de imigração italiana no Brasil, do ponto de vista lingüístico. Em decorrência de uma crise no IVRAL, o ISBIEP foi desativado em 1978.

Os primeiros estudos sobre dialetologia foram realizados em conjunto por dois professores do ISBIEP, Vitalina Frosi e Ciro Mioranza. A obra intitulada *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*, escrita por estes autores, foi publicada em 1975 e obteve menção honrosa no concurso de monografias sobre Imigração Italiana (já mencionado). Ele faz parte do conjunto dos estudos sobre imigração italiana considerados de *caráter científico*, produzidos nos anos 1970. Essa obra trata dos processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira, contextualizando sua situação político-econômica, bem como a divisão geo-política-administrativa do norte da Itália. Aborda as correntes migratórias do norte da Itália, a distribuição geográfica dos imigrantes e a formação de comunidades na Região Colonial Italiana.

A importância desse livro se deve ao fato dele ser a primeira obra de produção local dedicada ao estudo dos dialetos italianos. Ele mostra que na Região Colonial Italiana predominavam grupos étnico-lingüísticos mistos, falando não um dialeto puro, mas uma soma de características dialetais de origens distintas, ou seja, um supradialeto, uma coiné. Nessa obra, a coiné se define como uma mescla dos dialetos vênets mais representativos, com influências lombardas mais ou menos acentuadas, segundo a maior ou menor presença de falantes de descendência lombarda. Os autores concluem que, no início, a comunidade italiana do nordeste do Rio Grande do Sul se apresentava como pluridialeto, e que hoje, o fato lingüístico predominante é o bilingüismo – neste caso, contatos da língua portuguesa com a coiné de tipo italiano.

Em 1983, Vitalina Frosi e Ciro Mioranza publicam, *Dialetos Italianos*, pela editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS). Nessa obra, eles apresentam um mapeamento

da Região Colonial Italiana segundo dados etnográficos, geográficos, históricos e econômicos de 82 distritos. Os autores evidenciam os fatores extralingüísticos que tiveram influência no cruzamento dialetal; analisam o processo evolutivo dos dialetos italianos, que culmina com a formação da coiné, e destacam os elementos extralingüísticos que atuaram na preservação das ilhas dialetais ainda vigentes.¹⁷

O Projeto ECIRS e seus Idealizadores

Concomitante ao ISBIEP, formava-se um outro grupo de pesquisadores vinculados ao Projeto Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas do Rio Grande do Sul (ECIRS). Inicialmente ligado ao ISBIEP, ele foi criado oficialmente em 1978 com o objetivo de recuperar e valorizar a memória local entre os imigrantes e descendentes de italianos. Para tanto, esse grupo realizou um vasto levantamento de dados sobre os elementos culturais das antigas colônias. Tal registro da memória foi colhido através de depoimentos, fotografias (que resultaram em exposições fotográficas), vídeos e publicações.

Esse projeto teve como mentores os professores do Departamento de Letras da UCS, Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro e José Clemente Posenato. Em função desse projeto, ainda que a maioria de seus participantes viesse da área de letras, criou-se uma equipe interdisciplinar de intelectuais. Sua diferença com o ISBIEP era a seguinte: seus interesses de pesquisa não estavam mais voltados aos estudos de dialetologia, e sim aos estudos culturais, de cunho antropológico, como seus próprios mentores os definem. O projeto ECIRS continua até hoje, e é o projeto de pesquisa mais antigo da UCS.

Cleodes M. P. J. Ribeiro¹⁸ tem 68 anos. Filha de descendentes de imigrantes italianos do meio rural, ela nasceu em Nova Milano, distrito de Farroupilha, próximo a

¹⁷ Cabe lembrar que atualmente alguns intelectuais e produtores culturais propõem o estudo do *italian* como língua e não como um dialeto. Por isso, propõem seu ensino nas escolas, considerando que o termo “dialeto” possui uma conotação pejorativa. Ver Julio Posenato (1999).

¹⁸ Além da entrevista realizada por mim com Cleodes M. P. J. Ribeiro em 2001, utilizei como dado complementar a entrevista de Cleodes realizada pelas professoras Loriane Slomp Giron e Heloísa Eberle Bergamaschi em 1989, pertencente ao Projeto “História da Universidade”, do Centro de Documentação da UCS.

Caxias do Sul no ano de 1939. Em 1951, após concluir o primário em Nova Milano, no Colégio das Irmãs de São Carlos, foi para Caxias estudar em regime de internato no Colégio São José, onde permaneceu apenas um ano. Segundo Cleodes Ribeiro, essa foi uma experiência traumática, pois ela sentia falta de sua família. Pelo relato da autora, foi nesse internato que ela descobriu o que era preconceito, na sua convivência com colegas de outras etnias, oriundas de Pelotas, Vacaria e São Sebastião do Caí¹⁹. Em 1953, foi estudar em Antônio Prado, numa escola das Irmãs de São José, em regime de externato. No ano seguinte, 1954, ela voltou a Farroupilha - as Irmãs Carlistas haviam aberto um internato -, e assim concluiu o ginásio perto de sua família. Depois disso, em 1956, Cleodes Ribeiro voltou para casa dos pais e permaneceu sem estudar durante o período de um ano. É então que ela se mudou para Bento Gonçalves, para fazer o curso de magistério na escola das Irmãs de São Carlos. Uma vez formada, em 1960, tornou-se professora primária. Durante os dois primeiros anos do magistério, ela lecionou no Sexto Batalhão Ferroviário, para filhos de sargentos, como forma de pagamento de seus estudos. Em seguida, prestou o exame vestibular para a primeira turma do curso de Letras Neo-Latinas da então Faculdade de Filosofia²⁰, em Caxias do Sul, e concluiu o curso em 1964. Durante o curso de graduação foi professora primária, e, no terceiro ano, começou a dar aulas de língua portuguesa no Colégio Estadual Cristóvão de Mendonza, em Caxias do Sul.

Na faculdade, como aluna do curso de letras, a autora se envolveu na política estudantil, tendo sido presidente do Centro Acadêmico Pio XII. Nessa mesma época, entre os anos de 1962 e 1964, participou da Juventude Universitária Católica (JUC)²¹.

¹⁹ As Congregações Carlista e das Irmãs de São José privilegiaram em seu trabalho educacional, na Região Colonial Italiana, o ensino clássico direcionado, sobretudo, às elites locais em regime de internato. A Congregação Carlista também teve atuação significativa no atendimento ao imigrante, atuando nos campos da saúde e da assistência social. Quando a entrevistada menciona as colegas do São José, está fazendo referência à elite luso-brasileira que vinha estudar em regime de internato no Colégio São José, em Caxias do Sul.

²⁰ A Faculdade de Filosofia abrigava os cursos de Pedagogia, Filosofia, História e Letras Neo-Latinas, instalados em 1959 e mantidos pela Mitra Diocesana.

²¹ Na época em que Cleodes participou da JUC, as reuniões aconteciam “*na ala esquerda do São José*”. O curso de Letras Neo-Latinas da Faculdade de Filosofia instalou-se inicialmente no Colégio São José em Caxias do Sul. Segundo Cleodes, a JUC desenvolvia dois tipos de atividades culturais: a promoção de encontros e seminários, e a promoção de eventos ligados à criação do coral da Faculdade de Filosofia. Durante o período em que foi presidente do Diretório Acadêmico, ela enfatizou o evento em que trouxe a Caxias do Sul o escritor Alceu Amoroso Lima. Segundo minha entrevistada tais atividades eram consideradas de vanguarda naquela época.

Igualmente, envolveu-se no Centro Popular de Cultura (CPC)²², época em que alfabetizava adultos na Zona do Cemitério em Caxias do Sul.

Quando terminou o curso de graduação, Cleodes Ribeiro foi indicada pela sua professora de teoria literária (uma religiosa que estava se transferindo para outra escola) para assumir esta disciplina. Não se sentindo preparada para o cargo de professora, e por intermédio desta religiosa, pediu orientação de um conterrâneo seu, Ivo Barbieri, que na época era professor de literatura na UFRJ. A autora ficou dois meses no Rio de Janeiro, sob orientação desse professor. Já professora da UCS, em 1969, ela fez o primeiro módulo do curso em lingüística na USP, em convênio com o Museu Nacional, mas os outros módulos não chegou a concluir. Em 1967 ela se casou e, mais tarde, teve dois filhos homens. Segundo Cleodes Ribeiro, seu casamento não foi bem aceito, tanto por sua família quanto pela de seu marido: ele era de descendência luso-brasileira. Segundo a autora, esse foi, na sua família, o primeiro casamento com alguém que não era descendente de italiano. Em 1972, juntamente com outros professores da universidade, ela iniciou o mestrado na PUCRS, em Teoria da Literatura, porém o interrompeu em 1973, em razão das várias atividades assumidas na universidade, entre elas a de diretora da Faculdade de Educação. Retomou o mestrado em 1976 e defendeu sua dissertação em 1978.

Nesse período, ocorreram as comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, festejado em 1975. Diferentes instituições e órgãos governamentais se envolvem na organização de várias atividades comemorativas, tal como já mencionado anteriormente. Em vários momentos da entrevista, Cleodes Ribeiro se referiu ao *clima pré-centenário da imigração italiana*. Naquele momento, havia-se estabelecido uma rede de contatos e diálogos com intelectuais de outras instituições dentro e fora do Estado, e especialmente com intelectuais italianos interessados em estudar o processo migratório no Brasil. Essa agenda de pesquisa teve influências nos pesquisadores locais. Cleodes Ribeiro relatou que, dada a saturação do tema, em 1973 ela interrompeu seu mestrado em teoria da literatura na PUCRS, no qual iria trabalhar com o tema *Simbolismo d'Água na Poesia de Cecília Meireles*. Ao retomá-lo em 1976, a autora repensou seu objeto de estudo e decidiu trabalhar com a literatura produzida por descendentes de imigrantes italianos. Escreveu

²² O Centro Popular de Cultura foi uma experiência histórica, desenvolvida no Brasil entre 1962 e 64. Funcionava junto à sede da União Nacional dos Estudantes, na Guanabara. (Ortiz, 1994).

então sua dissertação sobre a estrutura do conto, especificamente sobre a primeira obra ficcional escrita na coiné da região, intitulada *Nanetto Pipetta*. Nesse período *pré-centenário*, Cleodes Ribeiro propôs, juntamente com outra pesquisadora, Maria Elena Piazza Toniazzo, sua irmã, um projeto de estudo sobre artesanato familiar na Região Colonial Italiana. Segundo a autora, em sua família havia *excelentes artesãos*. Um dos resultados desse projeto foi a apresentação do artigo “O Artesanato Feminino na Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul”, no II Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, realizado na UCS, em 1976, com publicação dos seus anais em 1979. Enfim, foi nesse período que os temas regionais ligados à cultura local passaram a fazer parte das agendas de pesquisas locais, influenciadas por interesses de pesquisadores italianos e também de pesquisadores brasileiros de outros Estados. Segundo Cleodes Ribeiro, os pesquisadores locais, ligados à temática sobre imigração, tiveram *dupla influência*: por um lado, dos pesquisadores italianos, como Diego Carpitella, Gaetano Massa, Emilio Franzina; e, por outro, dos pesquisadores brasileiros, especialmente aqueles que colaboraram no I e II Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, como Octávio Ianni, José de Souza Martins e Eunice Ribeiro Durham.

As relações de trabalho com intelectuais italianos se estabeleceram desde a criação do ISBIEP, e continuaram com o projeto ECIRS, por meios de simpósios, publicações conjuntas e convênios de pesquisa. Os pesquisadores do projeto ECIRS mantiveram contato com vários intelectuais italianos, em sua maior parte ligados a universidades italianas, nas áreas da história, da sociologia, da antropologia, da lingüística, entre outras.

Pelo que foi descrito até aqui, pode-se afirmar que os interesses de pesquisa sobre a imigração italiana nessa região motivaram intelectuais italianos a estabelecer interlocutores locais ligados, em sua maior parte, à Universidade de Caxias do Sul. E isto é verificado também nas comunicações de intelectuais italianos proferidas nos simpósios sobre imigração. São redes que se constroem envolvendo trocas. São os casos de pesquisadores ligados à UCS, e que realizaram seus cursos de pós-graduação na Itália, ou de pesquisadores que passaram a ter acesso a arquivos e materiais de pesquisa na Itália.

Os entrevistados possuem um só discurso em relação às trocas com os intelectuais italianos. Cleodes Ribeiro afirmou tê-los recebido bem, em muitos casos colocando materiais de pesquisa à sua disposição, porém se queixou deles, afirmando que eles não

fizeram o mesmo. Após a utilização desses materiais, os italianos não colocaram à disposição dos brasileiros seus resultados de pesquisa, salvo raras exceções. Assim, mesmo que se verifiquem trocas, como demonstrei anteriormente, os entrevistados interpretam essas relações como uma *ação unilateral*. Essa queixa abrange também a forma como os intelectuais italianos interpretavam o processo de imigração. Segundo José Clemente Pozenato, *eles vinham com esperança de encontrar aqui um prolongamento da Itália; afirmavam que aqui se havia criado um novo vêneto, uma nova língua*. Outra entrevistada, Loraine Slomp Giron, não ligada a esses grupos já citados, afirmou que, nessas relações, *a Itália sempre quis vantagens econômicas*.

José Clemente Pozenato²³, outro mentor do projeto ECIRS, tem 69 anos; nasceu em São Francisco de Paula, cidade do Rio Grande do Sul localizada nos Campos de Cima da Serra. Seu pai, descendente de imigrantes italianos, nascido em Caxias do Sul, migrou com sua família para Maquiné (próxima a São Francisco de Paula) quando tinha cinco anos. Tornou-se professor primário e, segundo Pozenato, afastou-se das *origens da cultura dos imigrantes italianos*, iniciando um processo de rompimento. Em seu depoimento (1996), Pozenato relatou que seu pai brasileiro²⁴ seu nome, que era Girolamo Pozenato, tornando-se Jerônimo Pozenato. Sua mãe, nascida em Santo Antônio da Patrulha, e que dizia ter uma avó índia, era descendente de açorianos.

Aos doze anos de idade, José Clemente Pozenato foi estudar no Seminário Nossa Senhora Aparecida em Caxias do Sul²⁵. Após terminar o ensino médio, mudou-se para o Seminário Maior de Viamão²⁶, onde cursou filosofia e teologia. Segundo Pozenato, o

²³Além da entrevista realizada por mim com Pozenato, em 2001, utilizei como dado complementar a entrevista realizada pelas professoras Loraine Slomp Giron e Heloísa Eberle Bergamaschi, em 1989, pertencente ao Projeto “História da Universidade”, do Centro de Documentação da UCS. Também utilizei informações obtidas na entrevista realizada por mim e pela profa. Ramone Mincato, em 2004, no âmbito de nosso projeto de pesquisa “A Influência da Igreja Católica na formação político-cultural de elites regionais”.

²⁴Em seu depoimento, Pozenato (1996) diz que isso aconteceu quando o seu pai, aos 18 anos, foi servir no quartel de cavalaria, em Quaraí-RS. Isso deve ter ocorrido na década de 1930, período em que já se iniciavam as campanhas de nacionalização, implementadas com mais rigor durante o Estado Novo (1937-45). Sobre como as vivências repressivas do período do Estado Novo interferiram (ou não) nas construções identitárias dos descendentes de italianos, ver Zanini (2006).

²⁵O Seminário Nossa Senhora Aparecida da Diocese de Caxias do Sul, apesar de diocesano, teve direção da Ordem Capuchinha, entre 1939 e 53, em razão da escassez de padres diocesanos. Esse seminário foi inaugurado em 1939, quando o então Bispo D. José Baréa confiou sua direção aos padres capuchinhos. Oferecia, na época, ensino primário e secundário (Costa e De Boni, 1996).

²⁶O Seminário Maior de Viamão é uma instituição diocesana, resultado de um consórcio das Interdioceses do Rio Grande do Sul. Esse seminário oferecia, na época de formação do entrevistado, ensino superior nos cursos de teologia e filosofia. O Seminário de Viamão dispunha de recursos humanos e materiais mais diversificados

seminário lhe abriu as portas para a vida intelectual; foi durante o ensino médio, no seminário, que ele descobriu Machado de Assis. Após ser ordenado, ele trabalhou como professor no Seminário Nossa Senhora Aparecida, e como padre, em algumas Paróquias de Caxias do Sul e outras cidades da região. Ordenado padre em 1963, ele abandonou em 1972 a vida de sacerdote. Apesar das mudanças ocorridas na doutrina e na estrutura da Igreja Católica em decorrência do Concílio Vaticano II²⁷, Pozenato se decepcionou com atuação da mesma.

Ele diz:

(...) “Então, quando eu passei para ser ordenado, em 62, 63, era dentro desse contexto. Eu imaginava continuar desenvolvendo um pensamento teológico, escrever coisas sobre teologia, reinterpretando à luz do Vaticano II. Mas isso durou pouco. Assim que morre o João XXIII, e assume Paulo VI, progressivamente esse espaço todo vai sendo diminuído. As grandes figuras do pensamento teológico do Concílio foram, progressivamente, postas na geladeira. Não eram condenadas, mas eram postas de lado, não podiam mais falar. E foi voltando ao que era antes... Como eu aprendi em casa que os incomodados é que se retiram, eu me retirei”. (Clemente Pozenato, entrevista/2004).

Durante o curso de teologia no Seminário de Viamão, ele se envolveu nos movimentos da Ação Católica, especialmente no movimento da Juventude Operária Católica (JOC).

Ele conta:

“(...) Eu comecei atuar no movimento operário ainda quando eu estava em Viamão. Nos últimos anos de teologia, eu participava no movimento da Juventude Católica de Porto Alegre, nos dois últimos anos. Quando eu voltei, terminei e vim para Caxias, foi natural. Eu me envolvi com esse movimento. Em Caxias era coordenado pelo Pe. Hilário Pandolfo. Então ele liderava esse movimento operário, também o dos casais cristãos, mas eu me envolvi nesse aí. É evidente que quando houve o Golpe de 64,

que o Seminário Nossa Senhora Aparecida. No de Viamão, os seminaristas obtinham preparação pastoral e orientação para a atuação nos movimentos da Ação Católica especializada, sobretudo no movimento da Juventude Operária Católica (JOC).

²⁷ O Concílio Vaticano II foi realizado em Roma no período de 1962 a 65. Em seguida, ocorreram a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e o Segundo Congresso Internacional de Catequese, realizados em Medellín, na Colômbia, em 1968. Nesses encontros, foram definidas as duas linhas básicas de atuação da Igreja Católica na América Latina: a formação de “comunidades cristãs” e a “opção preferencial pelos pobres” (Bruneau, 1977).

principalmente em 68 com o AI 5, houve uma repressão muito forte da JOC, que chamavam na época. E a polícia ia direto nas cabeças do movimento. Até que a gente acabou descobrindo que quem denunciava era a própria hierarquia, eram os próprios bispos que entregavam. Ai a confiança se quebra, mas não foi o caso do D. Benedito, o D. Benedito, nesse sentido, não tenho queixa nenhuma. Ele sempre foi extremamente correto. Mas, vamos dizer assim, no país, de uma maneira geral, a hierarquia entregou nas mãos da ditadura as suas lideranças de esquerda”. (Clemente Pozenato, entrevista/2004).

Quando abandonou o sacerdócio, ele já era professor da UCS; trabalhava a disciplina de teologia para o curso de letras, assumindo mais tarde a disciplina de literatura. Pozenato se afastou dos movimentos populares da Igreja Católica, nos quais atuou por pouco tempo. Na sua opinião, havia uma “*espécie de populismo cristão*” que envolvia os movimentos populares da Igreja católica dessa época. Após alguns anos, casou-se com uma descendente de italianos, também professora na UCS. Em 1972, iniciou o mestrado em teoria literária na PUCRS, mas não o concluiu. Em 1993, ele retomou o mestrado, porém não na mesma instituição e nem na mesma área. Defendeu a dissertação em 1995, pela Universidade Federal de São Carlos – nessa época, havia um convênio entre a UCS e essa universidade. Pozenato relatou que, quando começou a trabalhar em Caxias (como sacerdote e, depois, como professor), ele passou por um processo de transformação: de uma atitude de rejeição à cultura italiana (influenciado pelo pai e pelo choque cultural durante os estudos no seminário), para uma atitude de entendimento dos processos que ocorreram na região de colonização italiana.

Nas vésperas do Centenário da Imigração Italiana, Pozenato começou a se envolver nessa temática. No ISBIEP, foi designado para coordenar o I Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, em 1975. Para Pozenato, foi a partir deste fórum que se começou esboçar uma visão crítica do processo de imigração italiana nessa região. Para tal, foi importante a contribuição de alguns professores, como Otávio Ianni, por exemplo, que analisou o processo imigratório e seus desdobramentos na economia e na cultura da região.

No Projeto ECIRS, Pozenato definiu-se como um intérprete dos processos culturais na região:

“(...) minha atividade foi muito menos de ir a campo, fazer registros de campo, mas de discutir, discutir dados e transformar os dados em

interpretações”. (Clemente Pozenato, entrevista/2001).

Esse papel que Pozenato assumiu no Projeto ECIRS foi expresso na publicação, por ele organizada, intitulada *Processos Culturais*, editada pela EDUCS em 1990. Essa obra é o resultado de dez sessões do *Seminário Processos Culturais: estudo da dinâmica cultural da Região de Colonização Italiana*, realizado durante o ano de 1988, e coordenado por Pozenato²⁸. Pode-se ver nessa publicação que Pozenato iniciou os seminários apresentando o tema da dinâmica cultural, e alertando para o fato de que, quando se tem a intenção de identificar a cultura de um determinado grupo, pode-se incorrer no erro de identificar os seus elementos culturais, considerando-os fixos e imutáveis. Nessa obra, o autor chama a atenção para a dimensão do significado, e, para dar um exemplo de como a aborda, comenta o conceito de intertextualidade:

“(...) um elemento é retirado de um texto, introduzido num outro contexto e neste contexto o significado dele é reelaborado”. (Pozenato, 1990:13).

A preocupação dos membros do Projeto ECIRS era com a sua própria ação cultural, relacionada ao registro e à preservação dos bens tangíveis e intangíveis. Nesse contexto, Pozenato foi, dentro do grupo, o intelectual que teve o “papel de intérprete”, como ele próprio define, na medida em que realizou uma reflexão do trabalho multidisciplinar do grupo. Uma das sugestões de leituras que apareceram nesse seminário foi a do livro de Clifford Geertz, *A Interpretação das Culturas*. Já que era objetivo desse grupo investigar a cultura local, numa perspectiva antropológica, o conceito de cultura de Geertz (1989) foi proposto por Pozenato, especialmente como reflexão crítica para suas ações culturais.

Tal como ele escreve:

(...) “Embora ele (Geertz) não discuta especificamente o tema dos processos culturais, pelo fato dele colocar a cultura como um sistema de sinais cujo significado deve ser interpretado permanentemente, cuja interpretação nunca é definitiva, acho que vai nos ajudar a ter uma linguagem mais ou menos

²⁸ Todos os dez seminários tiveram uma apresentação inicial, feita por Pozenato, seguida de debate com os demais membros do Projeto ECIRS. Foram temas dos dez seminários: Sobre a Dinâmica Cultural, Cultura e Semiologia, Produção Cultural e Representação Cultural, A Degradação do Valor, A Identificação dos Valores, Educação na Cultura, Cultura e Política, Campo e Cidade, Turismo e Cultura, A História Cultural da RCI.

comum quando falarmos do que é o significado cultural, do que é o sinal cultural, do que é semiologia cultural, do que pode ser visto no sinal cultural ou não”. (Pozenato, 1990:16).

O objetivo de Pozenato era propor uma linguagem comum para embasar a ação cultural de uma equipe multidisciplinar que trabalhava na fronteira das seguintes áreas: letras, educação, história, arquitetura e antropologia. De fato, os pesquisadores do ECIRS não utilizaram o conceito de cultura e a metodologia (etnográfica) que Geertz defende. A coleta de dados, que resultou num extenso levantamento da cultura material e imaterial da região, não foi resultado de uma descrição densa, que Geertz julga indispensável para uma etnografia.²⁹ A aproximação dos pesquisadores do projeto ECIRS à abordagem antropológica de Geertz serviu tão somente para refletir sobre a sua ação cultural.

Nesse papel de intérprete da cultura local, Pozenato se propôs interpretar um texto escrito por um filho de imigrantes italianos, Carlin Fabris, no qual este narra a história do lugar onde nasceu em Caxias do Sul. Para Pozenato, esse ensaio foi um “*exercício de exegese do texto, dentro da tradição hermenêutica*”. Ele o apresentou em 1986, no Grupo de Trabalho “Sociologia da Cultura Brasileira”, no X Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS). Quem o apresentou ao grupo foi o professor da UFRGS, Ruben George Oliven. Segundo Pozenato, esse ensaio não foi bem recebido pelo grupo, e especialmente sua metodologia foi questionada. Segundo o autor, ele estava provocando os antropólogos, convidando-os a se aproximarem de áreas como a lingüística. Tomando como referências teóricas autores como Paul Ricoeur (1977) e Lévi-Strauss (1975), dentre outros, Pozenato se propôs a recontextualizar o texto de Carlin Fabris, retirando-o “*do contexto do autor para situá-lo no contexto do leitor*”.

Paralelamente a esse trabalho, e a partir dos dados e materiais analisados no projeto ECIRS, Pozenato formulou um projeto para escrever três romances, e o justificou por encontrar na literatura maior liberdade para trabalhar na fronteira comum da história, da antropologia e da psicologia. O primeiro, intitulado *O Quatrilho*, foi publicado em 1985 pela Editora Mercado Aberto de Porto Alegre. O segundo, *A Cocanha*, foi editado em 2000,

²⁹ Ver a nota nº 6 da introdução na página 29, em que sinteticamente se descreve a “descrição densa” de Geertz.

também pela Mercado Aberto. O primeiro romance trata da primeira fase da colonização italiana na região, e do processo de transformação da agricultura familiar em produção capitalista, tendo com pano de fundo a trama que leva a uma troca de casais. Esse livro foi adaptado para o cinema sob direção de Fabio Barreto, e indicado para o Oscar, na categoria de Melhor Filme Estrangeiro em 1996. O segundo romance trata da saída dos imigrantes da Itália para o Brasil, a travessia do Oceano, a chegada e a experiência da imigração nos primeiros anos. Para o terceiro romance, em fase de redação durante a entrevista³⁰, Pozenato trabalhou com o período que vai dos anos 1930 até os 50. Quanto ao romance ter-se transformado em filme, Pozenato, ainda que com algumas reticências, admite que o filme acabou contribuindo para reativar uma idéia de italianidade.

Em 1990, o autor assumiu a Pró-Reitoria de Planejamento da UCS, e permaneceu neste cargo até 1997. No final dos anos 1980, e início dos 90, discutia-se dentro da universidade o seu próprio processo de regionalização. Pozenato foi um dos mentores do projeto que tratava desse assunto, como veremos adiante, nos capítulos 2 e 3. Sua tese de mestrado na UFSCar, intitulada *Universidade e Região: a regionalização como estratégia de acesso ao conhecimento*, versa exatamente sobre a regionalização da UCS. Em 2005, Pozenato assumiu o cargo de Secretário da Cultura do município de Caxias do Sul, quando uma nova administração (aliança liderada pelo PMDB) assumiu essa prefeitura. Em 2006, quando uma nova administração assume a reitoria da UCS, Pozenato deixa tal secretaria para assumir o cargo de Pró-Reitor de Pós-Graduação da UCS.

Quanto ao projeto ECIRS, segundo sua coordenadora, a profa. Cleodes Ribeiro, ele foi concebido a partir da hipótese de existir um “sistema cultural”³¹ na região. Para verificar a hipótese, foi proposto que se investigassem os elementos culturais das antigas colônias italianas no nordeste do Rio Grande do Sul. Em relação ao trabalho de campo e à coleta dos dados, os participantes do projeto se inspiravam na obra de Evans Pritchard, *Guia de Classificação para os Dados Culturais*, publicado pela OEA, e também em trabalhos de

³⁰ Pozenato concluiu o terceiro romance em 2004, no formato de tese, e obteve, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o título de doutor.

³¹ Em publicação comemorativa dos 25 anos do Projeto Ecirs (*Cultura, Imigração e Memória, 2004: 19*) seus fundadores (José Clemente Pozenato e Cleodes Ribeiro) explicam porque partiam da hipótese de um “sistema cultural” na RCI. São duas as razões básicas: “um ambiente geográfico próprio, que determinará, tanto a criação de uma cultura adequada a ele como a diferenciação, baseada num relativo isolamento, com relação a outros ambientes geográficos; quanto, em segundo lugar, um ambiente lingüístico, igualmente diferenciado e isolado”. Vale lembrar que esta publicação é posterior à entrevista com Cleodes Ribeiro, realizada em 2001.

intelectuais italianos, como Diego Carpitella, dentre outros. Os questionários para identificação dos elementos culturais eram elaborados seguindo duas linhas mestras: o ciclo do ano e o ciclo da vida. Para a cultural material, ou bens tangíveis, como diz a coordenadora do projeto, era utilizada a vertente do ciclo do ano, e para os bens intangíveis, como os ritos e os mitos, era utilizado o ciclo da vida. Vale ressaltar que esse tipo de procedimento, para identificar elementos da cultura material e imaterial, é distinto daqueles propostos por Geertz. O interesse dos pesquisadores do projeto ECIRS voltava-se à promoção da cultura, por meio da identificação dos elementos culturais dessa região, especialmente aqueles ligados ao seu patrimônio cultural.

O projeto ECIRS, em especial nos primeiros anos de atividade, realizou várias parcerias e convênios com outras instituições de pesquisa e organismos ligados à área cultural. A primeira parceria foi com o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Este viabilizou consultorias, dando respaldo teórico-metodológico para o ECIRS desenvolver o seu trabalho relacionado ao patrimônio edificado na região nordeste do Rio Grande do Sul. Essa parceria resultou no reconhecimento (pelo IPHAN) do trabalho do ECIRS, que recebeu o prêmio *Rodrigo Melo Franco de Andrade*, em 1985 e 1998.

A segunda parceria foi com o Instituto Nacional do Folclore, que possibilitou a produção do primeiro disco sobre o cancioneiro popular da imigração italiana. Os pesquisadores do ECIRS obtiveram apoio também da Funarte, e produziram mais dois discos. Ao todo, foram recolhidas 522 canções. A professora Cleodes Ribeiro trabalhou no Arquivo Público de Verona, e teve contato com um grupo de etnomusicólogos italianos; dentre eles, Diego Carpitella. Obteve também apoio financeiro da OEA para publicar as canções. Tal publicação se encontrava em fase de elaboração no momento da entrevista.

No final dos anos 1990, o ECIRS recebeu uma delegação de sete pesquisadores italianos ligados à Associação Bennetton. Eram antropólogos, historiadores, sociólogos, lingüistas, que permaneceram alguns meses na região, e tiveram acesso a todo o material de pesquisa coletado e arquivado no ECIRS.

No final dos anos 1980, a equipe multidisciplinar do projeto ECIRS assumiu cargos de administração da universidade: o pesquisador responsável pela parte fotográfica, Ari Trentin, foi designado para implementar um sistema de comunicação na universidade; um dos mentores do projeto, José Clemente Pozenato, assumiu a Pró-Reitoria de Planejamento;

a pesquisadora responsável pelos estudos sobre educação nas escolas, Liane Beatriz Moretto Ribeiro, assumiu a Pró-Reitoria de Graduação; sua colega de projeto, Gelsa Lusa Prestes, assumiu o cargo de chefe de gabinete do reitor; a pesquisadora Maria Helena Piazza assumiu a assessoria de comunicação.

No início dos anos 1990, a profa. Cleodes Ribeiro (única dos membros do grupo que permaneceu no projeto) iniciou seu doutorado em educação na Universidade Federal de São Carlos, que, como já mencionei, mantinha convênio com a UCS. No mesmo período, foi designada pela UCS para representar a universidade na Comissão Comunitária da Festa da Uva, em 1994 e em 1996. Também no mesmo período, assumiu a presidência da Comissão Estadual dos 120 Anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Seu projeto inicial de doutorado abordava a temática *Cozinha e Identidade*, porém, dado o seu envolvimento na coordenação da comissão da Festa da Uva, seu orientador a estimulou a trabalhar com um tema que se relacionasse a essa festa. Cleodes defendeu sua tese de doutorado em 1996. Intitulada *A Festa como Produção de Conhecimento e de Identidade Coletiva*, foi escrita sob a orientação de Sílvio Paulo Botomé, e publicada em 2002 pela editora EDUCS, sob o título *Festa & Identidade: como se faz a festa da uva*.

Cleodes continua coordenando o projeto ECIRS, juntamente com o prof. José Clemente Pozenato, que retomou suas atividades nesse projeto em 1997. Tal projeto tem-se dedicado, desde 1996, ao estudo da memória das populações atingidas por barragens³². Os pesquisadores ganharam financiamento da Eletrosul para fazer o banco de memórias da barragem de Itá, e a partir desse estudo estão realizando o mesmo trabalho com outras populações atingidas por outras barragens. Essas pesquisas resultaram em três publicações dos professores Cleodes Ribeiro e Clemente Pozenato, editadas pela EDUCS. Em 2001, *Os Trabalhos e os Dias. histórias de vida de antigos moradores da barragem UHE Ita*; também em 2001, *Caminhos e Passos: aspectos históricos e culturais da área da usina hidrelétrica Machadinho*; e em 2002, *Terra e Gente – Aspectos históricos, culturais e paisagísticos da área AHE Quebra-Queixo*.

³² São populações que vivem em áreas atingidas pela construção de hidrelétricas. Havia uma certa semelhança nesses trabalhos com os iniciais circunscritos a RCI: o ambiente rural, o propósito de recuperação da memória, as ações culturais, dentre outros. O que diferenciava é que nas populações atingidas por barragens havia uma diversidade cultural na composição dos grupos étnicos.

Em 1993, o antigo ISBIEP se tornou Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC), e desde então engloba o projeto ECIRS. É nessa mesma época que se iniciou um diálogo entre pesquisadores do ECIRS e do Centro de Documentação (CDOC) da UCS. O CDOC inicialmente esteve vinculado ao Departamento de História e Geografia da UCS, e atualmente é um órgão complementar da biblioteca da UCS. Foi no CDOC que os professores de história desenvolveram pesquisas sobre o tema da imigração italiana e seus desdobramentos; caso, por exemplo, da pesquisa sobre a história da universidade, coordenada pelas profas. Loraine Slomp Giron (como veremos adiante) e Heloísa Eberle Bergamaschi.

As relações de trabalho entre esses dois grupos se iniciaram a partir de um projeto elaborado na metade dos anos 1990: a criação de um programa de pós-graduação de caráter interdisciplinar, envolvendo as áreas de letras, de sociologia e de história. Esse programa tinha como objetivo criar um curso de mestrado que tivesse como tema central a cultura regional. Em agosto de 2002 foi então implementado o Programa de Pós-Graduação, com o mestrado em Letras e Cultura Regional.

Rovílio Costa e De Boni: a parceria nos estudos de imigração italiana e na organização de simpósios.

Outro grupo que produziu sobre a imigração italiana descende de um projeto de dois professores que, no final dos anos de 1970 trabalhavam na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Universidade de Caxias. São eles, respectivamente, Rovílio Costa e Luís Alberto De Boni.

Rovílio Costa tem 73 anos de idade, e é filho de agricultores descendentes de imigrantes italianos. Estudou durante o primeiro e o segundo graus em seminários ligados à Ordem dos Capuchinhos³³, próximos de Veranópolis³⁴, cidade onde nasceu. Essa ordem

³³ Segundo Costa e De Boni (1979), a Ordem dos Capuchinhos foi uma das primeiras a se instalarem na região colonial italiana. Eles chegaram em 1896. Inicialmente eram capuchinhos franceses que se instalaram na cidade de Garibaldi, seguindo depois para Veranópolis e Flores da Cunha.

³⁴ Cidade localizada na região colonial italiana.

teve grande influência religiosa e educacional na região de colonização italiana. Rovílio Costa fez o terceiro grau (estudos filosóficos e teológicos) também em seminários ligados aos Capuchinhos, primeiro na cidade de Ijuí e Marau, e depois no Seminário São Lourenço de Brindes³⁵, em Porto Alegre. Após o término dos seus estudos seminarísticos, ele cursou pedagogia e, em seguida, fez mestrado em educação na UFRGS. Dentre vários trabalhos desenvolvidos na área religiosa, foi superior da *Escola de Teologia São Lourenço de Brindes* e Diretor do *Estudantário*, em Porto Alegre. Na década de 1970, vinculou-se à Faculdade de Educação da UFRGS, primeiro como aluno de mestrado; depois como professor.

Rovílio afirmou que o tema da imigração como objeto de estudo é um acaso na sua vida. Durante a entrevista, ele me contou que tinha um amigo ligado à Comissão do Biênio da Colonização e Imigração, com o qual discutia literatura e história do Rio Grande do Sul. Foi por meio das conversas que mantinha com esse amigo que Rovílio Costa começou a se interessar pelo tema da imigração. Segundo seu depoimento (Costa, 1996), ele teve contato com Thales de Azevedo em 1958, quando este se hospedou no Convento de São Lourenço de Brindes, dos Capuchinhos em Porto Alegre, para fazer um levantamento bibliográfico sobre imigração e colonização no Rio Grande do Sul. Na ocasião, Rovílio Costa era o bibliotecário do convento, e lhe indicou a revista (semanária) *Rosier de Saint François*. Nessa revista, havia vários textos escritos por missionários capuchinhos franceses, vindos ao Rio Grande do Sul em 1896 para atender à imigração italiana. Em 1973, a pedido de Olívio Manfroi, que estava na França, e escrevia sua tese de doutorado, Rovílio Costa pesquisou sobre imigração no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Sabendo do Concurso de Monografias sobre Imigração Italiana, patrocinado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, incentivou Olívio Manfroi a concorrer. Depois, ao revisar a tese de Olívio Manfroi, Rovílio Costa sentiu-se interessado pelo tema, mas ao mesmo tempo pensava em outra abordagem para ele:

“(...) tanto lendo Thales de Azevedo, quanto Manfrói, eu achei que era de quem estava de fora, olhando para a imigração italiana através dos aspectos sócio-políticos e econômicos da imigração. Não tiveram uma influência

³⁵O Convento São Lourenço de Brindes do Partenon foi construído pela Ordem dos Capuchinhos, na metade da década de 1950, em Porto Alegre, para abrigar todo curso teológico num só convento. (Costa e De Boni, 1996).

decisiva ou significativa no aspecto antropológico. (...) É o ponto de vista a partir da documentação e não a partir da história oral”. (Rovílio Costa, entrevista/ 2001).

A partir desse seu interesse, ele escreveu seu primeiro livro sobre imigração italiana, intitulado *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições*³⁶. Tendo como campo o município de Veranópolis, onde nasceu, o autor recolheu vários depoimentos de imigrantes e descendentes de primeira geração. Trata-se de uma obra descritiva sobre vários aspectos da vida cotidiana desses imigrantes e de seus descendentes. Segundo Rovílio (Costa, 1996) desde 1975 suas pesquisas se orientavam antropológicamente, levando em conta os seguintes temas: vida familiar; medicina, saúde e higiene; alimentação, vestuário e costumes; amizade, namoro e casamento; recreação, esporte e lazer; viagens e transporte; educação, cultura e formação; o mundo econômico do imigrante; vida religiosa do imigrante. Seu primeiro livro, recebeu menção honrosa no Concurso de Monografias sobre Imigração Italiana do Certame de Letras, realizado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em 1975.

Segundo Rovílio Costa, sua obra foi recebida pela comunidade científica com ressalvas por “*não ter caráter científico-acadêmico*”. Seu objetivo, através da pesquisa, era buscar:

“(...) o fortalecimento da consciência de italianidade entre os descendentes e a caracterização do típico modo de ser italiano no Rio Grande do Sul”. (COSTA, 1996: 108).

Em 1976, Rovílio escreve um livro intitulado *Antropologia Visual da Imigração Italiana*, publicado então pela EST/EDUCS. Esse livro foi o resultado da sua Livre Docência em Antropologia Cultural e Religiosa realizada na Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, em Porto Alegre. É um trabalho de coleta de imagens que trata da cultura material, como a arquitetura e o artesanato, e também dos valores ligados à

³⁶ Este livro Rovílio Costa escreveu junto com Irineu Costela, Pedro A. Salame e Paulo J. Salame. A primeira edição, em 1975, foi publicada pela EST e pela editora Sulina, e a segunda edição, em 1986, pela editora EST e pela EDUCS.

família, à religião e ao trabalho, registrados nos ritos dos descendentes de imigrantes italianos.

Em 1979, Rovílio publicou pela EST/EDUCS, em parceria com Luís A. De Boni, o livro *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. Os capítulos escritos por De Boni tratam dos aspectos históricos, religiosos, econômicos e políticos que envolveram a Itália e o Brasil durante o processo de imigração, abordando também a vida dos imigrantes italianos no início da colonização na Região Colonial Italiana. Os capítulos escritos por Costa tratam dos “aspectos antropológicos”, tal como ele os definiu. Costa descreve os costumes dos imigrantes italianos, relacionados à família, à religião, ao trabalho, à culinária, à medicina popular, entre outros. Essa obra, como as anteriores e posteriores dos autores, tornaram-se fontes secundárias fundamentais para quem trabalha com o tema da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nelas, pode-se encontrar uma interpretação da imigração, com a intenção - como o próprio Rovílio define - de “*fortalecer a consciência de italianidade*”.

As parcerias de Rovílio Costa com Luís A. De Boni estendem-se a outras obras, e fazem parte de um projeto de pesquisa que tem como tema a imigração. Dessas parcerias nasce uma editora, chamada Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes (EST Edições), que atuou nos seus primeiros anos em parceira com a Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS) e também com instituições italianas.

Luís A. De Boni também foi seminarista na Ordem dos Capuchinhos, porém nela não continuou. Em 1961, concluiu a graduação em filosofia, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), e em 1974 concluiu seu doutorado em teologia, na Alemanha, na Universitat Munster (Westfälische-Wilhelms). Foi professor da Universidade de Caxias do Sul, no período de 1975 a 1988, onde trabalhou como coordenador da EDUCS. Depois de alguns anos, entre 1977 e 92, tornou-se professor do Departamento de filosofia da UFRGS, e atualmente é professor do Departamento de Filosofia da PUCRS.

Segundo Rovílio, a EST Edições foi criada com um objetivo bem determinado:

“(...) eu montei uma editora para poder publicar aquilo que eu queria, aquilo que eu achava que era adequado e necessário” (Rovílio Costa, entrevista/2001).

No início dos anos de 1970, Rovílio Costa publicou alguns livros pela Editora Sulina, e a partir de 1975 começou a publicar usando o nome EST Edições, com distribuição da Editora Sulina. De Boni relata:

“EST Edições (Edições da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes) iniciou em 1970, sob o nome da Editora Sulina, com o objetivo primeiro de publicar a produção literária de frades da província, religiosos e eclesiásticos. No campo editorial geral, propôs-se temas de imigração e colonização, escravidão, indigenismo, com destaque à cultura popular. Na área teológica-filosófica, busca lançar obras de retomada e revisão do pensamento, como foram *Suma Teologia*, em 11 volumes, e *Suma contra os gentios*, em dois volumes, ambas de Santo Tomás de Aquino, em texto bilíngüe (latim e português); *Obras Escolhidas*, de São Boaventura, um volume, texto bilíngüe. Mais de mil títulos atestam o trabalho desenvolvido. EST Edições considera sua ação como temporária, até chegar à adoção da mesma temática de periferia editorial, pelas editoras convencionais, o que em parte, está já acontecendo, razão porque a EST está se voltando à pesquisa e publicação de fontes documentais, com o objetivo de dar suporte à revisão e complementação da história local, regional e nacional (...)”. (Costa e De Boni, 1996).

Segundo De Boni, a EST surgiu com o objetivo de publicar a produção literária de religiosos locais. Tal objetivo se ampliou, alguns anos depois, com o interesse de Rovílio Costa e De Boni pelos estudos da cultura local dos descendentes de imigrantes italianos. Em 1975, Rovílio era diretor da Escola de Teologia São Lourenço de Brindes, e, segundo afirmou não teve apoio de ninguém:

“(...) eu fiz um livro e, com o dinheiro desse livro, eu fiz dois; com o dinheiro de dois, eu fiz três; com o dinheiro de três, eu fiz quatro. Hoje, eu ultrapassei os dois mil títulos publicados (...)” (Rovílio Costa, entrevista/2001).

Ele também contou que fundou sua editora com o propósito de publicar um tipo de livro que não tinha valor para as outras:

“(...) nós fomos seguindo dentro dessa linha, ligada à informação oral, à história do povo, da família. Hoje, estou trabalhando com genealogias(...)”(Rovílio Costa, entrevista/2001).

Rovílio e De Boni coordenaram a *Coleção Imigração Italiana* (publicação da EST), que ultrapassou o número de 300 obras publicadas. Esta coleção é composta por obras de literatura popular (como poesias e diários de imigrantes), obras sobre a imigração italiana e também dissertações de mestrado e teses de doutorado.

De um dos seus projetos de maior visibilidade na comunidade local, surgiram os quatro volumes da série *Assim Vivem os Italianos*, publicados em 1983. Os três primeiros foram escritos por Rovílio Costa e Arlindo Batistel. Estes autores realizaram um levantamento da produção escrita dos imigrantes através de diários e memórias. Utilizaram-se também de depoimentos, entrevistas e relatos, e inventariaram aspectos da religião, culinária, música, arquitetura, trabalho e lazer, resultando no que Giron (1999) chamou de uma enciclopédia da cultura dos imigrantes italianos da região nordeste do Rio Grande do Sul. Junto aos textos dos autores, encontram-se fotos, depoimentos, documentos públicos e privados dos imigrantes e descendentes. A obra está escrita em português e em dialeto italiano da região. Dando continuidade a este trabalho, foi publicado o quarto volume da série, de autoria do arquiteto Júlio Posenato³⁷, versando sobre a arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Este projeto foi publicado pela Escola Superior São Lourenço de Brindes (EST) e pela Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), em colaboração com a Fondazione Giovanni Agnelli.

Foi por interferência de Rovílio Costa e De Boni que a Fondazione G. Agnelli iniciou sua atuação como colaboradora de publicações, financiadora de simpósios, etc. Segundo Rovílio, o presidente da Fondazione Agnelli, Marcello Pacini, veio para o Brasil no início da década de 1980 com o intuito de reproduzir no Brasil sua experiência italiana na área da agricultura e da apicultura. Rovílio o desencorajou, relatando que já havia aqui esse tipo de experiência, e o levou a conhecer a região com o objetivo de lhe mostrar que ela não era composta somente de *contadine* (agricultores), tal como ele acreditava. Rovílio o alertou:

³⁷ O autor deste último volume, o arquiteto Júlio Posenato, foi o presidente de uma associação italiana chamada Societá Taliana Massolin de Fiori, criada no final da década de 1980, em Porto Alegre. Ele tem proposto o estudo do “talian” como língua, o que tem causado uma série de debates sobre esta questão, e também outras práticas culturais desenvolvidas pela associação por ele presidida.

“(...) se o senhor quer vender produtos italianos, o senhor só vai fazê-lo se houver uma sadia consciência de italianidade, se não, ninguém vai comprar nada de italiano. (...). A melhor maneira de fazer isso é devolver ao italiano daqui a *agradabilidade* de ser italiano. Estou trabalhando nisso, e mostrei esses diálogos que nós já tínhamos estruturado (...)” (Rovílio Costa, entrevista/ 2001).

No início da década de 1980 Rovílio conseguiu um parceiro para o trabalho que vinha desenvolvendo. Essa parceria se faz notar nos três simpósios *A Presença Italiana no Brasil*, coordenados por De Boni. Além de simpósios e publicações no Brasil e na Itália, segundo depoimento de De Boni (1986), as boas relações com a Fondazione tornaram viável o projeto de ensino do italiano em algumas escolas municipais da Região Colonial Italiana. Também possibilitaram bolsas de estudos na Itália, e o próprio Rovílio disso se beneficiou em 1984, quando ganhou uma bolsa concedida pela Fondazione.

Na metade da década de 1980, Rovílio e De Boni se envolveram nesses projetos acima mencionados, e voltaram a escrever juntos, em 1996, a obra intitulada *Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul*, publicada pela EST em co-edição com o Correio Rio-Grandense. Escolhem como tema de estudo a Ordem dos Capuchinhos, na qual fizeram sua formação seminarística. A obra é formada por textos de vários autores, a maior parte dos quais padres da própria congregação.

Cabe ressaltar que, antes de se afastar desses estudos, De Boni publicou várias obras, além daquelas citadas acima. Em 1977, publicou pela EST e pela EDUCS o livro *La Mérica: escritos dos primeiros imigrantes italianos*. O livro é composto por escritos inéditos; cartas de imigrantes italianos enviadas a seus familiares na Itália. Em 1983, publicou pela EST e pela EDUCS, em conjunto com Nelci R. Gomes, o livro *Entre o Passado e o Desencanto*. Este livro é uma coletânea de entrevistas realizadas pelos alunos do autor durante o curso de História da Imigração Italiana que ele ministrou na UCS. Os questionários usados pelos alunos tinham, como objeto central, a economia da colônia italiana até a metade do século XX. Respectivamente em 1983 e em 1985, o autor publicou pela EST e pela EDUCS as obras *A Itália e o Rio Grande do Sul: IV relatório de autoridades* e *Bento Gonçalves era Assim*. As duas obras tiveram como fontes de dados os

relatórios de autoridades italianas³⁸, nos quais elas relatam suas impressões de viagens pelas colônias italianas do Rio Grande do Sul, do final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial. O autor traduz alguns desses relatórios na íntegra, e os comenta em notas de rodapé.

A parceria de Rovílio e De Boni para escrever, publicar e organizar simpósios sobre o tema da imigração italiana, demonstra uma das estratégias usadas para produzir grande parte da literatura sobre esse tema. Tal projeto foi elaborado por uma comunidade de intelectuais e produtores culturais de ascendência italiana a partir de uma rede de relações pessoais, intelectuais, políticas e profissionais.

Enquanto De Boni se afastava desse projeto ligado à publicação e aos debates sobre a imigração, Rovílio direcionava seus estudos para as genealogias. Esses estudos resultaram em várias publicações sobre os povoadores das Colônias Caxias, Alfredo Chaves, Conde d'Eu, Dona Isabel, dentre outros. É um trabalho de equipe que coletou os nomes dos imigrantes em documentos os mais diversos (encontrados em igrejas, jornais, arquivos públicos, cemitérios, cartórios, etc). Hoje, constitui fonte documental importante para quem pleiteia a dupla cidadania (direito dos descendentes de imigrantes italianos até a quarta geração).

Rovílio é um intelectual que circula por várias áreas (acadêmicas, institucionais e políticas), atuando como autor e editor de obras sobre a imigração, e como produtor cultural. Neste último caso, participou e continua participando de várias atividades ligadas às associações italianas no Brasil - articulando cursos de italiano, por exemplo. É cronista do jornal semanal *Correio Rio-Grandense*³⁹, de Caxias do Sul. Esse espaço na imprensa, ele o ocupa para divulgar a cultura dos imigrantes italianos. Rovílio Costa também fez parte da

³⁸Os relatórios utilizados pelo autor são de autoridades italianas, principalmente por agentes consulares que atuaram em vários estados do Brasil. Os relatórios utilizados foram publicados em Boletins Consulares na Itália, dos quais são exemplos o *Bollettino Dell'Emigrazione* e o *Bollettino Consolare*, dentre outros, ambos publicados sob os auspícios do Ministero degli Affari Esteri (Roma).

³⁹A relação entre a Igreja Católica e a imprensa na Região Colonial Italiana é bastante significativa. Segundo COSTA (1996), o semanário católico italiano “*La Libertà*” foi fundado em Caxias do Sul no ano de 1909 pelo pároco da mesma cidade, Pe. Carmine Fasulo, tendo como público alvo os colonos italianos. No mesmo ano, seu nome foi alterado para “*Il Colono Italiano*”. Em 1917, os padres capuchinhos assumiram a direção desse jornal, trocando seu nome para “*La Stafetta Riograndense*”. Esse nome foi substituído em 1941 por “*Correio Riograndense*”, mediante a obrigação de publicá-lo em português. O *Correio Riograndense* foi impresso em Garibaldi até 1952, e então transferido para Caxias do Sul. Trata-se de uma publicação católica, dedicada aos colonos descendentes de italianos.

Comissão de Comemoração dos 125 anos de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, ligada à Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul. Como membro dessa comissão, envolveu-se em várias atividades, entre elas a da constituição do Memorial Religioso dos 125 Anos de Imigração⁴⁰. Enfim, a trajetória de Rovílio está marcada pela sua atuação como produtor cultural. Mesmo quando produz e edita conhecimento de *caráter acadêmico*, por meio de livros, tem como objetivo maior *fortalecer a consciência de italianidade*.

Trajatória Acadêmica, Imigração e Relações com Grupos Italianos de Pesquisa.

Entre os intelectuais que produziram materiais sobre imigração italiana, nem todos estão ligados a projetos coletivos. Entrevistei alguns professores da UCS com esse perfil, e que desenvolveram seus estudos sobre o tema durante seus mestrados e doutorados. É o caso da profa. Vânia Beatriz Merlotti Herédia.

Dos intelectuais estudados, a maioria dos que trabalharam com a temática da imigração nas suas teses não tinha, ao iniciar a pós-graduação, a intenção de tomar tal objeto para seus estudos. Para estes, a temática da imigração só se tornou um objeto de pesquisa a partir de uma revalorização do tema, devida, em parte, às pesquisas voltadas aos estudos regionais e sobre os descendentes de italianos.

Vânia Herédia é caxiense, e tem 55 anos. É professora do Departamento de Sociologia da UCS desde 1977. Vânia estudou na escola Sacre-Coeur de Marie até terminar o ginásio, e depois fez o curso clássico no Colégio Estadual Cristóvão de Mendonza, em Caxias do Sul. Em 1970, prestou vestibular para o curso de filosofia na UCS, e o concluiu em 1973, ano em que ingressou no mestrado em filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Em 1978, a autora defendeu sua dissertação de mestrado, intitulada *Antecedentes Míticos em torno da Figura do Padre entre Descendentes de Imigrantes Italianos*, sob orientação do professor Reinholdo Ullmann.

⁴⁰ O Memorial Religioso dos 125 Anos da Imigração Italiana no RGS é um monumento que envolveu a restauração do Capitel de São Marcos, na Linha Azul, situada no município de Veranópolis. Segundo Rovílio Costa, esse capitel foi construído por um grupo de famílias de imigrantes italianos.

Em 1974, a autora começou a dar aulas de sociologia geral e sociologia da educação na Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA), onde permaneceu até 1986. Nesse momento, percebeu que, para trabalhar as disciplinas de sociologia, e fazer pesquisa, “precisava de outra instrumentalização”. Por isso, em 1979 ela iniciou o curso de ciências sociais na PUCRS, concluindo-o em 1984.

Após terminar os créditos do mestrado, a autora foi para o Campus Avançado da PUCRS no Alto Solimões, local onde realizaria seu trabalho de campo com os índios Tikunas. Nesse ano, 1975, aconteciam em Caxias do Sul as comemorações do Centenário da Imigração Italiana. Ao retornar do Alto Solimões, ela foi a São Paulo para discutir o seu projeto com o professor da USP, Paulo Duarte. Foi ele quem a orientou nos estudos sobre mito, e também quem lhe indicou o professor Jaime Pinski para conversar sobre o seu projeto. Pinski conversou com ela sobre temas de pesquisa ligados à sua região de origem. Segundo Vânia, a temática da imigração lhe chamava atenção, especialmente porque não existiam estudos mais profundos nessa área. Durante uma conversa que Vânia teve com seu orientador Reinholdo Ullmann, ele lhe afirmou que havia uma produção significativa sobre as sociedades indígenas, ao contrário do que ocorria com os estudos sobre imigração. Vânia abandonou então seu antigo objeto, e se voltou à temática da imigração. Foi assim que realizou seu trabalho sobre as representações míticas relacionadas à figura do padre entre descendentes de imigrantes italianos na região nordeste do Rio Grande do Sul.

Seus primeiros anos como professora da UCS foram dedicados ao ensino. Em 1979, a convite do prof. Ari Trentin (UCS), ela vinculou-se ao projeto de pesquisa coordenado pelo professor italiano Giovanni Meo Zílio, da Universidade de Veneza. Esse projeto tinha como objetivo demonstrar a influência da imigração vêneta em diversas partes do mundo. Um dos resultados do projeto foi a publicação, em 1987, da obra intitulada *Presenza, Cultura, Língua e Tradizioni dei Veneti nel Mondo*, financiada pelo Centro Interuniversitario di Studi Veneti. Vânia colaborou com a publicação com o artigo “Il Ruolo della Chiesa Cattolica nell’Emigrazione Veneta in Brasile”. Segundo Vânia, a religião foi um dos fatores de maior integração, assimilação e identificação cultural entre os imigrantes europeus.

Também colaboraram com essa publicação as professoras do Departamento de Letras da UCS, Vitalina Frosi e Cleodes Ribeiro, respectivamente com artigos sobre

dialetos; e sobre usos, costumes e tradições na Região Colonial Italiana. O professor Mário Gardelin do Departamento de História, colaborou com dois artigos; um, sobre literatura; o outro, sobre a imprensa na Região Colonial Italiana.

Em razão de um contrato que estipulava regime de tempo integral na UCS, Vânia mudou-se para Caxias do Sul em 1986, com o marido e dois filhos. Nesse período, iniciou uma pesquisa com um grupo italiano do Departamento de Ciência Política da Universidade de Trento, sob coordenação de Renzo Gubert. A pesquisa era sobre transformações geográficas e territoriais, num estudo comparativo entre as influências das culturas alemã e italiana no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Segundo Vânia, a pesquisa de campo no Rio Grande do Sul estudou um grupo de mil e duzentas pessoas, abrangendo quatro gerações. Essa pesquisa se inseria num quadro de cooperação internacional firmado pela UCS e pela Universidade de Trento. Um dos resultados dessa cooperação foi o livro intitulado *Cultura e Sviluppo*, publicado pela editora Franco Angeli, de Milão, em 1990. Outra publicação ligada a esse grupo da Universidade de Trento é o periódico *Dimensioni dello Sviluppo*, nº 3-4, de 1992, no qual Vânia publicou o artigo “Considerazioni sull’industrializzazione nell’area di colonizzazione italiana di Rio Grande do Sul”. Segundo o apresentador do periódico, Renzo Gubert, os dados da pesquisa, realizada em colaboração com a UCS e outras duas universidades em Santa Catarina, confirmaram a idéia de haver uma continuidade cultural no processo de imigração.

Renzo Gubert escreve nessa apresentação:

“I dati cofermano una continuità culturale per alcuni aspetti impressionante; so potrebbe anzi dire che i valori della tradizione, famiglia, legame locale, religiosità sono rimasti più che nel Veneto, nel Trentino, in Friuli, e più forti che negli immigrati di origine tedesca, specie se di religione protestante” (Associazione Volontari per il Servizio Internazionale, 1992:8).

"Os dados confirmam uma continuidade cultural por alguns aspectos impressionantes; também poderia se dizer que os valores da tradição, família, vínculo local, religiosidade permaneceram mais do que no Vêneto, no Trentino e em Friuli, e ainda mais forte do que nos imigrantes de origem alemã, especialmente se de religião protestante” (Associazione Volontari per il Servizio Internazionale, 1992:8).

A tese de uma continuidade cultural (que será vista mais adiante) no processo de imigração foi refutada por alguns intelectuais estudados. Na entrevista que realizei com Clemente Pozenato, ele manifestou sua discordância em relação a alguns estudiosos italianos que interpretaram o processo de imigração como “*um prolongamento da Itália*”. Também Vânia Herédia parece discordar de alguns estudiosos de Trento, especialmente no que tange à abordagem funcionalista que eles se propunham realizar para os estudos sobre imigração. Como veremos, a suposição de que traços culturais dos imigrantes eram herdados da sociedade de origem foi questionada por intelectuais brasileiros que estudaram o processo imigratório. É o caso de Martins, por exemplo (1973).

Conforme relato de Vânia, foi a partir desses convênios com a Universidade de Trento, em 1988, que ela foi a Turim, para fazer doutorado. Ela recebeu convite da Universidade de Trento, para realizar o doutorado lá, mas optou pela Universidade de Gênova, com sede em Turim, que oferecia um programa de História das Américas, com área de concentração em História Econômica.

“Em Trento, eles trabalhavam mais com a questão da imigração. Eles eram mais conservadores, e eu trabalhava numa linha mais crítica. Eles eram funcionalistas. Optei por trabalhar numa linha estrutural histórica, uma linha em que eu já tinha alguns trabalhos na época” (Vânia Beatriz Merlotti Herédia, entrevista/2001).

Nessa época, Vânia entrou em contato com o professor Marcello Carmagnani, da Universidade de Turim, que se interessou pelo seu projeto. Inicialmente, ela pensou em trabalhar com o domínio tecnológico dos imigrantes na acumulação de capitais em Caxias do Sul; queria mapear o processo de industrialização. Por fim, acabou realizando o trabalho sobre o processo de industrialização na zona de colonização italiana, mais especificamente sobre a indústria têxtil⁴¹. Herédia (1997)⁴² demonstrou como a agricultura colonial foi um dos elementos formadores do capital comercial, que posteriormente foi aplicado na indústria local. A autora constatou que o processo de industrialização na Região Colonial

⁴¹ Tese intitulada “L’industria Tessile nella Zona Coloniale Italiana nello Stato Del Rio Grande do Sul”. Universidade de Gênova com sede descentralizada em Turim. Itália, 1992.

⁴² Como resultado do seu doutorado, publicou em 1997 o livro *Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana*, editado pela EDUCS.

Italiana não decorreu apenas do processo de substituição às importações. A partir das necessidades de aperfeiçoar a produção agrícola, foram produzidos artefatos manufaturados que abasteceram o mercado local, o mercado das colônias, o regional e mais tarde o nacional. Na década de 1950, e início dos anos 60, ampliou-se o quadro industrial dessa região, em especial o setor de transformação, em decorrência da política desenvolvimentista adotada no país.

Por meio de um estudo de caso de uma empresa têxtil⁴³, a autora contextualizou as conjunturas favoráveis ao seu desenvolvimento e as políticas utilizadas na expansão do processo industrial no Rio Grande do Sul. A política imigratória brasileira foi, para a autora, o elemento *sine qua non* para a análise da mão-de-obra da indústria no Rio Grande do Sul. No caso estudado, o modelo de indústria com vila operária permitiu a manutenção da mão-de-obra familiar, e ao mesmo tempo, a reprodução da força de trabalho. Segundo Herédia, em tal modelo o domínio do capital ultrapassou a esfera do trabalho e penetrou a esfera da vida doméstica dos trabalhadores. A mão-de-obra também é entendida do ponto de vista da sua origem étnica e da sua formação. Para a autora, o fato da maior parte da mão-de-obra ser formada por imigrantes italianos e seus descendentes explica os valores culturais desse grupo, tais como a terra, a propriedade, a família, o trabalho, a herança e a poupança. A dupla condição da mão-de-obra (operária e camponesa), aliada aos valores comuns e à experiência da imigração, são os elementos que compõem, na opinião de Herédia, uma identidade étnica dos operários, e que explica, em parte, a estabilidade da mão-de-obra dentro da fábrica.

Ao voltar do doutorado, em 1992, ela se envolveu em dois projetos de pesquisa: um, sobre implicações tecnológicas e processo de trabalho na indústria de transformação em Caxias do Sul; o outro, sobre envelhecimento social. O primeiro deles já se desenvolvia no departamento de sociologia, e Vânia passou a coordená-lo; o segundo era um projeto institucional da UCS, cuja coordenação Vânia foi convidada a assumir. Conforme seu relato, ela não tinha intenção de trabalhar com a temática do idoso, mas foi necessário aceitar o convite, por se tratar de um projeto institucional. Durante a década de 1990, suas publicações científicas centraram-se nessas duas temáticas.

⁴³ A indústria escolhida pela autora foi o antigo Lanifício São Pedro, que se iniciou como uma cooperativa de imigrantes italianos e se transformou em uma das principais indústrias têxteis da região, localizada em Caxias do Sul.

Também depois de voltar do doutorado, ela se envolveu na coordenação do curso de Pós-Graduação em Sociologia do Trabalho, que se manteve durante os anos de 1993 a 95. A temática da industrialização, do processo de trabalho e suas implicações tecnológicas, desenvolvida, em parte, no doutorado, foi sua principal linha de pesquisa no seu retorno à UCS, e também se fez presente em suas atividades de ensino na graduação e na pós-graduação. Exerce, durante o período de 2002 a 2006, o cargo de Coordenadora de Pesquisa da UCS, ligado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação. Ela também esteve envolvida em um projeto com um grupo de sociólogos e economistas da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE), sobre mercado de trabalho, tendo como universo de pesquisa os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Corede) do Rio Grande do Sul. Vânia é responsável pela coordenação do Corede-Serra, no qual se analisa o desempenho econômico dessa região. Também foi a coordenadora da UniTrabalho⁴⁴ na UCS.

Vânia trata a temática da imigração italiana por meio dos estudos sobre industrialização, processo de trabalho, implicações tecnológicas, reestruturação produtiva e mercado de trabalho. Em seu discurso, ela afirma que nunca pensou em abandonar a temática da imigração. Mesmo quando trabalhou em projetos institucionais abordando outras temáticas, ela estabeleceu uma relação com a cultura regional. Até hoje, publica na área da imigração e mantém contatos com grupos italianos. Desde 1999, a autora tem apresentado trabalhos em eventos financiados pela Fondazione Cassamarca⁴⁵, de Treviso, na Itália. Seu trabalho *A Influência do Humanismo Latino na Cultura Brasileira: uma visão sociológica*, ela o apresentou no Congresso Internacional de Estudos, realizado em São Paulo, em 1999; tendo-o igualmente apresentado em 2000, em New York, no Congresso Internacional sobre Humanismo Latino. Esses dois congressos resultaram de um convênio internacional da Fondazione Cassamarca de Treviso com vários países - dentre eles o Brasil -, sobre o tema *Humanismo Latino no Mundo: história, valores e perspectivas*. Esse projeto está sendo desenvolvido desde 1993, e integra uma das linhas de atuação dessa

⁴⁴ UniTrabalho é uma rede universitária nacional que agrega atualmente 92 universidades e instituições de ensino superior. Foi criada em 1996 com o objetivo de “contribuir para o resgate da dívida social que as universidades brasileiras têm com os trabalhadores” (<http://www.unitrabalho.org.br/> acesso, 6/01/2008).

⁴⁵ A Fondazione Cassamarca, criada em 1992, tem como finalidade a intervenção social e a promoção de desenvolvimento econômico. Atua nos seguintes setores: pesquisa científica, educação, arte, santidade, conservação e valorização dos bens culturais e ambientais, atividades culturais na Itália e no exterior: italianos no mundo, imigração, assistência, contribuição ao desenvolvimento social do território de origem. (Fonte: <http://www.fondazionecassamarca.it/> acesso abril/2004).

fundação: *Italianos no mundo*. Em 2003, junto com a professora do Departamento de Letras da UCS, Neires Paviani, Vânia publicou a obra *Língua, Cultura e Valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no sul do Brasil*. É uma publicação da editora EST.

Em 1996, quando a Administração Popular (do Partido dos Trabalhadores) assumiu a prefeitura de Caxias do Sul, Vânia foi convidada a assessorar a Secretaria de Cultura, especialmente para o projeto de descentralização da cultura. Nessa Secretaria ela permaneceu apenas um ano.

A Organização das Fontes Documentais

A trajetória da professora do Departamento de História e Geografia da UCS, Loraine Slomp Giron⁴⁶, está ligada à organização das fontes documentais do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul. Foi durante sua atuação como pesquisadora da UCS e do Arquivo Histórico que ela produziu (trabalhos, livros, artigos, etc) sobre a temática da imigração italiana. Caxiense de 71 anos de idade, é filha de comerciantes. Estudou no colégio São José, em Caxias do Sul; um colégio de freiras francesas que, como já mencionado, desde o início do século passado, atendia à elite local. Ao terminar o colegial, ela foi a Porto Alegre, para estudar no Colégio Bom Conselho. Durante a entrevista que me concedeu, ela afirmou que sua escolha pelo tema da imigração está ligada à sua experiência de estudante do Bom Conselho. Foi na convivência com suas colegas que ela se deu conta das diferenças sociais, e de sua própria condição social. Para a autora, esta experiência explica, em parte, a escolha da temática da imigração, anos mais tarde.

“Quando eu vou estudar em Porto Alegre e me deparo com a alta burguesia, a oligarquia agrária gaúcha (...) eu me dei conta que era de outro mundo, de outra sociedade, apesar de sempre ter sido relativamente muito bem de vida.

⁴⁶Além da entrevista que realizei com Loraine Slomp Giron, em 2001, utilizei como dado complementar outra entrevista dessa autora, concedida às professoras Maria Abel Machado e Heloísa Eberle Bergabaschi, em 1989, pertencente ao Projeto “História da Universidade”, do Centro de Documentação da UCS.

Eu não pertencia àquele grupo. Eu vi a diferença entre burguesias internas, entre quem era descendente de imigrante e quem não era. Mas tudo isso numa visão romântica. Mas marcou, pois como eu não tinha clareza ideológica, me marcou profundamente a minha alma (...)" (Loraine Slomp Giron/entrevista/2001).

Na metade dos anos 1950, Loraine iniciou o curso de história na PUCRS. Numa disciplina de antropologia que ali cursou, ela realizou um trabalho sobre Caxias. Foi nesse momento que a autora percebeu que, excetuando-se os Álbuns Comemorativos dos cinquenta e dos setenta e cinco anos de imigração italiana, não havia nada escrito sobre Caxias. Outro episódio a que essa entrevistada fez referência, para justificar seu interesse de pesquisa, ocorreu num encontro de estudantes e professores de história em Porto Alegre, nos anos 1970. Segundo Loraine, nesse encontro, um professor da PUCRS disse que os imigrantes italianos não haviam marcado a cultura do Rio Grande do Sul. Assim, a inexistência de produção acadêmica sobre esses descendentes de imigrantes no RS, até a década de 1960, foi a razão pela qual Loraine escolheu tal grupo (de sua origem) para objeto de pesquisa. Em outras palavras, o não-reconhecimento acadêmico de seu grupo de origem a estimulou a investigá-lo, e, como decorrência, a tentar lhe dar reconhecimento acadêmico. Ao fazê-lo, ela conferia reconhecimento a seu próprio trabalho, e a si mesma. Enfim, poderia se reconhecer pelos outros a partir do auto-reconhecimento.⁴⁷

Na mesma época em que entrou no curso de história, a autora começou a namorar um rapaz que morava em Porto Alegre, mas cuja família era da região serrana. Segundo Loraine, em razão do namoro ela foi obrigada a se casar, pois seu pai não lhe permitia namorar alguém longe da família. No segundo ano do curso de história, Loraine se casou e, em seguida, teve seu primeiro filho. Seu marido também estudava nessa época, e trabalhava representando um laboratório de produtos farmacêuticos. Quando Loraine terminou o curso de história, seu marido começou a trabalhar na fábrica de óleo de linhaça, de seu pai, em Farroupilha. Sendo assim, no final dos anos 1950 eles se mudaram para Caxias do Sul, cidade próxima de Farroupilha.

⁴⁷ Um bom material para trabalhar este tema são as publicações realizadas pela editora da UFRGS. Em 1992, editaram *Nós, os gaúchos*, publicação na qual cinquenta intelectuais sulinos escreveram breves ensaios sobre como sentiam o que era ser gaúcho. Em 1996, a mesma editora publicou *Nós, os ítalo-gaúchos*, onde se apresenta a mesma proposta, porém com outro grupo. E assim se sucederam publicações com outras etnias, como *Nós, os teuto-gaúchos*, etc.

Quando chegou a Caxias, a autora começou a dar aula de história no Colégio São Carlos, da rede de ensino particular da cidade, tendo aí permanecido por dez anos. No ano seguinte, em 1961, a UCS (na época, Faculdade de Filosofia) abriu o curso de história, e Loraine foi convidada para ser a professora da disciplina de história da América. Em 1963, ela foi contratada pela Escola Cristóvão de Mendonza (rede pública), para lá ministrar a disciplina de geografia. Foi por insistência da direção da escola que ela aceitou o convite, já que, na época, não havia muitos professores.

Da primeira década que trabalhou na universidade, Loraine destacou os anos difíceis da ditadura militar. Chegou a pensar em largar tudo e ir para o Araguaia, engajando-se na luta armada. Ficou em Caxias, no entanto, e colaborou com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ela diz: “(...) lutar, não; o que eu fazia era uma luta de ‘desalienar’ os estudantes”.

Em 1970, num momento descrito por Loraine como conturbado, ela se separou do marido. Em 1972, a autora decidiu ir a Curitiba, para fazer um mestrado em História Econômica, na UFPR.

Ela lembra que foi lá que tomou conhecimento da Escola de Annales⁴⁸. Seu projeto de dissertação versava sobre o tema da imigração e escravidão, mas depois, por insistência da orientadora, ela acabou por se dedicar ao tema do cooperativismo. Apesar de ter escrito uma parte da dissertação, ela não a defendeu. Quando voltou à UCS, em 1973, ela começou a trabalhar a disciplina de monografia, e propôs aos alunos que fizessem um levantamento das fontes cartoriais, religiosas e públicas, em seus municípios. Um grupo de alunos descobriu no arquivo morto da Prefeitura de Caxias do Sul, os mapas estatísticos de 1884 da Colônia Caxias. Diz a autora:

“(...) eu estava de poeira e aranha até os cabelos. Sem pedir audiência, sem nada. Isso era mais ou menos abril de 1974. Entrei no gabinete do prefeito, e disse: eu não saio daqui sem falar com o prefeito (...) Eu disse para ele, o senhor é responsável por toda a documentação histórica que está

⁴⁸ A Escola dos *Annales* é composta por um pequeno grupo associado à revista *Annales*, criada em 1929, na França. O núcleo central desse grupo era formado por Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie. Boa parte do que foi produzido pela *nova história* na França é produto desse grupo. As principais diretrizes da revista dos *Annales* podem ser assim resumidas: a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história problema; a proposição de uma história de todas as atividades humanas e não apenas da história política; a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a lingüística e a antropologia social, dentre outras (Burke, 1991).

apodrecendo aí. Ele era o dono do cartório. Eu disse: o senhor vai salvar esses documentos, se não, eu vou para a imprensa”. (Loraine Slomp Giron, entrevista/2001).

Nessa época, a prefeitura de Caxias do Sul estava sendo transferida para um prédio novo, sendo designado o antigo prédio para a instalação do Museu Municipal. Pela organização deste, foi responsável Maria Clary Frigeri Horn, professora estadual que havia sido cedida do estado ao município para organizar o museu. Paralelamente ao seu trabalho na UCS, Loraine tinha um contrato com o estado, porém na escola pública ela não trabalhava em sala de aula. Por razões ideológicas, foi afastada da atividade docente para trabalhar na secretaria da escola. Foi nesse momento, em 1974, que a responsável pela organização do museu a convidou para trabalhar com ela. A autora conseguiu então que o Estado a liberasse para trabalhar na prefeitura, na organização do Museu e do Arquivo Histórico de Caxias do Sul, onde permaneceu de 1974 a 76. Em razão de conflitos com a equipe do Museu, ela foi transferida para a Delegacia de Educação, onde permaneceu até 1980, quando se licenciou. Em 1979, participou ativamente de uma greve de professores.

Nesse momento, ela começou a ministrar as disciplinas de teoria e metodologia na UCS. Começou a ler Jacques Lacan, Louis Althusser e Michel Foucault, e, talvez por isso resolveu então fazer o mestrado em filosofia e epistemologia das ciências sociais na UFRGS:

“(...) Então de uma marxista convicta, eu me tornei uma hegeliana teórica, neohegeliana (...) (Loraine Slomp Giron, entrevista/2001).”.

Na década de 1970, Loraine escreveu seus primeiros trabalhos sobre o tema da imigração. Sua primeira obra nesse tema se intitulava *Caxias do Sul: evolução histórica*, publicada em 1977 pela EDUCS e pela EST. Por ocasião do I e II Fóruns de Estudos Ítalo-Brasileiros, realizados em Caxias do Sul e organizados pelo ISBIEP da UCS, em 1975 e 76, ela publicou dois artigos em seus anais⁴⁹ de 1979, intitulados “O imigrante Italiano: agente de modernização” e “Imigração Italiana: a reação brasileira”. Em seu livro *Caxias do Sul:*

⁴⁹ Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*, Porto Alegre, EST; Caxias do Sul, EDUCS, 1979.

evolução histórica, que depois daria origem ao primeiro artigo, Loraine conclui que os imigrantes italianos modernizaram a economia gaúcha com a instalação de novas indústrias e com a aplicação de novas técnicas, então desconhecidas no Brasil. Durante os debates ocorridos no fórum, Octávio Ianni questionou as concepções de Loraine, ao argumentar que só se pode explicar o sucesso de um empreendimento colonial no contexto da sociedade nacional e regional. E, no caso em estudo, Ianni ainda defendeu a idéia de que o imigrante é apenas um entre tantos outros elementos, que igualmente entram no processo econômico.

Em seu outro artigo “Imigração italiana: a reação brasileira”, Loraine adiantou o tema da sua tese de doutorado, concluída em 1989. Neste artigo, ela demonstrou os efeitos locais frente à política de nacionalização durante o Estado Novo.

Loraine publicou, em 1994, pela Parlenda (editora de alcance local), com supervisão da EST, a obra *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Esse livro resulta do seu doutorado, realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nessa obra, a autora demonstrou que o movimento fascista, na Região Colonial do Rio Grande do Sul, não se organizou de forma espontânea, mas foi induzido, de fora para dentro, pelos “italianos no exterior”. A autora afirma que não houve adesão da população, apesar da simpatia que o movimento despertou entre os imigrantes e seus descendentes. Os “imigrantes tutelados” chegaram à Região Colonial Italiana a partir de 1922, e tinham, em sua maioria, formação superior ou técnica. Eles supriram as necessidades de uma mão-de-obra especializada e técnica da indústria local. Segundo a autora, a organização fascista atuou em três áreas na região colonial italiana: a propaganda do movimento, através da imprensa e da própria Igreja católica; a divulgação das idéias fascistas, através do ensino e da educação dos filhos de imigrantes; e a atuação na área técnica, estabelecendo seus técnicos junto ao movimento cooperativista e sindical.

Um dos resultados que esse trabalho revelou é que o fascismo italiano agiu sobre a vida política da Região Colonial, aproximando a burguesia regional dos interesses do Partido Nacional Fascista Italiano.

“(…)Atuando na política regional os burgueses imigrantes passaram a adotar uma dupla posição política, uma no nível regional brasileiro e outra no nível nacional italiano. A posição fascista de reconhecer os imigrantes como “italianos no exterior”, possibilitou a adoção de uma dupla nacionalidade tardia. Imigrantes já naturalizados passaram a agir como súditos do Reino da

Itália. Sem abandonar sua prática política tradicional passam a adotar a prática política fascista. O reconhecimento por parte do Estado fascista dos imigrantes como ‘italianos’ faz com que os mesmos passem a adotar a Itália como pátria, no momento em que esta se identifica com o fascismo” (Giron, 1994:147-8).

Segundo a autora, na zona rural, os pequenos produtores posicionavam-se a favor do fascismo italiano, sem no entanto participar ativamente do movimento, que era dirigido à burguesia, e pela burguesia regional. A situação se inverteu com a política nacionalista adotada durante o Estado Novo. Tanto a burguesia regional como os imigrantes italianos optaram pela nacionalidade brasileira. Segundo a autora, a nacionalização dos imigrantes se deu sob a premência de suas necessidades materiais. Quanto à reação da comunidade regional ao movimento fascista, a autora constatou que o que explicava sua posição era o fato de, em sua maior parte, ela se ver excluída do movimento. Pequenos produtores rurais, camadas médias urbanas e o proletariado não participaram do movimento. Assim, a reação contra o movimento partiu de jovens pertencentes às camadas médias, que eram brasileiros natos e partilhavam dos ideais nacionalistas de Vargas.

Após a tese de doutorado, Loraine dedicou-se ao estudo do trabalho da mulher na Região Colonial Italiana. Em parceria com Heloísa Eberle Bergamaschi e Maria Abel Machado, ela desenvolveu projetos sobre esse tema e publicou artigos e relatórios de pesquisa. Em conjunto com Heloísa Bergamaschi, ela publicou: em 1996, o livro *Colônia: um conceito controverso*, editado pela EDUCS; e em 2001, o livro *Casas de Negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*, editado pela EDUCS e pela Câmara de Dirigentes Lojistas de Caxias do Sul (CDL).

Em *Casas de Negócios*, Loraine voltou aos seus trabalhos iniciais, nos quais demonstrou que o capital investido na indústria local era originário do comércio regional. O papel do comércio na expansão econômica da Região Colonial Italiana foi um tema constante para Giron (1977, 1994). Em sua tese de doutorado, uma de suas questões foi demonstrar que a formação da burguesia regional esteve diretamente ligada à figura do comerciante. Para a autora, foi a venda dos produtos agrícolas no mercado de Porto Alegre que possibilitou a acumulação de capital, aplicado mais tarde na indústria local.

O livro *Casas de Negócios* é dividido em quatro partes: *Os Primeiros Tempos 1875-1900*, *Tempos Difíceis 1901-1950*, *Novos Tempos 1950-200* e *Tempos De Lembrar*. Nas

três primeiras partes desse estudo, as autoras descrevem o processo de formação e desenvolvimento do comércio local, até os dias atuais. A quarta parte se constitui de depoimentos de moradores antigos da cidade de Caxias do Sul, sobre suas lembranças das casas comerciais.

Nos últimos anos, Loraine publicou quatro artigos relacionados à temática da imigração. Em 1996, publicou, na Revista Chronos, da UCS, o artigo intitulado “A Mulher Imigrante e o Trabalho”; em 1997, publicou “Fazendeiros e Colonos: a difícil união”, na Coletânea do Centro de Ciências Humanas e Artes da UCS, “Cultura e Saber”. Em 1999, publicou, na mesma coletânea, “O Som do Silêncio: sexo e prostituição na colônia”. Em 1996, ela encerrou o Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana em Caxias do Sul com o artigo “Leituras da Imigração”, publicado em 1999, nos anais do simpósio.

Em “Fazendeiros e Colonos...”, Loraine se reportou à imagem do imigrante tal como era vista pela historiografia, ou seja, como uma ameaça estrangeira. No Rio Grande do Sul, segunda a autora, os intelectuais de origem lusitana, que interpretaram a imigração, chamavam a atenção para o perigo que o colono, imigrante italiano, constituía para a língua, a cultura, a política e a economia sulinas. Ela também demonstrou que, apesar das diferenças entre colonos e gaúchos, os primeiros aderiram às tradições gaúchas. E assim, concluiu que o que separava fazendeiros de colonos não eram apenas diferenças políticas, mas igualmente as que diziam respeito ao trabalho. Para a autora, o valor atribuído ao trabalho, pelos colonos, era “o abismo ideológico intransponível entre os dois grupos” (Giron, 1997: 65). Saliente-se que Loraine não analisou mais profundamente o que chamou de “valor atribuído ao trabalho”. Simplesmente afirmou que o trabalho, para o colono, *era o caminho único para a sobrevivência, a única possibilidade de enriquecimento*. A autora afirmou também que a diferença era marcada pelo pertencimento de classe, sem contudo explicar como elaborou esse argumento (voltarei a essa questão no último capítulo).

Outra trajetória ligada à organização das fontes documentais é da ex-professora da UCS, Maria Abel Machado⁵⁰. Nascida em Caxias do Sul, ela é filha de descendentes de imigrantes italianos, por parte de mãe; e de alemães, por parte de pai. Seu pai era operário da metalúrgica Eberle, e sua mãe, professora. Maria Abel fez o primeiro e o segundo graus no Colégio São Carlos (rede privada), onde se formou técnica em contabilidade no final da

⁵⁰ Quando lhe perguntei a idade, ela afirmou ser da geração de Loraine Slomp Giron.

década de 1950. Desde essa época, ela trabalhou em algumas empresas da cidade, sempre como secretária. Em 1961, após concluir o curso técnico, ela ingressou na primeira turma de história da UCS - na época, Faculdade de Filosofia -, que compreendia os cursos de filosofia, pedagogia, história e letras neo-latinas. No curso de história, ela foi aluna da profa. Loraine Slomp Giron, tornando-se sua colega mais tarde, em 1973. Recém formada, em 1964, começou a trabalhar como professora de História e Organização Social e Política do Brasil (OSPB) no Colégio Estadual Cristóvão de Mendonza, onde permaneceu durante dez anos. Muitas de suas colegas de curso foram contratadas por esse colégio. Em seguida, ela foi assessorar a delegada de educação de Caxias do Sul, e ficou neste cargo de 1974 a 78, período em que ali trabalhava também a profa. Loraine Slomp Giron. Em 1973, começou a trabalhar na UCS como professora do curso de história, onde permaneceu até 1994, quando foi demitida⁵¹ da universidade. Na UCS, ela exerceu vários cargos; foi chefe de departamento, coordenadora de pós-graduação e, durante a administração do reitor João Luis de Moraes, foi sua chefe de gabinete durante o período de 1988 a 90. Ao deixar o cargo de chefia de gabinete, ela iniciou o mestrado em História do Brasil na PUCRS.

Antes de iniciar o mestrado, ela coordenou o curso de especialização em História da América Latina na UCS, durante os anos de 1976 a 86. Segundo Maria Abel, essa era uma época de proliferação dos cursos de especialização no Estado, já que o Plano de Carreira do magistério permitia que o professor subisse de nível, ao concluir uma especialização. Na UCS, esse curso de pós-graduação funcionou entre 1976 a 86. O quadro de professores vinha, quase todo, de outras instituições. São os casos, por exemplo, da profa. Maria Lígia Prado, professora da Universidade de São Paulo (USP), que depois veio a ser orientadora da Maria Abel, no doutorado na USP; do prof. Carlos Roberto Antônio dos Santos, da Universidade Federal do Paraná, que recentemente havia terminado o doutorado na França; e da profa. Sandra Pesavento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Segundo o relato de Maria Abel, vários alunos dessa pós-graduação já trabalhavam no Museu e no Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, ou iriam para lá posteriormente - caso de Juventino Dal'Bó (que foi diretor do museu várias vezes), da ex-

⁵¹ Quando lhe perguntei o motivo da demissão, Maria Abel cogitou uma razão, porém me pediu que não a revelasse na tese.

diretora do Museu Municipal, Tânia Tonet; e de Maria Clary Frigeri Horn, organizadora do Museu Municipal de Caxias do Sul.

Maria Abel se recorda de que o prof. Carlos Roberto dos Santos ministrava a disciplina de Métodos e Técnicas, e incentivava seus alunos a trabalharem com as fontes locais, especialmente os documentos históricos. Nessa época, por volta da metade dos anos de 1970, Maria Abel, além de trabalhar na UCS, também assessorava a delegada de ensino de Caxias. Aproveitando-se de suas duas posições, ela elaborou um projeto para organizar o Arquivo Municipal. Nesse projeto, propôs a "cedência" de professores do Estado para o município, até organizar o arquivo, em troca de professores do município para o Estado". A maior parte desses professores cursava a pós-graduação em História da América, e alguns deles compõem até hoje a equipe do Museu Municipal e do Arquivo Histórico Municipal. Tânia Tonet, por exemplo, foi diretora do Museu Municipal desde o início dos anos de 1990 até 95, e atualmente tem-se dedicado a escrever sobre memória de empresas e empresários. Tânia Tonet foi a pesquisadora responsável pelo trabalho histórico sobre a empresa de móveis Florense, que resultou no livro "Horizontes", publicado em 2003; uma edição comemorativa dos cinquenta anos dessa empresa⁵².

Em 1988, Maria Abel iniciou seu trabalho de pesquisa na UCS. Juntamente com a profa. Loraine Slomp Giron, elaborou um projeto sobre a mulher e o trabalho na zona de colonização italiana. No ano seguinte, iniciou o mestrado em História do Brasil na PUCRS, e escolheu esse mesmo tema para trabalhar em sua dissertação, que, mais especificamente, versava sobre a mulher operária em Caxias do Sul, na primeira metade do século XX. Como não havia documentação sobre esse período, utilizou-se da história oral. Para tanto, entrevistou mulheres operárias. Uma de suas referências bibliográficas foi Ecléa Bosi, que havia publicado, em 1979, um livro sobre memória de velhos, utilizando-se da história oral para compor seu argumento. Como resultado de sua dissertação de mestrado, ela publicou em 1998, pela Editora do Maneco (de Caxias do Sul), o livro intitulado *Mulheres Sem Rosto*.

Em 1994, ano em que foi demitida da Universidade de Caxias do Sul, ela iniciou o doutorado em História na USP. Em sua tese, a autora tomou como tema de pesquisa a

⁵² *Horizontes. 1953-2000. 50 Anos da Fábrica de Móveis Florense*. Caxias do Sul, Editora São Miguel/ Três Tempos, 2003.

história da urbanização da cidade de Caxias do Sul, desde a criação da Colônia de Caxias do Sul, em 1875, até o período de industrialização da cidade na década de 1950. Iniciou seu trabalho demonstrando não apenas o modo como se deu a ocupação da Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, mas igualmente o plano de ocupação do espaço que se transformou no núcleo da *Colônia Caxias*. A autora demonstrou também como se deu a organização do município de Caxias do Sul, o desempenho administrativo dos primeiros intendentes, os conflitos entre as autoridades municipais e os grupos dominantes, bem como as relações das lideranças locais com a política estadual e federal.

Nessa mesma época, em 1995, Maria Abel foi convidada para escrever a história da Câmara da Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul. Juntamente com a profa. Vânia Merlotti Herédia, ela escreveu a história da CIC, publicada em 1996 com o título *Revista da CIC – 95 Anos: uma trajetória comprometida*. A partir dos dados da revista, de entrevistas com ex-dirigentes da CIC, e da consulta de documentos, essas duas autoras escreveram o número dedicado aos 100 anos dessa entidade. Foi uma edição especial de aniversário, intitulada *Câmara de Indústria, Comércio e Serviço de Caxias do Sul: cem anos de história*, publicada pela Editora do Maneco, em 2001.

Maria Abel dedicou-se ao projeto “Vamos dar um rosto às mulheres que ajudaram a construir Caxias do Sul”. Esse projeto se iniciou durante a Festa da Uva de 2002, que tinha como tema a mulher imigrante. Foi um projeto institucional da Festa da Uva, que selecionou histórias de mulheres que haviam nascido até o ano de 1930. Esse projeto teve como um de seus resultados uma exposição com mais de 300 fotografias e histórias de mulheres. Algumas delas foram divulgadas no Jornal *Pioneiro*, durante a Festa da Uva. Além disso, Maria Abel foi consultora do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami de Caxias do Sul, especialmente no que diz respeito às publicações do arquivo. Maria Abel faleceu em 2004.

Outra trajetória que está ligada à organização das fontes documentais, durante as décadas de 1970 e 80, é a de Juventino Dal Bó. Ele foi aluno de Loraine Slomp Giron e Maria Abel no início dos anos de 1970. Juventino nasceu em Bom Jesus, cidade próxima a Caxias do Sul, que conta com aproximadamente 12.000 habitantes. Sua família, tanto a paterna quanto a materna, compõe-se de descendente de imigrantes italianos. Seu pai dedicava-se à construção de moinhos e serrarias.

Após o ensino primário, Juventino foi morar em Caxias do Sul. Seu pai comprou uma casa nessa cidade para que os seus filhos nela morassem durante o período dos estudos. Juventino tem cinco irmãos, e todos foram estudar em Caxias:

“Eu e minha irmã fomos os únicos que fizemos universidade. Ninguém nos aconselhou o que devíamos fazer. Eu achei que história era legal, e fui fazer”. (Juventino Dal Bó, entrevista/2002).

Em 1974, Juventino Dal Bó concluiu o curso de Estudos Sociais, é então que a profa. Maria Abel Machado o indicou para trabalhar no Museu Municipal de Caxias do Sul. Na época, quem dirigia os trabalhos da montagem do museu era Maria Clary Frigeri Horn, professora da rede estadual de ensino que fora cedida ao município para organizar o museu.

O Museu Municipal de Caxias do Sul foi criado em 1947. Segundo Juventino, ele ficou desativado durante um período, e seu acervo foi transferido para o Centro de Tradições Gaúchas Rincão da Lealdade de Caxias do Sul. Em 1974, quando Juventino começou a trabalhar no museu, este ainda funcionava num antigo barracão de madeira, em frente à Praça Dante Alighieri, no centro da cidade. No ano seguinte, ele foi transferido para o antigo prédio da Prefeitura Municipal, já posto que esta se instalava em novo prédio. É nessa época que o museu começou a ser organizado. Juventino relatou que esse período de organização do museu foi dedicado à arrecadação de peças, limpeza e reformas do prédio. No prédio do museu, também foi instalado, em agosto de 1976, o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami⁵³. Tanto Maria Abel quanto Loraine Slomp Giron estiveram envolvidas no projeto de instalação do Arquivo. Nessa época, Maria Abel era assessora da secretária de educação, e elaborou o projeto que possibilitou a cedência de professores para trabalharem no museu e arquivo. Juventino era um desses professores. A UCS, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura e a 4ª Delegacia de Educação estabeleceram um convênio para a realização do *Levantamento do Acervo do Arquivo Histórico Municipal*, conforme depoimento de Maria Abel Machado:

⁵³ Criado em 5 de agosto de 1976, através do Decreto Municipal nº 4.047, e vinculado ao Museu Municipal. Fonte: Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul. *Guia de Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami*. Caxias do Sul, janeiro de 2001.

“(...) a idéia surgiu da reflexão em torno da necessidade de preservar as fontes primárias para a elaboração da história regional”. (Extraído: *Memória – Boletim do Museu e Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami*. nº 1, 1980).

Segundo uma matéria do Boletim *Memória*, em seu nº 1, o acervo do Arquivo Histórico nasceu da reunião de três grupos básicos de documentos: os que pertenciam à Prefeitura Municipal de Caxias, os encontrados na Hidráulica Borges de Medeiros, e os documentos que pertenciam ao historiador João Spadari Adami. Ao todo, reuniram-se trezentos mil documentos. Segundo um depoimento de Maria Horn (responsável pela organização do museu) que se encontra no boletim supracitado, ela e a profa. Loraine foram informadas de que havia uma documentação depositada na Hidráulica Borges de Medeiros. De fato, lá elas encontraram boa parte do acervo que hoje compõe o Arquivo Histórico.

Loraine intercedeu junto à Prefeitura para que esta adquirisse os documentos que faziam parte da administração pública da cidade, e também escreveu um livro na época, utilizando-se dessa documentação⁵⁴. Atualmente, existe no arquivo uma Unidade de Documentação Pública (arquivo permanente), basicamente constituída de documentos correspondentes às diferentes fases da administração pública de Caxias do Sul. Integram essa sessão: o arquivo da Diretoria da Colônia Caxias (1875-1884) e da Comissão de Terras e Medição de Lotes (1884-1896); o arquivo da Administração Pública Municipal, formado pelos conjuntos documentais da Junta Municipal (1890-1892), da Intendência Municipal (1890-1930) e da Prefeitura Municipal (1930-1960).

Também nesse mesmo período foi criado o Museu da Casa de Pedra⁵⁵, numa área desapropriada em agosto de 1974. Essa casa representa uma das moradias típicas dos primeiros habitantes de Caxias do Sul⁵⁶. Segundo o depoimento de Juventino:

⁵⁴ GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul, EDUCS/ EST, 1977.

⁵⁵ Decreto nº 3712 de 07 de agosto de 1974 (Pinheiro Machado, 2003).

⁵⁶ Em relação aos espaços simbólicos criados para evocar a memória da colonização italiana, já existia o Monumento Nacional ao Imigrante, que começou a ser construído em Caxias do Sul durante as comemorações do 75º aniversário da Colonização Italiana no RS, em 1950. Foi inaugurado em 1954. Esse monumento é constituído por um homem e uma mulher fundidos em bronze; ele com uma enxada sobre o ombro; ela, com um filho no colo.

“Eu trabalhei muito com a Maria em pequenas coisas. Era um tipo de estagiário. Como eu tinha tempo, eu só fazia a faculdade e não trabalhava. Eu fazia muitas coisas: eu limpei a Casa de Pedra, por exemplo. Antes de começar as reformas nós fomos lá limpar, tirar todo o entulho que tinha dentro. Aqui no arquivo também, no museu. Ajudei a colocar a peças no lugar. (...) E também saía pelas colônias, nos sótãos, nos porões, para ver se achava coisas que interessavam ao museu. Se bem que a gente não tinha a mentalidade que se tem hoje. É uma questão de formação (...) Não sabíamos os que estávamos fazendo. A Maria sabia um pouco, pois tinha feito dois ou três cursos de museologia no centro do país. A restauração da Casa de Pedra foi um parto, tanto que estamos corrigindo as coisas erradas agora” (Juventino Dal Bó, entrevista/2002).

Esse período foi marcado pela valorização dos símbolos da imigração. Preservaram-se os bens tangíveis, como a arquitetura e a arte, e a documentação pública e privada foi organizada.

Em 1982, com a mudança de administração no governo municipal (assumiu o PMDB), a nova Secretária da Educação convidou Juventino para assumir a direção do museu. Juventino permaneceu no cargo de 1982 a 88, período em que convidou alguns colegas da universidade para integrarem a sua equipe. Eram colegas do curso de história e da pós-graduação em História da América Latina, coordenada esta última por Maria Abel Machado. Foi nesse período que surgiram as primeiras publicações do Museu e do Arquivo: *Memória*, *Cenas e Ocorrências*.

O boletim *Memória* abordava a pesquisa de temas diversos e fatos significativos que ocorreram na história da cidade. O primeiro *Boletim Informativo do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul – Memória* foi impresso em outubro de 1980. Tratava-se de um pôster. Em um de seus lados estava impressa uma fotografia que tomava todo o seu espaço, no outro lado estavam impressos vários textos mesclados a fotografias menores. Esse primeiro número foi dedicado ao trabalho que a equipe do arquivo realizou com as fontes documentais e fotográficas. A primeira matéria era sobre o conceito de arquivo, e tentava desfazer a idéia, corrente no senso comum, de que “arquivo” é sinônimo de “coisa velha”. A fotografia que tomava a página inteira é de uma alfaiataria antiga. As fotos que acompanhavam os textos eram: de uma família, de duas irmãs durante o carnaval em um clube, de uma moça de corpo inteiro, em frente a um espelho; da praça central da cidade e

de um passaporte italiano. Todas as fotos foram tiradas por fotógrafos profissionais de Caxias do Sul.

O boletim *Memória* nº 2, impresso em junho de 1981, foi elaborado a partir de depoimentos de imigrantes, extraídos de dois livros⁵⁷ sobre memórias de imigrantes italianos. Os depoimentos faziam menção à situação de miséria dos imigrantes, às péssimas condições da viagem da Itália para o Brasil, às primeiras instalações na região e à abertura da mata, à divisão geográfica da região, à religião e às festas comunitárias, à divisão do trabalho, ao comércio e à indústria. Os textos foram intercalados por fotografias que ilustram os temas desenvolvidos.

O boletim *Memória* foi publicado entre os anos de 1980 e 2002, totalizando 24 números. O tema central desses boletins é a memória da cidade de Caxias do Sul. Abordaram-se aí: preservação do patrimônio, trajetória de pintores, a situação econômica e social de Caxias na década de 1910, a história das vinícolas, o comércio dos produtos coloniais, a Festa da Uva, a preservação da Casa de Pedra, a história do Museu Municipal, dentre outros temas.

A publicação intitulada *Cenas* tinha como objetivo divulgar a história da fotografia em Caxias do Sul, e para tanto publicou material fotográfico de produção local. Foram publicados cinco números de *Cenas*, entre 1984 a 2000. Neles, podem-se encontrar as trajetórias de cinco fotógrafos que trabalharam em Caxias do Sul a partir das décadas de 1910 e 20. Essas publicações integraram as atividades do projeto *Resgatando Velhas Imagens* por meio de um convênio com a Fundação Nacional de Arte (Funarte), que garantiu suporte financeiro e orientação técnica.

A publicação intitulada *Ocorrências* era elaborada a partir exposições fotográficas, tais como *Arte e Ofício, o trabalho em cobre na região colonial italiana*; e *Tramas, o artesanato de cestas em vime, taquara, cipó, palha de milho, e palha de trigo*. Essas publicações ocorreram entre os anos de 1980 e 90.

Além dessas publicações, tal como afirma Juventino Dal Bó, a equipe do museu e arquivo publicou semanalmente (aos sábados), durante seis anos (década de 1980), matérias sobre memória da cidade, no jornal *Pioneiro* de Caxias do Sul. Era uma forma de

⁵⁷ DE BONI, Luis A. *La Mérica*. Porto Alegre/EST, Caxias do Sul/EDUCS, 1977. LORENZONI, Julio. *Memórias de um Imigrante Italiano*. Porto Alegre, Sulina, 1975.

retribuição às famílias que haviam doado fotografias e concedido entrevistas. Mais tarde, esse trabalho deu origem à Fototeca e ao Banco de Memórias. O Banco de Memórias é formado por entrevistas com pessoas que se destacaram na vida pública, política, econômica e social da cidade. O objetivo desse trabalho era:

“(...) resgatar, através da História Oral, a trajetória da cidade em suas manifestações culturais, artísticas, políticas, associativas, religiosas, em atividades que enfocam o cotidiano de sua produção: organização familiar, relações de trabalho, hábitos e costumes evidenciados nas ocasiões solenes e no dia-a-dia das fábricas, casas, colônias, ruas, bares...” (Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul, 2001).

A equipe que compunha o Museu e Arquivo Histórico, nos anos de 1980, e que estava envolvida na produção dessas publicações, pertencia a um grupo de alunos com formação em história na UCS. Quase todos eram professores de história da rede estadual de ensino cedidos ao município. Ao concluírem seus cursos de graduação, na metade dos anos 1970, eles se especializaram em História da América Latina na UCS. Mais tarde, alguns deles tornaram-se professores do Departamento de História e Geografia da UCS. Liliana Alberti Henrichs, Sônia Storch Fries, Edna Ribeiro, Luiza Horn Iotti, Tânia Tonet, Anelise Cavagnolli, dentre outros, fizeram parte dessa equipe dos anos 1980.

Segundo Juventino, já na época da graduação eles formavam um grupo coeso. Reuniam-se para ler *O Capital*, de Karl Marx, e posteriormente começaram ler material sobre a Nova História. Liam Fernand Braudel, Lucien Febvre, Marc Bloch, entre outros. Juventino salientou que os professores do curso de história, na UCS, formulavam ressalvas às concepções da Nova História. Essas leituras eram feitas sem orientação de professores; delas, participavam apenas os alunos. Durante a pós-graduação em história da América Latina, eles tiveram contato com professores que vinham de outras universidades. Esses tampouco se definiam favoravelmente às concepções da Nova História, mas comentavam sobre esses novos estudos. Juventino permaneceu como diretor do museu até 1988, quando outra administração assumiu a prefeitura de Caxias do Sul. Por ser professor concursado, foi cedido para a Biblioteca Pública. Lá, realizou três projetos sobre o “resgate de poetas caxienses”. Nessa época, quem assumiu o museu ficou pouco tempo no cargo, que logo em seguida foi assumido pela historiadora Tânia Tonet, integrante da equipe do museu.

Juventino voltou à direção do museu quando a Administração Popular (Partido dos Trabalhadores) assumiu a Prefeitura de Caxias do Sul, em 1997, e depois foi convidado a permanecer no cargo, pela mesma administração que se reelegeu em 2001. Paralelamente ao seu trabalho no museu, Juventino foi professor do Departamento de História e Geografia na UCS, até o ano de 2000. Na UCS, ele trabalhou com pesquisas ligadas à temática da memória, e foi coordenador do curso de história, dentre outras funções. Juventino deixou a direção do museu no início de 2005, quando outra administração (do PMDB) assumiu a prefeitura de Caxias do Sul.

Atualmente, o Museu Municipal e o Arquivo Histórico estão ligados ao Departamento de Memória e Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul. Esse Departamento desenvolve uma série de projetos ligados a programas de educação patrimonial, de preservação do patrimônio material e não-material, de publicações, de intercâmbio cultural e de descentralização cultural. Em 2002, quando entrevistei a então coordenadora do Programa de Educação Patrimonial, Maria Beatriz Pinheiro Machado - professora do Departamento de História e Geografia da UCS que havia iniciado seu trabalho no arquivo em 1997 -, ela me relatou uma “falta de ações concretas para grupos desconhecidos”. É a razão pela qual os seus trabalhos, na coordenação daquele Programa, objetivaram refletir e implementar políticas para a preservação da memória de grupos que não participam da simbologia e das ideologias dominantes na cidade. Maria Beatriz deixou a coordenação desse programa no início de 2005, em razão das mudanças na administração da cidade.

Noções de Italianidade

Os primeiros escritos sobre imigração italiana, especialmente aqueles dos Álbuns Comemorativos, exaltavam sua contribuição no estado do Rio Grande do Sul. Nesses escritos, os imigrantes italianos eram tratados como *pioneiros*, *desbravadores*, como *heróis civilizadores*. O mito do progresso era tratado em tais álbuns por meio das trajetórias de imigrantes que se transformaram em empresários e comerciantes bem sucedidos.

A década de 1970, momento a partir do qual se iniciou uma produção significativa sobre o tema da imigração italiana, caracterizou-se pelos estudos de cunho científico em oposição àqueles, até então, realizados por escritores, historiadores e cronistas, que tinham o propósito de exaltar a contribuição da etnia italiana no Estado, e se encontravam publicados em enciclopédias e álbuns comemorativos.

Nos estudos científicos, constata-se o interesse pelos estudos da língua. A preocupação desses intelectuais em explicar as influências lingüísticas teve como resultado trabalhos sobre a formação de uma comunidade ítalo-brasileira. Tal comunidade era formada por grupos étnico-lingüísticos mistos, formando um supradialeto, uma coiné. A noção de italianidade é apreendida por meio da língua.

Quanto aos estudos desenvolvidos pelo Projeto ECIRS, verifica-se uma outra noção de italianidade. A partir da hipótese de existir um “sistema cultural” na região, os intelectuais do ECIRS identificaram os elementos culturais das antigas colônias. Em todo o seu trabalho está evidente a preocupação com a recuperação e a valorização da memória. A coordenadora desse projeto, Cleodes Ribeiro, disse-me que o ECIRS foi um *promotor cultural*, especialmente no final dos anos 1970, *ajudando a resgatar e a fortalecer a auto-estima dos colonos*. Os trabalhos desenvolvidos pela equipe do projeto ECIRS constituíram um mapeamento da cultura material e imaterial da região, envolvendo as seguintes temáticas: patrimônio edificado, religiosidade popular, artesanato, educação, mitos, ritos, musicologia, entre outras. Foram trabalhos desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar, sob a coordenação de Cleodes Ribeiro, e que tiveram como resultado um vasto levantamento de dados sobre a região. Durante as décadas de 1970 e 80, os intelectuais do ECIRS se dedicaram ao levantamento de dados, e ao mesmo tempo desenvolveram ações culturais pela recuperação da memória da Região Colonial Italiana. Tal ação cultural se desenvolveu em parcerias com o IPHAN, com o Instituto Nacional do Folclore, com a OEA, entre outros organismos, e teve como resultado a produção de discos, exposições fotográficas e publicações de livros. Um conceito de italianidade era então recuperado por meio de elementos materiais e imateriais constituintes da memória regional.

Esses mesmos propósitos aparecem no projeto de Rovílio Costa e De Boni. Rovílio Costa me relatou sua intenção de “*dar voz aos imigrantes e descendentes*”. Para tanto, coletou depoimentos, servindo estes de instrumento para “*fortalecer a consciência de*

italianidade entre os descendentes”. A contribuição de Rovílio Costa e De Boni ultrapassou o levantamento das fontes documentais e tomada de depoimentos. Rovílio, em especial, tem uma publicação significativa a respeito da temática da imigração italiana. A criação da EST possibilitou a publicação dessa sua produção, bem como da de outros autores. As boas relações com a Fondazione Agnelli resultaram na organização de simpósios, em publicações de livros e na montagem de cursos de italianos. Rovílio atuou também como produtor cultural, o que mais ainda deixa claro seu propósito de fortalecer e afirmar a identidade dos descendentes de italianos. É no trabalho de Rovílio Costa que a intenção de tomar a pesquisa como meio de valorização da cultura de um determinado grupo étnico se apresenta de forma tão explícita.

O projeto de criação do Arquivo Histórico de Caxias do Sul, que envolveu os professores Loraine Slomp Giron, Maria Abel Machado e Juventino Dal Bó, teve como propósito a recuperação da memória regional. Na metade dos anos de 1970, Loraine e Maria Abel desempenharam um papel importante na organização e recuperação das fontes documentais de Caxias do Sul. Dando continuidade a esse trabalho, Juventino Dal Bó e a equipe do Museu e Arquivo Histórico desenvolveram um trabalho de recuperação de fontes documentais e orais. Resultaram desse trabalho as publicações, *Cenas*, *Memória* e *Ocorrências*. Elas revelaram o objetivo desse grupo de valorizar a cultura local, fazendo uso de fontes documentais e orais. Quando a equipe do museu trabalhou com as noções de arquivo, memória, trabalho, família, imigrante, dentre outras, estava, de certa forma, elaborando uma noção de italianidade.

Diferentemente dos grupos acima citados, Loraine, em seus livros e artigos, não pretendeu *resgatar* a história, mas contribuir para a crítica social, como me afirmou. De forma geral, em sua obra a noção de italianidade é trabalhada para demonstrar a situação histórica e social dos imigrantes e descendentes de italianos, comparando-a com a de outros grupos existentes na região e no estado do Rio Grande do Sul. Parece-me que dois conceitos permeiam sua obra: o de classe e o de identidade. O de classe mais visível na obra sobre o fascismo; e o de identidade não assumido pela autora, está presente, não explicitamente.

Nos trabalhos publicados por Vânia Herédia, nota-se sua preocupação em tratar a imigração italiana, seja através da religião, tal como ocorreu em sua dissertação de

mestrado; seja através do processo de industrialização local, como em seu doutorado. A religião é concebida em seus trabalhos como um dos fatores de maior integração, assimilação e identificação cultural entre os imigrantes descendentes de italianos. Herédia estabeleceu relações entre industrialização e cultura local, ao trabalhar o processo de industrialização na zona de colonização italiana. Enfim, o conceito de cultura e o de trabalho estão presentes em suas publicações.

As diferenças e semelhanças nos modos como eles tratam a noção de italianidade podem ser explicadas pelas redes de relações que envolveram diferentes grupos de pesquisas sobre a imigração, pelo sentimento de pertencimento grupal e, sobretudo, pelas influências teóricas presentes em suas trajetórias acadêmicas. É disso que tratarei agora.

Influências Recebidas

Após expor como os grupos de intelectuais se formaram e como se articularam em meio a uma rede de relações definidas por interesses comuns, cabe perguntar que autores, escolas de pensamento e estudos influenciaram tais intelectuais.

Para alguns dos intelectuais entrevistados, o I Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros realizado em Caxias do Sul, foi um acontecimento que propiciou revisão e reflexão da produção local. Dentre os intelectuais que participaram deste fórum, estavam presentes Thales de Azevedo, Octávio Ianni, José de Souza Martins, Eunice Durham, Lucy Maffei Hutter, dentre outros. Com exceção de Thales de Azevedo e Octávio Ianni, todos eram professores da USP. A literatura sobre imigração dos anos de 1960 e 70, produzida pela geração acima mencionada, apresentava diferentes perspectivas teóricas.

Thales de Azevedo, quando escreveu sobre imigração italiana, em sua obra *Italianos e Gaúchos*, investigou os processos de aculturação e assimilação na região colonial italiana, tendo como pressupostos as teorias da aculturação dos anos 1950. Em tal obra, Thales afirma que o isolamento geográfico dos colonos nos primeiros anos da imigração foi um dos fatores que dificultou a aculturação e a assimilação. Outro fator foi o papel da Igreja e da religião, através das congregações e ordens religiosas (italianas e francesas) que se

instalaram na região. Segundo Azevedo, a Igreja controlou agências de socialização como a escola, as associações beneficentes e a imprensa. Foram elas que representaram muitas das tradições italianas e que se reproduziram no Brasil. Com isso, Thales não quis dizer que a religião tivesse uma orientação anti-aculturativa; ao contrário, segundo ele, a religião teve papel modernizante, e lentamente introduziu valores, costumes, ideais urbanos, servindo de mediadora para a sociedade brasileira circundante, da qual dependia como instituição eclesial. Para Thales de Azevedo, a Igreja Católica exerceu, na zona italiana, uma ação aculturativa e assimilativa, sem perder seus vínculos com as tradições dos colonos, das quais se assumia guardiã. Enfim, a religião era tratada, por Azevedo, como representação da *italianità*, atuando nas escolas, na imprensa e nas sociedades de mútuo socorro⁵⁸.

Segundo o autor, as trocas e o contato entre as pessoas, que viviam então as economias colonial e lusitana, ocorriam em função das naturezas complementares destas, a primeira, preponderantemente agrícola; a segunda, basicamente pecuária.

“A zona colonial italiana na verdade é isolada ecologicamente, mas tem várias áreas de contato, de um lado com a capital da Província e o Alto da Serra que lhe apresentam a cultura luso-brasileira da sociedade inclusiva, de outro lado com diferentes grupos de colonos europeus, como franceses, poloneses e particularmente a grande massa de alemães, vizinhos no Sopé da Serra, imigrantes também em processo de adaptação ao meio e de ajustamento à vida nacional”. (Azevedo, 1975:234).

É nas sedes dos núcleos coloniais, segundo o autor, através da convivência entre italianos e brasileiros que o processo de aculturação se intensificou. É um dos casos registrados pelo autor: italianos e brasileiros participavam juntos das comemorações de 20 de setembro, mas enquanto uns lembravam a unificação da Itália, outros festejavam a Revolução Farroupilha. Segundo o autor, foram os italianos da camada mais alta que mais se abasileiraram. Foi o comércio com outras regiões que os inclina à adoção da língua portuguesa e às relações e aos contatos com clientes, fregueses, políticos etc.

⁵⁸ Para Giron (1994: 47), as sociedades italianas na região colonial no início da imigração podem ser classificadas em "mútuo-socorro" e "recreativas-culturais". As primeiras visavam à proteção de seus associados, oferecendo-lhes pecúlios, pensões, aposentadoria, entre outros auxílios.

“(...) Assimilam-se assim, por esse modo, aos brasileiros de sua classe, adotando muitas de suas características de *status*, - a língua, o traje, as atitudes, inclusive a nacionalidade, que lhes é exigida para participação na atividade política e nos cargos públicos. Inserem-se, por essa via na classe alta rio-grandense”. (Azevedo, 1975: 254).

Eunice Durham (1966) é outra intelectual brasileira que também trabalhou com os conceitos de aculturação e assimilação. A autora lançou mão de tais conceitos para investigar o processo de integração social de imigrantes italianos do município de Descalvado, no interior de São Paulo. No estudo já citado, ela analisou algumas conexões entre aspectos sociais e culturais do processo total da mudança que, em seu julgamento, pareciam essenciais para a compreensão da assimilação da população de origem italiana à sociedade local. Esta autora mostrou como a integração do imigrante se realizou através de um processo de mobilidade social, que foi possível pela utilização de determinados elementos de seu equipamento cultural original (especialmente técnicas de produção e de organização do trabalho produtivo, e padrões associativos que regulam a vida familiar). Durham afirma: a mobilidade se deu paralelamente à assimilação.

“Todavia, para uma visão mais completa do processo é necessário também explicar como os italianos puderam aproveitar e criar essas oportunidades dentro do sistema. Esta indagação nos levou à investigação dos aspectos do equipamento cultural e das motivações do imigrante, que lhe permitiram definir e resolver, de um modo determinado os problemas da situação criada pelo movimento emigratório. A familiaridade com uma economia urbana e de mercado lhes permitiu definir a mobilidade em termos de formação de capital. A intensidade do trabalho, a organização familiar da produção e os padrões tradicionais de poupança tornaram possível, no sistema econômico baseado na grande lavoura de café, a acumulação do capital que era necessária à mobilidade inicial. Esses mesmos elementos permitiram aos italianos competir com os brasileiros pelas posições dominantes quando o sistema econômico se transforma, e asseguram o êxito de alguns”. (Durham, 1966:57).

Durham emprega a noção de aculturação para se referir às transformações que ocorrem no equipamento cultural do grupo imigrante, resultantes da situação de contato. Ela aponta algumas das críticas que os antropólogos formularam à teoria da aculturação, tal como fez Willems (1940 e 1946), por exemplo. Segundo Durham, Willems percebeu que

o estudo da aculturação era descritivo, e que as explicações causais e funcionais eram feitas no âmbito dos processos psíquicos, pois a integração era vista como compatibilidade de valores e atitudes que se realizavam no âmbito da personalidade. Para Durham (1966), a crítica que os antropólogos fizeram a essa abordagem, nos anos de 1940 e 50, atribuía importância aos aspectos sócio-econômicos, estabelecendo as conexões causais e funcionais que explicavam as transformações culturais. Esta ampliação da abordagem culturalista – continua a autora - era uma tentativa de captar os fenômenos de mudança como “fenômenos sociais totais” (Durham, 1966:5).

Tanto Thales de Azevedo quanto Eunice Durham trabalharam com a temática da imigração, utilizando-se da teoria da aculturação dos anos 1950 - ainda que Durham também tenha tecido algumas críticas a ela. Já José de Souza Martins, em sua obra *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*, interpreta a temática da imigração à luz da teoria marxista. Martins (1973) vinculou a imigração à condição camponesa, à crise agrária capitalista e também à ideologia do trabalho, tal como fizera no seu estudo sobre o Conde de Matarazzo, Martins (1976).

Para Martins, a crise do Brasil agrário se institui como componente essencial do processo de reprodução do capitalismo no Brasil. O autor propõe estudar a problemática da imigração e da assimilação do imigrante como um processo social, no qual a sociedade se exprimia não só pelas relações entre sujeitos, mas pelas relações destes com as condições de produção da história. Em outras palavras, as relações sociais ali observadas decorriam do modo como a imigração foi produzida e incorporada pela crise do Brasil agrário. É nesse sentido que ele concebe a migração como um evento historicamente determinado pela expansão do modo capitalista de produção. Nem por isso, Martins deixou de dar importância à análise funcionalista das migrações, feita por Eisenstadt⁵⁹ (1954). Martins propõe para o estudo da imigração a noção de “papel social histórico”. Com ela, desloca-se a análise do papel social para a da classe social, incluindo assim a historicidade na análise sociológica das migrações.

⁵⁹ Segundo Martins, Eisenstadt (1954) compreendia a imigração em três fases: “Primeira, a motivação para migrar – as necessidades e disposições que levam as pessoas a saírem de um lugar para o outro; segunda, a estrutura do processo migratório real, da transição física da sociedade original para a nova; terceira, a assimilação dos imigrantes pelo esquema social e cultural da nova sociedade” (Martins, 1973:20). Nessa concepção, é durante essas três fases que o sujeito se dessocializa e se ressocializa, ou seja, estabelece relações sociais no interior da sociedade de adoção, em virtude dos papéis que nela passa a desempenhar, completando assim com o seu período de assimilação.

Com Martins (1973), a análise sociológica da imigração reforça um método, já formulado por Ianni (1961) e Moreira (1963), em que o conceito de comunidade é pensado como reconstrução sociológica da realidade social. Moreira (1963), ao revisar os estudos de comunidade, levanta alguns problemas de ordem metodológica, e diz:

“(...) Se esses estudos favorecem a descoberta de certos mecanismos gerais de mudança social, não é menos verdade que para alcançar esse objetivo é preciso sair da modalidade clássica de realização desses trabalhos” (Moreira, 1963:30).

A primeira revisão é dirigida à idéia (subjacente aos estudos de comunidade) de que, para se alcançar o conhecimento do todo, é preciso abranger de modo completo toda a variedade das situações particulares que o integram. Para a autora, não se deve incorrer no erro de converter o estudo de comunidade num método de investigação que toma determinados estratos sociais isoladamente da estrutura a que pertencem. Como contrapartida, a autora propõe a reconstrução científica da realidade, cujo objetivo não é descrever e explicar unidades locais, mas sim descobrir as determinações fundamentais que definem um sistema social. Para Moreira, o foco de análise nos estudos de comunidade incidia sobre as relações de parentesco, de vizinhança e de ajuda mútua, ou seja, o campo no qual se podiam observar de modo típico os elementos constitutivos do conceito de relação comunitária. Nessa linha de raciocínio, a autora chama a atenção para o conceito de relações comunitárias, que em sua opinião, enfatiza os elementos de preservação da ordem social. Para Moreira, ao tomar tal conceito como ponto de referência, corre-se o risco de não apreender os fatores de mudança das pequenas comunidades. É neste sentido que o estudo de áreas do parentesco, da vizinhança e da ajuda mútua, por exemplo, tem importância secundária. Para ela, o prioritário era descobrir os elementos que estão remodelando a pequena comunidade, e presidindo o processo de integração num mundo em que dominam as relações societárias.

Segundo Martins, o descrédito, que alguns sociólogos associavam à abordagem dos chamados “estudos de comunidade”⁶⁰, se dava em razão de uma certa indefinição do seu

⁶⁰ De acordo com Martins (1973:30), o conceito de comunidade é empregado na sociologia em três diferentes concepções. Na primeira, o conceito de comunidade está associado a “sociedade local” e suas características, tendo como núcleo as relações pessoais, face a face, os vínculos de vizinhança, em que o

emprego. Uma das críticas a tais estudos era que eles não se aplicavam à sociedade de classes, diferenciada internamente por processos não-comunitários. Para Martins, tal crítica baseava-se numa concepção linear do processo do capital e não no caráter desigual do seu desenvolvimento. A retomada dos “estudos de comunidade”, no início dos anos 1970, critica aqueles intelectuais que admitiam a tese da incompatibilidade do capital em relação aos processos de produção equivocadamente definidos como pré-capitalistas. Esses intelectuais, por sua vez, propunham-se a demonstrar que “a idéia de comunidade surge quando esta não é a matriz de sua existência, isto é, quando a matriz da existência é a sociedade” (Martins, 1973:31,32). É assim que surge a proposta da comunidade como utopia.

“Portanto, o *conceito* de comunidade ao pretender exprimir uma realidade existente na periferia da vida capitalista se desvanece enquanto tal para ressurgir como perspectiva direta e essencialmente relacionada com a análise sociológica da sociedade, isto é, das objetivações do capitalismo. Assim, o conceito de comunidade não tem uma contrapartida real. O que subsiste, como diz Mannheim, é o ‘conteúdo de um programa’, isto é, a comunidade utópica que o teórico supôs captar como realidade”. (Martins, 1973:36).

A proposta era analisar um grupo social - neste caso, o universo camponês - com o intuito de descobrir as relações em que se fundam a utopia comunitária e os vínculos de marginalização do camponês.

Os estudos produzidos no Brasil, nos anos de 1960, 70, 80, e que se detiveram no estudo do processo imigratório, podem ser considerados um desdobramento dos “estudos de comunidade”. Partiram da noção de comunidade, como reconstrução sociológica da realidade. Levaram em conta as análises funcionalistas dos anos 1950, que tinham como objetivo explicar o processo de assimilação e aculturação dos imigrantes pelo esquema

envolvimento interpessoal é integral. Tal concepção, oriunda da sociologia americana, teve como propósito explicar o processo de urbanização e desagregação dos padrões de conduta da sociedade americana. Para a sociologia clássica européia, o conceito de comunidade está associado à comunidade de sangue e à comunidade de espírito. Neste caso, a comunidade não se exprime somente em relações interpessoais integrais, mas constitui tanto um aspecto “natural” da existência humana, quanto um aspecto que só pode ser compreendido exteriormente, por meio de um conhecimento fundado na racionalidade capitalista. Nesta segunda concepção, a noção de comunidade é associada a uma *forma social utópica*, presente nos projetos ligados aos movimentos sociais, tanto conservadores, quanto revolucionários. Enfim, a comunidade é concebida como reconstrução sociológica da realidade social, concepção esta a que o próprio autor (Martins) se filia.

social e cultural da nova sociedade (Eisenstadt, 1954). Porém, esses estudos se posicionaram contrariamente às teorias de assimilação e aculturação, na medida em que substituíram o conceito de papel social *pelo* de classe social. Questionou-se em tais estudos a suposição de que as características distintivas dos imigrantes resultavam da herança social e cultural da sociedade de origem. A preocupação era entendê-las como características concretamente engendradas pela sociedade de adoção. Dessa forma a imigração é entendida como um processo social, produzido e incorporado pela crise do Brasil agrário.

As teorias da aculturação e a retomada dos estudos de comunidade acima descritos, influenciaram, em parte, o universo dos intelectuais aqui estudados. Nenhum deles realizou estudos tendo como propósito explicar a imigração a partir das teorias da aculturação ou dos estudos de comunidade. Porém, um dos temas trabalhados, a religião, foi concebido como “fator de integração social”, tanto por Manfroi (1975) quanto por Herédia (1978, 1987). Os estudos de Giron (1977, 1979, 1989) e Herédia (1997, 2001) foram influenciados pela abordagem marxista⁶¹ (incorporada pela retomada dos estudos de comunidade).

Em um estudo de caso de uma indústria têxtil, Herédia analisou o processo de industrialização da Região Colonial Italiana, sua formação e as conjunturas favoráveis para o seu desenvolvimento. Ao analisar a mão-de-obra dessa indústria, a autora, demonstrou sua relação com a política imigratória brasileira. Dessa forma, Herédia compartilhou da tese de Martins (1973), que pretendia entender a imigração como um processo social, produzido e incorporado pela crise do Brasil agrário. Porém, ao interpretar os valores culturais do grupo estudado (terra, propriedade, família, trabalho, herança e poupança) como decorrência de tradições seculares trazidas do país de origem, ela acabou se afastando de tal proposta. Com já lembrei aqui, Martins (1973) discorda da explicação das características distintivas dos imigrantes como resultado da herança social e cultural da sociedade de origem.

Também Giron se filiou à abordagem marxista quando se dedicou a estudar o papel do comércio na expansão econômica, bem como o movimento fascista na região colonial italiana. O conceito de classe social sempre aparece em seus estudos.

⁶¹ A obra *Pobres Construtores de Riqueza*, do autor Valentim Lazarotto, também segue a abordagem marxista. Foi editada em 1981 pela EDUSC em co-edição com a EST. Valentim Lazarotto (falecido em 2001) foi professor do departamento de filosofia da UCS. Nessa obra, Lazarotto investigou a empresa Metalúrgica Abramo Eberle, de Caxias do Sul, procurando entender as relações entre capital e trabalho.

Seguindo os moldes propostos por Martins (1973), a obra de Tavares dos Santos⁶² (1978) também pode ser considerado um desdobramento dos “estudos de comunidade”. Resulta de sua dissertação de mestrado, orientada por José de Souza Martins na metade dos anos 1970 na USP. Em tal obra, Tavares dos Santos tratou da subordinação do trabalho camponês ao capital, entre descendentes de imigrantes da Região Colonial Italiana. Essa filiação fica explícita quando Tavares dos Santos dedica o último capítulo de seu livro ao “projeto camponês”, onde desenvolve a idéia da utopia comunitária. Esta se manifesta, segundo o autor, por meio das relações sociais, como resistência às rupturas estruturais da sociedade capitalista que incidem sobre os camponeses (Tavares dos Santos, 1978:158).

Os intelectuais que fizeram parte do projeto de criação do Arquivo Histórico de Caxias do Sul se sentiam mais próximos das novas teorias e metodologias que naquela época se introduziam no Brasil. Foi assim no caso da Escola dos Annalles e da História Oral. Nos anos 1970 e 80, quando esses intelectuais atuaram no Arquivo Histórico (na recuperação de fontes documentais e orais), o que se conhece como “história oral” estava sendo introduzido no Brasil (Amado e Ferreira, 2000). Segundo Amado e Ferreira, a história oral só teria significativa expansão no Brasil a partir dos anos 1990.

Rovílio Costa e Luís A. De Boni não se filiaram às teorias supracitadas. Rovílio Costa teve como propósito o levantamento das fontes documentais e orais, sem pretensão teórica. Mesmo no seu projeto de editora, as publicações limitaram-se aos estudos descritivos e de recuperação de fontes documentais e orais. Podem ter tido alguma aproximação aos estudos antropológicos e históricos sobre imigração, porém não fizeram referências a eles.

Nos trabalhos desenvolvidos pelos intelectuais do Projeto ECIRS, está clara a preocupação com a recuperação e a valorização da memória, resultando em ações culturais. Tais intelectuais sempre atuaram nas fronteiras das áreas que compõe os chamados estudos culturais: letras, história, educação, antropologia, dentre outras. Eles não possuem filiações teóricas definidas, na medida em que se aproximam de várias. Atuaram mais como

⁶²José Vicente Tavares dos Santos é professor do departamento de sociologia da UFRGS. Fez seu trabalho de campo numa comunidade rural da região colonial italiana, durante os anos de 1970. Não faz parte dos grupos de intelectuais estudados. É de uma geração posterior, tem outro tipo formação e filiação teórica, e não participou das redes de relações descritas neste trabalho.

promotores culturais, para o levantamento da cultura material e imaterial da região, do que produziram uma significativa literatura no campo acadêmico.

Os intelectuais aqui analisados se apresentam ao estudo tal como poderíamos chamar de intelectuais orgânicos, voltados não só à produção acadêmica, mas também à ação cultural (desenvolverei esta questão no final do último capítulo).

CAPÍTULO II

Trajetórias de Empresários: relações de etnia e poder local

Neste capítulo, descrevo sete trajetórias que fazem referência a representações de três tipos de empresários: aqueles comparados à figura de um herói civilizador, aqueles representados pela simbologia da herança e, por fim, aqueles ligados a um conhecimento técnico. Em geral, as trajetórias aqui descritas demonstram as relações estreitas que esses empresários estabelecem com a sociedade local. Tais relações não se limitam ao campo econômico da produção, mas se estendem ao campo social e político.

No universo das quinze entrevistas realizadas por mim, (com empresários), destaco sete deles. Cinco dessas entrevistas, como já mencionei na introdução deste trabalho, foram realizadas no ano de 1996, e as outras dez entre os anos de 2002 e 2003.

As primeiras cinco entrevistas foram realizadas com empresários que se encontram nas posições de diretores-presidentes de grupos empresariais com perfil moderno, criados na década de 1950. São grupos empresariais de grande porte, que apresentam uma estrutura corporativa composta por várias empresas que atuam em segmentos variados, e estruturadas na forma de *holdings* familiares. Esses empresários são filhos de pequenos empreendedores ou de funcionários de empresas locais. Antes de constituírem suas empresas, eles trabalharam em diversos setores da economia local: nas funções de contadores ou viajantes comerciais, e também em pequenos empreendimentos familiares. Alguns deles envolveram-se na criação de pequenas sociedades, muitas vezes desfeitas e refeitas com outros sócios. Essas atividades, aliadas à herança familiar, lhes possibilitaram adquirir capital inicial para montarem suas sociedades atuais.

A maior parte dessas empresas passou por um processo de expansão nos anos 1970, por meio de duas estratégias: a abertura de seu capital e a obtenção de investimentos junto a agências financeiras como o Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (BRDE), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Caixa Econômica Federal. Elas abriram seu capital transformando-se em sociedades anônimas na década de 1970, mesmo que algumas já houvessem iniciado esse processo na década de 1950, vendendo suas ações pela estratégia do “corpo-a-corpo” e não em bolsa. Segundo Morais (1999), havia no final da década de 1960, e início da de 1970, um forte empenho do governo em criar condições de capitalização das empresas, canalizando a poupança popular. “A substituição de importações e, de capital fizeram surgir um elenco de medidas legais, criando e estimulando o mercado de capitais” (Morais, 1999:152).

Os empréstimos foram obtidos em sua maior parte pelo Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (BRDE), na década de 1970. Segundo relato dos empresários, foi um programa do BRDE que possibilitou o pagamento em oito anos, havendo dois de carência.

O desenvolvimento dessas empresas (de perfil moderno) que fazem parte do setor metal-mecânico está ligado, como apontou Herédia (1997), à política desenvolvimentista adotada no país durante os anos 1950 e 60. Por outro lado, observamos que localmente outros elementos explicarão o seu desenvolvimento, como, por exemplo, as relações de poder local, ligadas às relações familiares e aos padrões de herança, dentre outros. Esses elementos aparecerão quando trabalharmos com as trajetórias desses empresários.

As outras dez entrevistas foram realizadas com os filhos dos empresários já mencionados - ou seja, empresários herdeiros -, e também com executivos dessas mesmas empresas. Esses últimos não são caxienses. Mudaram-se para Caxias do Sul em razão da demanda de empregos gerados por essas empresas nas áreas de economia, engenharia, publicidade, computação, dentre outras.

Das quinze entrevistas, apenas uma delas foi com uma empresária. Pelo que pude observar no “campo”, são poucas as herdeiras que ocupam cargos nas diretorias desses grupos empresariais. Durante as entrevistas com os empresários, eles sempre se sentiam mais à vontade para falar da sua história de vida, ligada à história da própria empresa, do que das relações familiares fora dela. Quanto às histórias familiares, as mais frequentes

diziam respeito à origem social da família, enfatizando as dificuldades enfrentadas pelos pais e avós numa região recém-colonizada. A temática mais tratada nos relatos dos empresários era a própria história da empresa. Nas últimas entrevistas, senti necessidade de entrevistar empresárias, com o intuito de tratar mais das relações familiares. Partia do pressuposto que as mulheres teriam mais disposição para falar dessas relações, e isso se confirmou na única entrevista que fiz com uma empresária-herdeira. Também conversei informalmente com a irmã de um empresário entrevistado por mim, que é minha colega na Universidade de Caxias do Sul. Para ela, mostrei a genealogia que elaborei a partir dos dados que dispunha da família, e ela me relatou algo de sua vida familiar, como os casamentos inter-étnicos, os conflitos familiares relacionados à partilha da herança, entre outras coisas.

Para elaborar as trajetórias, utilizei várias fontes de dados: as entrevistas realizadas por mim, os álbuns comemorativos das empresas, os seus próprios informativos, matérias em jornais e revistas sobre os empresários pesquisados, estudos regionais, dentre outros.

Escolhi sete trajetórias para descrever, dentre quinze empresários entrevistados. Considera-se que muitos deles mantêm vínculos estreitos com a Universidade de Caxias do Sul. Tais vínculos são vistos em algumas atividades, como a de professor, de membro do Conselho Diretor da FUCS, e de reitor da UCS.

Para deixar mais claras ao leitor as relações de parentesco existentes entre os empresários, minha estratégia de texto foi a de descrever primeiramente as trajetórias dos empresários herdeiros, seguidas das trajetórias de seus pais, e, por último, descrevi as trajetórias dos empresários que se vinculam a essas empresas em razão do seu conhecimento técnico.

Para descrever as trajetórias dos empresários, baseei-me nas próprias interpretações dos sujeitos para elas. É impossível relatar essas histórias de vida sem estabelecer os vínculos com a história social da região. Nesse sentido, quando relatava um cargo ocupado pelo entrevistado, em instituições de classe e/ou de ensino, eu busquei contextualizar a história dessas instituições.

Trajetórias de Empresários

Empresários Comparados à Figura de um *Herói Civilizador* e os Herdeiros

Lourenço Darcy Castellan

Lourenço Castellan tem 77 anos, e é diretor-presidente da Fábrica de Móveis Florense Ltda., instalada na cidade de Flores da Cunha (aproximadamente 30.000 habitantes). Essa empresa possui em torno de 800 funcionários e foi fundada em 1953. Nos anos 1960 dedicou-se à produção de móveis em série e atualmente produz várias linhas de cozinhas, dormitórios, estantes e salas de jantar. Seu pai era motorista e podador de parreiras. Lourenço concluiu o primeiro grau e começou a trabalhar a partir dos dez anos. Sua primeira ocupação foi de aprendiz em uma ferraria e carpintaria. Ali ele desenvolvia trabalhos de ferraria, carpintaria, funilaria e marcenaria. Fazia móveis para casa; altares, confessionários, bancos de igrejas, rodas de carroça, tonéis de vinho, alambiques, lampiões, ferraduras, entre outras coisas.

Alguns anos depois, Lourenço começou a trabalhar em outra oficina, local em que aprimorou seus conhecimentos com a madeira, estendendo-os a esquadrias. Seu cunhado e seu irmão também trabalhavam nessa oficina. O proprietário da mesma era primo de sua mãe, e em 1953 colocou a pequena fábrica à venda. Foi então que os funcionários, liderados pelo entrevistado, fizeram uma sociedade para comprá-la. As relações entre os sócios eram estabelecidas por parentesco e afinidade. Tomando o entrevistado como referência, o sócio “A” era seu tio, o “B” era seu irmão, o “C” era seu cunhado (casado com sua irmã), e “D”, o único que não era parente do entrevistado. Esses são os sócios fundadores da Fábrica de Móveis Florense LTDA.

Em 1953, com capital de CR\$ 100.000,00, essa empresa começa a funcionar. Conforme consta no livro comemorativo do seu cinquentenário, Lourenço, o sócio “D” e o sócio “A” entraram na sociedade com uma participação individual inicial de CR\$

25.000,00; e os sócios “B” e “C” com CR\$ 12.5000,00 cada um, totalizando os CR\$ 100.000,00.

Um dos primeiros fornecedores da nova sociedade foi, em Porto Alegre, um descendente de judeu indicado por um dos primeiros clientes. Por meio de relações de vizinhança, a recém criada fábrica ganhava confiança de seu fornecedor de parafusos, dobradiças, cola e puxadores, ainda que comprados “*a fiado*”. Esse fornecedor indicou outro, que lhe forneceu lâminas de louro. Os espelhos para as penteadeiras eram comprados em uma vidraçaria em Caxias.

Além da empresa, Lourenço tinha um bazar, local onde “*vendia de tudo*”, especialmente para o público que morava na zona rural. Vendia santos, estátuas, jóias, máquinas de costura, dentre outras coisas. Ele conhecia bem esse público, pois havia iniciado suas atividades como marceneiro viajando pelo interior da colônia, vendendo seus produtos sob encomenda. Tinha uma boa “*freguesia*” na colônia, que se tornou seu maior mercado consumidor.

Diz ele:

“Deixa eu te contar. Não tinha banco aqui em Flores da Cunha. E tinha duas famílias tradicionais que tinham aqueles bodegão. Eles compravam tudo para os colonos. Os colonos dependiam deles. E os colonos levavam dinheiro para eles segurar, para não deixar em casa, com juros mínimos ou sem juros. Quando eu comecei entrar com a fábrica, eu fazia orçamento na colônia, eu tinha essa freguesia. Fazia ferradura, alambique, altar de igreja, fazia tudo. Quase todos me conheciam, e começaram a trazer o dinheiro para eu segurar. Isso foi durante uns oito anos. Eu tinha o cofre de dinheiro lotado. Quando o pessoal recebia o dinheiro da uva, era uma procissão. Eu abria a lojinha que vendia de tudo um pouco. Vendia santo, estátua, jóia, máquina de costura. Eu senti que tinha mercado na área. Eu fiz móveis em Porto Alegre, para um dos maiores importadores de jóias, de ouro, um judeu alemão. Ele importava, e tinha uma rede muito grande de distribuição para todo o Brasil. Ele me ofereceu em consignação relógios, ouro, pérolas. Então eu comecei a vender nos porões em Caxias. Eu vendia para ele. Depois vieram os rádios de pilha. Vendia rádios na loja. E era político também, era presidente de tudo quando foi clube. Tinha os colonos que traziam dinheiro para mim, aí eu abria a lojinha depois da missa da manhã de domingo. Os colonos vinham lá, ou receber dinheiro que tinham me dado para segurar ou me entregar dinheiro. Eu fui tipo banco. Até hoje muitas famílias do interior vem pedir orientação para mim” (Lourenço Castellan, entrevista/1996).

Deixar suas economias com um comerciante local, bem sucedido, era uma prática comum entre colonos. Os comerciantes serviam como uma espécie de banco, no qual os colonos depositavam seu dinheiro, constituindo uma relação estabelecida por laços de amizade e de confiança. O bom relacionamento com os agricultores rendeu ao entrevistado investimentos econômicos e também apoio político.

Em 1953, ano da criação da sua empresa, Lourenço se casou. Segundo ele, sua esposa era de uma “família humilde, seu pai vivia de salário mínimo”. O entrevistado e sua esposa são descendentes de imigrantes italianos. Tiveram três filhos, um homem e duas mulheres. Os três trabalham na empresa.

Em 1957, Lourenço Castellan iniciou-se na política local, no Partido Democrático Cristão (PDC). Entre os anos 1957 a 68 ele foi eleito vereador, presidente da câmara dos vereadores e vice-prefeito da cidade. Após 1964, filia-se à Arena (Aliança Renovadora Nacional). Segundo relato do entrevistado, ele sempre esteve envolvido em festas comunitárias e religiosas. E assim obteve apoio da igreja para candidatar-se a vereador. Ele justifica sua filiação ao PDC em razão desse partido agregar a maioria dos “*colonos*”. “É bom estar no partido da maioria”, completa ele. Durante sua atuação como vereador, presidente da Câmara e vice-prefeito, Lourenço estabeleceu um bom relacionamento com políticos, em âmbito estadual e federal. A abertura da agência do Banco do Brasil em Flores da Cunha, cidade onde mora e está instalada sua fábrica, foi, segundo ele, obtida por sua influência política.

Um dado que revela as relações estreitas que o entrevistado mantém com a comunidade local é o fato de possuir 172 afilhados, entre batismo, crisma e casamento.

A empresa Florense, presidida por Lourenço, iniciou seus trabalhos com duas linhas na produção: entalhados, em estilo clássico, atendendo à classe média alta; e outros, de preços mais acessíveis para o mercado popular. O aumento do faturamento da fábrica e a consolidação das vendas levaram seus sócios à abertura de uma filial em Caxias do Sul. O número de funcionários cresce consideravelmente: de 1957 a 59, ele teve em média nove empregados, crescendo para quatorze em 1960, e aumentando para 20 em 1963.

Segundo consta no livro comemorativo dos cinquenta anos da empresa, em 1960 houve uma transformação no formato societário da mesma. Foi aberta, para seis

funcionários, a participação de 10% na sociedade, atendendo a uma reivindicação dos mesmos e evitando uma dissidência prejudicial à empresa.

Com a expansão das vendas, o método de oferecer os produtos de porta em porta foi sendo substituído pelo sistema de representantes comerciais. Este sistema obteve significativo aumento na comercialização dos produtos dessa empresa quando, em 1962, um escritório de representação assumiu a responsabilidade das vendas no norte e nordeste, sendo responsável por quase 80% dos negócios vendas dessa empresa naquelas regiões. Esse escritório de representações foi aberto em Recife, em 1949, e anos mais tarde instalou-se em São Paulo.

Em 1964, a criação do sistema de financiamento oferecido pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) teve como resultado um impulso na venda de imóveis para a classe média. É então que a Florense se aproveita dessa política e direciona sua produção para essa faixa do mercado. Nesse momento, adota como estratégia a entrega rápida das encomendas, garantido assim capital de giro aos seus colaboradores. Até o ano de 1965, os móveis eram fabricados sob encomenda, conforme especificações do cliente. No período de 1967 a 69, há a primeira modernização nos seus maquinários, com tecnologia nacional, o que conduziu à ampliação física da fábrica.

Em 1971, Lourenço Castellan viaja à Itália com um grupo de empresários fabricantes de laminado plástico e madeira aglomerada. Essa viagem teve como resultado o contato com um consórcio de fabricantes de máquinas, cujo plano era estabelecer uma fábrica-modelo na Argentina. O diretor-comercial desse grupo veio ao Brasil visitar a empresa do entrevistado, e foi recebido por algumas autoridades políticas, como o Governador do Estado, o Prefeito de Caxias do Sul, o Presidente do BRDE e o Ministro da Indústria e do Comércio. Nessa época, Lourenço era vereador, Presidente da Câmara dos Vereadores e Presidente da *Arena* de sua cidade, o que demonstra a sua habilidade com a política local e a suas relações com autoridades ligadas aos campos político e econômico, local e estadual.

Após essa visita, a intenção inicial do entrevistado, de importar algumas máquinas, foi substituída pela implantação de um projeto de Fábrica Modelo, concebido por esse consórcio de fabricantes de máquinas, de Bolonha. O negócio foi feito sem a intermediação de bancos, e pago no prazo de dois anos, resultado da alta de faturamento da empresa

durante o período de 1972 a 74. Concomitante a esse projeto, iniciou-se um novo: a construção da nova fábrica. Com recursos advindos do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), a diretoria da empresa aproveitava a política de incentivos e investimentos do governo do Estado do Rio Grande do Sul, para o setor industrial⁶³. Antes da conclusão das obras, em 1975, essa empresa contava com 31 máquinas importadas e 11 nacionais recém-adquiridas. Ao ser indagado sobre a preferência pela tecnologia italiana, Lourenço justifica a escolha pela qualidade italiana em fabricação de móveis, e em seguida acrescenta que a “*origem puxa*”. O fato de falar e entender o dialeto vêneto facilitou a comunicação entre o entrevistado e os fabricantes italianos.

Em 1970, a direção da empresa opta pela criação de uma linha popular. O desafio era projetar uma estrutura simples com detalhes estilizados. Em 1973, é lançada uma linha de salas de jantar em estilo colonial, linha que é produzida durante mais de dez anos, tendo sido o produto mais vendido da empresa. Ela foi concebida para um perfil de consumidor de classe média acima de 40 anos, com família constituída. Tal linha era composta de uma mesa com quatro a seis cadeiras, e balcão com oratório opcional na sua parte superior. O traçado dos assentos era feito artesanalmente, fornecido por uma cooperativa, cuja principal artesã era irmã do entrevistado, casada com um dos fundadores da empresa. As “*tarefeiras*” recebiam o material em suas residências e envolviam as famílias no trabalho.

Os três filhos do entrevistado trabalham na empresa. Gelson, o único filho homem, tem 50 anos, é casado e tem duas filhas. Trabalha na empresa desde os 12 anos. Iniciou o curso de economia na Universidade de Caxias do Sul, porém, em razão das viagens que essa atividade exige, interrompeu os estudos. Foi gerente comercial da empresa e atualmente é o diretor comercial e vice-presidente do grupo. Conforme relato de sua irmã, ele é o futuro sucessor de Lourenço na presidência do grupo.

Diz ela:

“(...) Ele é o sucessor do meu pai na questão presidência, meu pai ainda continua presidente da empresa, mas as decisões todas estão em nossas mãos. Nós somos cinco diretores, isso já é de teu conhecimento, e meu

⁶³ Eram financiamentos de oito anos, sendo dois de carência e seis para pagamento, como 6% de juros mensais e, correção monetária anual fixa de 18%, além da existência de um subsídio Fundopem de 3% sobre a taxa de juros.

irmão foi sucedendo o pai automaticamente. Foi indo, indo, e hoje ele tem a responsabilidade total. Ele é o líder da empresa, todas as decisões são pensadas em cinco, mas ele é o nosso líder” (Eliaana Castellan de Salles, filha de Lourenço Castellan, entrevista/2003).

Eliaana, a filha mais velha, iniciou trabalhando na empresa como auxiliar de escritório, com 29 anos. Atualmente é diretora financeira. Seu segundo marido é diretor jurídico e de RH do grupo. Tem duas filhas, uma delas trabalha na empresa.

A filha mais nova de Lourenço iniciou-se na empresa como gerente comercial. Foi coordenadora das franquias e atualmente é franqueada da empresa, com duas lojas em Porto Alegre e uma em Caxias do Sul.

A estrutura administrativa da empresa é composta por um presidente e uma diretoria executiva com cinco membros. Todos os membros da diretoria são parentes dos sócios-fundadores. Dois filhos e um genro de Lourenço Castellan compõem a diretoria executiva. Os outros dois diretores (administrativo e industrial) são filhos do outro sócio-fundador.

A atuação do filho mais velho, como gerente comercial, está ligada às exportações do grupo. Em 1977, a empresa inicia seu primeiro ciclo de exportação para o mercado americano. Cinco anos mais tarde, em 1982, essa empresa retoma as exportações em parceria com uma empresa americana, e em 1983 inicia as exportações com o Oriente Médio.

O filho mais velho de Lourenço também atuou na implementação do Sistema de Franquias, a partir de 1988. Segundo depoimento de Gelson no livro comemorativo do cinquentenário da empresa, esse método eliminava os estoques para a entrega e melhorava a comunicação da empresa com o usuário de seus produtos. Com algumas informações sobre o modelo de *franchising* americano, Gelson iniciou a implementação do sistema, com a ajuda jurídica de seu cunhado (diretor jurídico e de RH). Sua irmã mais nova, que na época estudava inglês com opção em marketing, nos Estados Unidos, ao retornar assumiu a coordenação do sistema de franquias.

As atividades de Lourenço Castellan não se limitam à empresa. Sua habilidade política rendeu-lhe candidatura única a vice-prefeito de sua cidade. Tinha como estratégia política conquistar os adversários. Foi assim que procedeu durante o golpe militar, quando era presidente da Arena, e seu adversário político (presidente do Movimento Democrático

Brasileiro - MDB) sofreu represálias em seu estabelecimento econômico. Lourenço conseguiu com autoridades estaduais reverter o episódio, o que lhe rendeu apoio político da oposição.

Ele recebeu várias homenagens prestadas pela comunidade regional e nacional, entre elas, o *Mérito Industrial da Academia Brasileira de Letras*, por sua capacidade de projetar móveis.

Um dos seus maiores orgulhos é o castelo onde reside. Uma mansão de dois mil e trezentos metros quadrados, com quatro andares. São dezesseis suítes, dois apartamentos, um elevador e uma boate. É tido como cartão postal da cidade, local onde as pessoas costumam levar os visitantes para contemplarem a obra. Durante o andamento do projeto, que levou sete anos até sua conclusão, Lourenço Castellan montou uma marcenaria dentro de sua casa. Recentemente foi lançada sua biografia, cujo título faz menção ao mito que gira em torno de sua figura: “O Homem do Castelo”.

É comum a vida desse empresário servir a reportagens em revistas e jornais locais e nacionais, que enfocam a temática dos *homens de sucesso/empreendedores*.

Eliana Castellan de Salles, filha de Lourenço Castellan

Eliana Castellan Sales é filha de Lourenço Castellan. Tem 53 anos, e atualmente é diretora-financeira do grupo familiar já descrito. Contou-me que desde criança, na época em que seu pai tinha um bazar, ela o ajudava no balanço do mesmo. Costumava ir com seu pai e sua mãe para o interior da colônia para “fazer entregas” de mercadorias sob encomenda. Eliana acrescentou que muitos dos fregueses do seu pai tornaram-se seus cabos eleitorais em época de campanha política.

Antes de começar a trabalhar na empresa, ela fez licenciatura curta em ciências naturais, na Universidade de Caxias do Sul. Tinha como objetivo ser professora, e o foi durante dois anos. Nesse meio tempo, casou e teve uma filha, quando abandonou o magistério.

Diz Eliana:

“Quando comecei a namorar, na década de 70, início de 80, o que as mulheres faziam? Eram professoras. Elas dividiam o expediente do trabalho que era o magistério com a casa, a família (...)” (Eliaana Castellan de Salles, entrevista/2003).

Segundo a entrevistada, ao optar pelo magistério ela acabou decepcionando seu pai, que pretendia vê-la trabalhar na empresa. Seu marido na época era gerente de uma empresa transportadora que participava do grupo, porém ele em seguida se tornou camioneiro, realizando assim um sonho antigo. Nessa época, eles passaram por problemas financeiros e amorosos. As viagens do marido, que o afastavam de casa durante um ou dois meses, além da sua frustração com a atividade “*do lar*”, foram, segundo a entrevistada, as razões que motivaram o rompimento de seu casamento. Nesse ínterim, Eliaana já havia começado a trabalhar na empresa do seu pai.

Diz ela:

(...) “Os problemas financeiros começaram, o casamento desestabilizou e mesmo assim eu fiquei cinco anos casada com ele viajando, indo e vindo. Ficando um mês fora, dois meses. Eu sentia o peso dessa frustração de estar em casa. Eu me sentia humilhada com aquela profissão do lar. Eu comecei a não me conformar e fui pedir emprego pro meu pai.” (Eliaana Castellan de Salles, entrevista/2003).

Eliaana começou na empresa quando tinha 29 anos, como auxiliar de escritório. Segundo seu relato, como filha do dono da empresa, no início ela não foi bem aceita pelos seus colegas. Também houve um conflito com sua tia, que trabalhava há muitos anos na empresa. A partir do momento em que passou a substituir a tia em suas funções, por ordens do pai, se instaurou o conflito.

Aos 33 anos ela se separou do marido, e em seguida assumiu a gerência financeira da empresa.

Continua ela:

“Se eu estava preparada pra isso? Não. Confesso pra ti que não. Foi um pouco assim, no susto. O antigo gerente financeiro, que boa parte desse tempo foi meu mestre, ele acabou sendo dispensado, e eu assumi o lugar

dele, porque meu pai quis assim”. (Eliaana Castellan de Salles, entrevista/2003).

Algum tempo depois, ela conheceu seu atual marido, que já trabalhava na empresa como advogado. Teve então mais uma filha. A outra, mais velha, do primeiro casamento, tinha 23 anos (na data da entrevista); fazia direito na Universidade de Caxias do Sul, e trabalhava algumas horas por dia na biblioteca da Fundação do Grupo familiar. A filha mais nova, do segundo casamento, tinha, na época, 14 anos.

Eliaana conheceu seu marido dentro da empresa. Ele fez sua formação em direito na Universidade de Caxias do Sul. Ele nasceu em Criúva, distrito de Caxias do Sul, onde se estabeleceu uma população luso-brasileira que tinha como principal atividade a criação de gado. Segundo o relato da entrevistada, o fato de seu novo marido não ser descendente de italiano não foi bem aceito pela comunidade local:

“(…) O meu marido é *brasileiro*, ele não tem nada da cultura italiana. (...) Eu ouvi aqueles comentários, por que ele é Salles (sobrenome), então é *peloduro*, como eles dizem. Então eu miscigenei a minha cultura italiana. Ele ama esse lado da cultura italiana, como o lado da cultura gaúcha. Ele é nascido aqui em Criúva, só que é dos Campos de Vila Seca, Campos de Cima da Serra. Então a gente miscigenou essas duas culturas. No início eu ouvi aquele comentário: ela deixou de um partidão pra casar com um negro. Era assim. Mas eu não tenho preconceito, tanto que casei com ele, estou muito feliz com ele e adorei essa mistura de cultura, já me adaptei as coisas dele e ele as nossas (...)” (Eliaana Castellan de Salles, entrevista/ 2003).

Para os descendentes de imigrantes italianos dessa região, quem não é descendente de imigrante europeu (italiano ou alemão) é denominado de *brasileiro*. Esse grupo de descendência européia constrói sua identidade em relação à do “*brasileiro*”, denominação do luso-brasileiro. Tal distinção se encontra no valor atribuído pelo grupo ao conceito de trabalho. O desenvolvimento da região é atribuído pelo grupo ao trabalho dos descendentes de italianos (voltaremos a esta questão no capítulo 3).

Atualmente, seu marido é um dos diretores da empresa, diretor-jurídico e de RH. A entrevistada é diretora-financeira, seu irmão que é o vice-presidente do grupo e diretor comercial, e seus dois primos são os diretores administrativo e industrial.

Em relação aos papéis assumidos pela família dentro grupo, a entrevistada afirma que foi seu pai quem a conduziu a este cargo, de diretora-financeira. Desde pequena, ela

sempre teve como incumbência ajudá-lo nas tarefas relacionadas às finanças do bazar, fazendo balanço, contando o dinheiro, dentre outras coisas. Por um determinado período, Eliana rompeu com o projeto que o pai lhe havia escolhido. Foi época em que ela optou pela carreira no magistério. Algum tempo depois, ela se questionou sobre seu projeto de vida pessoal e profissional, e aceitou o papel que o pai havia lhe escolhido.

Ao relatar as posições assumidas pela sua família dentro da empresa, Eliana estabelece uma comparação entre si e sua irmã mais nova, que sempre atuou na área comercial, e atualmente tem três franquias da empresa:

“A minha irmã é muito mais comerciante do que eu. Eu sempre digo que eu sou dos bastidores, eu não sou do palco. Eu gosto mais da retaguarda, eu sou do trabalho introspectivo, da coisa do raciocínio. A minha irmã é mais comercial. Eu sou da organização, daquela coisa mais sistemática e minha irmã não. E meu pai, um profundo conhecedor da natureza dos filhos dele, com essa percepção, ele foi nos conduzindo para as coisas, nos induzindo” (...)(Eliana Castellan de Salles, entrevista/2003).

Os papéis assumidos dentro da empresa são naturalizados na interpretação da entrevistada, como se eles participassem da *natureza dos filhos*, e não fossem papéis construídos socialmente dentro da família.

É dessa mesma forma que a entrevistada interpreta a posição assumida pelo irmão (único filho homem) dentro da empresa, como futuro sucessor do pai na presidência do grupo familiar:

“(...) O meu pai quer na verdade a família unida, foi assim. Ele deu as oportunidades pra todos e iguais condições em oportunidades idênticas. Vai ser sucessor dele quem for mais competente e o meu irmão realmente é, ele faz por merecer, é uma pessoa que está preparada para o que faz, sem sombra de dúvidas. Não é por que ele é o filho homem, porque ele foi colocado onde ele está, não é mesmo. Ele está onde ele está porque merece, porque ele se preparou para isso, porque ele enfrentou todas as dificuldades que tinha que enfrentar e nada mais justo” (...)(Eliana Castellan de Salles, entrevista/2003).

Na interpretação nativa, as posições de sucessores daqueles que ocupam postos importantes são alcançadas por merecimento, pela competência, dentro de um campo no

qual as oportunidades foram iguais para todos os filhos. Dessa forma, as questões relacionadas a gênero, que na maioria dos casos excluem as mulheres das presidências das empresas, e também das diretorias, são suavizadas por um discurso onde o conflito pelo poder é diluído.

Diz Eliana:

(...) Nós não brigamos pelo poder, disputa de poder. Eu não brigo pelo poder com o meu irmão, nem com os meus primos. Nós não temos disputa de poder, aqui não existe isso. A gente tem um único objetivo que é o sucesso da empresa” (...)”(Eliana Castellan de Salles, entrevista/2003).

Nos relatos da entrevistada, aparece a diferença na criação do filho homem em relação às filhas mulheres. Para o primeiro, foi permitida alguma liberdade nas suas relações pessoais, especialmente aquelas relacionadas ao namoro. Ao comentar estas questões, a entrevistada coloca uma dúvida que permaneceu com ela por algum tempo em relação à partilha da herança familiar.

Ela continua:

“Eu vejo assim, no contexto das famílias por aqui, e era essa a minha dúvida... a minha dúvida era que um belo dia eu ia ficar com uma máquina de costura e um enxoval e as oportunidades não seriam as mesmas (...)”(Eliana Castellan de Salles, entrevista/2003).

Esta dúvida está ligada às formas de reprodução social entre descendentes de italianos no meio rural da região. Para esses grupos, as regras de partilha dos bens prescreviam que somente os homens da família tornavam-se herdeiros, enquanto que para as mulheres restava casar-se com eles (herdeiros). No caso, a herança era a propriedade da terra (Mocellin, 1993).

No meio urbano, ligado ao mundo empresarial, há a partilha dos bens, porém o mesmo não acontece com a sucessão dos cargos de presidências e de diretorias dos grupos empresariais. No universo pesquisado não encontrei nenhum caso em que uma mulher tenha assumido a presidência de um grupo. Com exceção do caso descrito, também isso não ocorria nos cargos de diretorias- executivas das empresas.

Em relação às suas duas filhas, a entrevistada deixa transparecer o desejo delas virem a ocupar cargos dentro da empresa. O fato da filha mais velha, estudante de direito, estar trabalhando na empresa é um dado significativo. Por outro lado, estabelece uma diferença entre a forma como ela interpreta a empresa, e a forma como o pai interpreta.

Ela prossegue:

“A gente não vive dentro de casa a fábrica mais como era com o meu pai. (...) Eu não falo do trabalho para elas como se fosse uma coisa penosa, embora muitas vezes o meu pai fosse um homem extremamente estressado, eu não compreendia aquilo dele, eu não compreendia aquela atitude, aquele nervosismo, aquele homem avesso a muito papo (...)”. (Elia Castellan de Salles, entrevista/2003).

Se compararmos os modos como Elia e seu pai concebem o trabalho empresarial familiar, poderemos notar que há mudanças entre as gerações. A geração do pai de Elia é a dos fundadores das empresas; geração que estava mais próxima ao *habitus* camponês do trabalho ligado à pequena propriedade familiar. Como já demonstrei em outro trabalho (Mocellin, 1993), a família camponesa, ligada à pequena propriedade de terra, era marcada por escolhas familiares e não individuais. Isso pode ajudar a entender a importância que o trabalho familiar assumia para a geração dos fundadores das empresas. Para eles, o trabalho familiar representava a possibilidade de adquirir capital econômico, acumular bens; e, para tanto, muitas vezes eles privavam suas famílias desses ganhos, orientando-as para a prática da poupança. Nas gerações dos herdeiros, parece-me que a concepção de trabalho está associada à formação profissional e também à possibilidade de usufruir do capital acumulado.

Raul Randon

Raul Randon tem 78 anos e nasceu em Tangará, estado de Santa Catarina. É fundador e presidente do grupo empresarial Randon S.A., de Caxias do Sul. Esse grupo empresarial é uma *holding* de capital aberto com atuação focada nas áreas de mobilidade e

de serviços, controladora de empresas operacionais direcionadas para os segmentos de implementos rodoviários e veículos especiais, autopeças e sistemas automotivos, e prestação de serviços. Esse conjunto de empresas emprega em torno de 5.000 funcionários.

O pai do entrevistado nasceu em Caxias do Sul, e era filho de imigrantes italianos. Aos 23 anos de idade - na época, apenas com experiência de ferreiro, - o pai do entrevistado mudou-se para Rio Bonito (Santa Catarina, atualmente Tangará), a convite do seu cunhado, que era carpinteiro. Nesse local estabeleceu-se com uma ferraria, produzindo ferramentas agrícolas. Casou-se e teve cinco filhos (dois homens e três mulheres), sendo o entrevistado o terceiro filho do casal. O pai de Raul Randon retornou então a Caxias do Sul após 16 anos, local onde abriu uma oficina de ferramentas agrícolas.

Aos 14 anos, Raul Randon começou a trabalhar com o pai em sua oficina, na parte da forjaria. Em 1949, após o serviço militar, juntamente com seu irmão, ele se dedicou à produção de materiais de ferraria e aos consertos de motores e máquinas, em uma oficina mecânica. Em 1953, Raul e seu irmão criaram uma pequena fábrica de freios a ar. Nessa época, o entrevistado se responsabilizava pela área administrativa e financeira da empresa, enquanto seu irmão ficava com a parte técnica e industrial. Em 1961, a empresa ingressou no ramo de conversão e adaptação de chassis de caminhão, para uso em ônibus, e iniciou a fabricação dos primeiros semi-reboques. Em 1969, a empresa foi credenciada por montadoras para instalação de terceiros-eixos em caminhões Ford e GM, e lançou o semi-reboque de três eixos. Tal invento foi patenteado. Em 1970, essa empresa abriu seu capital, transformando-se em sociedade anônima. Em 1973, iniciaram as exportações para o Uruguai. Em 1974, passou a fabricar veículos auto-motores, com tecnologia sueca. Em 1982, pediu concordata preventiva, e em 1984 iniciou sua recuperação. A estratégia de desenvolvimento dessa empresa se concentrou na especialização e na diversificação. Em 1986, ela optou pela estratégia de *joint ventures* como forma de partilhar investimentos e incorporar tecnologias de ponta já consagradas em mercados internacionais. Em 1992, ocorreu uma reestruturação na empresa, com a criação de uma *holding* de capital aberto, composto por 11 empresas operacionais, direcionadas para os segmentos de implementos para transporte, autopeças, veículos especiais, fruticultura e prestação de serviços.

Raul Randon casou-se no ano de 1956, com 26 anos de idade. Sua esposa também é filha de descendentes de imigrantes italianos, nascidos em Caxias do Sul. Tiveram cinco

filhos, duas mulheres e três homens. Os três homens trabalham nas empresas do grupo, sendo que um deles é Vice-Presidente do Conselho de Administração e o outro Vice-Presidente da Diretoria Executiva. No que diz respeito às filhas mulheres, uma delas é assistente social e advogada. Trabalhou na empresa por um período, abandonando o trabalho em razão da maternidade. É casada com um dos diretores do grupo empresarial. A outra é médica, e nunca trabalhou na empresa. O entrevistado estudou até o fim do primário, e logo em seguida passou a trabalhar com o pai. Depois, aprofundou seus conhecimentos por meio de cursos e seminários nas áreas administrativa, financeira, custos, vendas e marketing, técnica e produção, mercado de capitais, agricultura, fruticultura e pecuária. Além do estudo nessas áreas, ele participou do curso da ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra.

Entre suas atividades em entidades de classe, Raul Randon foi presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul, no período de 1975 a 78. Essa entidade surgiu em 1901 como Associação dos Comerciantes, e passou por um processo de fusão, nos anos 1970, com o Centro da Indústria Fabril, transformando-se então na referida Câmara. Como apontam os estudos de Machado (2001), e Herédia e Machado (2001), a Associação dos Comerciantes, desde a sua criação, demonstrava poder de articulação das elites comerciais e empresariais locais. Machado (2001), descreve um fato que revela tal poder na alteração de projetos estaduais. Em 1904, lideranças de Caxias do Sul propuseram a construção de uma ponte no Passo do Korff, e não no Passo do Zeferino, tal como pretendia o governo estadual. Essa construção uniria o município de Caxias do Sul aos Campos de Cima da Serra, garantindo a sua inclusão no traçado comercial com o centro do país. Segundo Machado, em razão da articulação da Associação dos Comerciantes de Caxias do Sul com políticos, especialmente do Partido Republicano Riograndense, o projeto foi alterado, permitindo que Caxias continuasse como o centro dos núcleos coloniais, onde se desenvolviam atividades ligadas à agricultura, ao comércio e, mais tarde à indústria.

Em 1951, foi criada a Delegacia Regional do Centro da Indústria Fabril. Nesse momento, a economia do município de Caxias do Sul se dinamiza, substituindo seu perfil de indústria tradicional pelo perfil dinâmico (Machado e Herédia, 2001:75), como já foi colocado no capítulo I desse trabalho. Na década de 1970, especificamente no ano de 1973,

aconteceu a fusão do Centro da Indústria Fabril com a Associação Comercial e Industrial de Caxias do Sul, dando origem à Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC).

Na gestão de Raul Randon na CIC foram instalados o Escritório Regional do BRDE e o Escritório Regional do CIEE. O primeiro facilitou as tramitações de financiamentos industriais, e o segundo possibilitou aos estudantes a realização de estágios curriculares.

Além de Raul Randon, outros empresários da mesma geração e do mesmo setor, o metal mecânico, assumiram a presidência da CIC. As décadas de 1970 e 80 foram de crescimento e consolidação do pólo metal-mecânico de Caxias do Sul, e a CIC foi uma entidade importante para que esses empresários planejassem estratégias para esse setor. Durante a gestão de Raul Randon, a CIC reivindicou, junto ao governo do Estado, que o parque industrial de Caxias do Sul fosse classificado como “Área Metal-Mecânica do Estado do RGS”, e, em decorrência de tal classificação, recebesse os estímulos e os incentivos fiscais que a legislação previa (Heredia e Machado, 2001).

Outro projeto de sua gestão na CIC foi a qualificação da mão-de-obra para a indústria. Segundo Heredia e Machado (2001), a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul tinha um projeto de criação de uma Escola Técnica de 2º Grau para atender as expectativas dos empresários locais, através do Programa de Melhoria do Ensino Médio (PREMEN). A UCS também se envolveu em tal projeto, que foi iniciado em 1980. Já em 1977-78, o Centro de Formação Profissional SENAI “Nilo Peçanha”, de Caxias do Sul, facultou cursos no exterior, nas áreas técnicas e de recursos humanos. Caxias do Sul foi contemplada com metade das vagas para o estado.

A reivindicação da qualificação da mão-de-obra foi atendida com a instalação da nova unidade do Senai em 1988, e também com a Escola Industrial de 2º Grau (escola estadual), instalada nas proximidades da UCS (Heredia e Machado, 2001).

A trajetória de Raul Randon é marcada pela sua atuação em associações de classe ligadas ao setor metal-mecânico. Foi presidente da Associação do Aço do Rio Grande do Sul no período de 1982 a 84, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Implementos para o Transporte Rodoviário (ANFIR – Caxias do Sul- RS), desde 1980 até 85. A partir da década de 1990, foi seu filho mais velho que assumiu o papel do pai nessas associações, ampliando sua atuação em nível nacional.

Como a maior parte dos entrevistados da sua geração, Raul Randon esteve envolvido em atividades sociais e comunitárias. Foi presidente do Rotary Club de Caxias do Sul, no período de 1984 a 85, e diretor da Mocovi (Mobilização Comunitária de Combate à Violência), desde a sua fundação em 1987 até 93. Participou de seminários sobre políticas regionais, e de interesse da comunidade local, como o seminário sobre o “Conselho Regional de Desenvolvimento”, promovido pela Universidade de Caxias do Sul (retomarei esse assunto ao descrever a trajetória do empresário João Luiz de Moraes).

Raul Randon recebeu diversas homenagens da comunidade regional e nacional. Em 1974, recebeu o grau de Comendador da Cruz de Mérito Cultural, registrado no Ministério de Educação e Cultura, pelo reconhecimento de seus “*dotes intelectuais de bondade, de honra e de amor à humanidade*”. Em 1976, recebeu o diploma de Mérito Industrial do Rio Grande do Sul, conferido pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1977, recebeu o troféu “Homem de Aço 1977”. Em 1985, em homenagem pública, o governador do estado do Rio Grande do Sul outorgou-lhe a comenda Mauá, em reconhecimento pelo trabalho pioneiro desenvolvido na região nordeste do Rio Grande do Sul. Em 1987, recebeu o diploma El Leon de San Marco, oferecido pelo *Instituto Veneto per Rapporti com i Paesi Dell’America Latina*, que reconheceu seus “serviços prestados a preservação dos valores culturais vêneto em terras rio-grandenses”.

Entre tantas outras homenagens, em 1988, ele recebeu o título de Cidadão Caxiense, conferido pela Câmara Municipal de Caxias do Sul. Foi paraninfo dos formandos dos cursos de engenharia da Universidade de Caxias do Sul, no ano de 1976, e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1989. Também foi paraninfo dos formandos de Pós-Graduação em Administração em Marketing da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos - São Leopoldo), em 1989. Nos anos de 1977, 1979, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000 e 2001, foi homenageado pela Gazeta Mercantil, como Líder Empresarial.

Esse reconhecimento pelos serviços prestados à sociedade regional e nacional é recorrente nas trajetórias dos empresários dessa geração. Eles são comparados à *figura de um herói civilizador*, tanto pelos meios de comunicação e por parte da literatura local, quanto pelos vários grupos sociais que compõe a sociedade local. O trabalho, então representado como um valor que possibilita a superação de dificuldades, aproxima o

empresário da figura desse tipo de herói. No caso aqui descrito, nota-se que a comunidade acadêmica escolheu como paraninfo um empresário de trajetória marcada pelo progresso obtido por um conhecimento prático (dentro da empresa), em oposição ao conhecimento científico (obtido na universidade). É o (re)conhecimento de um empresário cuja trajetória é marcada por um passado de adversidades e desafios (origem social). O sucesso é explicado pelo trabalho individual, que pode ser estendido para o plano familiar. Outro discurso predominante na região é aquele que atribui ao *descendente de italiano* o progresso obtido da região.

David Randon, filho de Raul Randon

David Randon tem 48 anos, e é filho de Raul Randon. Nasceu em Caxias do Sul e estudou em colégio público até concluir o ensino fundamental. Concluiu o segundo grau em escola particular. Em 1978, ingressou no curso de engenharia mecânica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. A partir do segundo ano do curso, realizou vários estágios em empresas da região metropolitana de Porto Alegre, ligadas aos setores de componentes eletrônicos e metal-mecânico (automotivo), estagiando na área técnica e na linha de produção. Ao se formar em 1983, não tinha intenção trabalhar imediatamente nas empresas do grupo familiar. Mudou-se para São Paulo, a pedido de seu pai, para trabalhar numa empresa do grupo Randon S.A., em razão de uma crise enfrentada pelo mesmo. Nessa empresa, ele atuou na área de produção, desenvolvimento de produtos e engenharia. Durante esse período em São Paulo, David iniciou o curso de Administração de Empresas no Instituto Mackenzie, porém não o concluiu. Também nesse período se casou. Sua esposa não tem ascendência italiana, a conheceu em Porto Alegre durante o período em que cursou a universidade.

Passado o período expansionista dos anos 1970 (novas experiências com o mercado externo) e superada a crise de 1983, o grupo empresarial Randon S.A. iniciou um processo de inovação tecnológica (desenvolvimento de produtos e de processos de produção). O grupo empresarial adotou como estratégia o estabelecimento de parcerias com empresas

tecnologicamente mais avançadas e com forte presença nos mercados mundiais. Assim sendo, em 1985 esse grupo firmou um contrato com uma empresa norte-americana (atuante nos segmentos automotivo, eletrônico, aeroespacial e indústrias gerais) na forma de *joint-venture*, “buscando uma nova tecnologia e um novo parceiro”. Durante esse período, David então recém casado, mudou-se para os Estados Unidos, onde permaneceu por 11 meses trabalhando na consolidação da recém estabelecida *joint-venture* (atuando no desenvolvimento de novos produtos).

Segundo David Randon, o grupo empresarial Randon S.A. (no qual sua família possui o controle acionário) havia, no início dos anos 1970, firmado contratos com empresas estrangeiras para compra de tecnologia, porém esses acordos não obtiveram sucesso. Era necessário construir parcerias que agregassem, além de tecnologia, mercados e recursos para investimentos. A partir de 1986, foram criadas quatro *joint-ventures*, das quais três ainda existem.

Em 1987, David voltou a São Paulo, e lá continuou trabalhando nas unidades do grupo. Em 1990 o grupo Randon S.A. passou por uma reestruturação.

Como ele relata:

“Começamos um planejamento, eu e meu irmão mais novo. Ele trabalhando em Caxias e eu em São Paulo. Começamos a traçar um novo rumo para as empresas do grupo. Claro com toda a diretoria e com o nosso presidente (no caso, o seu pai)” (David Randon, entrevista/2002).

Em 1991, com auxílio de uma assessoria externa, foi implantado, visando à sua reestruturação, um planejamento estratégico dentro do grupo Randon S.A.. Em 1992, foi criada uma holding familiar, com o objetivo de concentrar as participações do acionista controlador, e de sua família, nos negócios do grupo. Também em 1992, foi criada uma holding em substituição a antiga holding familiar, para controlar e orientar os negócios. Essa última é uma holding de capital aberto, com atuação focada nas áreas de mobilidade e serviços, além da controladoria de empresas operacionais direcionadas para os segmentos de implementos rodoviários e veículos especiais, autopeças e sistemas automotivos, e prestação de serviços. Esse conjunto de empresas emprega algo em torno de 5.000 funcionários.

Em 1994, em função da reestruturação do grupo, David retornou a Caxias do Sul,

deixando de trabalhar na parte de operação da empresa, para assumir a área estratégica do grupo, junto ao Conselho de Administração e à holding. O objetivo foi, segundo o entrevistado, dar um caráter mais profissional às operações.

“Foi em 94, além de estarmos trabalhando na holding, eu ainda era responsável pela maior empresa que representa 52% do faturamento num todo. E ao mesmo tempo eu via que eu não conseguia sentar nos dois lados da cadeira. Um de ser estratégico dentro da holding, para fazer as estratégias e depois comandar a operação. Então neste momento, final de 94, início de 95, eu peguei uma das pessoas, que era uma das mais bem preparadas e passamos a ele, para ser o superintendente. Eu fiquei mais no conselho. Fiquei participando, mas mais como um ouvidor e direcionamento, do que na operação em si” (David Randon, entrevista/2002).

David Randon enfatizou que o processo de reestruturação do grupo foi implantado por ele e seu irmão, com autorização do seu pai (Presidente do Conselho Administrativo). A partir de 1994, houve mudanças na filosofia da empresa, que passou a investir mais em recursos humanos. Ao tratar desse assunto, David Randon, mencionou a importância da universidade para o treinamento de executivos, mesmo tendo-a considerado muito catedrática e distante da realidade.

Após a reestruturação da holding, o grupo Randon S.A. passou a investir em recursos humanos, desde os cargos de mais alto nível na empresa até os gerentes. Recentemente, começaram a refletir mais detidamente sobre o projeto de sucessão. David Randon é o filho mais velho, e tem quatro irmãos; dois homens e duas irmãs. Atualmente, quem trabalha no grupo é ele e seus dois irmãos. O seu irmão mais novo apesar de trabalhar no grupo, ainda está na fase de formação profissional:

“Estamos preparando ele. Ele vai fazer um MBA o ano que vem. Ele ficou um período em São Paulo cuidando de uma unidade. Ele tem uma boa diferença de idade minha, 17 anos. Então, ele está se preparando para futuramente ter um conhecimento até melhor do que eu e o meu irmão” (David Randon, entrevista/2002).

No que tange ao seu outro irmão, inicialmente havia um acordo para realizar um revezamento entre os dois na Vice-Presidência do Conselho Administrativo e na Diretoria

Executiva. Seu pai é Presidente do Conselho Administrativo do Grupo, sendo que David Randon é o Vice-Presidente, e seu irmão é Diretor e Vice-Presidente da Diretoria Executiva. Após um assessoramento externo para resolver problemas de sucessão, foram definidos os papéis dos membros da família Randon dentro do grupo empresarial. Coube a David a vice-presidência do Conselho Administrativo, bem como os grandes projetos relacionados à construção de novas fábricas, a área de marketing e as atividades fora da empresa ligadas aos sindicatos. Ao seu irmão coube a vice-presidência da diretoria executiva, compreendendo as áreas operacional, financeira e administrativa. Segundo David Randon, os papéis assumidos por ele e por seu irmão, dentro da holding familiar, são complementares.

Além de ser Vice-Presidente do Conselho Administrativo, David Randon é, desde 1996, presidente de uma das empresas do grupo na Argentina e, desde 1999, Diretor Superintendente de outra empresa do grupo em Caxias do Sul.

Em razão da divisão dos papéis dentro do grupo, David Randon ficou responsável por responder pela empresa nas entidades de classe. Isso fez com que ele estreitasse suas relações com essas entidades, o que explica o seu cargo de presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC), no período de 2002 a 2004.

Segundo acordo entre os diretores da CIC, o atual presidente da casa é, automaticamente, um dos seus dois representantes no Conselho Diretor da Fundação Universidade de Caxias do Sul (FUCS), com possibilidade de assumir a presidência dessa Fundação ao término do seu mandato na CIC (tal como aconteceu com o empresário Nelçon Tesser, cuja trajetória será descrita mais adiante). Dessa forma, David Randon representou a CIC no Conselho Diretor da FUCS no período de 2002 a 2004.

David Randon foi diretor do Sindicato Mecânico Rodoviário (SIMEFRE) em São Paulo, por dez anos. Participou da Associação Nacional dos Fabricantes de Implementos Rodoviários (ANFIR).

Diz ele:

“Eu estou sempre ligado, porque é uma coisa que eu gosto de lutar em classe, pelo empresariado do nosso setor”. (David Randon, entrevista, 2002).

O entrevistado nunca se envolveu em política partidária. Não é filiado a nenhum partido e nunca assumiu nenhum cargo em partidos políticos.

Como ele mesmo diz:

“Acho que nós temos que separar política com empresa. (...) Eu não conheço nenhum empresário que tenha tido sucesso na política, ou ele é político, ou ele é empresário. O empresário, ele é racional, ele é certo, e as coisas tem que ser, tem que gerar lucro, tem que ser eficiente. A política, ela é bem ampla, tem algumas coisas que passa a percepção do técnico” (David Randon, entrevista/2002).

Quando lhe foi perguntado algo sobre as relações entre empresa e universidade, David Randon mencionou a necessidade de projetos que possam envolver parcerias entre as duas, e citou vários exemplos de parcerias que deram certo; dentre elas, a criação do Centro Tecnológico de Mecatrônica, do Centro de Autotrônica, e da Incubadora Tecnológica (mais adiante deter-me-ei em explicá-los).

Sobre o fato novo de um empresário ter assumido o cargo de presidente da FUCS, David Randon salientou a necessidade de rodízio entre os vários representantes do Conselho Diretor, e frisou que a eficiência é um valor intrínseco ao empresariado:

“O empresário, ele tem o lado da eficiência, ele quer sempre eficiência em tudo (...) nós empresários queremos que as empresas ou essa região sejam as melhores” (David Randon, entrevista/2002).

Sobre o processo de modernização econômica da Região Colonial Italiana, David Randon a atribui ao *perfil local* (entendido por ele como resultado de características genéticas).

Diz ele:

“E eu vou te responder, por causa do perfil das pessoas. Porque isso é uma coisa, é genético. Eu já cheguei a conclusão que é genético, não tem outra forma. É não adianta. Tudo aquilo, não é bem genético. Tudo aquilo que tu tens dificuldade, você implanta melhor. O sul do estado sempre foi rico no passado, hoje, nunca se preparou, se preocupou, e a coisa foi andando. Aqui nós não tínhamos nada para fazer, ou plantava pinheiro, ou morria de fome. Tu podes ver que os países no norte aonde tem mais frio eles são mais desenvolvidos. Porque eles não tem opção. Ou você trabalha para sobreviver e faz a competitividade ou você cai, não tem outra opção. E o perfil, não do empresariado, de todos aqui, sendo da universidade, sendo da prefeitura, parte pública, parte do empresariado, parte do comércio, dos serviços, todo mundo quer eficiência, quer ganhar, quer melhor, quer progredir. Se você

olha no Brasil inteiro, são poucos lugares que nem Caxias. Você pode ir a São Paulo, mas aí é mais por uma competitividade muito forte. Se vai a Minas Gerais, o resto, o pessoal está preocupado com o dia de hoje, não está preocupado com o futuro, em crescer” (David Randon, entrevista/2002).

Quanto ao papel do empresariado na sociedade, David o definiu como um gerador de empregos e de impostos, e destacou a sua responsabilidade na área social. Quanto a isto, tomou o exemplo dos dois projetos de iniciativa do grupo empresarial ao qual pertence, que consistem em dar educação básica e complementar para crianças carentes.

Cláudio Alberto Muratore Eberle

Cláudio Eberle tem 69 anos, e é neto de um empresário que foi proprietário de uma empresa metalúrgica fundada em 1886. Foi presidente do Conselho de Administração dessa empresa, deixando-a em 1976, juntamente com seu pai, em razão de conflitos entre os acionistas. Nessa época, o grupo empresarial contava com quatro mil funcionários.

Os problemas sucessórios que envolveram esse grupo ligam três gerações. O avô do entrevistado, Abramo Eberle, nasceu na Itália em 1880, e veio para o Brasil em 1884, acompanhando seus pais que se estabeleceram na Colônia Caxias, adquirindo, em seguida, uma pequena funilaria. Segundo a historiografia local (Bergamaschi e Giron, 1993), coube à mãe de Abramo a administração da funilaria, já que seu pai preferiu dedicar-se à fruticultura. Em 1896, Abramo adquiriu a oficina de funileiro de seu pai. Abramo casou-se com Elisa em 1901. Tiveram nove filhos, dois filhos homens e sete mulheres.

Os dois filhos homens de Abramo e Elisa estudaram em escolas de Caxias do Sul até completarem o primário, quando então foram estudar em um internato fora de Caxias, o Instituto São José (Congregação São João Batista de La Salle), em Canoas. Segundo Bergamaschi e Giron (1993) o primogênito, Jose Eberle, foi o filho preparado para assumir a presidência da empresa. Estudou engenharia na Alemanha no período de 1920 a 26. O segundo filho homem, Júlio João Eberle, estudou em São Paulo, no Instituto Mackenzie. Quanto às filhas mulheres, estudaram em Porto Alegre no Colégio Seigné.

Em 1925, a empresa Eberle dedicou-se à fabricação de artigos sacros, viabilizando assim o seu crescimento industrial. Em 1926, Abramo passou a contar com a colaboração dos filhos na empresa, quando de seu retorno a Caxias. Deve-se lembrar que José estivera na Alemanha; e de Júlio, em São Paulo.

A partir de 1937, a empresa Eberle iniciou a fabricação de botões de pressão e rebites, resultado de contatos europeus, já que Abramo visitou centros metalúrgicos e siderúrgicos da Alemanha, Itália, França e também dos Estados Unidos. Na década de 1940, essa empresa se transformou numa metalúrgica, quando passou a produzir motores elétricos, para o mercado nacional.

Em 1945, Abramo morreu, e seu filho mais velho, José, assumiu a presidência da empresa. José Eberle permaneceu na direção da empresa até sua morte em 1953, quando o segundo filho de Abramo, Julio João Eberle (pai de Cláudio Eberle), assumiu a presidência, durante o período de 1953 a 1973. Na década de 1960, durante a administração Julio Eberle, foi criada a Fundação Abramo Eberle, que abriu espaço para uma série de reformas de cunho social dentro da empresa. O projeto da fundação foi de autoria de Claudio Eberle, que havia recentemente concluído a universidade, e começava a trabalhar na empresa familiar. Também nessa administração foi criado o Centro de Treinamento Eberle-Senai.

Conforme o estudo de Bergamaschi e Giron (1993), Abramo dividiu as ações da empresa entre novos cotistas em 1943, antes de sua morte. Nesta divisão, foram contemplados os dois filhos homens e dois genros (que trabalhavam na empresa), ficando de fora as outras filhas e as solteiras. Cada novo cotista recebeu 3,35 % das ações, ficando Abramo Eberle com 54,85%. Em 1954, Elisa Eberle, viúva de Abramo, morreu. Nesse momento foi feita uma nova partilha. As cotas foram divididas em 8 partes iguais, e cada herdeiro recebeu mais 3,12% da cota de Abramo Eberle, deixada por Elisa.

As autoras supracitadas demonstram que, desde 1953, quando Julio João Eberle foi eleito diretor-presidente do grupo, existia uma oposição à sua administração. Em 1972 havia dois grupos dentro da empresa: o da situação e o da oposição a Julio João Eberle. Para tirá-lo da presidência de forma legalizada, foi feita uma mudança nos estatutos da empresa. O controle, que antes ficava nas mãos do Conselho, passava para uma Diretoria não-orgânica. Em um acordo dos grupos de situação e de oposição, Cláudio Alberto Muratore Eberle, filho de Julio João Eberle, assumiu a presidência do Conselho de

Administração, e permaneceu no cargo entre 1973 e 75. Para as autoras já mencionadas, esse acordo foi apenas um meio para passar a empresa às mãos da oposição. Julio João Eberle e Cláudio Eberle retiraram-se da empresa em 1976. Pouco depois, a família Eberle perdeu o controle acionário do grupo.

Durante a entrevista que fiz com Cláudio Eberle, o entrevistado discorreu sobre os conflitos que envolveram as duas últimas gerações de sua família na empresa Eberle, e que acabaram dividindo a família em dois grupos. Após sua saída do grupo familiar, em 1979, Cláudio Eberle fundou uma empresa em Caxias do Sul, ligada ao setor metal-mecânico. Inicialmente ela estava dividida em três áreas produtivas: divisão de multimatrizes (ferramentaria), divisão de multiplásticos (injeção de peças plásticas) e divisão de máquinas operatrizes (fabricação de máquinas). A empresa chegou a ter 260 funcionários, reduzindo o número deles a 80, em 1996. No final da década de 1990, Cláudio Eberle pediu a falência da empresa. O entrevistado associou a queda no número de funcionários à política econômica do governo Collor.

Inicialmente, essa empresa tinha o nome de Eberle Multimatrizes LTDA. Foi o que motivou o grupo de oposição a Cláudio Eberle, na antiga empresa familiar, a recorrer à justiça: queriam lhe impedir o uso desse nome. O entrevistado mudou o nome de sua empresa para Indústria Cláudio Eberle S.A., e a antiga Abramo Eberle S.A., passou a se chamar Eberle S.A. Para Cláudio Eberle, a retirada de “Abramo” daquele nome foi um ato de desrespeito ao antepassado que havia iniciado a empresa familiar. Com o propósito de preservar o nome do avô, Cláudio Eberle registrou uma outra empresa com o nome de Abramo Eberle. Conforme afirmou o entrevistado, a empresa Eberle serviu de escola para empresários caxienses de gerações posteriores. Ao falar de Abramo, Cláudio Eberle evocou sua origem pobre, simbolizada pela réplica da casa de madeira que abrigou sua residência e sua pequena funilaria de que se originou a metalúrgica – réplica que até hoje se encontra sobre o prédio no qual funcionou a empresa Eberle.

Cláudio Eberle completou o primeiro grau no Colégio do Carmo (de congregação lassalista) em Caxias. Depois, ele fez o curso de contador no Instituto Mackenzie, e também estudou no Instituto Cultural Americano, ambos em São Paulo. Em 1957, iniciou os cursos de ciências econômicas e direito na PUCRS, em Porto Alegre, formando-se nos dois cursos em 1962. No ano seguinte, casou-se e voltou a Caxias do Sul, para trabalhar na

empresa da família. Sua esposa é originária da cidade de Porto Alegre, local onde se conheceram na época da universidade, e tem ascendência portuguesa e espanhola. Tiveram quatro filhos, um homem e três mulheres. Seu filho homem foi diretor industrial da empresa criada em 1979.

Em 1963, Cláudio Eberle assumiu a presidência do Centro da Indústria Fabril, e depois foi reeleito, permanecendo por quatro anos como presidente. Nesse mesmo período, foi um dos vice-presidentes da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul. Durante a sua gestão no Centro da Indústria Fabril, foi criado o Consórcio de Exportadores de Caxias do Sul, com o intuito de conquistar os mercados externos e se adequar à nova política econômica. Tal como afirmam Herédia e Machado (2001), a nova política adotada pelos governos militares, que regulamentou o aumento de preços das mercadorias por meio da Comissão Nacional de Estabilização de Preços (CONEP), e do Conselho Internacional de Preços (CIP), exigiu adequação das empresas locais. Para tanto, o Centro da Indústria Fabril de Caxias do Sul, promoveu a campanha *Produtos de Qualidade* no mercado interno, e incentivou a exportação para o mercado externo. Também foi criado o Departamento Econômico e o de Produtividade, com financiamento do BNDE e BRDE para as empresas. Foi nesse período de transformações no campo econômico que Cláudio Eberle, então dirigente do Centro da Indústria Fabril, contratou um economista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para ser o chefe do departamento de economia da entidade. Era o empresário João Luiz de Moraes, cuja trajetória será descrita em seguida.

Em 1967, Cláudio Eberle foi diretor do Banco do Estado do Rio Grande do Sul. Deixou esse cargo antes de encerrar o seu mandato para assumir a diretoria da empresa da família. Recentemente, foi fundador e vice-presidente do Sindicato dos Plásticos da Região Nordeste do Rio Grande do Sul.

Ainda em 1963, ele começou a lecionar na Faculdade de Ciências Econômicas de Caxias do Sul, e em 1964 foi eleito diretor da mesma. Sua ligação com essa universidade continuou até 2002, não mais como professor, e sim como membro do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Caxias do Sul (nomeado pelo então Ministro da Educação na década de 1980, Marco Maciel). Como já mencionei no capítulo I, essa fundação de direito privado foi criada em 1973 para dar sustentação à universidade. Ela é formada por um Conselho Diretor com nove representações: um representante da Prefeitura Municipal, um

das Prefeituras representativas da região, um da Mitra Diocesana, um da Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima, um do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, dois do Governo Federal (através do Ministério da Educação), e dois da Câmara da Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul. Esse Conselho elege o reitor da universidade e o presidente da fundação. O entrevistado representou o MEC nesse Conselho desde a década de 1980 até 2002, demonstrando assim sua influência e trânsito político com os governos federais desse período.

Um dado revelador da presença do empresariado na resolução dos assuntos comunitários foi sua atuação na resolução da crise político-administrativa da Universidade de Caxias do Sul, na década de 1970. Criada em 1967, a Associação da Universidade de Caxias do Sul passou por uma grave crise (já mencionada no capítulo I) que demandou a intervenção do governo federal, através do Ministério da Educação. A solução foi a criação de uma Fundação de direito privado para dar sustentação à própria universidade. Entre as várias instituições que fizeram parte desta fundação está presente a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul.

Herédia e Machado (2001) demonstraram como, após a constituição da Fundação Universidade de Caxias do Sul, em 1973, a CIC passou a ter papel decisivo na administração da instituição, não só através do apoio institucional que lhe prestou, mas também por meio de apoio financeiro.

No que diz respeito às atividades políticas de Cláudio Eberle, o entrevistado foi filiado inicialmente ao PDC, depois ao PDS e, no período pós-1964, à Arena e também ao PMDB. Mais recentemente, foi fundador do PFL em Caxias do Sul. Ele justifica sua filiação ao PFL definindo-se como um liberal por formação, descontentando-se com a política “*estatizante*” do governo militar.

Diz ele:

"Eu sempre fui um liberal por formação. Eu acho que o Brasil depois da própria revolução que foi feita para combater a chamada esquerda que seria mais estatizante (a prevalência do estado sobre o particular). Eu acho que o estado não é, e nem nunca foi um bom administrador, tanto que acabou com todos os países onde a economia foi estatizada. Eu sou um liberal de formação dogmática e pragmática. Então na época eu achei que o próprio governo militar que surgiu para combater o comunismo, na verdade fez o que queria combater, isto é, estatizou esse Brasil de ponta a ponta e nós

estamos pagando a conta até agora, devido ao gigantismo do estatismo. Essas centenas de empresas estatais acabaram virando cabides de emprego, e o povo paga a conta. Isso é que nós temos que arrumar, antes de arrumar isso não adianta fazer nada. Por esse tipo de pensamento eu fui um dos que se revoltou. Fui contra esse pensamento do próprio governo na época da arena, que deveria ser mais liberal, mas na verdade estava pactuando com a estatização que os militares estavam fazendo. É onde eles erraram. É por isso que eu fui um dos fundadores do PFL, ou seja, partido da frente liberal, porque a idéia central era liberdade (Cláudio Eberle, entrevista/1996).

O Elo entre as Empresas e a Universidade

João Luiz de Moraes

João Luiz de Moraes nasceu em 1934, no município de São Luis Gonzaga, localizado na região das missões no Rio Grande do Sul. Sua família era ligada à pequena propriedade agrícola. Foi alfabetizado em casa pelo pai, e somente com 11 anos de idade começou a freqüentar a escola. Ao terminar o primário, ele permaneceu na escola ajudando a professora na alfabetização dos alunos. Aos 15 anos, foi estudar na cidade de São Luís Gonzaga, onde completou o ginásio, e ao mesmo tempo trabalhou como office-boy num escritório de contabilidade de um amigo de sua família. Também trabalhou numa loja de “Secos e Molhados” como entregador de mercadorias. Quando Moraes concluiu o ginásio - na época, já soldado no quartel -, não havia curso secundário em São Luís Gonzaga. Mediante tal situação, ele permaneceu no quartel, “*se engajou*” e fez um curso para o posto de cabo. Nesse curso, ele obteve o primeiro lugar, o que possibilitou sua transferência à cidade de Porto Alegre. Lá ele fez o curso técnico em contabilidade, na Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse período, Moraes foi promovido a sargento. Em 1953, iniciou o curso de ciências econômicas na UFRGS, concluindo-o em 1963. Durante o curso de economia ele se casou e teve uma filha. Ao concluir esse curso, indagava-se sobre continuar no quartel ou buscar outra atividade. Por intermédio de um de seus professores, foi transferido do exército para o gabinete do governador, e, logo em

seguida fez o XI Curso de Treinamento em Problemas de Desenvolvimento promovido pela Cepal – Comissão Econômica para a América Latina⁶⁴, durante o período de um ano, em Porto Alegre. Ao terminar esse curso, ele novamente se perguntava sobre se deveria ou não em continuar no exército. Foi quando Moraes recebeu o convite do presidente do Centro da Indústria Fabril de Caxias do Sul⁶⁵ - na época, Cláudio Eberle -, para trabalhar como chefe do Departamento Econômico deste centro. Aproveitando a licença prêmio do exército, a que tinha direito, e mais um período de férias, ele se transferiu no ano de 1965 para Caxias do Sul. Ao final de sete meses, tomou a decisão de desligar-se do exército e ficar em Caxias do Sul, trabalhando no Centro da Indústria Fabril, onde permaneceu de 1965 a 68. Paralelamente a esse trabalho, ele lecionou no curso de economia da Universidade de Caxias do Sul, do qual Cláudio Eberle foi diretor. Segundo Moraes, sua vinda para Caxias aconteceu num período de grandes mudanças políticas, no pós-1964.

Como ele relata:

“Em termos econômicos houve mudanças na legislação, na parte fiscal e de controle de preços. Consegui vislumbrar o que estava acontecendo no país em termos de economia, até pela minha formação acadêmica. Naquela época os cursos de economia eram quase todos voltados para o macro econômico, então eu fiz vários cursinhos pra entender o micro” (João Luiz de Moraes, entrevista/2003).

Em Caxias do Sul, o entrevistado envolveu-se em trabalhos ligados à sociedade local. Foi secretário-executivo do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de

⁶⁴ Órgão regional das Nações Unidas, ligado ao Conselho Econômico e Social, foi criado em 1948 com o objetivo de elaborar estudos e alternativas para o desenvolvimento dos países latino-americanos. Os primeiros estudos da Cepal caracterizaram a América Latina como região fornecedora de produtos primários e consumidora de produtos industrializados vindos do exterior. Buscando a superação desse quadro de subdesenvolvimento, formou-se no organismo um quadro de especialistas renomados, vindos dos países da região (economistas, administradores, sociólogos). Trabalhando numa direção comum, esses especialistas tornaram-se conhecidos como integrantes da *Escola da Cepal*. Tais técnicos (entre eles, Celso Furtado e Felipe Herrera) argumentaram ser necessário promover a industrialização da América Latina e a diversificação geral de sua estrutura produtiva. Nesse sentido, propuseram medidas para uma melhor distribuição da renda, reorganização administrativa e fiscal, planejamento econômico, reforma agrária e formas de colaboração entre os países, para superar suas deficiências para concorrer no mercado internacional (o que contribuiu para a criação da ALALC – Associação Latino-Americana de Livre Comércio) (Extraído da Coleção Os Economistas, Dicionário de Economia, 1985:56).

⁶⁵ A Câmara de Indústria e Comércio (CIC) de Caxias do Sul surgiu em 1901, como associação dos comerciantes, e passou por um processo de fusão nos anos 1970, com o centro da indústria fabril, transformando-se em Câmara da Indústria e Comércio.

Caxias do Sul, nos anos de 1967-68. Segundo Moraes, esse conselho foi criado por lei municipal em 1962. Moraes coordenou o *Iº Seminário de Desenvolvimento da Comunidade*, em 1968, promovido pelo conselho supracitado. Tal seminário teve como objetivo, conforme consta na publicação do seu relatório:

“(...) promover no povo em geral o espírito de comunidade e conscientizar as lideranças para que a ação comunitária seja coordenada e harmonizada” (Moraes, 2001:3).

O seminário foi organizado em duas modalidades: palestras e debates em grupos. As palestras fizeram parte de um painel, cujo objetivo era “dar uma visão geral de Caxias do Sul”. Foram abordados aspectos relacionados ao universo rural e urbano, à educação e à economia caxiense. As palestras foram proferidas por membros de instituições públicas e privadas de Caxias do Sul (entre elas: Prefeitura Municipal, Delegacia Regional de Ensino, Centro da Indústria Fabril, ASCAR, Bispado). Os debates foram realizados em grupos, seguindo um roteiro sobre “problemas da comunidade”, e resultaram num levantamento de temas de interesse da sociedade caxiense.

Na metade da década de 1970, a Câmara de Indústria e Comércio organizou o *Seminário sobre os Principais Problemas de Caxias do Sul*. João Luiz de Moraes esteve envolvido na sua organização. Tal seminário deu continuidade ao anterior, de 1968, mas neste último foram identificados os seguintes temas: distrito industrial, deficit de habitações populares, esgoto cloacal, humanização da cidade, plano diretor integrado de trânsito, ausência de planejamento institucionalizado, inadequação da estrutura administrativa municipal, transporte individual e coletivo, ensino técnico profissional de grau médio, menor carente, segurança pública policial e carência de atendimento médico de urgência. (Herédia e Machado, 2001).

Tais debates, ocorridos nas décadas de 1960 e 70 demonstram o envolvimento e o poder de articulação da Câmara de Indústria e Comércio na sociedade caxiense, esta se fazendo portanto representar por instituições públicas e privadas. João Luiz de Moraes foi um dos mentores desses debates. Sua formação de economista, com passagem pelo curso da Cepal, explica, em parte, suas preocupações com a temática do desenvolvimento regional.

Morais permaneceu no Centro da Indústria Fabril até 1968, quando então começou a trabalhar na Marcopolo S.A., empresa local de grande porte, do setor metal-mecânico, que se dedica à fabricação de ônibus. Nessa empresa, ele permaneceu de 1968 a 73. Durante esse período, Moraes foi à Bahia dirigir uma das empresas desse grupo, e, no seu retorno a Caxias, trocou de emprego e passou a trabalhar na Randon S.A., grupo empresarial, cujo fundador já teve sua trajetória aqui descrita. Aí Moraes permanece até hoje, trabalhando na área financeira e econômica, tendo passado por vários cargos, dentre eles: diretor de várias empresas do grupo, assessor e superintendente financeiro, membro do Conselho de Administração, e Vice-presidente do Conselho de Administração de uma das empresas.

No período de 1965 a 87, Moraes participou de vários cursos de extensão, seminários e congressos em âmbito nacional, sobre temas relacionados à economia e aos mercados de capitais, estrutura e análise de balanços, promoção de exportação, eficácia gerencial, gerenciamento financeiro, relações trabalhistas e sindicatos, técnicas e práticas de negociações entre empregadores e empregados, mercado acionário e bolsa de valores, dentre outros.

Em 1987 foi eleito Reitor da Universidade de Caxias do Sul, onde foi professor das disciplinas *Elaboração e Avaliação de Projetos*, *Política e Programação Econômica*, e *Planejamento Econômico*, até o ano de 1994. Segundo Moraes, o curso da Cepal o capacitou para ensinar elaboração e análise de projetos de desenvolvimento empresarial, com financiamentos de governo. Ele foi também membro do Conselho Diretor da Universidade de Caxias do Sul, representando a Câmara de Indústria e Comércio da cidade, durante os anos de 1975 e 1976. Permaneceu no cargo de reitor de 1987 a 90. Durante esse período, foi membro do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e organizou o estudo intitulado *Perfil das Universidades Comunitárias*, publicado em 1989 pelas editoras Loyola e Editora Universitária Leopoldianum. Nesse momento, o conceito de “universidade comunitária” estava sendo discutido em âmbito local e nacional. Dois anos antes de assumir a reitoria, Moraes foi assessor da Pró-Reitoria de Planejamento, numa época estava em pauta o tema *Que Universidade Queremos?*. Segundo o entrevistado, havia dois grupos com concepções diferentes de universidade: um defendia a federalização da universidade, e outro, a universidade comunitária/regional. Este último conceito acabou prevalecendo, e a proposta de universidade comunitária se esboçou durante o período em

que o entrevistado assumiu a reitoria. Em um projeto preliminar, sob sua coordenação, a Universidade de Caxias do Sul foi definida como uma universidade com vocação regional.

Escreve ele:

(...) “Sua inserção na região deve ser ampliada e aprofundada, no sentido de se tornar um centro difusor de conhecimento e de tecnologia, apoiando o desenvolvimento regional, em nível de qualidade compatível com as crescentes solicitações. (...) Essa dupla perspectiva, comunitária e regional, configura a vocação própria da universidade de Caxias do Sul” (Morais, 1988: 4).

Durante a sua gestão como reitor, e levando em conta essa concepção de universidade comunitária/regional, Moraes tentou aproximar a universidade das empresas. É nesse contexto que o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (SIMECS) financiou a recuperação do laboratório do curso de engenharia. Em razão do seu envolvimento no meio empresarial, ele se sentia, nas suas próprias palavras, um “*bicho da goiaba*”, nesse meio conjunto, ao mesmo tempo universitário e empresarial.

Na sua gestão como reitor foi criada a escola de Mecatrônica, pelo Serviço Nacional da Indústria (SENAI). Como já mencionado no capítulo I, os empresários concentraram seus esforços, durante as décadas de 1980 e 90, na implementação de centros tecnológicos e de capacitação de mão-de-obra. Resulta desse esforço coletivo a criação do Centro Tecnológico de Mecatrônica (CTM). A UCS lhe cedeu uma área, e mantém com ele um convênio de cooperação. Este centro desenvolve cursos de nível médio e de formação básica na área da automação industrial, além de oferecer assistência tecnológica a empresas.

O trabalho que Moraes dedicou ao universo empresarial e acadêmico resultou em algumas publicações em jornais locais, informativos empresariais, revistas científicas, relatórios de pesquisa, entre outros. Dentre essas publicações cabe destacar sua coluna semanal no Pioneiro (jornal caxiense de maior circulação na região), entre os anos de 1965 a 67. Nesse jornal, Moraes abordava temas relacionados aos problemas econômicos e sociais da sociedade local. Em 2001, publicou o livro *Fragmentos*, editado pela EST⁶⁶. Esta

⁶⁶ A EST (Escola Superior São Lourenço de Brindes) é uma editora com sede em Porto Alegre. Surgiu na década de 1970, inicialmente publicando obras sobre a temática da imigração italiana em co-edição com a Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS). A *Coleção Imigração Italiana*, que ultrapassou a 300

obra reúne artigos de jornais, de revistas e de informativos empresariais sobre temas diversos, entre eles: economia, desenvolvimento, política, tecnologia, associações comunitárias e entidades de classe. Em 1999, em comemoração aos 50 anos de fundação do grupo Randon S.A., onde trabalha até hoje, ele publicou o livro *Randon: meio século de trabalho*, no qual descreve a história econômica e social desse grupo empresarial, (sua formação, expansão, crises, democratização do capital e modelo de gestão), relacionando-a com a política econômica nacional. Este livro também foi editado pela EST. Em 2001 e 2002, publicou dois trabalhos científicos, na forma de cadernos de pesquisa, pela Editora da Universidade de Caxias do Sul. O primeiro é o resultado de seu estágio realizado na Superintendência da Industrialização do Xisto-Petrobrás, e foi apresentado ao curso de economia realizado no ano de 1962. Esse primeiro trabalho se intitula *Xistos Oleígenos: riqueza nacional inexplorada*. O segundo, intitulado *Estrutura e Nível de Emprego no Estado do Rio Grande do Sul*, pretende analisar a situação do emprego no município de Caxias do Sul. Tal trabalho foi realizado no ano de 1966, no Centro Universitário de Orientação e Pesquisa (CEUNOP), em Porto Alegre, em convênio com a Secretaria de Estado dos Negócios do Trabalho e Habitação do Rio Grande do Sul.

Atualmente, Morais é membro do Conselho de Administração do grupo Randon S. A. Exerceu vários cargos na Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul; entre eles o de secretário especial de finanças, nos anos de 1975 a 78. Atualmente ele é diretor de economia e estatística dessa entidade de classe.

Nelçon Ângelo Tesser

Nelçon Tesser tem 53 anos, e nasceu em Francisco Beltrão, no Paraná. É filho de agricultores nascidos em Guaporé (cidade localizada a 100 Km de Caxias do Sul), e que migraram para Francisco Beltrão. O pai de Tesser quase se mudou para Rondônia, em

obras publicadas, resulta dessa cooperação editorial.

função de compra de terras que, por fim, não deu certo. Tesser tem oito irmãos, quatro homens e quatro mulheres, sendo ele o mais velho.

O entrevistado iniciou seus estudos aos sete anos, num Seminário (Congregação Sagrado Coração de Jesus, de padres belgas) em Francisco Beltrão. Em 1972, Tesser desistiu do seminário e se mudou para Cascavel, onde terminou o 2º Grau e teve seu primeiro emprego. Trabalhou na Copel (Companhia de Energia Elétrica do Paraná) durante dois anos, e então fez o seu primeiro curso na área de informática (curso de programação em COBOL) o que lhe motivou mais tarde prestar vestibular nessa área.

Em 1975, mudou-se para São Leopoldo (RS), onde fez o curso de tecnólogo em processamento de dados na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Em função da sua formação anterior (Cobol), ele foi monitor da turma, e obteve crédito educativo, pagando assim os seus estudos.

Em 1977, Nelçon terminou o curso de tecnólogo em processamento de dados e começou a trabalhar na Habitasul, em Porto Alegre. Nessa mesma época, iniciou o curso de administração de empresas na Unisinos. Em 1978, ele ingressou no curso de Pós-Graduação em Gerência e Engenharia de Softwares na UFRGS. Para fazer pós-graduação, abandonou a administração.

Em janeiro de 1979, foi contratado para trabalhar na ICOTRON, em Gravataí, como analista de sistemas. Nessa época, ele dava aulas no Colégio Coração de Maria, em Esteio (RS). Ensinava mecanografia e processamento de dados. Descontente com tais empregos, pensou em trabalhar em Florianópolis, quando lá lhe disseram que seu currículo se adequava a uma vaga disponível numa empresa de Caxias do Sul, o grupo Randon S.A.

Em setembro de 1980, Tesser veio para Caxias do Sul, e iniciou suas atividades nesse grupo, treinando pessoas e introduzindo-as na informática, na utilização de computadores e na programação em COBOL. Outras empresas de Caxias começam a solicitar seus serviços, e assim, em razão da forte demanda por esse tipo de trabalho, Tesser e um colega começaram a prestar serviços na área de informática. Eles permaneceram até outubro de 1981, quando o entrevistado criou sua própria empresa, a N&L Informática LTDA, em sociedade com sua esposa e com outro casal. O entrevistado havia-se casado em agosto de 1981. Sua esposa é formada em administração de empresas e administra a empresa juntamente com Tesser, que é o diretor da mesma.

A N&L Informática foi a primeira empresa de desenvolvimento de software em Caxias do Sul, e, segundo o entrevistado, é a maior da cidade no ramo. É uma empresa de desenvolvimento de sistemas de gestão empresarial. Tem uma filial em São Paulo e outra em Fortaleza; uma franquía em Encantado (RS); e representantes em Cascavel (PR), Bento Gonçalves (RS), São Leopoldo (RS) e Porto Alegre. A empresa de Caxias do Sul tem cem funcionários, e é de capital fechado.

Diz Tesser:

“Fomos a primeira do ramo a se dedicar ao programa de qualidade. Fomos a primeira do ramo no Brasil a criar franquias. Fomos a primeira a se certificar na ISO 9001, e estamos sendo uma das primeiras a buscar a certificação para a CNM, que é uma certificação dedicada a software” (Nelço Tesser, entrevista/2002).

Tesser destacou em vários momentos da entrevista a sua participação em trabalhos voluntários para a comunidade.

Continua ele:

“Desde menino, ainda em Francisco Beltrão e Cascavel, talvez por influência do seminário, dedicava uma parcela da minha vida pelos outros, pelo social” (Nelço Tesser, entrevista/2002).

O entrevistado participou de grupos de jovens ligados à igreja católica e se envolveu em atividades voluntárias na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Em seu trabalho na Habitasul (1978), participou da fundação da Associação das Empresas e Profissionais de Informática (ASSESPRO), da qual foi diretor por alguns anos. Tesser envolveu-se igualmente na formação do Pólo de Informática de Caxias do Sul, e foi, entre 2002 a 2004, vice-presidente da Federasul (Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul), em Porto Alegre. Quando lhe perguntei sobre participação política, ele respondeu que não é filiado a nenhum partido, nunca assumiu nenhum cargo político partidário, e acha que não tem perfil para tanto.

Na década de 1980, com a criação do curso de Informática na UCS, Tesser lecionou a disciplina de Cobol durante dois anos. Em função do trabalho em sua empresa, deixou de dar aulas. Dedicou-se também a atividades voluntárias junto a ASSESPRO, em Porto

Alegre, no ano de 1995. Nessa época, iniciou o curso de pós-graduação em Administração em Marketing na UCS, quando conheceu o diretor de competitividade da CIC, Ivan Polidoro. Em 1997, indicado por este último, Tesser foi levado pelo diretor da CIC (Ademir Stumph) à direção do setor de competitividade desta entidade (setor que organiza o programa de qualidade nas empresas). Tesser já havia atuado no programa de qualidade em sua empresa, e também no programa gaúcho de qualidade e produtividade. Iniciou seu trabalho na CIC em janeiro de 1997⁶⁷, quando havia 144 empresas ligadas ao programa de qualidade. Esse número passou para 280 em março de 1998. Em janeiro de 1999, Tesser foi convidado pelo presidente da CIC para substituí-lo na presidência.

Como ele diz:

“Fui pego de surpresa. Na época nem queria discutir, pois estava apenas dois anos na CIC” (Nelço Tesser, entrevista/2002).

Em 1999, após ter feito o pós-graduação em Administração em Marketing, ele foi convidado pelo departamento de administração a retornar à UCS como professor. Ministrou a disciplina *Qualidade na Administração Empresarial* entre os anos de 1999 a 2001. Foi igualmente professor de *Estágio I – Seminário de Vivências Empresariais*, no período de 2001 a 2002. Trabalhou como professor na pós-graduação em Sistema da Qualidade – Aplicação de Serviços, em 2001.

Tesser permaneceu como presidente da CIC durante a gestão 1999 a 2001. Nesse período, como é de praxe nesta entidade, o presidente assumiu como membro do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Caxias do Sul (FUCS), no qual a CIC possuía duas representações. Em 2002, houve mudanças na composição dos cargos nessa Fundação. Até então, o reitor da Universidade de Caxias do Sul acumulava os cargos de reitor e de presidente da FUCS. A partir de 2002, os dirigentes da FUCS (presidente e vice) foram eleitos em reunião pelos nove integrantes do Conselho Diretor dessa Fundação.

Em razão de tais mudanças, em 2002 Tesser foi eleito presidente da FUCS, cargo que ocupou até o início de 2005. Pela primeira vez desde a criação da Fundação (1973),

⁶⁷ Participando do Programa de Qualidade Industrial do Governo do Rio Grande do Sul, a UCS coordenou a implantação do Pólo de Modernização Tecnológica da Região da Serra, uma das prioridades do Conselho de Desenvolvimento Regional. (Herédia e Machado, 2001)

um representante da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC) de Caxias do Sul assumiu a sua presidência. Para o entrevistado, o fato de ele ser empresário, e representar a CIC na FUCS, lhe confere vantagens nas negociações entre a universidade e o empresariado caxiense.

Ele mencionou algumas ações realizadas pela CIC durante sua gestão, em parceria como a universidade: o programa de qualidade que envolveu o comitê regional; e o acordo com a universidade, pelo qual a UCS-TV tem como tarefa filmar as reuniões-almoço da CIC, que acontecem mensalmente. Por outro lado, Tesser também mencionou ações de iniciativa da UCS, em parceria da CIC: a participação desta na elaboração de cursos de pós-graduação, como o MBA na área de meio ambiente; a assinatura de um convênio entre UCS e CIC para a Construção da Escola de Arquitetura e Urbanismo; a construção do Centro Tecnológico de Mecatrônica (CTM) e do Centro de Autotrônica (este contando também com a participação do Governo Federal e do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul (SIMECS)); a parceria entre UCS, CIC e Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, na criação da Incubadora Tecnológica (ITEC)⁶⁸; e a parceria para coleta dos resíduos líquidos⁶⁹.

Os dados supracitados revelam os esforços dos empresários, bem como da UCS, para implementar estratégias de desenvolvimento do parque industrial. Isso ocorreu nas décadas de 1970 e 80, na consolidação do pólo metal-mecânico; e nas décadas de 1980 e 90, na implementação de centros tecnológicos e de capacitação de mão-de-obra.

Por outro lado, o entrevistado afirma que a universidade não se põe ao lado das empresas em projetos de pesquisa para desenvolvimento industrial.

Como ele diz:

“A Universidade não é uma parceira da empresa para pesquisa, para desenvolvimento. Então um pouco eu acho que é da universidade. Ela ainda está fechada no âmbito acadêmico, achando que aqui tem que desenvolver e aqui tem que ficar os inventos. E de outro lado, o empresário que não sabe que dá para vir aqui, ou não percebeu como, e pode dizer: preciso

⁶⁸ Tem como propósito apoiar a formação e consolidação de micro e pequenas empresas tecnologicamente inovadoras, prioritariamente nas áreas metal-mecânica, eletroeletrônica, de informática, biotecnológica e de novos materiais. Foi inaugurada em 1998.

⁶⁹ A UCS inaugurou em 2001 a Estação de Tratamento de Efluentes. Além de ser utilizada para o tratamento dos resíduos do Campus, ela serve como centro de estudos para alunos de vários cursos.

desenvolver isso, pesquise para mim, crie... Ao meu ver estamos num momento muito propício para inverter esses papéis. A Universidade não pode estar isolada, e a comunidade empresarial não pode viver sem ela. Então, se os dois precisam, vamos fazer uma união maior e criar isso. Acho que a universidade tem que se dar conta disso: ela não cria profissionais ou inventos para ela, ela não precisa só para ela. Ela cria para usar em algum lugar. Quem usa são as empresas. De outra parte as empresas sabem que sem inovação e sem conhecimento não chegam lá” (Nelço Tesser, entrevista, 2002).

Sobre o seu papel no cargo de presidente da FUCS, Tesser respondeu que esse primeiro ano de seu mandato é um ano “de consolidação, de entendermos uma nova realidade”. A FUCS é mantenedora de quatro entidades: a Universidade de Caxias do Sul (UCS), o Hospital Geral⁷⁰, o Centro de Teledifusão Educativa (CETEL)⁷¹ e o Centro de Estudos Técnicos (CETEC)⁷². Segundo o entrevistado, a FUCS é provedora dos recursos e ao mesmo tempo ela exige resultados.

Diz ele:

“Esta visão que nós estamos tentando trazer aqui, não de uma instituição pública, mas de uma instituição assim: se a UCS não der lucro ela não precisa existir. Vamos fazer isso entre aspas. Não quer dizer que se não der lucro feche, mas também não podemos ter uma instituição que não dê resultados. Seja de conhecimento, seja de dinheiro, do que for. Por exemplo, o CETEC, uma escola de 2º Grau que não dê resultado, para que você ter ela? Para que ter um hospital que seria sempre deficitário? Para que ter um Centro de Teledifusão que não te dê resultados? Então o papel que nós estamos fazendo agora como Conselho, como Fundação, é imprimir uma visão de gestão modernizada, onde nós temos que otimizar os recursos aos extremos, utilizarmos da melhor forma, e na maior quantidade possível e trazer o maior resultado possível a quem nos interessa que é o nosso cliente” (Nelço Tesser, entrevista/2002).

⁷⁰ Em 1997 a UCS assumiu a administração do Hospital Geral, em convênio firmado com o Estado do Rio Grande do Sul. Ele serve como hospital universitário para apoio ao ensino na área médica e da saúde. Presta atendimento gratuito em diversas modalidades, inclusive de pronto-socorro.

⁷¹ Criado em 1997, para apoiar atividades dos cursos de graduação em comunicação. Foi ampliado com a instalação da UCS-TV e, posteriormente, da rádio Universidade.

⁷² O CETEC foi criado em 1995, e atua no ensino médio. O CETEC-Caxias oferece habilitações profissionais, dentre elas: técnico em processamento de dados, técnico em informática, técnico em administração e técnico em enfermagem. Posteriormente o CETEC criou unidades em Bento Gonçalves, Farroupilha e Guaporé.

Tal como o empresário David Randon, Tesser também pensa que o papel do empresariado é “gerar empregos e desenvolvimento econômico”, não descuidando de um balanço social, tão em voga no discurso do empresariado nacional.

Ele atribui ao elemento étnico (no caso a origem italiana) o progresso econômico regional, também em conformidade com os outros empresários entrevistados.

Quando lhe perguntei a que atribuía o progresso da região, respondeu:

“A primeira delas o início nosso aqui. A comunidade daqui é de origem italiana, hoje já nem tanto, mas na época que iniciou Caxias do Sul. Aquele desespero de necessidade, fez com que o pessoal daqui lutasse muito, e isso gerou uma filosofia de vida que foi empreender, de criar coisas novas. Isso, digamos é uma base inicial. A segunda coisa é, vamos chamar assim, uma inveja salutar, que o povo dessa região tem” (Nelço Tesser, entrevista/2002).

A representação do trabalho como distinção étnica, presente no discurso dos três tipos de empresários entrevistados, será analisada no último capítulo.

Trajetórias e Representações

As trajetórias aqui descritas demonstram três representações de empresários: aqueles comparados à figura de um herói civilizador, os representados pelo herdeiro e, por fim, aqueles ligados a um conhecimento técnico.

Quanto aos primeiros, representam uma geração de empresários que fundaram suas próprias empresas na década de 1950 e 60, filhos de pequenos empreendedores, funcionários e operários de empresas locais. Tais empresários se beneficiaram da expansão do setor metal-mecânico na região. Pesou mais em sua formação a experiência obtida dentro da indústria. O conhecimento técnico obtido em instituições de ensino fica em segundo plano.

Suas trajetórias *bem sucedidas* são reconhecidas pela comunidade regional, e esse reconhecimento se vê representado pelos veículos de comunicação como rádio, televisão,

jornais, revistas especializadas, dentre outros. Na medida em que tais empresários se inserem na política e nas resoluções dos problemas sociais, culturais e educacionais da sociedade regional, tornam-se agentes sociais, com papel importante na produção das representações sociais. Um exemplo pode-se encontrar na literatura local e nos meios de comunicação: aí as histórias desses empresários tornam-se exemplares; nelas, eles *são comparados à figura de um herói civilizador*.

O que chama a atenção na trajetória desses empresários é o reconhecimento conferido a eles *pelos serviços prestados à comunidade*. Esse reconhecimento é visto nas homenagens feitas pelas entidades de classe e também pelo estado, pelas instituições de ensino e pelos meios de comunicação.

Quanto aos herdeiros, representam a reprodução econômica e social do grupo. A noção mais comum que se tem da figura do *herdeiro* está ligada à reprodução e à transmissão de um patrimônio para as gerações seguintes. O *herdeiro* é constantemente comparado ao *herói civilizador*, servindo este último de modelo para o primeiro. Isso, no entanto, pode mudar, já que as qualidades do empreendedor-pioneiro (tais como a liderança e o carisma) podem ser superadas pelo herdeiro, diante de sua possibilidade de aquisição de conhecimento técnico.

Em relação à terceira representação - empresários ligados a um conhecimento técnico - ela se apresenta no estrangeiro-integrado à sociedade local. Isso se verifica na medida em que o conhecimento técnico deste último serve para estabelecer o elo de ligação entre a fase pioneira da indústria e a sua modernização.

Em geral, as trajetórias aqui descritas demonstram as relações estreitas que esses empresários estabelecem com a sociedade local. Essas relações não se limitam ao campo econômico da produção, mas se estendem ao campo social e político. É a partir desta constatação que proponho conceber os empresários como intelectuais, por seu caráter orgânico, nos moldes que Gramsci (1978) definiu (desenvolverei esta questão no final do último capítulo).

Os dados também revelam as relações estreitas entre empresários e intelectuais. Tais relações se estabelecem na medida em que esses dois grupos se unem para implementar estratégias de desenvolvimento regional, tal como ocorreu quando da criação dos centros tecnológicos e da capacitação da mão-de-obra para a indústria. A resolução da crise

institucional por que a UCS passou nos anos de 1970, também se deve a isso. Essas relações se estreitam na medida em que a UCS se define como uma instituição regional/comunitária. Os empresários que atuam no campo empresarial e no intelectual são agentes importantes na consolidação de tais relações. Partindo da concepção de rede social para entender como essas relações se estabelecem, a UCS é um nó fundamental da rede, é nela que empresários e intelectuais articulam essas relações.

CAPÍTULO III

Representações da Italianidade a partir das Relações entre Empresários e Intelectuais

Neste capítulo demonstrarei como os empresários e os intelectuais elaboravam e expressavam a italianidade de diferentes formas. No que diz respeito aos intelectuais, tratarei das suas influências teóricas - para demonstrar suas diferentes interpretações do processo imigratório, partindo das noções de trabalho e memória - e das suas ações culturais, com propósitos de promoção e valorização de um grupo étnico. Em relação aos empresários, partirei da sua representação do trabalho como distinção étnica. Neste caso, nota-se que os empresários afirmavam a sua italianidade como uma forma de distinção. Para contextualizar tal processo de valorização da cultura local, tomarei algumas das edições da Festa da Uva, em que os empresários e os intelectuais atuaram como promotores de um modelo de italianidade. Por fim, tomarei a UCS como um espaço privilegiado da rede de relações entre empresários e intelectuais na construção da italianidade.

Os Intelectuais e as Noções de Trabalho e Memória: as influências marxistas e dos *Estudos Culturais*

Todos os intelectuais pesquisados têm ascendência italiana, e a origem social de suas famílias é tanto o meio rural (pequena propriedade da terra), quanto o urbano (filhos de comerciantes locais ou de operários da indústria local). Enfim, em sua maioria, não são

oriundos das elites locais; ao contrário, ascenderam econômica e socialmente em razão da atividade intelectual. Como diria Bourdieu (1996), o capital intelectual acumulado propiciou uma ascensão social.

Suas trajetórias são marcadas por um investimento escolar e acadêmico realizado em instituições ligadas à Igreja Católica (ordens religiosas e congregações). Tais intelectuais receberam influências muito diferenciadas em sua formação acadêmica; o que explica, em parte, as redes de relações que eles constituíram durante suas trajetórias profissionais.

Um critério para identificar essas redes são as diferentes interpretações sobre o processo migratório, e especialmente aquelas que trataram das noções de trabalho e memória. Tanto a interpretação econômica da imigração, de influência marxista e que se dedicou a investigar o processo de trabalho, quanto a interpretação que se aproxima dos estudos culturais, e que tratou da recuperação da memória da imigração, contribuíram para o processo de valorização da cultura local, aqui estudada.

A interpretação marxista da imigração (incorporada na retomada dos estudos de comunidade) é notada mais fortemente nos trabalhos de duas professoras, Loraine Giron e Vânia Heredia. Podemos dizer que havia uma rede de relações que as aproximava, em razão de influências teóricas recebidas em instituições brasileiras e européias da área das ciências sociais, durante as décadas de 1970 e 80.

Suas trajetórias acadêmicas se cruzavam em atividades de ensino e pesquisa na UCS. A produção intelectual de ambas as professoras se voltava a temas muito próximos, como o processo de formação do comércio e da indústria, o fascismo, a religião, o processo de trabalho industrial, dentre outros. Ambas tinham reconhecimento acadêmico na área de estudo sobre imigração italiana, tanto localmente quanto em âmbito nacional. Porém, Vânia Heredia mantinha relações acadêmicas com uma rede de instituições e agências italianas, o que lhe rendeu a participação em projetos de pesquisas com colaboração internacional e um doutoramento na Itália, dentre outras atividades. Além dessa rede, Vânia mantinha parceria em projetos de pesquisa com um grupo de economistas e sociólogos da Fundação de Economia e Estatística (FEE-RS). Enfim, suas pesquisas de alcance internacional (especificamente junto a instituições italianas) se viam bastante favorecidas numa agenda de pesquisas ligadas à temática da imigração italiana, envolvendo interesses acadêmicos

daquelas instituições. Isso se demonstra pela evidência de que as relações com instituições italianas eram mais importantes do que com instituições brasileiras de reconhecimento nacional, especialmente no que tange a parcerias em projetos de pesquisas.

Ambas as pesquisadoras se utilizaram da abordagem marxista para explicar o desenvolvimento regional por meio da expansão do comércio e da indústria. A influência marxista permitiu uma análise econômica do trabalho; porém, quando o trabalho era entendido como um valor cultural, houve naturalizações no conceito. Giron (1997), por exemplo, explicou as diferenças entre fazendeiros e colonos pelo que denominou *valor atribuído ao trabalho pelo colono*. Parecia não haver uma distinção entre categoria nativa e analítica, quando a autora utilizava o *valor atribuído ao trabalho* como sinônimo de distinção do colono (colono descendente de imigrante italiano). Loraine Giron não se dedicou a aprofundar tal representação.

Entendo que os descendentes de imigrantes italianos construíram, ao longo do processo de imigração, uma representação do trabalho como uma forma de distinção social em relação a outros grupos com os quais mantiveram contato. E se distinguiam dos demais grupos sociais pela auto-representação de “*mais trabalhador, mais apto ao trabalho*”. Quando Giron (1997) afirmava que, para o colono, o trabalho “*era o caminho único para a sobrevivência, a única possibilidade de enriquecimento*”, ela estava se utilizando de uma categoria nativa. Na medida em que os descendentes expressavam tal compreensão do trabalho, estavam constituindo sua versão socialmente partilhada desse conceito. Nessa interpretação nativa do trabalho, ele é tido como um dos atributos de diferenciação social.

A interpretação de Singer (1977), sobre o papel do grande comerciante relacionado à expansão da “agricultura comercial”, influenciou os trabalhos de Vânia Herédia. Esta autora se dedicou a entender a formação e as conjunturas favoráveis ao processo de industrialização regional. Sua análise levava em conta não somente fatores locais. Na interpretação de Singer (1977), o desenvolvimento da agricultura comercial nas colônias alemãs e italianas do sul do país só pode ser explicado quando associado aos vários papéis assumidos pela capital (Porto Alegre): de grande comércio, de centro financeiro, de escoadouro de mercadorias e de industrialização. Ou seja, atribuir ao imigrante italiano e

seus descendentes o desenvolvimento regional é desconsiderar outros elementos que igualmente explicam tal desenvolvimento⁷³.

Concordo com Regina Weber (2004), quando observa que a figura do “empreendedor” só é possível quando este possui algum tipo de “capital” que embasa seu empreendimento. E, segundo Giron, para os colonos no sul do país era a pequena propriedade privada que constituía tal “capital”. Enfim, parece certo que a explicação econômica do desenvolvimento regional teve influências das abordagens marxistas e dos desdobramentos dos estudos de comunidade, embora com ressalvas, algumas já citadas. Parece ocorrer, no caso dessas duas pesquisadoras, uma certa dificuldade em trabalhar de forma analítica com alguns dos valores culturais que marcaram distintivamente os descendentes de imigrantes italianos na RCI; dentre eles, em particular, o trabalho.

Vânia Herédia (1997) se contrapôs à abordagem funcionalista dos estudos de imigração. A autora optou pelo que denominou *abordagem estrutural histórica*. Porém, quando ela analisou a origem étnica da mão-de-obra de uma empresa do setor têxtil de Caxias do Sul, interpretou os valores culturais dos descendentes de imigrantes (trabalho, família, herança, poupança, propriedade) como decorrência de “tradições seculares do país de origem”. Ou seja, acabou explicando as características distintivas dos imigrantes como resultado da herança social e cultural da sociedade de origem. Tal explicação foi criticada por Martins (1973), que se contrapôs aos estudos de comunidade que se utilizavam das análises funcionalistas.

É necessário contextualizar as pesquisas dessas duas intelectuais, realizadas nos anos de 1980, nas áreas das ciências sociais e da história, sob forte influência dos estudos marxistas e de críticas à abordagem funcionalista e aos estudos de comunidade. Essas autoras contribuíram para os estudos imigratórios, sobretudo quando relacionados ao desenvolvimento do comércio e da indústria regional, e à política local. O tema da imigração, tendo como foco os valores culturais e os processos identitários, tornou-se um interesse de pesquisa para tais autoras especialmente a partir dos anos 2000, quando elas

⁷³ Como já foi mencionado, Loraine Giron (1979) foi questionada por Octávio Ianni (1979). Ela afirmou que os imigrantes italianos modernizaram a economia gaúcha com a instalação de novas indústrias, e com a aplicação de novas técnicas. Ianni, contudo, ponderou que o sucesso de um empreendimento colonial só pode ser explicado no contexto da sociedade nacional e regional, sendo o imigrante apenas um dos elementos que explicam tal sucesso.

passam a atuar no mestrado de Letras e Cultura Regional da UCS. Portanto, será somente nesse momento que a noção de trabalho, concebida como valor cultural, passará a ser aprofundada, como veremos em Giron (2004, 2007)⁷⁴ e Herédia (2004)⁷⁵.

Na fronteira entre o marxismo e os estudos culturais encontra-se Maria Abel Machado. Essa autora realizou pesquisas tanto com Loraine Giron quanto com Vânia Herédia. Com Loraine, desenvolveu pesquisas sobre o tema da mulher e o trabalho, e, com Vânia, sobre o processo de industrialização; mais especificamente a respeito da história da Câmara de Indústria e Comércio de Caxias do Sul (CIC). Quando, em sua dissertação de mestrado, ela escreveu sobre as condições do trabalho feminino na indústria caxiense, na primeira metade do século XX, não havia documentação. Partindo de fontes orais, recuperou a memória daquelas mulheres operárias. Ao falar da mulher do núcleo urbano, Maria Abel Machado (1998), relatou o caso de Luiza Eberle (conhecida como Gigia Bandera), mãe de Abramo Eberle, considerado pela sociedade local um dos maiores símbolos de pioneirismo da indústria metalúrgica de Caxias do Sul. Segundo a autora, foi Gigia Bandera quem ensinou ao filho o ofício de funileiro, pois seu marido preferia trabalhar na terra. Deve-se ressaltar que a década anterior a 1896, na qual a funilaria fora mantida e dirigida por uma mulher, foi esquecida da história oficial da empresa. Segundo a autora:

“E assim, são inúmeros os exemplos na região, de Luizas, de Elis as e de Ermelindas. Se a situação das mulheres das classes privilegiadas de Caxias do Sul era demarcada por uma posição subalterna, de pouco espaço e onde pouco apareciam, a não ser como esposas, mães ou colaboradoras, as mulheres das camadas populares estiveram sempre fadadas ao silêncio, sem papel definido, seguindo as normas impostas pela sociedade e pelo seu grupo social”. (Machado, 1998: 85).

⁷⁴ GIRON, Loraine Slomp. “Da identidade à Etnicidade”; in: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (orgs.); *Cultura Regional: língua, história literatura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

GIRON, Loraine Slomp; “Identidade: região e valores”; in: GIRON, Loraine S.; RADÜNZ, Roberto (orgs.); *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul, RS, EDUCS, 2007.

⁷⁵ HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; “Etnicidade e Cultura Regional”; in: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (orgs.). *Cultura Regional: língua, história literatura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

A autora se propunha a analisar a incorporação da mão-de-obra feminina na indústria de Caxias do Sul, e tinha como objetivo reconhecer e dar visibilidade a um grupo até então ignorado pela historiografia local. Nas suas palavras:

“Conclui-se, finalmente, que a mulher de Caxias do Sul, ao ingressar no mercado de trabalho, através da unidade fabril de produção, de características paternalistas, levava consigo toda a carga comportamental de submissão e obediência a que estava sujeita na família, condição que foi muito bem explorada pelo capitalismo, porque atendia aos interesses ligados à acumulação e ao lucro”. (Machado, 1997:166).

Por outro lado, a autora demonstrava um outro significado que o trabalho fabril assumia para as operárias:

“(...) o trabalho permitia que se sentissem valorizadas, porque a despeito dos problemas que enfrentavam, era motivo de elevação social. De trabalhadoras rurais para a situação de operárias da zona urbana, na verdade houve uma melhora; passaram a ter remuneração fixa, já não estavam sujeitas às intempéries e, a partir de década de 40, começaram a ter alguma assistência social”. (Machado, 1997:167).

Aparece no trabalho de Maria Abel a mesma inspiração marxista que vimos em Loraine e Vânia. Porém, há uma ampliação desse tipo de interpretação, na medida em que o trabalho dos descendentes de imigrantes italianos é interpretado a partir da condição feminina. Outro elemento que aparece com destaque no trabalho de Maria Abel é a utilização de fontes orais para escrever sobre um determinado período histórico.

Além de demonstrar as condições do trabalho feminino de acordo com o modelo capitalista de produção, Maria Abel pretendia, sobretudo, *dar voz* a essas mulheres, e reconhecer o espaço ocupado por elas na história da região. No entanto, ao fazê-lo, ela não estaria reconhecendo igualmente o espaço ocupado por ela mesma, como mulher, no campo intelectual? Na medida em que a autora escrevia sobre as mulheres operárias, penso que ela se (re)conhecia nessas mulheres e legitimava essas histórias. Isso explica, em parte, o porquê da autora escrever sobre a temática do trabalho feminino, como também ajuda a explicar sua posição de produtora cultural (como veremos mais adiante). Em sua tese de doutorado (Machado, 2001), Maria Abel pesquisou a história da urbanização de Caxias do

Sul, no período de 1875 a 1950. Na tese, os conceitos de espaço urbano e cidade foram relacionados ao período de ocupação colonial e à industrialização da cidade de Caxias do Sul, bem como ao poder político local. É nesse estudo que a autora optou por uma história social das cidades, aproximando-se dos estudos culturais.

Os pesquisadores que trabalharam na UCS o tema da imigração, e que mais se aproximaram da área dos estudos culturais (EC)⁷⁶, são os intelectuais do Projeto ECIRS. Situo-os assim pelo fato de transitarem por diversas áreas de conhecimento e métodos investigativos. A ação cultural desenvolvida pelos integrantes do projeto ECIRS é também uma das razões para situá-los nesse campo de estudos, pois havia, entre alguns desses intelectuais dos EC, projetos políticos envolvendo ações culturais.

Quando os intelectuais do Projeto ECIRS interpretavam a imigração, faziam-no por meio do registro da memória, distanciando-se, portanto, da abordagem marxista que elegia como fundamentais os conceitos de classe social, processo de trabalho, historicidade, ideologia, dentre outros. O registro da memória, para esse grupo, consistia em descrever a cultura material e imaterial dos descendentes de imigrantes, por meio do artesanato, do acervo arquitetônico, da culinária típica, do trabalho doméstico familiar, dos ritos, dentre outros. Era o caso da descrição sobre o trabalho feminino camponês, em especial o artesanato:

“Numa estrutura familiar, como é a da comunidade em questão, a sucessão das atividades ordinárias da mulher compreendia o trabalho doméstico

⁷⁶ O termo Estudos culturais (EC) evoca uma movimentação intelectual que surgiu no panorama político do pós-guerra, na Inglaterra, em meados do século XX. Devido à farta publicação de estudos culturais na Inglaterra, esse país é reconhecido, pela literatura, como o berço dos mesmos. Na primeira linhagem reconhecida dos EC, encontramos autores como Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward P. Thompson e Stuart Hall. O Centro de Estudos Culturais Contemporâneos de Birmingham, na Inglaterra, foi o local em que tais estudos emergiram, na década de 1960, como prática intelectual institucionalizada. Colocava-se, nesse momento, a tentativa de reordenar as concepções de classe e de cultura. As repercussões no marxismo reenquadravam as relações de classe, vistas então como constituídas dentro e fora do local de trabalho, na cultura. Enfim, os estudos culturais transitam por variados universos simbólicos e culturais, por vários campos temáticos e teorias. Tais estudos têm se apropriado de teorias e metodologias da antropologia, psicologia, lingüística, literatura, filosofia, ciência política, educação, dentre outras. Os temas trabalhados foram desde as relações entre classe e cultura, inicialmente, passando para as relações raciais, de gênero, de poder; questionando disciplinas, movimentos políticos, práticas acadêmicas, modos de investigação tais como o marxismo, o pós-colonialismo, o feminismo, o pós-estruturalismo, entre outros. Na América Latina, autores como Nestor García Canclini, Jesús Martín-Barbero e Beatriz Sarlo já realizaram estudos de “análise cultural”. A década de 1990 é reconhecida entre nós como aquela em que ocorreu a explosão dos EC na América Latina, marcada pela realização de pesquisas sobre “consumo cultural” (Costa e outros, 2003).

propriamente dito, preparo do café, ordenha, cuidados com a roupa e a casa, preparo do almoço e o auxílio nos trabalhos da roça. (...) As atividades individuais caracterizavam-se pelo trabalho isolado no qual se incluía, principalmente, o trabalho manual: fazer crochê, bordar, atar nós em franjas de toalhas, (*lê frange*), bordar, tecer a rede de filó, preparar o fio de linho *en la molinela* ou trançar a palha de trigo, para a fabricação de chapéus e cestos (*lê sportele*). Em casos freqüentes ocupavam-se em fazer flores de papel crepon ou seda” (Ribeiro e Toniazzi, 1979: 233).

Ou ainda:

“A técnica do macramé consiste em ‘atar nós’ utilizando o próprio fio do tecido a ser decorado. Os ornatos feitos em macramé destinavam-se especificamente às toalhas de rosto e mãos (*i sugaman*) e, como já foi dito, eram feitas de sacos de algodão. Os motivos eram quase sempre geométricos” (Ribeiro e Toniazzi, 1979: 237).

Para descrever o trabalho camponês feminino, as autoras se utilizavam de uma noção de cultura que se diferenciava daquela associada exclusivamente ao domínio da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos estilizados. No caso dos intelectuais do ECIRS, a noção de cultura incorporava outros sentidos, especialmente aqueles advindos das manifestações da cultura popular. Havia uma valorização do trabalho do imigrante e de seus descendentes, de um saber popular e rural. Na medida em que esse saber era registrado, os intelectuais do projeto ECIRS lhe conferiam um valor positivo e lhe davam visibilidade. Tornavam-se assim, agentes promotores da cultura desse grupo.

Segundo um dos mentores do Projeto ECIRS, era uma das características de tal projeto:

“Com base na pesquisa, o Projeto desenvolve atividades de promoção cultural, num intercâmbio permanente com a comunidade objeto de estudo, sem prejuízo para a primeira. Ao contrário, é nesse processo de troca de saberes que a pesquisa encontra o seu verdadeiro alcance” (Pozenato, 1991, citado por Ribeiro, 1999: 88).

O trabalho do Projeto ECIRS no final da década de 1970, e durante a de 80, voltou-se ao levantamento e ao registro da cultura material e imaterial da região, com o propósito de uma ação cultural. Tal ação promovia a cultura da imigração italiana, na medida em que

tinha como um de seus propósitos desfazer determinados estigmas especialmente ligados ao universo camponês do imigrante.

Durante o processo imigratório, o termo "colono" teve conotações negativas, decorrentes de um modo de vida ligado à terra e ao trabalho braçal, a um jeito de se portar, de falar, de gesticular, que remetia à pessoa com menos instrução formal. Enfim, o termo "colono" esteve associado a um ethos camponês que o colocava em oposição ao modo de ser do cidadão. Vale lembrar que a maior parte do contingente que imigrou para a região colonial italiana era de origem rural. Eram pessoas com um projeto comum de se tornarem pequenos proprietários rurais; ou seja, imigrantes italianos que se transformaram em colonos no Brasil.

Azevedo (1982), ao tratar da assimilação e da urbanização na região colonial italiana, afirma que elas produziram a clássica dicotomia entre o cidadão e o camponês. Tal distinção acentuava-se, na interpretação de Azevedo, com o desenvolvimento nos núcleos urbanos: do comércio, das indústrias, dos cargos burocráticos, da liderança social e partidária. Em outras palavras, tal dicotomia se acentuava na medida em que surgia, nos núcleos urbanos, uma elite dominante que se *assimilava à vida nacional*. Porém, tal elite mantinha determinados valores que a distinguia, como a ascendência italiana⁷⁷.

O imigrante italiano, quando comparado a outros grupos formadores do Rio Grande do Sul, era visto com alguma inferioridade. Os imigrantes alemães haviam chegado primeiro, e já eram associados à imagem de “pioneiros” e “bons trabalhadores”. Os luso-brasileiros da capital, e das regiões em que prevaleceram a grande propriedade da terra, se diferenciavam pelas suas condições econômicas e sociais mais elevadas. Isso também explica alguns estigmas associados ao colono italiano, como "aquele que chegou depois", que não tinha instrução formal, que não sabia falar a língua oficial do país, que trabalhava na pequena propriedade da terra. O próprio colono construía uma representação do gaúcho como um tipo superior. Segundo Oliven (1992), as representações do gaúcho como um tipo social específico, marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da

⁷⁷ O que Azevedo chama de conduta *assimilacionista* da elite local emergente é um processo que envolve negociação de identidade, durante o contato interétnico. Para os grupos que ascendem socialmente é fundamental que assimilem determinados *habitus* urbanos, porém isso não significa perda de valores. Pelo contrário, em algumas situações, determinados valores são acentuados e afirmados como forma de distinção. É o que ocorre com a noção do trabalho.

natureza e a árdua vida campeira, advinham das peculiaridades do Rio Grande do Sul. Tais representações adquiriram um caráter mítico. O gaúcho tinha como seu principal símbolo o cavalo, e isso contribuiu para que os imigrantes estrangeiros o idealizassem como um tipo superior. Na Europa, esse era o apanágio e a marca de distinção da aristocracia rural⁷⁸. Porém, o colono também criou seus preconceitos em relação a outros grupos com que manteve contato, como o “*brasileiro*”, por exemplo (referiam-se aos luso-brasileiros, que em alguns segmentos sociais apareciam mais integrados com os negros e índios), considerando-o menos apegado ao trabalho⁷⁹.

É nesse contexto regional (em que a imigração é vista como resultado de *reelaboraões da experiência européia no meio colonial*, como entende Azevedo, 1994), que os intelectuais do ECIRS desenvolveram ações culturais com o propósito de desfazer determinados estigmas e promover a auto-estima dos colonos. Tal propósito pode ser explicado também pelas experiências pessoais desses intelectuais, já relatadas no capítulo II deste trabalho. Vale lembrar os relatos das professoras Cleodes Ribeiro e Loraine Slomp Giron, sobre o período em que permaneceram estudando em colégios internos que atendiam à elite. Cleodes, oriunda do meio rural, estudou num colégio interno de Caxias do Sul, e Loraine, num colégio interno na capital do estado. Nos seus depoimentos, as autoras reportaram seus sentimentos de estranhamento em relação ao novo ambiente. Para Cleodes, houve um estranhamento relativo ao *habitus* urbano das elites regionais; e para Loraine, o estranhamento se deu no contato com outros segmentos de elites, diferentes daquele a que ela pertencia. Enfim, os dois casos revelam um processo de auto-identificação mediado pela identificação do outro, como bem demonstrou Barth (1969). Tal processo permitia às autoras perceberem as diferenças étnicas e de classe, bem como identificarem preconceitos e estigmas vinculados ao grupo a que pertenciam.

O registro da cultura dos imigrantes italianos e seus descendentes, com vistas a uma ação cultural, também constava dos objetivos da parceria entre Rovílio Costa e Luis De

⁷⁸ Sobre o cavalo, como símbolo principal do gaúcho, ver Willems, Emílio; “Acculturation and the horse complex among german-brazilians”; *American Anthropologist*, vol. 46, 1994.

⁷⁹ Seyferth (1990:81) argumenta que os imigrantes (especialmente de origem européia), apesar de terem sofrido preconceitos na sua chegada ao Brasil, também criaram seus estereótipos do brasileiro, a quem chamavam de *caboclo*, considerando-o preguiçoso e indolente. Para Azevedo (1982:270), o imigrante italiano que se torna colono pode ser distinguido do outro camponês, comumente chamado “caboclo” em outras áreas do Brasil, assim como do “fazendeiro” e dos “sitiantes” das áreas que rodeiam as cidades brasileiras.

Boni, bem como do trabalho de registro da memória regional da equipe de historiadores do Arquivo Histórico Municipal.

Havia no trabalho de Rovílio Costa a intenção explícita de valorizar e afirmar a italianidade. Quando Rovílio desenvolvia atividades relacionadas à cultura da imigração italiana, envolvendo produção, publicação, organização de simpósios e planejamento de ações culturais, ele estava valorizando e dando visibilidade à cultura de um determinado grupo. Para ele, seu trabalho tinha como propósito o *fortalecimento da consciência de italianidade*. De algum modo, o trabalho de Costa reativava um tipo de italianidade, associada à valorização de um grupo e ao conhecimento das suas origens. Ao direcionar seus estudos às genealogias, por meio do mapeamento dos primeiros povoadores das regiões de colonização italiana, ele possibilitava aos descendentes de imigrantes italianos o acesso às suas histórias familiares, e contribuía para um modelo de conduta que valorizava a busca das origens.

Zanini (2006), ao demonstrar como se constrói a identidade étnica entre descendentes de imigrantes italianos de classes médias em Santa Maria, interpreta a busca histórica pelas origens como uma nova forma de vivência do sagrado, de vivência religiosa, de encantamento do mundo, que permite ao descendente elaborar uma representação romântica de seus antepassados. Também os meus entrevistados conheciam suas histórias familiares, e conferiam importância às suas origens. Zanini demonstra igualmente que a busca do passado assume um sentido religioso para as atuais gerações de descendentes de imigrantes. Tal sentido ajuda a explicar, em parte, a posição de intelectual orgânico (com formação religiosa) na trajetória de Rovílio Costa. O intelectual orgânico, neste caso, é entendido como um mediador, que por meio do trabalho de pesquisa confere reconhecimento a um determinado grupo (de sua origem). Voltaremos à conceituação de intelectual orgânico no final deste capítulo.

A ação dos intelectuais da equipe de historiadores do Arquivo Histórico Municipal voltava-se à organização das fontes documentais e orais. Tais fontes permitiram a realização de trabalhos acadêmicos dedicados ao estudo da imigração e seus desdobramentos. Além da recuperação daquelas fontes documentais e orais, essa equipe publicou (*Memórias, Cenas e Ocorrências*) para um público amplo, em linguagem acessível, utilizando-se das noções de memória, preservação, arquivo, imigração, dentre

outras. Aqui notamos um tipo de ação cultural, possível graças a interesses convergentes: ações culturais do município que privilegiavam os descendentes de imigrantes italianos, bem como um projeto de um grupo de historiadores preocupados com a recuperação das fontes documentais e orais. Também aqui essas fontes serviram para recuperar histórias de famílias, e de algum modo incentivar a busca pelas origens⁸⁰.

As ações culturais dos intelectuais investigados partiam de uma noção de memória. Entendo, como Halbwachs (1990), que a memória é uma reconstrução do passado com dados emprestados do presente. E, nesse sentido, na medida em que os intelectuais selecionavam fatos, eventos do passado, para reconstruir a memória dos descendentes, eles o faziam a partir de um contexto presente: o processo de valorização da cultura local. É com tal intenção que a memória é selecionada: recuperar fontes históricas, promover um grupo étnico, desfazer estigmas, contribuir para a crítica social, compartilhar sentimentos de pertencimento, etc.

As Mudanças na Auto-representação dos Descendentes de Imigrantes Italianos: o evento da Festa da Uva e seus promotores

A literatura aponta para mudanças na auto-representação dos descendentes de imigrantes italianos a partir dos anos de 1950, e especialmente nos anos 70, quando houve um processo de modernização da economia das pequenas propriedades. A Festa da Uva⁸¹, evento promovido pelas elites locais, expressava tais mudanças na auto-representação da sociedade local. Por meio de ações culturais (para desfazer estigmas associados aos

⁸⁰ Sobre a possibilidade de combinar pesquisa de campo e pesquisa em arquivos, ver Cunha (2005).

⁸¹ Festa da Uva de Caixas do Sul teve seu início na década de 1930 como uma festa agrária que celebrava a vindima. Em março de 1931, nas dependências do Clube Recreio da Juventude, de Caxias do Sul, foi realizada uma exposição de uvas e vinhos, chamada de Festa das Uvas. Foi seu idealizador o coletor estadual Joaquim Pedro Lisboa, e seu maior divulgador, Olmiro de Azevedo; ambos de ascendência lusitana. Essa festa se restringiu à cidade de Caxias do Sul e municípios vizinhos. No decorrer dos anos, a Festa foi-se alterando e incluindo: os discursos, a exposição (chamada de Feira Agroindustrial), o desfile de carros no curso alegórico (realizado na principal avenida da cidade), os banquetes e a distribuição de uvas, o canto e a dança, e os festejos populares. Quanto ao curso de carros alegóricos, desde o seu início, colocava-se em cena o mundo rural simbolizado pelos produtos uva e vinho. (Ribeiro, 2002:105, 117).

colonos), as elites intelectuais promoveram e valorizaram a cultura local, e assim contribuíram para a construção e mudança da auto-representação dos descendentes de italianos. Também os empresários contribuíram para a construção dessa auto-representação dos descendentes, ao promoverem a festa e divulgarem o seu potencial econômico, associando-o à cultura da imigração italiana.

Segundo Ribeiro (2002), já nas primeiras edições da festa apresentava-se uma estratégia para valorizar e promover a presença de um grupo étnico (os descendentes de italianos da serra gaúcha), como parte do processo de construção de sua identidade no conjunto das sociedades gaúcha e nacional. Nessas edições, segundo Ribeiro (2002), havia também analogias da Festa da Uva com as festas greco-latinas⁸². A partir de 1938, até 1950, a Festa da Uva foi interrompida. A política nacionalista imposta pela instalação do Estado Novo (1937) reprimiu as manifestações culturais das comunidades de origem estrangeira no Brasil, tais como a Festa da Uva em Caxias do Sul (Ribeiro, 2002: 137,8). A retomada da festa aconteceu em 1950, e foi realizada juntamente com a celebração do 75º aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Um dado a que Ribeiro chama a atenção, para entender o processo identitário local, é a substituição do termo *imigrante* por *pioneiro*⁸³, presente nos vários discursos dos promotores da festa de 1950. Não é por acaso que tal mudança ocorreu num período de modernização da economia regional.

Pode-se compreender que o termo *imigrante* tenha sido substituído por *pioneiro*, em razão do que este representava para a sociedade local, e também em função do que os promotores da festa queriam afirmar: o progresso e a modernização da região associados à imigração italiana. Os *imigrantes* transformavam-se em *agentes civilizadores*. Nas representações coletivas da sociedade local, o *imigrante* sempre esteve associado à figura de um desbravador, espécie de herói civilizador com poder de superar as adversidades de um ambiente hostil para transformá-lo em terra produtiva (Mocellin, 1993). O termo *pioneiro* ampliava tal ação civilizadora, na medida em que estava associado à ação de transformar o mundo rural em urbano; ou seja, de transformar a pequena propriedade da terra em indústrias.

⁸² Segundo Ribeiro (2002) tais analogias se restringiam aos escritores e poetas que escreviam sobre a festa em jornais, relatórios oficiais, dentre outros, de circulação local e nacional.

⁸³ Ribeiro (2004) destaca a inclusão do *Carro dos Pioneiros* no desfile do Corso Alegórico de 1950, fazendo homenagem aos últimos atores-octagenários pioneiros da imigração.

O estudo de Santos (2004) também aponta para uma mudança de símbolo na Festa da Uva de 1950: os produtos a serem mostrados não eram mais a uva e o vinho, mas sim as indústrias do setor metal-mecânico. Para Santos (2004), a Festa da Uva atualizava e reforçava, bienalmente, a auto-imagem coletiva que remetia ao “Pioneiro Italiano”. Independente da periodização que a literatura local estabelecia⁸⁴ para explicar a Festa da Uva, desde sua origem ela priorizava o relato das origens e a simbologia do pioneirismo, associando os descendentes de italianos a “bons trabalhadores”, ao progresso, e ao enriquecimento pelo trabalho. É o que aconteceu nas edições da festa da década de 1950, quando em sua programação foi priorizado o símbolo do progresso da região: as indústrias do pólo metal-mecânico.

Santos (2004) menciona o Álbum Comemorativo dos 75 anos da imigração italiana, em que os organizadores da festa (a elite urbana) evocavam a mitologia romana. Era o caso da Deusa Ceres, que celebrava o início da Vindima, representada na festa de 1950 por uma moça da sociedade caxiense. Havia, na edição da festa de 1950, uma programação que alternava elementos da cultura erudita⁸⁵ (pela oferta de concertos operísticos e sinfônicos) com elementos da cultura popular. E, neste último caso, tal edição destinou um espaço para homenagear o passado: o “Pavilhão histórico-cultural⁸⁶”, que tinha entre suas funções, segundo Ribeiro (2002), vivificar a memória silenciada do período do Estado Novo. Nessas edições da festa, a auto-representação dos descendentes de imigrantes italianos parecia não

⁸⁴ Tal como argumenta Santos (2004: 121), a literatura local identifica na história da Festa da Uva quatro fases bem demarcadas: origem, de 1931-37; afirmação, de 1950-72; profissionalização, de 1975-92; e volta às origens, de 1994 aos dias atuais. A literatura identifica o período 1950-72 como aquele da profissionalização basicamente em razão da criação, em 1974, da Empresa Festa Nacional da UVA, Turismo e Empreendimentos S. A., com participação da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, da Companhia Regional de Turismo do Estado (CRTUR), da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e da Mitra Diocesana. Nesse período, a Embratur detinha 80% das ações da empresa. O período classificado como de retorno às origens coincide com a criação da Comissão Comunitária da Festa da Uva; a festa passando então a ser controlada pelo município. Segundo Santos (2004), o retorno à comunidade e às origens não faz a festa deixar de ser controlada pela elite local.

⁸⁵ Para Ribeiro (2002), o fato da Festa da Uva de 1950 ter introduzido elementos da cultura erudita fez com que ela se contrapusesse a um passado de pobreza, demonstrando assim a “circularidade entre os dois níveis de cultura”.

⁸⁶ Segundo Ribeiro (2002), O Pavilhão Cultural era assim constituído: Secção de História (contendo trabalhos sobre a história da região e objetos que faziam menção aos usos e costumes dos imigrantes; dentre eles, fotografias, passaportes, trajes típicos) e Secção de Cultura (contendo publicações sobre educação, publicidade, religião, sociedades artísticas e literárias, dentre outras). A autora salienta que, para além dos objetos que evocavam o passado, também acontecia aí uma espécie de performance em que mulheres (velhas tecelãs, em seus teares primitivos) fiavam e cantavam; o que, na interpretação de Ribeiro, permitia o acesso à experiência de gerações mais antigas.

só mesclar elementos da cultura popular (expressa pelas tradições camponesas) e da cultura erudita, como também incluía elementos da cultura gaúcha e nacional. Enfim, para os descendentes de italianos, a festa se tornava um espaço importante para afirmação de identidades. Afirmavam assim a suas contribuições (especialmente no campo econômico) para a sociedade gaúcha e nacional, e dessa forma se reconheciam, e eram reconhecidos pelos outros, como gaúchos, como brasileiros, mas especialmente como descendentes de italianos.

Para entender como tal representação era construída pela sociedade local, temos de considerar que a Festa da Uva sempre foi organizada e concebida pela elite local, especialmente pela participação da elite empresarial e comercial. Esta idéia foi defendida por Santos (2004), quando ela analisou as diversas edições da festa da Uva. A festa era organizada pelos grupos mais assimilados à vida urbana. Ao mesmo tempo em que afirmavam sua assimilação, esses grupos se diferenciavam de outros pela origem italiana (voltaremos a essa questão mais adiante). A partir de 1994, ano da criação da Comissão Comunitária da Festa da Uva, a festa passou a ser conduzida também pela elite política e intelectual, elegendo representantes de entidades empresariais e sindicais, da prefeitura e da Universidade de Caxias do Sul.

Como vimos, a partir da festa de 1950 houve mudanças na auto-representação dos descendentes, incluindo elementos da cultura popular (tanto as tradições dos colonos quanto as gaúchas e nacionais) e da cultura erudita. Porém, foi sobretudo a partir dos anos 1970 que o modo de vida do colono imigrante tornou-se um elemento de afirmação e de distinção da identidade local.

As edições da Festa da Uva das décadas de 1970⁸⁷ e 80 foram caracterizadas, na literatura local, por um período de profissionalização (em razão da Criação da Empresa Festa Nacional da UVA, Turismo e Empreendimentos S.A.), e também pela constante queixa da comunidade local de que a festa havia-se transformado em feira industrial. Porém, já havia nessas edições ações com o propósito de recuperar costumes e tradições vinculados aos imigrantes italianos. Tal como lembra Santos (2004), na edição de 1981 os

⁸⁷ Vale lembrar que foi na festa de 1975 que se deu a inauguração dos atuais pavilhões da Festa da Uva, no Parque de Exposições Centenário, tendo a Feira Agro-industrial sido transformada em Feira Internacional. Na festa de 1978, foi inaugurada, no parque de exposições, a Réplica de Caxias Antiga, uma reconstrução de casas antigas em tamanho natural, recriando a principal rua da cidade na época de 1880. São os primeiros símbolos da modernidade regional, abrindo também espaço para a recriação da tradição.

organizadores recriaram antigas tradições, como a *La Sagra*⁸⁸, no interior do município, e o Festival de Folclore Italiano⁸⁹. Tais eventos agradaram à comunidade local e aos turistas, o que levou à sua continuidade em edições posteriores da festa, e mesmo à sua ampliação.⁹⁰

Tais dados corroboram com o processo descrito no capítulo II - a valorização da cultura da imigração italiana nas décadas de 1970 e 80 em vários campos, como o acadêmico, o cultural e o econômico. O campo de conhecimento acadêmico específico sobre a imigração italiana, criado nas décadas de 1970 e 80, em decorrência, sobretudo, de situações favoráveis envolvendo diferentes agentes e interesses, contribuiu para a mudança na auto-representação dos descendentes de imigrantes. Por outro lado, a valorização da cultura local, e a constituição de tal campo específico de conhecimento sobre a imigração, também estão vinculadas ao desejo coletivo de um grupo étnico (que se identifica com os valores da cultura da imigração italiana, e assim é identificado por outros grupos), reafirmando tal italianidade em rituais como a Festa da Uva. Concordo assim com Cardoso de Oliveira (2006), quando este autor afirma que o processo identitário do reconhecimento – pelos outros – começa com o auto-reconhecimento.

Entendo que a auto-representação que valorizava a italianidade (associada à imigração e ao mundo rural), expressa nas festas da década de 1970 e 80, fazia parte de um processo mais amplo, em que várias ações foram planejadas para a recuperação da memória regional. É o caso, por exemplo, da criação do Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul, e, junto com ele, das ações de preservação do patrimônio material e imaterial local. Tal valorização da cultura local não se deu em decorrência de uma política cultural planejada, mas sim em razão de ações de grupos de interesses que se encontravam atuando no campo acadêmico (UCS), e também no campo político-cultural (órgãos públicos, como nos arquivos e nas secretarias de educação e cultura).

Tal processo ocorreu também nas ações culturais da Festa da Uva. É a partir de 1994, justamente quando há uma maior participação dos intelectuais na Comissão

⁸⁸ Forma como as comunidades rurais homenageavam os santos padroeiros, ao menos uma vez por ano (Santos, 2004).

⁸⁹ Recuperava o modo de vida cotidiano dos colonos por meio de costumes, lendas, culinária, dentre outros.

⁹⁰ Foi o caso de uma programação paralela à festa, envolvendo outros municípios da região. Em tais programações, eram apresentadas as tradições dos colonos de origem italiana, por meio da música (corais), da culinária (almoços típicos), da religião (cerimônias religiosas), do trabalho (esmagamento de uva com os pés para a elaboração de vinhos), dentre outras atividades (Teixiera, 1988).

Comunitária da Festa da Uva, que a programação da mesma passou a priorizar a recuperação da cultura da imigração italiana, especialmente aquela ligada ao universo rural. E os intelectuais, que ocupavam essa dupla posição (de acadêmicos, atuando na UCS, e de produtores culturais, atuando em órgãos públicos e em eventos comunitários), atuaram expressivamente na política cultural da Festa da Uva. É o caso da Cleodes Piazza Ribeiro, uma das mentoras do projeto ECIRS. Ela representou a UCS na Comissão Comunitária da Festa da Uva de 1996, e, no mesmo período, assumiu a presidência da Comissão Estadual dos 120 Anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Essa autora, como já foi lembrado, escolheu o tema da festa para analisar na sua tese de doutorado, defendida em 1996. Ela participou da realização do projeto das “Olimpíadas Coloniais”, criado na edição da festa de 1994. As provas⁹¹ das “Olimpíadas Coloniais” são adaptações alegóricas das atividades dos colonos, ligadas aos valores e às atividades originárias do modelo de agricultura familiar predominante na região de colonização italiana. Dentre elas: manejar o trator, a carriola e a plantadeira, debulhar o milho, amassar a uva, fazer a massa.

Entendo que esse tipo de ação cultural contribuiu para a transformação de alguns estigmas ligados à origem rural dos descendentes de italianos. Na medida em que reviviam, recuperavam e recriavam tais atividades ligadas ao mundo rural, eles conferiam positividade à sua origem e reafirmavam sua identidade, de base étnica e rural (voltaremos a essa questão mais adiante).

Outro caso de intelectual e produtor cultural é o do escritor e professor da UCS, Clemente Pozenato (um dos mentores do projeto ECIRS). Ele assinou o roteiro do espetáculo “Som & Luz”, criado em 1995, no qual é narrada a “Saga da Imigração Italiana”. Tal espetáculo acontece, com mais frequência, durante o período da Festa da Uva⁹².

⁹¹ As provas são de três tipos: velocidade (corrida de trator, corrida de plantadeira, debulhar milho, corrida de carriola), resistência (amassar uva com os pés, fazer bíguli, pau da cuccagna, laço de vaca parada, arremesso de queijo), e Jogos de Bodega (Santos, 2004). Cuccagna, ou cocanha, são expressões que remetem a uma terra imaginária, na qual haveria fartura, riqueza, liberdade. Na literatura sobre a imigração italiana, são recorrentes as histórias sobre imigrantes que deixam a Itália em direção ao Paese da Cuccagna (País da Abundância). Essa era uma das representações do Brasil para os imigrantes, imagem que os agentes da imigração ajudaram a construir.

⁹² O tema da Festa de 1996 era “A América que nós fizemos”, e em torno dele foram programadas várias atividades, dentre elas a do Corso Alegórico, que narrou a história da imigração italiana. Outro projeto que teve tal intuito era o “Tirando o Pó”, lançado na edição de 1994. Ele estimulou os caxienses a valorizar objetos e fotos dos antepassados, expostos em vitrines do comércio, nos shoppings centers, bancos, indústrias, restaurantes, residências, entre outros lugares.

Maria Abel Machado também assumiu essa dupla posição (acadêmica e produtora cultural). Como já foi mencionado, ela se dedicou ao projeto “Vamos dar um rosto às mulheres que ajudaram a construir Caxias do Sul”. Foi um projeto institucional da Festa da Uva de 2002, e tinha como tema a mulher imigrante. Tal projeto selecionou histórias de mulheres imigrantes nascidas até o ano de 1930. Nesse período (2002), Maria Abel era consultora do Arquivo Histórico Municipal, ligado ao Departamento de Memória e Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul.

Abordo aqui o evento da Festa da Uva, utilizando-me das análises de Ribeiro (2002) e Santos (2004), para demonstrar como a auto-representação dos descendentes de italianos sofreu transformações naquele contexto de modernização econômica, em que eles (descendentes de imigrantes) reivindicavam visibilidade e reconhecimento positivo. Para tanto, utilizavam-se de sinais diacríticos que lhe conferiam distinção simbólica em relação a outros grupos. O objetivo desta tese, nessa linha, é entender como as elites locais (intelectuais e empresários) contribuíram para o processo de valorização da cultura local, e, no caso específico dos intelectuais, como suas ações culturais contribuíram para a mudança na auto-representação dos descendentes.

Tais tipos de ações culturais (como aquelas elaboradas para a Festa da Uva) selecionavam alguns elementos do passado para representar os descendentes no presente. Assim fazendo, contribuíram para transformar em símbolos positivos elementos considerados pejorativos no passado. Na medida em que houve reapropriações de tradições do passado, estas serviram no presente para reforçar um sentimento de pertencimento. Tais tradições culturais podem servir de “porão”, de “reservatório”, onde se irão buscar, segundo as necessidades, traços culturais que servirão como sinais diacríticos para uma identificação étnica, como constatou Carneiro da Cunha (1987).

Penso que essas ações dos intelectuais se configuravam como estratégias simbólicas para promover e valorizar um grupo étnico, nos moldes que Cohen (1978) definiu. Entendo, como esse autor, que os grupos étnicos se aproximam dos grupos informais de interesse, pois não manifestam objetivos explícitos e também não são organizados de forma racional e burocrática.

Também compreendo, assim como Cardoso de Oliveira (1976, 2006), que um processo identitário se relaciona tanto às ideologias quanto às representações. E, no caso descrito, as ações dos intelectuais faziam sentido tanto pela intenção de promover um grupo étnico, quanto pelo sentimento de pertencimento grupal que compartilham. Os intelectuais investigados, ao se dedicarem a investigar um processo migratório, e ao desenvolverem ações culturais, estavam reafirmando o seu sentimento de pertencimento a um grupo. Ao reconhecer os descendentes de imigrantes, e lhes dar visibilidade, reconheceram a si mesmos.

Tais ações podem ser entendidas também por sua função de agregação social dentro de um processo identitário. Fazendo uso da idéia de irredutibilidade, tal como elaborada por Ruben (1988), penso que ela funcionaria como marca elaborada social e historicamente, e retida no interior do grupo (consciente ou inconscientemente) como uma representação coletiva (nos termos de Durkheim). Em outras palavras, empregada como marca distintiva.

No caso aqui descrito, as marcas distintivas escolhidas e privilegiadas nas ações culturais, para representar os descendentes, contribuíam para a sua auto-representação ou auto-atribuição, e promoviam um grupo étnico. Porém, elas deveriam estar de acordo com o que os próprios descendentes vivenciavam como marcas da sua italianidade, restritas ao convívio doméstico ou à sociedade local. É somente na ritualização para fora do grupo, quando encenadas em festas e jogos, que tais marcas assumiam um caráter de promoção e valorização de um grupo étnico – tal como notou Zanini (2004), que deu a isso o nome de etnicização da cultura.

Zanini (2004) distingue o ativismo étnico, de aspirações típicas de classe média e alta urbanas em Santa Maria, RS (vinculados às associações e *Circolos*, que buscavam, por meio das origens, autoconhecimento e fonte de prazer), daquela outra forma de italianidade (vinculada às classes mais baixas, geralmente do meio rural) que era experimentada nos domínios domésticos, nas festas religiosas e apresentações artísticas.

A análise de Zanini (2004) corrobora com o processo aqui descrito. Eu também notei que a italianidade se expressava de modos diferentes, porém o sentimento de pertencimento era similar tanto nas ações que objetivavam promover um grupo étnico, quanto na vivência restrita ao domínio doméstico e das sociedades locais.

No capítulo I desta tese, demonstrei como a valorização da cultura da imigração italiana na região esteve relacionada ao campo intelectual, por meio de uma agenda de pesquisa vinculada a diferentes interesses e agentes. Constatei a existência de uma rede de relações em que se cruzavam diferentes instituições, agências financiadoras, relações internacionais, interesses regionais, relações pessoais e de parentesco, influências teóricas e religiosas.

Tal explicação me ajudou a entender um contexto favorável, que justificava, em parte, a extensa produção e publicação dos intelectuais que compõem o universo de pesquisa deste trabalho. Porém, além desse contexto favorável, há outros significados que ajudam a entender as razões de tal empenho em produzir e publicar sobre a temática da imigração, bem como em planejar e desenvolver ações culturais relacionadas aos descendentes de imigrantes italianos.

Vale relembrar que os intelectuais pesquisados têm ascendência italiana. Obtiveram sua formação escolar e acadêmica em instituições da Igreja Católica, e, em sua maior parte, ascenderam socialmente em razão da atividade intelectual. À medida que os intelectuais escreveram sobre os descendentes de imigrantes, com a intenção de *aumentar a auto-estima dos colonos e desfazer estigmas, fortalecer a consciência de italianidade, dar voz às mulheres operárias, registrar a memória do grupo, recuperar fontes documentais e orais, e contribuir para a crítica social*, eles estavam conferindo visibilidade e reconhecimento aos descendentes de italianos.

No discurso dos intelectuais era recorrente a percepção de que até os anos 1970, com exceção dos álbuns comemorativos da imigração italiana, não havia significativa produção sobre os descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. A agenda de pesquisa, criada nos anos 1970, na área da imigração italiana na região, abriu a possibilidade para esses intelectuais entenderem tal processo migratório. Um processo do qual se sentiam fazendo parte. Entendo que o sentimento de pertencimento grupal pode explicar, em parte, o empenho desses intelectuais em produzir, publicar e desenvolver ações culturais na área dos estudos da imigração. Ao registrarem as memórias dos descendentes de imigrantes italianos, estavam eles registrando as memórias do seu próprio grupo, e reconhecendo a si mesmos. E assim, estavam sendo também reconhecidos pelos outros, como afirma Cardoso de Oliveira (2006), conforme vimos acima.

Outra explicação para o empenho dos intelectuais em produzir sobre a temática da imigração italiana, e sobretudo planejar e desenvolver ações culturais nessa área, é a formação escolar e acadêmica obtida em instituições da Igreja Católica. Vale lembrar que nas décadas de 1950 e 60 - momento em que esses intelectuais realizaram sua formação secundária e acadêmica -, os movimentos da Ação Católica (AC) passavam por um crescente processo de politização. Houve o envolvimento ativo da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC) no movimento estudantil. Isso ajudou a AC a rejeitar sua antiga missão de evangelização (Bruneau: 1974). Nesse momento, Cleodes Ribeiro (uma das mentoras do Projeto ECIRS) se envolveu na JUC, nos CPCs e trabalhou com alfabetização de adultos. Clemente Pozenato (outro dos mentores do Projeto ECIRS), durante o seu curso de teologia do Seminário Maior de Viamão, envolveu-se na Juventude Operária Católica (JOC).

A ação cultural desenvolvida por tais intelectuais parece ter relações com o tipo de formação recebida por eles nas instituições e movimentos da Igreja Católica, e em outros movimentos populares que tinham como propósito algum tipo de ação política. Segundo Mincato (2004), os movimentos da Ação Católica na Região Colonial Italiana, assim como as pastorais da Igreja Católica, utilizavam o método da análise “Ver-Julgar-Agir”. Ele consistia de reflexões críticas, voltadas à análise e à atuação prática.

A vida escolar em instituições de ensino ligadas à Igreja Católica possibilitou a esses intelectuais uma ascensão social, e também facilitou o acesso dos mesmos a instituições acadêmicas - caso da maior parte deles, na UCS. O fato de atuarem como docentes dessa universidade também é um elemento que contribui para o seu envolvimento na temática da imigração e o desenvolvimento de ações culturais em tal área. Esta universidade foi a principal instituição que incentivou a produção desses intelectuais na área da imigração. Vale relembrar que a Faculdade de Filosofia, criada em 1959, e que abrigava os cursos de Pedagogia, Filosofia, História e Letras-Neo-Latinas, foi o local onde tais intelectuais se inseriram durante a década de 1960. Tal faculdade era mantida pela Mitra Diocesana. A inserção de alguns desses intelectuais na UCS pode ser explicada por meio de uma rede de relações estabelecidas por influências religiosas.

Os intelectuais aqui analisados se apresentam ao estudo como aquilo que poderíamos chamar de intelectuais orgânicos, voltados não só à produção acadêmica, mas também à ação cultural. Esta questão será retomada no final deste capítulo.

Os Empresários: a distinção pelo trabalho

Trabalhei com três tipos de empresários: os fundadores das empresas, os herdeiros das mesmas e aqueles que se ligaram às empresas pelo seu conhecimento técnico.

Os primeiros, os fundadores, são empresários que criaram suas empresas durante as décadas de 1950 e 60, e acabaram se beneficiando com a expansão do setor metal-mecânico na região. Na sua formação, pesava mais a experiência adquirida nos trabalhos desenvolvidos em empresas locais, do que um conhecimento técnico adquirido em instituições de ensino. Suas trajetórias são marcadas pela habilidade de aglutinar esforços em vários campos, entre eles o econômico, o político, o social e o cultural. E isso é notado pela participação ativa de tais empresários na criação e direção de associações de classe, tais como a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC). Durante a gestão dessa geração de empresários na CIC, verificou-se o empenho deles em planejar estratégias para consolidar determinados setores da indústria, como o metal-mecânico, por exemplo. O projeto de criação de uma Escola Técnica de 2º Grau, com o envolvimento da UCS, revelava seu empenho em qualificar a mão-de-obra local, e também já demonstrava seu poder de articulação com a universidade. A presença dos empresários, por meio da CIC, na resolução da crise político-administrativa pela qual a UCS passou na década de 1970, demonstrou também tal poder de articulação.

Em poucos casos, verifiquei a participação de empresários em cargos político-partidários. Porém, era notável a sua habilidade para se articularem com o poder político, em vários âmbitos, em benefício de seus negócios empresariais. Enfim, suas trajetórias eram marcadas pela capacidade de empreender e aglutinar esforços em vários campos.

Diante dos dados descritos, concordo com as autoras (Santos⁹³, 2004; Herédia e Machado, 2001; Borba, 2003), quando elas chamam a atenção para o poder de articulação político das elites empresariais de Caxias do Sul. Borba (2003) demonstra em seu estudo a ação da classe empresarial para criar um espaço urbano-regional adequado às suas atividades. Isso era visto no esforço dos empresários em desenvolver ações, com diferentes agentes, para implementar estratégias de desenvolvimento do parque industrial, como foram os projetos dos centros tecnológicos e de capacitação de mão-de-obra.

Quanto aos empresários herdeiros, eles representam a continuidade do trabalho iniciado pelos seus pais. A reprodução do capital empresarial ganha com eles um elemento novo: a formação técnica, adquirida em instituições de ensino. Da mesma forma, isso acontece com os empresários classificados de terceiro tipo, que se vincularam às empresas pelo seu conhecimento técnico.

Nesses dois tipos de empresários, vemos um grande empenho em aglutinar esforços em benefício do desenvolvimento empresarial. A articulação com os campos político, social, acadêmico, dentre outros, evidencia-se pela atuação dos mesmos na direção de entidades de classe, na composição do Conselho Diretor da FUCS, em cargos administrativos e docentes da UCS.

Um dado interessante é que somente a partir da geração dos herdeiros pode-se notar a ocorrência de casamentos interétnicos. A princípio, poderíamos explicar tal fato ao deslocamento desses empresários para outras cidades, em razão dos estudos. Em Porto Alegre, por exemplo, alguns deles conheceram seus cônjuges, mas podemos ver também alguns casamentos interétnicos em Caxias do Sul. Parece-me que os casamentos desse tipo representam a assimilação de um ethos urbano, em oposição ao camponês; sendo, este último, base da identidade dos descendentes italianos. Como já foi mencionado anteriormente, os grupos que ascendem socialmente têm necessidade de incorporar determinados *habitus* urbanos. Tal comportamento não significa perda de valores; ao contrário, em determinadas situações, certas marcas distintivas “de origem” podem ser acentuadas e afirmadas. É um processo que envolve negociação de identidades, que podem

⁹³ Para Santos (2004), a localização de Caxias do Sul (contato de convergência entre as colônias e os campos de cima da serra), e a rápida constituição de uma burguesia capaz de deter poder econômico e político, são, dentre outros fatores, os responsáveis pelo desenvolvimento econômico da cidade.

mudar dependendo das situações, dos interesses, e dos sentimentos de pertencimento grupal em jogo. E isso é notado também entre os intelectuais.

No plano das representações simbólicas, as trajetórias dos empresários da geração de fundadores eram reconhecidas, pela sociedade local, como modelos de sucesso exemplar. Tal reconhecimento era conferido tanto pelos meios de comunicação, e parte da literatura local, quanto pelos vários grupos sociais que compõem a sociedade local e nacional. A literatura produzida pelas empresas (informativos) associa os empresários à figura do “*pioneiro*”, comparando-o a um “*herói civilizador*”. O “*pioneiro*” é representado pela sua ação civilizadora de transformar o mundo rural em urbano, a pequena propriedade da terra em indústrias.

As origens rurais e étnicas são mencionadas como símbolos de superação das adversidades no período da imigração. Aparece em tal literatura a representação que Seyferth (1993) havia destacado: a noção de pioneirismo como virtude étnica. No caso analisado por ela, as representações dos pioneiros estão relacionadas a um *ethos* do trabalho, no qual as virtudes camponesas se transformam em virtudes étnicas⁹⁴.

A origem rural e étnica dos empresários é evocada pela literatura das empresas como símbolo de superação por meio do trabalho em família. É destacado o trabalho do colono pioneiro descendente de imigrantes italianos, que superou as adversidades de um ambiente rural hostil e se transformou em pioneiro da indústria.

Tal como aparece abaixo:

"Em 1889, chegava a Caxias do Sul, juntamente com seu filho Alexandre, o cidadão italiano Antônio de Antoni (...) Assim, a primitiva e modesta oficina de ferraria de Alexandre De Antoni, situada na 3º légua da Colônia Caxias, acabou por transformar-se, nos dias atuais, numa das mais poderosas indústrias de toda a região, sendo a primeira do estado em seu gênero, e um dos justos motivos de orgulho da gente e da terra caxiense, que nunca deixam de admirar e de respeitar o caráter nobre e firme da estirpe De Antoni, que, educada na escola do dever e do trabalho, soube, por quase um século, dignificar um nome e uma raça, aqui chegada nos primórdios da colonização, para plantar o progresso e o desenvolvimento de uma comunidade." (*Centenário da Imigração Italiana*, 1975:86)

⁹⁴ Ver também o trabalho de Renk (1999). Essa autora analisa a etnicidade no oeste catarinense tomando como ponto de partida o processo de colonização. Ela afirma que o trabalho passa a ser o idioma da etnicidade, servindo para que os *colonos de origem* se distinguíssem dos *brasileiros*.

Porém, há igualmente outros atributos destacados para representar o descendente de imigrante que se transformou em pioneiro da indústria: a ousadia, a coragem de arriscar, a habilidade para negociar; todos associados às trajetórias de sucesso. Um empresário, diretor-presidente de uma empresa, descreve a criação da mesma lembrando a ousadia do avô: fundou uma empresa em um setor ainda inexistente na região, e viajou à Itália para comprar equipamentos novos.

“Meu avô tinha uma sociedade com o bisavô em uma ferraria (...). Foi o primeiro lugar que se trabalhou na fundição do Bronze em Caxias. (...) Meu avô foi para a Itália e de lá trouxe uma máquina de fazer massa, e passaram a fabricá-la na ferraria por volta de 1920. (...) Depois de um tempo, foram para o centro da cidade, iniciaram uma vida nova, e ele (avô) resolveu colocar um comércio de ferros” (Paulo Triches, empresário, diretor-presidente, terceira geração administrativa, entrevista/1996).

A relação criada entre os empresários e a sociedade local remete ao que já mencionei: *os empresários são comparados à figura de um herói civilizador*. Destaco esta comparação, cujo sentido pode ser notado pelas atividades fora da empresa; em geral, atividades comunitárias e homenagens recebidas em reconhecimento aos serviços prestados à sociedade regional e nacional. Um dos empresários relatou que tinha 170 afilhados não aparentados, e, com muito orgulho, contava que algumas crianças da cidade onde está instalada sua empresa desejavam conhecê-lo. Trata-se de uma história exemplar. Fornece modelos para a conduta humana; tal como faz o mito, segundo Eliade (1972, 1969).

De um modo geral, os relatos sobre a criação das empresas apresentam símbolos distintivos, valorizando a família e o trabalho, e remetendo a um passado comum que se referia à experiência da imigração e à experiência do “*pioneirismo*” na indústria. Tal origem comum remetia à dimensão rural e étnica da identidade dos descendentes.

Discurso recorrente entre os empresários é o que aborda as viagens para fora do país, em busca de novas tecnologias. Na geração dos fundadores das empresas, tais viagens eram geralmente para a Itália. A escolha do país era justificada por duas razões: a tecnologia italiana em determinados setores, e o fato dos empresários fundadores falarem e entenderem o dialeto vêneto, facilitando assim a comunicação com os empresários

italianos. Um dos meus entrevistados, que importou uma fábrica-modelo de Bolonha, justificou a escolha pela Itália com a expressão a “*origem puxa*”. A “*origem*”, como categoria nativa, é associada a um poder de orientar condutas. As relações empresariais com a Itália foram estabelecidas, em sua maioria, na geração dos fundadores das empresas.

Durante as décadas de 1970 a 90, segundo os relatos desses informantes, foram organizadas viagens com grupos de empresários da região para conhecer a tecnologia italiana. As associações italianas se envolveram em algumas dessas viagens. Havia aí uma espécie de agenciamento da italianidade por meio das associações, uma estratégia de visibilidade para elas e uma articulação com organizações italianas. Porém, na minha opinião os ganhos econômicos foram pouco significativos; de fato, simbólicos. Os grupos empresariais de grande porte estabeleciam relações comerciais e empresarias com diferentes países, em diferentes modalidades, de acordo com os seus interesses econômicos. As relações com a Itália se estabeleciam em razão de uma busca das origens italianas, representando uma forma de distinção em relação aos “*brasileiros*”. A origem italiana dos empresários era associada a um modelo de progresso.

Um exemplo que revela essa busca vem do caso relatado por um empresário, diretor-presidente de um dos maiores grupos empresariais de Caxias do Sul, que optou por nomes italianos para os produtos de sua empresa. Quando lhe perguntei se havia relação do nome da empresa (Marcopolo) com a sua origem italiana, e com a colonização italiana na cidade, ele respondeu:

“Pesa, porque o italiano é um *carrociere* por excelência. O italiano que veio para a nossa região, ele é um faz tudo, mecânico. Empresas de porão, oficinas de porão se transformaram em empresas grandes. Existe essa tendência na parte da metalurgia no italiano do norte da Itália. No nosso caso, por exemplo, nós usamos já por definição Marcopolo. Nós não vamos usar um nome francês no nosso ônibus. Nós vamos usar nomes italianos, tanto que saiu o ônibus Marcopolo, que se transformou no nome da empresa. Depois nós fizemos uma assembléia, e como o sucesso do ônibus foi muito grande, claro, nós decidimos trocar o nome de Carrocerias Nicola para Marcopolo. Trocar o nome em função de um produto. Os nossos produtos se chamavam Veneza, Sanremo, Torino, e ainda existe hoje Marcopolo Júnior, Alegro. Todos os nomes dos nossos produtos são Marcopolo, Viaggio. Todos os modelos que nós lançamos novos são de origem italiana. Nós já cultivamos isso, e isso não vai mudar nunca, é tradição por causa do nome

da Marcopolo. Evidente que, se me perguntarem se eu quero viver, morar na Itália, eu não iria, nem pensar. Eu gosto de passear por lá” (Paulo Belini, empresário, 80, fundador e diretor presidente, entrevista/1996).

A escolha de nomes italianos possibilitava uma distinção para a empresa, na medida em que esta associava sua imagem a um país com tradição no setor automotivo: um “*carrociere por excelência*”. Ao mesmo tempo, associava sua imagem aos descendentes de imigrantes italianos, e aos valores a eles vinculados, especialmente a representação do trabalho como distinção étnica. Aparece aqui também a dimensão “manipulativa” ou instrumental da identidade étnica, pois, ao compartilhar uma identidade e uma origem comum (a descendência italiana), compartilham-se igualmente interesses simbólicos e econômicos. Isso não anula os sentimentos de pertencimento grupal, porém eles podem em certos contextos vincular-se a interesses simbólicos, econômicos, políticos, como bem assinalou Cohen (1978).

A dimensão simbólica da identidade étnica pode ser facilmente notada, no discurso dos empresários, quando estes abordam a origem para estabelecer distinções relativas a outros grupos. Os empresários descendentes de italianos construíam sua identidade em relação à do “*brasileiro*”. Dentro do grupo, quem não era descendente de imigrante europeu (italiano ou alemão), era denominado “*brasileiro*”. A identidade étnica, como conceito relacional nos moldes que já definimos, pode ser visualizada pelo relato deste empresário:

“Eu me recordo em 1966 quando fui para Porto Alegre estudar, os colonos de Caxias... o pessoal se admirava de como eu podia vir de Caxias e falar português correto. (...) Sou italiano por parte de pai, e brasileiro por parte de mãe. O meu avô materno foi quem fundou a festa da uva. (...) O meu avô teve uma presença nesses trabalhos de comunidade. Então eu tentei fazer muita coisa e incutir muita coisa nesse sentido, com as próprias rádios que eu trouxe para cá, o jornal; a idéia do jornal era de que nós não ficássemos dependendo de uma publicação, fosse de quem fosse, de criar uma autonomia. A nossa cultura é muito de ganhar dinheiro. Caxias até pouco tempo era uma cidade economicamente brilhante, mas no resto... Na época em que isso foi possível, a gente chegou a patrocinar grupos de danças. (...)”

P: É reatar um elo com a Itália?

"Não, é com a nossa origem que por acaso é italiana; poderia ser outra, alemã. É com aquela origem que criou uma cultura local, aquilo não é vergonha. Hoje, ser chamado de colono é quase elogio, porque aquele grupo

que veio em determinada época e conseguiu um determinado desenvolvimento... Existe um mérito nisso, mas não estamos dando esse mérito para os italianos, mas para a nossa origem local”. (Paulo Triches, empresário, diretor-presidente, terceira geração administrativa, entrevista/1996)

Como já afirmei, a identidade dos descendentes de imigrantes italianos tem uma base étnica e rural. Mesmo nas interações interétnicas entre as elites (empresárias), como no caso do entrevistado supracitado, prevalecia como distinção a origem rural, camponesa, dos descendentes de imigrantes italianos da serra gaúcha, evidenciada pela expressão “*os colonos de Caxias*”. Tal marca (origem rural), vinculada ao descendente de italiano, assumia tanto um significado negativo, ligado a um estigma (quando remetia à pessoa com menos instrução formal), quanto um significado positivo (“*hoje, ser chamado de colono é quase elogio*”), quando associada às noções de “*pioneirismo*” e do “*empreendedor*”. O relato desse empresário também evidencia o caráter situacional da identidade étnica. Quando atribuí a desenvolvimento da região à cultura local, “*que por acaso é italiana*”, ele acentuava a noção de dupla identidade: a de ser brasileiro, e também de origem italiana, símbolo de distinção. Porém, a origem como distinção tem a ver não necessariamente com a Itália e os italianos, mas com os imigrantes e as representações vinculadas a ele: “*pioneirismo*”, “*espírito empreendedor*”. Em outras palavras, a origem como distinção tem a ver com o resultado do trabalho do imigrante (italiano), num contexto sócio-econômico brasileiro e regional. Esse foi o único empresário que atribuiu o desenvolvimento da região à “*origem local*”, diferenciando-a da italiana. Chama nossa atenção o fato dele se declarar “*italiano por parte de pai*”, e “*brasileiro por parte de mãe*”⁹⁵.

O trabalho como empreendimento industrial e como realizador do progresso está presente no discurso dos empresários, especialmente quando atribuem a ele um valor de distinção étnica. O desenvolvimento da região é atribuído por eles ao trabalho dos descendentes de italianos, ou seja, a si mesmos. Isso é visto tanto na fala dos empresários fundadores, quanto na dos herdeiros, e também na fala dos empresários “de fora” que se ligaram às empresas pelo seu conhecimento técnico.

⁹⁵ O avô do entrevistado tinha ascendência lusitana. Foi coletor estadual e é considerado, pela historiografia local, o idealizador da Festa da Uva.

É o que me relatou um diretor-presidente de uma empresa fundada por seu pai. Este empresário é neto de imigrantes italianos:

Aqui o grande segredo é o tipo étnico do local. O que distingue essa região das demais? Por que aqui se progrediu tanto? Porque aqui se trabalha, não tem petróleo, nem ouro, nem nada. Estamos longe das matérias-primas, dos grandes mercados do Rio e São Paulo. Nós temos aqui a mão-de-obra, capacidade para o trabalho. (...) O pessoal daqui, em relação ao trabalho, pega rápido, é inteligente e insiste, trabalha doze horas por dia até que acerta. O pessoal descendente de europeus, de italianos, traz no sangue, na cultura. Pode ser até analfabeto, mas a partir do momento que tu ensinas alguma coisa, ele logo pega, porque ele tem, como os negros da África têm 2000 anos de cultura no sangue, esse pessoal que veio da Europa tem vários mil anos de cultura. (...) O segredo da industrialização de Caxias é o trabalho". (Lívio Gazola, empresário, 79, diretor-presidente, segunda geração administrativa, entrevista/2006).

É também o que disse um outro empresário, membro do Conselho de Administração de um grupo empresarial de grande porte, que veio para Caxias do Sul na metade dos anos de 1960.

"Eu acho que os descendentes de imigrantes italianos já traziam uma experiência, traziam no sangue o espírito da iniciativa, do desafio. No momento em que o Brasil teve uma fase, depois da segunda guerra mundial, que veio aquele ciclo da substituição de importações e a proibição até de importações (...), as empresas surgiram com rapidez para substituir, para produzir aquilo. Muita gente foi daqui pra Itália pra buscar coisas pra aprender (...) pessoas que nem primeiro grau tinham e se transformaram em grandes empreendedores e geraram e multiplicaram esses empreendimentos. Eu acho que o pessoal tinha já um traço cultural muito forte com relação a essa capacidade de empreender, de aceitar desafios, de ir pra frente. O que não é o caso das Missões, que é minha terra (...); lá os portugueses, índios (...), não deu em nada. Aquela região continua produzindo políticos, generais e pouca coisa mais (...); lá não desenvolveu do ponto de vista econômico, só recentemente a agricultura da soja apareceu, mas antes disso era a criação de gado, pouco técnica, fazendeiros acomodados e até hoje. Eu fui para lá semana passada, dá uma tristeza de ver a decadência, o marasmo daquelas cidades. É a cultura. (...) Eu acho que a cultura do trabalho, o apego ao trabalho, essa gana de trabalhar, que até tem sido objeto de teses de algumas pessoas. A população tinha no trabalho uma fixação, uma necessidade constante e isto gerou produto, gerou riqueza, gerou desenvolvimento". (João Luiz de Moraes, empresário, 73, membro do

É revelador que a representação do trabalho como distinção étnica apareça no discurso dos empresários descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul, e também no dos empresários “de fora” (tomando emprestada a expressão de Elias e Scotson, 2000). Tal representação pode ser explicada pelo fato de tais empresários terem-se integrado não somente às empresas, mas também à sociedade local, por meio de atividades sociais, culturais, políticas, dentre outras. Parece-me que havia um projeto de ascensão social e econômica entre os empresários “de fora”. E para tal, era necessária a integração e a assimilação à sociedade local. Na medida em que se integram à sociedade local, por meio das suas atividades empresariais e extra-empresariais, eles partilham também de algumas representações dominantes de tal sociedade.

Quando os empresários atribuíam o progresso da região ao trabalho dos descendentes de imigrantes italianos, concebiam o trabalho e a cultura como resultado de características genéticas, nas palavras deles: “*traziam no sangue o espírito da iniciativa*”, “*o italiano traz no sangue, na cultura*”, e ainda atribuíam o progresso ao “*tipo étnico*” ou “*perfil local*”. O sangue, como categoria nativa (da mesma forma que as origens), é associado à transmissão de valores e à orientação de condutas. Em seu discurso, as dificuldades iniciais eram consideradas geradoras do “*espírito empreendedor*”. Tal concepção remetia à idéia da superação, e do que já mencionei anteriormente: *os imigrantes italianos eram comparados à figura de um herói civilizador*. Essa comparação se estabelecia mediante as representações a eles associadas: de transformar um ambiente hostil em terra produtiva, transformar um ambiente rural em urbano, superar dificuldades, arriscar em novos negócios. Enfim, são as representações que vinculam os imigrantes e seus descendentes a uma ação civilizadora de transformar e superar dificuldades.

Um dado importante a ser lembrado é que a representação do trabalho como distinção étnica⁹⁶ se configura como discurso dominante na região nas décadas de 1970 e 80, período de modernização da economia regional. É em tal período de modernização econômica que se intensificam as migrações internas, oriundas de regiões próximas a RCI,

⁹⁶ A esse respeito, ver Gonçalves (2004), que analisa o caso do Grupo Odebrecht, e verifica que o elemento étnico está presente no discurso do seu fundador como um dispositivo que evidencia o contraste entre o Grupo Odebrecht e outros grupos empresariais no Brasil.

como os Campos de Cima da Serra. Dentre alguns estudos que trataram dos fluxos migratórios para Caxias do Sul, Gonçalves e Oliveira (2003) destacaram que é a partir da década de 1960 que eles se iniciam. Tendo como fonte o Censo do IBGE dos anos 1970 a 90, as autoras demonstraram a intensificação das migrações internas em tal período. No ano de 1970, o percentual da população de não-naturais em Caxias do Sul, em relação à população absoluta, era 30,8%; aumentando para 47,7% no ano de 1980; e diminuindo para 41,3% em 1991. Enfim, há uma intensificação do fluxo migratório para Caxias do Sul, especialmente nas décadas de 1970 e 80, oriundo de municípios do Rio Grande do Sul, como Vacaria, São Francisco de Paula, Lagoa Vermelha, Bom Jesus (municípios que compõe a região denominada de Campos de Cima da Serra), e também Porto Alegre.

Atraída pela modernização econômica, especialmente pelas alternativas de emprego nas indústrias do setor metalúrgico⁹⁷, boa parte desse contingente migratório irá compor a mão-de-obra da indústria local. Veremos então como, desse encontro interétnico entre descendentes de imigrantes italianos (já estabelecidos) com os “*brasileiros*”⁹⁸ (recém chegados), constrói-se uma auto-representação em que os descendentes de italianos se distinguem como “*mais trabalhadores*”, “*mais qualificados*”, “*mais aptos ao trabalho*”. Tal representação também se elabora buscando nas origens as marcas distintivas, como a língua, a culinária, a religião e o próprio ethos do trabalho, dentre outras (Seyferth, 1990, Mocellin, 1993, Zanini, 2004). Outro dado interessante é que tal representação se sobrepõe às diferenciações de classes sociais, e se elabora como um discurso dominante de um grupo étnico. O conceito de grupo étnico é utilizado a partir do sentido dado por Weber (1994): em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em virtude de lembranças da colonização e da migração, determinados grupos nutrem a crença subjetiva na procedência comum, tornando-se tal crença importante para a propagação de relações comunitárias, independentemente da existência de uma comunidade de sangue efetiva. Acrescente-se também a interpretação de Barth (1969), segundo a qual a identidade étnica

⁹⁷ Segundo Gonçalves e Oliveira (2003), uma parcela significativa de tais fluxos migratórios não é absorvida pela economia da cidade de Caxias do Sul. Isso se evidencia em seu cinturão de pobreza, que se desenvolveu conforme a cidade cresceu.

⁹⁸ Regina Weber (2002) chama a atenção para a classificação que distingue os “brasileiros” dos “de origem”, presente tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina. Segundo a autora, tal classificação tem a peculiaridade de se sobrepôr à tradicional classificação que divide a sociedade brasileira em negros e brancos, pois a categoria “brasileiros” (luso-brasileiros) engloba tanto negros, índios e mestiços, quanto brancos descendentes de portugueses. A inclusão na categoria “de origem” pressupõe descendência européia para um grupo que tenha se dedicado à terra.

se caracteriza por um sentimento de pertencimento grupal baseado na auto-atribuição e atribuição pelos outros, para propósitos de classificação. Sem deixar de considerar o aspecto "manipulativo" que a identidade étnica pode tomar, é importante frisar que em alguns contextos os grupos étnicos se aproximam dos grupos informais de interesse, como demonstrou Cohen (1978).

Dentro dessa perspectiva, o trabalho como distinção étnica é um exemplo daquilo que Barth denominou fronteiras sociais. Neste caso, o grupo mantém e afirma sua identidade quando interage com os outros, estabelecendo assim uma espécie de fronteira étnica, para efeitos de classificação.

Nas falas dos empresários supracitados, os descendentes de imigrantes italianos são classificados pela sua capacidade de trabalho, e, quando comparados aos “*brasileiros*” recém chegados, são representados como *mais aptos*, com *mais experiência* – como se o trabalho fosse resultado de características genéticas: “*traziam no sangue o espírito da iniciativa*”.

Estas palavras traduzem tal representação:

“Aqui fica a mão-de-obra mais especializada, ela é mais de Caxias mesmo, do próprio italiano, a mão-de-obra mais grossa vem de fora. (...) Eu me lembro quando eu tinha 1200 funcionários; 800 eram de fora e 400 de Caxias. (...) Esse povo que veio aí da serra é gente boa, tem o moreno que vem daí, o cruzado com português e índio, não é o preto (negro que veio da África), é o mulato, é diferente um pouco, mas é tudo gente boa e trabalham”. (Raul Randon, empresário-fundador, 78, diretor-presidente de um grupo empresarial, entrevista/1996).

Por outro lado, este empresário relativiza a representação dominante que prevalece na sociedade local, de que o “*brasileiro*” teria menos apego ao trabalho. A representação do trabalho entre os descendentes de imigrantes italianos também está associada à possibilidade de adquirir e acumular capital. Como já foi mencionado no capítulo II, no entanto, muitas vezes isso levava a família à privação dos bens acumulados.

As Relações entre Empresários e Intelectuais: a UCS como nó que os une

Pelo que foi descrito nos três capítulos anteriores, as atividades profissionais dos empresários e dos intelectuais não se restringem às atividades empresariais ou docentes. Vimos empresários atuando como professores, compondo o Conselho da FUCS ou assumindo a sua presidência; e também exercendo cargos como o de reitor da UCS. Essas são algumas das atividades de tais empresários fora do campo empresarial, e poderíamos listar outras tantas. Por sua vez, os intelectuais também se encontram atuando fora da universidade. Em geral, representando-a em comissões culturais e de desenvolvimento regional, conjuntamente com empresários.

A UCS representa uma instância privilegiada para identificar algumas relações entre intelectuais e empresários. Ela acaba se configurando num dos nós da rede de relações, permitindo assim o cruzamento de relações entre empresários e intelectuais. Tais relações, que compõem o universo desta pesquisa, estabelecem-se a partir de dois tipos de atividades desenvolvidas na UCS: as relacionadas às políticas de pesquisa e de ação cultural local, que privilegiaram a temática da cultura regional; e as relacionadas às políticas para implementar estratégias de desenvolvimento regional.

Tomarei a UCS como foro privilegiado, em que esses empresários e intelectuais se encontram e atuam em conjunto. Como já foi mencionado na Introdução, a UCS é uma instituição de ensino constituída sob a forma de uma fundação. É uma entidade jurídica de direito privado, instituída em 1974. Seu Conselho Diretor é formado por várias representações, entre elas, a Mitra Diocesana de Caxias do Sul; a prefeitura da cidade; o Governo do Estado do RS; a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC); o Ministério da Educação e a Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima de Caxias do Sul.

A composição do Conselho Diretor demonstra uma rede de influências de campos distintos. Resulta de alianças entre o poder público e organizações da sociedade civil. Dentre estas últimas, estão os empresários, representados por dois membros da CIC. Tal conselho elege o reitor e o presidente da FUCS, sendo que até o ano de 2002 o reitor acumulava os dois cargos. Em 2002, pela primeira vez, a FUCS foi presidida por um

representante da CIC, Nelçon Tesser (trajetória descrita no capítulo II), que ocupava a dupla posição de empresário e professor na UCS.

O debate sobre a universidade comunitária/regional, ocorrido na UCS durante os anos de 1980, revelou muitas das relações entre empresários e intelectuais. A concepção de universidade comunitária/regional partia da premissa que ela poderia se tornar um centro difusor de conhecimento e de tecnologia, servindo de apoio ao desenvolvimento regional. Um dos mentores de tal projeto foi o economista João Luiz de Moraes, que ocupou a dupla posição de empresário (num dos maiores grupos empresariais de Caxias do Sul) e de professor na UCS. Chegou a publicar em 1989 sobre o tema, tratando do perfil das universidades comunitárias. Vale lembrar que ele foi reitor da UCS no período de 1987 a 90. Nas suas próprias palavras, ele se definia um “*bicho da goiaba*”, em razão de assumir essa dupla posição, e assim aproximar o meio empresarial do acadêmico. Outro mentor do projeto foi o professor Clemente Pozenato, assessor da Pró-Reitoria de Planejamento da UCS e após Pró-reitor no período 1990-97. Ele escreveu sua dissertação de mestrado sobre o projeto de regionalização da UCS, defendida em 1995. Pozenato também ocupava a dupla posição de intelectual acadêmico e produtor cultural, e, em 2005, assumiu o cargo de Secretário da Cultura do município de Caxias do Sul. Havia um tempo que Pozenato se dedicava ao estudo da cultura regional, tanto na literatura quanto nos estudos sobre imigração. Nas duas posições, de pesquisador sobre o tema da regionalidade, e de Pró-reitor (planejando estratégias de desenvolvimento regional), ele deparava com o conceito de região. Num artigo sobre tal temática, Pozenato (1996: 6) definia regionalização como “um programa de ação voltado para o estabelecimento ou reforço de relações concretas formais dentro de um espaço que vai sendo delimitado pela própria rede de relações operativas”.

Concordo com Bourdieu, quando este autor afirma que os regionalismos se desenvolvem dentro de um campo de disputas, no qual grupos com diferentes posições e interesses se enfrentam, estando em jogo o monopólio da imposição de uma definição legítima da divisão do mundo social. O regionalismo é um caso particular de lutas simbólicas, envolvendo agentes organizados ou não, na conservação ou transformação das relações de forças, simbólicas e econômicas, ligadas à identidade social (Bourdieu, 1989:124).

Seguindo essa lógica, conseguimos entender em parte a ação de alguns intelectuais e empresários para alterar o sentido de determinadas características regionais estigmatizadas. Para Bourdieu (1989), a reivindicação regionalista é também uma resposta à estigmatização. Mesmo no caso aqui descrito, envolvendo agentes sociais pertencentes a elites, e numa região que sofreu forte modernização econômica, poderemos ver representações estigmatizadas de “colono” (ou de “região periférica”). São nessas situações que os agentes sociais buscam estratégias (ver capítulos I e II), seja no plano das representações simbólicas, seja no das econômicas, para inverter o sentido e o valor das características estigmatizadas.

O Projeto de Regionalização⁹⁹ da UCS contemplava tanto os interesses dos intelectuais em investigar questões regionais, quanto os dos empresários, numa educação tecnológica. O interesse em uma educação tecnológica é frisado no estudo de Pozenato, quando analisa o Projeto de Regionalização:

“O Projeto de Regionalização deu ênfase à educação tecnológica, com a criação de cursos de tecnologia de nível superior voltados para as necessidades concretas do setor produtivo, em todos os seus segmentos. Exemplos desse tipo de cursos são os de Automatização Industrial, de Moda e Estilo, de Produção Moveleira, de Fruticultura de Clima Temperado e outros, orientados para atender a “nichos” da estrutura de produção da região” (Pozenato, 1995:101).

A UCS se torna uma instância privilegiada na rede de relações entre empresários e intelectuais. Nessa instituição, eles se encontravam para planejar estratégias de desenvolvimento regional, tais como a criação de uma Escola Técnica de 2º Grau (visando à qualificação da mão-de-obra), a resolução da crise político-administrativa da UCS, a criação de centros tecnológicos, o projeto de Incubadora Tecnológica, dentre outras. O fato dos empresários estarem representados no Conselho na FUCS repercutia também na política acadêmica da UCS. Resulta daí o Projeto de regionalização que contemplou cursos tecnológicos.

⁹⁹ O Projeto de Regionalização se caracteriza, sobretudo, por um programa de gestão de acesso de pessoas da região à universidade. A UCS é uma universidade regional que possui três campi e seis núcleos, com 37.841 alunos, abrangendo 70 municípios que se localizam além da Região Colonial Italiana.

Os empresários incentivavam as pesquisas e ações culturais na área da cultura regional, especificamente as que tratavam do campo da italianidade. Afinal, tal tema de alguma forma remetia às suas origens familiares e ao desenvolvimento social e econômico de suas empresas. Alguns empresários se envolviam dando algum tipo de suporte financeiro a essas pesquisas.

De formas diferentes, a maioria dos intelectuais recebeu suporte financeiro de empresários para a produção e publicação de suas pesquisas. Rovílio Costa e De Boni foram os intelectuais que mais se beneficiaram desses financiamentos. Como já foi mencionado, a Fundação Agnelli publicou obras, financiou simpósios, e até cursos de italiano. Rovílio Costa obteve bolsa de estudo na Itália por intermédio dessa fundação. Ele me relatou que, nas décadas de 1970 e 80, os intelectuais italianos vinham ao Brasil interessados em conhecer o processo imigratório, porém, nos últimos anos, os interesses eram econômicos, envolvendo empresários italianos. Como já mencionei anteriormente, o agenciamento da italianidade aparece de forma explícita nos programas das associações italianas, e me parece que era nessa instância que os empresários italianos estabeleciam sua rede de relações, e seguramente as associações eram beneficiadas com isso, adquirindo maior visibilidade para os descendentes e não descendentes.

Vânia Herédia e Maria Abel Machado obtiveram suporte financeiro de algumas empresas para escreverem dois livros sobre a história da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul, em comemoração aos 95 e 100 anos da mesma. Loraine Slomp Giron e Heloísa Bergamaschi foram designadas pela UCS para escreverem um livro sobre o comércio regional, e, para tanto, obtiveram suporte financeiro da Câmara de Dirigentes Lojistas de Caxias do Sul. Os intelectuais do ECIRS obtiveram financiamentos de organismos governamentais. Suas ligações com os empresários se estabeleceram no âmbito das políticas culturais da região. Cleodes Ribeiro representou a UCS na Comissão Comunitária da Festa da Uva, no ano de 1996. Tal comissão era composta por representantes de várias entidades, entre elas a CIC, da qual participavam alguns empresários. Cleodes Ribeiro também foi presidente da Comissão Estadual dos 120 anos da Imigração Italiana no RS, em 1996; comissão que teve representantes de entidades empresariais. Clemente Pozenato representou a UCS em comissões de desenvolvimento

regional, tal como a comissão para o projeto da Tecnópolis da Serra. Em tal projeto, houve colaboração de empresários locais.

Pelo que vimos até aqui, houve suporte financeiro por parte dos empresários para a publicação de livros e projetos de ação cultural. Para tal, beneficiaram-se das leis de incentivo à cultura, especialmente nas áreas das artes cênicas e visuais (tal como apresentações de teatro, de danças, de corais e exposições). Tal tipo de contribuição não se revertia em ganhos econômicos, mas simbólicos. Tal incentivo pode ser explicado, sobretudo, pelo sentimento de pertencimento grupal, por partilharem de uma suposta origem comum e de valores que marcavam distinção e reconhecimento aos descendentes de italianos. Parece-me que a forma de expressar a italianidade entre os empresários pode ser notada nas representações que associam a origem italiana dos empresários a modelos de progresso. Para os empresários, a italianidade funciona como símbolo de distinção, como já vimos na representação da categoria trabalho. São representações que vinculavam os imigrantes e seus descendentes a uma ação civilizadora de transformação e superação de dificuldades. Vimos também que a italianidade entre os empresários pode adquirir uma dimensão instrumental em determinados contextos, ativada e afirmada para fins de distinção de um grupo e para a consecução de interesses simbólicos e econômicos.

Há diferenças entre intelectuais e empresários na forma de expressar a italianidade, porém o sentimento de pertencimento é similar. Para os intelectuais, a italianidade estava associada tanto à produção acadêmica quanto às ações culturais. As ações culturais se configuravam em estratégias simbólicas de promoção e valorização de um grupo étnico, bem como em reafirmar sentimentos de pertencimento grupal. Já a produção acadêmica vinculada à imigração italiana esteve associada tanto a uma agenda de pesquisa envolvendo diferentes interesses e agentes, quanto ao reconhecimento acadêmico de um grupo étnico. Ao fazê-lo, reconheciam-se a si mesmos.

Para concluir este capítulo, tratarei de dois aspectos fundamentais para entender o processo de elaboração das representações acerca da italianidade: 1. a possibilidade de conceber a UCS e a rede de relações estabelecida a partir dela como um fato social total, e 2. a classificação dos empresários e dos intelectuais segundo a concepção de intelectuais orgânicos de Gramsci.

Na medida em que apresento a UCS como um nó da rede de relações entre empresários e intelectuais, vislumbro a possibilidade de compreender tal instituição, e os diferentes tipos de relações que se estabelecem a partir dela, como um fato social total, nos termos de Mauss¹⁰⁰ (1974). O caráter dessas relações está indissociavelmente vinculado ao econômico, ao político, ao social, ao simbólico, bem como aos desejos individuais. As ações que envolveram empresários e intelectuais para implementar estratégias de desenvolvimento regional não estão dissociadas das pesquisas e ações culturais que trataram da temática da cultura regional. Quando analisei a representação nativa do trabalho como distinção étnica, percebi que as relações econômicas estavam associadas às representações simbólicas, e que se poderia entender a categoria nativa trabalho somente quando apreendida nessa inter-relação. Descrevi alguns eventos relacionados à Festa da Uva para demonstrar como a auto-representação dos descendentes de imigrantes italianos sofreu transformações num contexto de modernização econômica, e é justamente em tal contexto que havia uma valorização da cultura local. Tal valorização estava vinculada às ações culturais de intelectuais que contribuíram para transformar em símbolos positivos elementos considerados pejorativos no passado. Igualmente, essa valorização se vinculava ao discurso empresarial que associava o progresso da região à imigração italiana. Tais ações também se justificavam pelo sentimento de identificação e pertencimento a um grupo étnico, partilhado entre intelectuais e empresários.

Enfim, o processo de valorização da cultura local envolvia diferentes agentes, instituições, interesses e também sentimentos de pertencimento grupal, e nessa rede de relações a UCS se tornava uma instituição agregadora dessas diferentes relações. Sua atuação regional/comunitária envolvia campos e interesses distintos, tais como o acadêmico, o político, o empresarial, o religioso, dentre outros. É por esse caráter agregador da universidade que ela se tornava um foro em que diferentes relações e interesses se cruzam, estabelecendo relações de obrigação, dependência e reciprocidade entre diferentes indivíduos e grupos.

¹⁰⁰ Segundo Lévi-Strauss (1974), o fato social total (tal como definido por Mauss) envolve a dupla preocupação de ligar o social e o individual, bem como o físico e o psíquico. O fato social total compreende diferentes modalidades do social, diferentes momentos de uma história individual, diferentes normas de expressão, desde fenômenos fisiológicos até categorias inconscientes e representações conscientes, individuais ou coletivas. Um aspecto fundamental dos fenômenos sociais totais, para Mauss, é o caráter ao mesmo tempo jurídico, econômico, estético, morfológico, etc., de tais fenômenos.

Quanto ao segundo aspecto (entender a atuação dos intelectuais e empresários segundo a concepção de intelectuais orgânicos de Gramsci), deve-se ressaltar que a atuação dos mesmos extrapolava os campos empresarial e acadêmico. Como já foi descrito anteriormente, em várias situações e eventos os empresários e os intelectuais atuavam em conjunto. Tomei a UCS como um foro revelador da rede de relações estabelecidas a partir da atuação desses dois grupos.

A capacidade intelectual de dirigir, de empreender¹⁰¹ e de aglutinar esforços dos empresários, tanto no campo empresarial, quanto nos campos social, político e acadêmico, revelava o caráter orgânico, atribuído por Gramsci a uma determinada categoria de intelectuais.

Na concepção gramsciana, o intelectual orgânico se define no processo histórico de formação dos intelectuais em que:

“(...) cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais, que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no campo social e no político (...)”. (Gramsci, 1978: 3).

Segundo Gramsci (1978), no mundo moderno a categoria de intelectuais se ampliou. Eles nem sempre foram criados pelas suas necessidades de produção, mas por necessidades políticas. No caso do objeto de estudo aqui tratado, os dados apontam para outras relações que ultrapassam as necessidades sociais de produção: as relações étnicas e políticas.

Em relação aos intelectuais, suas atuações estavam voltadas não só à produção acadêmica, mas também à ação cultural. Isso pode ser testemunhado pelas suas diversas atuações em diferentes campos: na pesquisa sobre cultura regional, nas ações culturais das secretarias municipais e estaduais, em projetos que envolviam ações culturais e estratégias

¹⁰¹ Essa noção de empreendedor está presente na definição de Schumpeter (1982) para os empresários. Segundo esse autor, entre os atributos que definem o empresário está sua particular inserção na sociedade de classes na qual surge. Na interpretação que Ruben (1995) dá ao conceito schumpeteriano, o empresário é um sujeito essencialmente *declassé*, pelo menos em algum momento de sua trajetória; ou seja, seu conjunto não forma uma classe social no sentido técnico (o que, para Schumpeter – diz Ruben –, é uma consequência de seu principal atributo: a possibilidade de materializar combinações novas entre os diferentes fatores de produção e as inovações tecnológicas).

de desenvolvimento regional na UCS, nas ações culturais das associações italianas, dentre outras.

As relações étnicas se constituem num elemento importante para identificar um processo identitário que ocorre entre grupos de interesses (envolvendo diferentes agentes), num momento de modernização econômica e ao mesmo tempo de valorização da cultura local. Em outras palavras, trata-se de um processo identitário que dá visibilidade a um grupo étnico, e o valoriza. No caso dos intelectuais, parece-me que as relações étnicas estão vinculadas aos interesses de promoção de um grupo étnico, sem deixar de levar em conta os sentimentos de pertencimento grupal envolvidos nas ações de tais intelectuais.

No caso dos empresários, as relações étnicas aparecem nos discursos que utilizam símbolos étnicos (caso do imigrante italiano), e os associam às noções de sucesso, espírito empreendedor, empresário, entre outras. De formas diferentes, os empresários, bem como os intelectuais, tornam-se promotores da valorização da cultura local, produto da imigração italiana e de relações interétnicas.

As relações entre empresários e intelectuais se estabelecem em razão do caráter político-intelectual orgânico das suas atuações. As atuações nos campos empresarial ou acadêmico nutrem o trabalho do intelectual orgânico, e se sobrepõem a ele. Há distinções de atividades, porém elas estão interligadas; uma influencia a outra, e certamente se estabelecem permeadas por tensões políticas, sociais e culturais.

Considerações Finais

Nesta tese, demonstrei um processo de valorização e afirmação de identidade étnica, ocorrido, sobretudo, durante as décadas de 1970 e 80, tendo como agentes culturais empresários e intelectuais ligados aos campos empresarial, acadêmico e cultural, dentre outros.

Contribuíram para esse processo de valorização da italianidade alguns fatores importantes. Podem-se citar, em especial, a constituição de um campo específico de conhecimento sobre a temática da imigração italiana, a atuação conjunta de empresários e intelectuais nas políticas de ações culturais e de desenvolvimento regional, o processo de modernização da economia local e as representações simbólicas associadas a tal processo.

Como tentei demonstrar, o processo de valorização da italianidade envolveu grupos de interesse ligados à pesquisa sobre a temática da imigração e às ações culturais voltadas à promoção de um grupo étnico. Porém, essas diferentes formas de expressar a italianidade trouxeram consigo um sentimento de identificação e de pertencimento grupal. Tal sentimento também ajudou a explicar a atuação e a produção desses promotores culturais.

A UCS foi descrita como uma instituição que teve papel importante em tal processo de valorização da cultura local. Ela se apresentou, durante o período aqui estudado, como um nó da rede de relações entre empresários e intelectuais, em que pudemos vê-los atuando na pesquisa acadêmica, nas ações culturais e nas estratégias de desenvolvimento regional. Em relação à pesquisa acadêmica, ligada ao tema da imigração italiana, a UCS autorizou diferentes interpretações sobre o processo migratório; sejam aquelas de influência marxista, sejam as que se aproximaram dos estudos culturais. Na medida em que os intelectuais da UCS produziram interpretações do processo migratório, e dos seus desdobramentos na vida política, social, econômica e cultural da cidade de Caxias do Sul e

região, conferiram reconhecimento acadêmico aos descendentes de imigrantes italianos, e ao mesmo tempo se auto-reconheceram, podendo igualmente ser reconhecidos pelos outros.

De formas diferentes, os empresários e os intelectuais, no papel de agentes culturais, produziram representações simbólicas sobre a italianidade, tal como pretendi demonstrar ao longo deste trabalho. De uma forma mais ampla, no entanto, os descendentes de imigrantes italianos sentiram-se identificados com a produção escrita sobre a temática da imigração. Essas narrativas foram incorporadas e reelaboradas pelos descendentes – e, em alguns casos, também por não descendentes. Os próprios empresários se utilizaram de tal produção, e a incorporaram em seu discurso e nos informativos de suas empresas. Quando associaram o desenvolvimento da economia regional às origens italianas, eles de alguma forma reelaboraram e se utilizaram de um “conhecimento científico” produzido pelos intelectuais. Sentiram-se, pois, respaldados por esse “conhecimento científico”, que reconhecia e conferia visibilidade a um grupo étnico.

As ações culturais com propósitos de promoção de um grupo étnico, especialmente aquelas que conferiram positividade às origens e desfizeram determinados estigmas ligados a elas, também se utilizaram dessa produção acadêmica. Do mesmo modo, os produtores culturais assim o fizeram, e sentiam-se igualmente legitimados por um “conhecimento científico”.

De forma geral, os descendentes de imigrantes italianos se identificavam com as diferentes narrativas produzidas tanto pelos intelectuais (produtores culturais), quanto pelos empresários. Isso nos ajuda a entender o envolvimento dos descendentes nos diversos eventos promovidos com o propósito de valorizar a cultura da imigração italiana, como a Festa da Uva. Houve, nesses eventos, uma mobilização por parte dos descendentes, movidos por um sentimento de identificação e de pertencimento grupal. Como assinalou Ricoeur (1988), o relato das origens propicia ao homem emergir do tempo histórico para o tempo fundamental. Tal ligação, entre tempo histórico e primordial, desenvolve sentimentos de afetividade com as origens; sentimentos que se sobrepõem às diferenciações de classes sociais. Nesses eventos que envolvem a narrativa das origens, os descendentes se sentem pertencentes a um mesmo grupo étnico, mesmo que entre eles existam muitas diferenças econômicas e sociais.

Nesse sentido, parece-me que os empresários e os intelectuais, aqui apresentados como agentes culturais importantes, produziam diferentes simbologias da italianidade; que, por sua vez, acabaram nutrindo sentimentos de identificação e pertencimento grupal entre os descendentes, independentemente de sua situação econômica ou social. Tais idéias e simbologias se apresentaram, em alguns casos, sob a forma de representações dominantes de uma sociedade, tal como a representação do trabalho como forma de distinção étnica, ou a que associava o imigrante a um *herói civilizador*. Enfim, essas representações simbólicas circulam ainda pela sociedade e nutrem sentimentos de pertencimento grupal, mesmo que permeadas por tensões culturais, como as que existem entre os grupos já estabelecidos e os recém-chegados.

É importante frisar que tais representações, além de circularem por grupos diversos na sociedade local, também se transformaram. Nesse sentido, tomando como exemplo a Festa da Uva, pudemos ver como a auto-representação dos descendentes de italianos sofreu transformações em meio a um contexto de modernização econômica, no qual eles reivindicaram visibilidade e reconhecimento.

Enfim, procurei demonstrar nesta tese um processo de afirmação de identidade, ocorrido, sobretudo, a partir dos anos 1970, em que alguns agentes culturais (empresários e intelectuais) tiveram papel importante na elaboração de simbologias da italianidade. As ações desenvolvidas por esses agentes culturais tiveram como objetivo a visibilidade e o reconhecimento dos descendentes de italianos; ou seja, reivindicaram reconhecimento a um modo diferente de ser gaúcho e brasileiro.

Tratei apenas das representações da italianidade, contudo, gostaria de chamar a atenção para possíveis mudanças nas ações culturais. Nos últimos anos, podem-se notar nelas, e nos discursos de seus agentes, a incorporação de elementos que fazem menção à diversidade cultural. Isso pode ser visto, por exemplo, na escolha do tema da última Festa da Uva (2006) – “Alegria de Estarmos Juntos” –, que destacou a contribuição das diferentes etnias na formação sócio-cultural de Caxias do Sul. Parece-me que, nestes últimos anos, há uma revisão nas ações culturais no que tange à afirmação da italianidade. As ações que valorizam e reafirmam a italianidade são muitas na região (como tentei demonstrar); porém, ao longo do trabalho de campo, pude observar também ações que envolveram grupos que não faziam parte das simbologias dominantes da cidade. Dentre os elementos

que podem explicar essas revisões, é bom lembrar a influência da agenda do multiculturalismo (Hall, 2203), referente às estratégias adotadas para administrar problemas de diversidade e multiplicidade étnica e cultural presentes nas sociedades multiculturais. Tal influência é notada tanto no campo acadêmico, sobretudo com o desenvolvimento dos assim denominados Estudos Culturais, quanto no campo cultural, por meio de ações e políticas específicas. Essa agenda, que teve papel importante na valorização da italianidade (reconhecimento de um modo diferente de ser brasileiro), também contribuiu para a revisão das ações culturais que objetivavam o reconhecimento de outros grupos étnicos. Pudemos ver isso na programação do curso alegórico da Festa da Uva de 2006, que também homenageou, por exemplo, negros, indígenas e alemães, por suas contribuições à cultura regional.

O processo identitário da italianidade aqui descrito envolveu afirmação, valorização, reconhecimento e promoção de um grupo étnico. Procurei demonstrar que tal processo pode ser explicado: 1. pelas estratégias de grupos de interesses para legitimar e reconhecer um campo de conhecimento, 2. pelas ações culturais para promover um grupo étnico, e 3. pelos sentimentos de identificação grupal, nutridos pela idéia de pertencimento a uma origem comum. Essas diferentes simbologias da italianidade, produzidas pelos agentes aqui investigados (empresários e intelectuais), não são fixas, mas se transformam, circulam por vários grupos na sociedade, são incorporadas, reelaboradas e traduzidas de diferentes formas, de acordo com as vivências, experiências e posições sociais dos indivíduos. Nesse sentido, a italianidade é produto de sentimentos, representações, estratégias, derivados dos encontros e confrontos entre distintos grupos e indivíduos.

Também procurei demonstrar que o caráter intelectual orgânico dos agentes aqui analisados está relacionado aos aspectos étnicos. Assim, entendo esses agentes como pertencentes a um grupo étnico, concebido como um grupo informal de interesse (Cohen, 1978) que adota estratégias simbólicas, já descritas aqui, para conferir a si mesmo reconhecimento e visibilidade.

Bibliografia Consultada e Bibliografia Citada

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul, 1864-1962*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1963.

Aglomeración Urbana do Nordeste-RS. Relatório Executivo. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul: dez/1996.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Cabo Verde: Instituto Nacional de Investigação Promoção e Patrimônio Culturais – INIPC, 2004.

Associazione Volontari per il Servizio Internazionale (AVSI). *Dimensioni dello Sviluppo*. Cesena, Trimestrale di Scienze Sociali dell'Associazione Volontari per il Servizio Internazionale. v. 3-4, 1992.

AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1975.

AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 2ª edição, 1982.

AZEVEDO, Thales de. *Os Italianos no Rio Grande do Sul: cadernos de campo*. Caxias do Sul: EDUCS, 1994.

BANDEIRA, Pedro S. e GRUNDLING, Nilton A. *Distribuição Geográfica do Crescimento Industrial*. Porto Alegre: FEE/CODESUL, 1988.

BARNES, J. A. “Redes Sociais e Processo Político”; in FELDMAN BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

BARTH, F. “Introduction”; in F. BARTH (ed.) *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*. Bergen/Oslo: Universitetsforlaget; London: George Allen & Unwin, 1969.

BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovílio. *Assim Vivem os Italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1982.

BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os italianos: a vida italiana em fotografias*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovílio. *Assim vivem os Italianos: vida, religião, música, trabalho e lazer*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

BERGAMASCHI, Heloísa Eberle; GIRON, Loraine Slomp. *Júlio João Eberle: perfil de um empresário*. Cadernos de Pesquisa. Caxias do Sul: UCS, 1993.

BERTASO, Henrique D'Avila; LIMA, Mário de Almeida (orgs.). *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Revista do Globo, 1950.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORBA, Sheila Villanova. *Indústria e Estruturação do Espaço Regional: agentes da estruturação espacial na aglomeração urbana do nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. [Tese de doutorado].

BORGES PEREIRA, João Baptista. *Italianos no Mundo Rural Paulista*. São Paulo: Pioneira, Instituto de Estudos Brasileiros da USP, 1974.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª edição, 1994.

BOURDIEU, Pierre. “A Identidade e a Representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região”; in BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”; in AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BRUNEAU, Thomas. *Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades); São Paulo: Edições Loyola, 1974.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Unesp, 1991.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Identidade e Estrutura Social". *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "Identidade Catalã e Ideologia Étnica". *Mana. Estudos de Antropologia Social*. Vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro: Relume Dumará, outubro de 1995.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto & RUBEN, Guilherme Raul (orgs.). *Estilos de Antropologia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: UNESP, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da Identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

Centenário da Imigração Italiana 1875-1975 (álbum comemorativo). Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edel, 1975.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Antropologia do Brasil. Mito - história - etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1987.

CHIARINI, Ana Maria. *Imigrantes e italiani all'estero: os diferentes caminhos da italianidade em São Paulo*; Departamento de Antropologia, Unicamp, 1992 [Dissertação de mestrado].

Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud. Porto Alegre: Livraria Globo, 1925.

COHEN, Abner. *O Homem Bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Coleção Os Economistas. *Dicionário de Economia*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

COSTA, Rovílio e outros. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradição*. Porto Alegre: EST, 1975.

COSTA, Rovílio e outros. *Antropologia Visual da Imigração Italiana*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1976.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis. A *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

COSTA, Rovílio. “Valores da Imigração Italiana Cem Anos Após”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*, Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

COSTA, Rovílio *As Colônias Italianas Dona Isabel e Conde D'Eu*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS: 1986.

COSTA, Rovílio; MARCON, Itálico. *Imigração Italiana no Rio Grande do Sul: fontes históricas*. Porto Alegre: EST, 1988.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis. A. *Far la América*. Porto Alegre: Riocell, 1991.

COSTA, Rovílio. “Imigração Italiana, minha paixão de cada dia”; in *Revista Chronos, Depoimentos*, nº 29, 1996.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis. A. *Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1996.

COSTA, Marisa V. e outros. “Estudos Culturais, Educação e Pedagogia”. *Revista Brasileira de Educação*; nº 23, maio/jun/jul/ago, 2003.

Cultura e Sviluppo. Milão: Editora Franco Angeli, 1990.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. “Do Ponto de Vista de Quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos”; in: *Estudos Históricos*. CPDOC/FGV. Rio de Janeiro: nº 36, 2005.

DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz P. (orgs). *Imigração Italiana e Estudos Ítalo-Brasileiros. Anais do Simpósio sobre Imigração Italiana e XI Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

DALLA VECCHIA; Marisa Formolo; HERÉDIA, Vânia B. Merlotti; RAMOS, Felisbela. *Retratos de um Saber*. Porto Alegre: EST, 2ª edição, 1998.

DE BONI, Luis A. *La Mérica*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1977.

DE BONI, Luis A. “A Bibliografia sobre Imigração Italiana no ano de seu Centenário”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

DE BONI, Luis A. “À Margem da Bibliografia sobre a Imigração Italiana”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

DE BONI, Luis A. *A Itália e o Rio Grande do Sul, IV: relatório de autoridades*. Porto Alegre: EST, 1983.

DE BONI, Luis A; GOMES, Nelci. *Entre o Passado e o Desencanto*. Porto Alegre: EST, 1983.

DE BONI, Luis A. *Vita e Stória de Nanetto Pipetta*. Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Correio Riograndense; Bento Gonçalves: Fundação Educacional da Região dos Vinhedos, 1985.

DE BONI, Luis A (org.). *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

DE BONI, Luis A (org.). *A Presença Italiana no Brasil – vol II*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

DE BONI, Luis A (org.). *A Presença Italiana no Brasil – vol III*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1995.

DE BONI, Luis A. “20 Anos de Trabalho sobre Imigração Italiana - uma retrospectiva”. *Revista Chronos*, nº 29, 1996.

DI NOLA, Afonso. "Origens"; in *Enciclopédia Einaudi*. Vol 12, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *Assimilação e Mobilidade. A história do imigrante italiano num município paulista*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1966.

DURHAM, Eunice Ribeiro. “Cultura e Ideologia”. *A Dinâmica da Cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2004.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1970.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

EISENSTADT, S. N. *The Absorption of Immigrants*. London: Routledge & Kegan Paul. 1954.

- ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- ELÍADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIAS, Norbert. *Mozart. Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000
- FAUSTO, Boris (org.) *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- FELDMAN BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.
- FRIES, Sonia Storchi; RIBEIRO, Edma. *Ocorrências 3 – Registro do Museu e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul*. Nº3 - abril 1987.
- FRIES, Sonia Storchi. *Cenas – Edição do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami*. Caxias do Sul: nº 4 - junho 1999.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul: ISBIEP, 1975.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos Italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- FROSI, Vitalina Maria. “Interrelazioni fra il dialetti veneti in Brasile”; in *Presenza, Cultura, Língua e Tradizioni dei Veneti nel Mondo*. Veneza: Centro Interuniversitario di Studi Veneti, 1987.
- GARDELIN, Mário. “La Stampa della Regione Coloniale Italiana del Rio Grande do Sul”; in “*Presenza, Cultura, Língua e Tradizioni dei Veneti nel Mondo*”. Veneza: Centro Interuniversitario di Studi Veneti, 1987.
- GARDELIN, Mário. “La Letteratura in Dialecto Veneto nella Regione Coloniale Italiana del Rio Grande do Sul”; in *Presenza, Cultura, Língua e Tradizioni dei Veneti nel Mondo*. Veneza: Centro Interuniversitario di Studi Veneti, 1987.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GIL, Gastón Julián. “Controles Etnográficos y expertos en el campo: cuando os ‘nativos’ nos lêem”; in Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, nº 20 (2003-2005). Buenos Aires: Secretaría de Cultura/Presidência de la Nación, 2006.

GIRON, Loraine Slomp. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST, 1977.

GIRON, Loraine Slomp. “Imigração Italiana: A Reação Brasileira”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

GIRON, Loraine Slomp. “O Imigrante Italiano: Agente de modernização”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

GIRON, Loraine Slomp. Projeto UCS – 25 Anos de História. Instituto Memória Histórico Cultural/ Centro de Documentação Histórica. Universidade de Caxias do Sul. s/d.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Litório: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI Heloísa. *Colônia: um conceito controverso*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

GIRON, Loraine Slomp. “Fazendeiros e Colonos: a difícil união; in *Coletânea CCHA: Cultura e Saber*. Universidade de Caxias do Sul. V. 1, no 1. Caxias do Sul: UCS, 1997.

GIRON, Loraine Slomp. “Leituras da Imigração”; in DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz P. (orgs). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Anais do IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

GIRON, Loraine Slomp. “O Som do Silêncio: sexo e prostituição na colônia”; in *Coletânea CCHA: Cultura e Saber*. Universidade de Caxias do Sul. V. 3, no 2. Caxias do Sul: UCS, 1999.

GIRON, Loraine Slomp; BERGAMASCHI, Heloísa. *Casas de Negócio: 125 anos de imigração italiana e o comércio regional*. Caxias do Sul: EDUCS/CDL, 2001.

GIRON, Loraine Slomp. “Da identidade à etnicidade”; in CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (orgs). *Cultura Regional: língua, história literatura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

GIRON, Loraine Slomp. “A Cruz e o Esquadro, imigrantes Italianos e a Política”; in SULINI, Antonio; COSTA, Frei Rovílio (orgs.). *Cultura Italiana – 130 anos*. Porto Alegre: Ed. Belíngüe. 2005.

GIRON, Loraine Slomp. “Identidade: região e valores”; in GIRON, Loraine S.; RADÜNZ, Roberto (orgs.). *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

GOMES DA CUNHA, Olívia Maria. “Do Ponto de Vista de Quem? Diálogos, Olhares e Etnografias dos/nos Arquivos”. *Estudos Históricos* n° 36; Rio de Janeiro: 2005.

GONÇALVES, Alícia Ferreira. “Etnia, Cultura e Gestão Empresarial. Uma etnografia das raízes étnicas da Tecnologia Empresarial Odebrecht”; in *Idéias* 11 (3): 119-154 . Campinas: edição especial, 2004.

GONÇALVES, Maria do Carmo Santos; OLIVEIRA, Giovana Mendes. “Panorama Atual da Migração para Caxias do Sul”; in HERÉDIA, Vânia B. M.; ZUGNO, Paulo L.(orgs.). *Anais do Seminário Internacional Vêneto/RS: modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

GRAMSCI, Antonio. *A Questão Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUSSI, Alcides Fernando. *Os norte-americanos (confederados) do Brasil*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. “Il Ruolo della Chiesa Cattolica nell’Emigrazione Veneta in Brasile”; in *Presenza, Cultura, Língua e Tradizioni dei Veneti nel Mondo*. Veneza: Centro Interuniversitario di Studi Veneti, 1987.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. “Considerazioni sull’industrializzazione nell’area di colonizzazione italiana di Rio Grande do Sul”; in Associazione Volontari per il Servizio Internazionale(AVSI). *Dimensioni dello Sviluppo*. Cesena, Trimestrale di Scienze Social dell’Associazione Volontari per il Servizio Internazionale. v. 3-4, 1992.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *L’industria Tessile nella Zona Coloniale Italiana nello Stato Del Rio Grande do Sul*. Turim, Universidade de Gênova - Sede descentralizada em Turim. Itália, 1992. [Tese de Doutorado].

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti e MACHADO, Maria Abel. *Revista da CIC – 95 Anos: uma trajetória comprometida*. Caxias do Sul: São Miguel, 1996.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; PERUZZO, Juliane. “Processos de Trabalho e Implicações Tecnológicas: um estudo sobre a indústria de transformação no município de Caxias do Sul”; in *Coletânea Cultura e Saber*. Universidade de Caxias do Sul, v. 3, nº 1. Caxias do Sul: UCS, 1999.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; MACHADO, Maria Abel. *Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: cem anos de história*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; PAVIANI, Neiris. *Língua, Cultura e Valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre a imigração italiana no Sul do Brasil*. Porto Alegre: EST, 2003.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. “Apontamentos para uma História Econômica de Caxias do Sul: de colônia a município”; in HERÉDIA, Vânia B. M.; ZUGNO, Paulo L.(orgs.) *Anais do Seminário Internacional Vêneto/RS: modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. “Etnicidade e Cultura Regional”; in CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (orgs). *Cultura Regional: língua, história literatura*. Caxias do Sul: RS: EDUCS, 2004.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. “A Economia Imigrante no Desenvolvimento Regional”; in GIRON, Loraine S.; RADÜNZ, Roberto (orgs.). *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terece. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1997.

Horizontes. 1953-2000. 50 Anos da Fábrica de Móveis Florense. Caxias do Sul: Editora São Miguel/Três Tempos, 2003.

IANNI, Constantino. *Homens sem Paz*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

IANNI, Octávio. “Estudo de Comunidade e Conhecimento Científico”. *Revista de Antropologia*; vol. 9, nº 1 e 2, junho a dezembro de 1961.

IANNI, Octávio. “Aspectos Políticos e Econômicos da Imigração Italiana”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

IOTTI, Luiza Horn. *O Olhar do Poder*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

JOHNSON, Richard. “O que é, afinal, Estudos Culturais?”; in SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KOFES, Suely. *Uma Trajetória, em Narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LAZZAROTTO, Valentim. *Pobres Construtores de Riqueza*. Caxias do Sul e Porto Alegre: EST, 1981.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução: a obra de Marcel Mauss”; in MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Campinas: Papirus, 1989.

MACHADO, Maria Abel. *Mulheres sem Rosto: operárias de Caxias do Sul (1900-1950)*. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 1998.

MACHADO, Maria Abel. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul - 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, 2001.

MAESTRI, Mário (org.). *Nós, os Ítalos-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Coleção Os Pensadores*; São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MANFROI, Olívio. *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1975.

MARTINS, José de Souza. *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*. São Paulo: Editora Pioniera, 1973.

MARTINS, José de Souza. *Conde de Matarazzo, o empresário e a empresa*. São Paulo: Hucitec, 1976.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MAYER, Adrian C. “A Importância dos ‘quase-grupos’ no estudo das sociedades complexas”; in FELDMAN BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

Memória – Boletim do Museu e Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami. Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul. Caxias do Sul: números de 1 a 24/1980-2002.

MERLOTTI, Vânia Beatriz Pisani. *O Mito do Padre entre Descendentes Italianos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 2ª edição, 1979.

MINCATO, Ramone. *A Igreja Católica na Formação Política de Caxias do Sul de 1964 a 1985*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004 [Tese de Doutorado].

MINCATO, Ramone; MOCELLIN, Maria Clara; “Igreja Católica e Formação Político-Cultural de Elites Regionais”; in: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (orgs); *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

MOCELLIN, Maria Clara. *Narrando as Origens: um estudo sobre a memória mítica entre descendentes de imigrantes da região colonial italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993 [Dissertação de Mestrado].

MOCELLIN, Maria Clara. “Trajetória de Grupos Empresariais e Construção de Identidades em meio à Região Colonial do Rio Grande do Sul”. *Cadernos de Pesquisa. Universidade de Caxias do Sul*, v. 6, n. 5, 1998.

MORAIS, João Luiz. "A Regionalização da Universidade de Caxias do Sul". Projeto Preliminar. Universidade de Caxias do Sul, março de 1988. Mimeo.

MORAIS, João Luiz. *Perfil das Universidades Comunitárias*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

MORAIS, João Luiz. *Randon Meio Século de Trabalho -1949-1999: da prática à teoria, lições de história, economia e administração, com acertos e erros na cultura empresarial brasileira*. Porto Alegre: EST, 1999.

MORAIS, João Luiz. "Desenvolvimento da Comunidade". Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul: agosto, 2001. Mimeo.

MOREIRA, Maria Sylvia Franco. "O Estudo Sociológico de Comunidades"; in *Revista de Antropologia* vol. 11, São Paulo: 1963.

NEIBURG, Federico G. "Ciências Sociais e Mitologias Nacionais". *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

OLIVEIRA, Francisco de. *Elegia para uma Re(li)gião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

OLIVEN, Ruben G. *A parte e o Todo*. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PEIRANO, Mariza G. S. *Uma Antropologia no Plural*. Brasília: Editora UnB, 1992.

PINHEIRO MACHADO, Maria Beatriz (coordenação). *Mirante*, Cadernos do Arquivo HistóricoMunicipal João Spadari Adami, nº 4. Caxias do Sul: Maneco Livraria & Editora, , 2003.

PISCITELLI. Adriana. *Jóias de família: gênero em histórias sobre grupos empresariais brasileiros*. Campinas: Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 1999 [Tese de Doutorado].

PONTES, Heloísa. *Destinos Mistos: o grupo Clima no sistema cultural paulista (194-1968)*; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1996 [Tese de Doutorado em Sociologia].

POSENATO, Júlio. *Assim Vivem os Italianos: arquitetura da imigração italiana no rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1983.

POSENATO, Júlio. “Talian: língua e identidade cultural”; in DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz P. (orgs). *Anais do Simpósio sobre Imigração Italiana e XI Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

POUTIGNAT, Phlippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.

POZENATO, José Clemente. “A Literatura da Imigração Italiana”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

POZENATO, José Clemente. *O Quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2ª edição, 1985.

POZENATO, José Clemente (org.). *Processos Culturais na Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Cadernos EDUCS 3, 1990.

POZENATO, José Clemente. *A Regionalização como Estratégia de Acesso ao Conhecimento*; Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Carlos, 1995 [Dissertação de Mestrado].

POZENATO, José Clemente. “Algumas Considerações sobre Região e Regionalidade”. ECIRS-IMHC-UCS, 1996. Mimeo.

POZENATO, José Clemente. “Uma História de Brasil”; in MAESTRI, Mário (org.). *Nós, os Ítalos-gaúchos*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

POZENATO, José Clemente. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

POZENATO, José Clemente. *Processos Culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

POZENATO, José Clemente. *A Babilônia*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2006.

RENK, Arlene. “Etnicidade e Itinerários de Grupos Étnicos”. *Revista Grifos*. Chapecó, v.6, nº 1, 1999.

RIBEIRO, Cleudes Piazza Júlio; TONIAZZO, Maria Elena P. “O Artesanato Feminino na Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul”; in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa (ISBIEP). *Imigração Italiana: Estudos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1979.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. “Nanetto Pipetta: do texto escrito à memória oral”. *Revista Chronos*, nº 14, Caxias do Sul: 1980.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. “Aspetti della cultura dell’immigrazione Ítalo-veneta nel Rio Grande do Sul: usi, costumi e tradizioni”; in *Presenza, Cultura, Língua e Tradizioni dei Veneti nel Mondo*. Veneza: Centro Interuniversitario di Studi Veneti, 1987.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. “A Cultura da Imigração Italiana”. *Revista Chronos*, nº 29. Caxias do Sul: 1996.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. “Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul”; in DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz P. (orgs). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e Anais do IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente. *Caminhos e Passos: aspectos históricos e culturais da área da usina hidrelétrica Machadinho*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente. *Os Trabalhos e os Dias. Histórias de vida de antigos moradores da barragem UHE Ita*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. *Festa & Identidade: como se faz a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente. *Terra e Gente. Aspectos históricos, culturais e paisagísticos da área AHE Quebra-Queixo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente (orgs). *Cultura, Imigração e Memória: percursos e horizontes (25 anos do ECIRS)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

RICOEUR, Paul. “Mito: a interpretação filosófica”; in *Grécia e Mito*. Lisboa, Gradiva, 1988.

RUBEN, Guillermo R. “Teoria da Identidade: uma crítica”. *Anuário Antropológico/86*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

RUBEN, Guillermo R. “A Teoria da Identidade na Antropologia: um exercício de etnografia do pensamento moderno”; in CORRÊA, Mariza; LARAIA, Roque (orgs). *Roberto Cardoso de Oliveira – Homenagem*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1992.

RUBEN, Guillermo R. “Empresários e Globalização: prolegômenos de uma metodologia antropológica de compreensão e ação”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº 28. São Paulo: ANPOCS, 1995.

SAHLINS, M. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o Fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul-RS*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 2004 [Tese de doutorado].

SCHUMPETER, Joseph. *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

Secretaria Municipal de Cultura de Caxias do Sul. *Guia de Acervo do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami*. Caxias do Sul: janeiro de 2001.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade Étnica*. Florianópolis: FNC, 1981.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SEYFERTH, G. “Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso)”. *Anuário Antropológico 91*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

SEYFERTH, G. “A identidade étnica, assimilação e cidadania – a imigração alemã e o Estado Brasileiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 26, ano 9, 1994.

SEYFERTH, Giralda. “Imigração e nacionalismo: o discurso da exclusão e a política imigratória no Brasil”; in CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo: Nacional, 2ª edição, 1977.

SULIANI, Antônio (org.). *Etnias & Carisma*. Poro Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TAVARES dos SANTOS, José Vicente. *Colonos do Vinho*. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Os Recados da Festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1992.

WEBER, Max. “Relações Comunitárias Étnicas”; in *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora da UnB, 3ª edição, 1994.

WEBER, Regina. “A Construção das Origens: os “alemães” e a classificação trinarária”; in RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero. *RS: 200 Anos Definindo Espaços na História Nacional*. Passo Fundo: Editora da UFPF, 2002.

WEBER, Regina. "O Avanço dos Italianos". *História em Revista*; v. 10. Pelotas, UFPEL/Núcleo de Documentação Histórica. (VII Encontro Estadual da ANPUH-RS). Dez., 2004.

WILLEMS, Emilio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*. Série 5ª, vol.186. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

WILLEMS, Emilio. *Aculturação dos Alemães no Brasil*. Série 5ª, vol. 250. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

WILLEMS, Emilio. “Acculturation and the horse complex among german-brazilians”. *American Anthropologist*, vol. 46, 1994.

WOORTMANN, Ellen F. “Identidade e Memória entre Teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico”. *Horizontes Antropológicos*. – Ano 6, nº 14. Porto Alegre: PPGAS, 2000.

ZANINI, Maria Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.